

RAFAEL ANDRÉS VILLARI

IMAGENS DE FREUD:
BIOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO

Tese apresentada
para a obtenção do título de
Doutor em Literatura.
Área de concentração: Teoria Literária.
Curso de Pós-Graduação em Literatura.
Centro de Comunicação e Expressão.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientadora: Prof.a. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

FLORIANÓPOLIS

2002

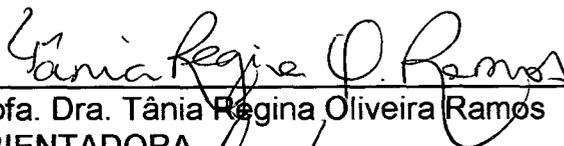
Imagens de Freud: **Biografia e representação**

Rafael Andrés Villari

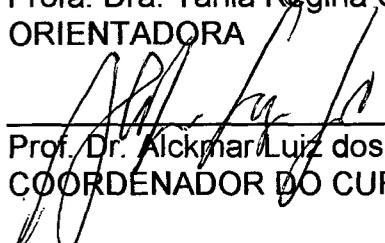
Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

DOUTOR EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
ORIENTADORA

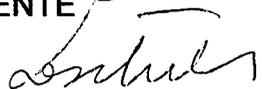


Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
COORDENADOR DO CURSO

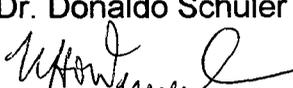
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
PRESIDENTE



Prof. Dr. Donald Schuler (UFRGS)



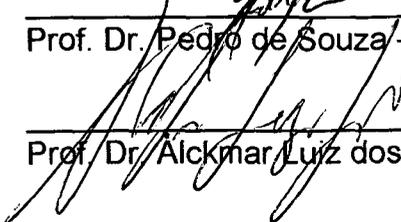
Prof. Dra. Maria Helena Werneck (UNI-RIO)



Prof. Dr. Walter Carlos Costa (UFSC)



Prof. Dr. Pedro de Souza - (UFSC)



Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos (UFSC) - SUPLENTE

Sumário

<i>Sumário</i>	ii
<i>Resumo</i>	iii
<i>Résumé</i>	iv
<i>Intróito</i>	1
<i>Capítulo 1 / Biografar(nos)</i>	7
<i>Capítulo 2 / Biografia e Gênero</i>	22
<i>Capítulo 3 / Da história da biografia às histórias de Freud</i>	51
<i>Capítulo 4 / O Freud de Ernest Jones</i>	75
<i>Capítulo 5 / O Freud de Peter Gay</i>	122
<i>Capítulo 6 / O Freud de Emilio Rodrigué</i>	159
<i>Ponto de suspensão</i>	200
<i>Referências Bibliográficas:</i>	209

Resumo

O trabalho visa, em primeiro lugar, analisar como, a partir de diferentes biografias, neste caso específico, de S. Freud, surgem distintas representações de um mesmo referente histórico; para, a seguir, destacar a importância que estas representações podem ter na orientação da leitura da obra teórica do biografado.

Résumé

Ce travail a pour objet tout d'abord d'analyser de quelle manière, à partir de différentes biographies, dans ce cas particulier, celle de S. Freud, de diverses représentations se font jour d'un même référent historique, pour, ensuite, de mettre en relief l'importance de ces mêmes représentations dans l'orientation de la lecture d'une œuvre théorique de S. Freud.

Intróito

Este texto visa (de)mostrar os motivos encontrados e os caminhos de trabalho percorridos ao redor das biografias de Sigmund Freud. A modo de clave musical, gostaríamos de dizer que este esforço encontra-se no caminho do significante assinalado por R. Barthes, quando confessa que, “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz.”¹; lembrando, com isto, a implicação e o entrelaçamento do corpo e da subjetividade: desta forma apresentamos nosso esforço.

Esperamos, como efeito de leitura, que outros façam suas algumas de nossas questões, e nos ajudem neste caminho que, sem dúvida, continuará. Para isto, visamos: ter alcançado uma questão que interrogue e ordene com a força demandada por este tipo de empreendimento, quer dizer, que suporte o tempo e esforços requeridos e, da mesma maneira, ter delimitado um campo de pesquisa assim como ter assimilado um método e, certamente, mostrado o resultado. Almejamos, também, apresentar os motivos pessoais que alinhavam a justificativa deste projeto de pesquisa em nível de doutorado, à medida que são várias as questões que nos motivaram a assumir uma proposta de pesquisa sobre as biografias de Sigmund FREUD. Reconhecemos que a justificativa acadêmica diz respeito à inquietação intelectual, todavia, pensamos que esta deva ancorar-se em imperativos pessoais, aqueles que

¹ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 3º.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.51.

nos representam (a)sujeitados ao desejo; já que acreditamos que este trabalho localiza-se no “cruzamento do *dever* com o *desejo*^{2,3}, quer dizer, trata-se de “meu dever desejante.”⁴ Por isso, estamos cientes de que, quando insistimos num certo caminho, não nos encontramos ante uma opção intencional senão que — no melhor dos casos — reconhecemos o objeto como sendo aquele que nos escolhe, fazendo-nos seus sujeitos⁵; estamos, pois, atrelados ao objeto pelos laços do desejo. Trazemos esta inquietação porque, neste momento, nos parece importante tentar expor as razões de uma aparente opção.

O leitor perceberá, ao longo destas páginas, os diferentes autores convocados para acompanhar-nos neste trajeto. Seus textos motivaram a discussão interna e externa, por isso a frequência maciça e sem prejuízos dos mesmos, na tentativa de exorcismar a influência e o plágio. A história da presença e da importância de cada um deles — autores e textos — mereceria um outro trabalho. Através de suas obras, estes autores ganharam corpo para fazer deste esforço um texto plurívoco; em que, quando citados nominalmente, escutamos suas vozes no enunciado, deslocando-nos — ao mesmo tempo e nesse movimento — aos bastidores da enunciação. Sua companhia, também, muitas vezes, mitigara a solidão própria desta forma de pesquisa: a escrita. Nesse sentido, talvez, nosso trabalho restrinja-se a apresentar os diferentes discursos que nos ajudaram a examinar o problema, cabendo a nós, somente, a singularidade do arranjo e a responsabilidade de que a polifonia não seja dissonante; por esta via, aproximamo-nos de, “[...] aquilo que os escritores sempre souberam:

² O itálico é nosso. Quando não especificado nas referências bibliográficas, as traduções são nossas.

³ RODRIGUÉ Emilio *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana. 1996. p.11.

⁴ RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.27.

⁵ Ao fato de empreender um trabalho de fôlego sobre as biografias de Sigmund Freud, soma-se a tentativa — já desenvolvida no trabalho de Mestrado — de aproximar a Literatura e a Psicanálise: partindo da concepção de que ambas as disciplinas partilham da importância dos efeitos do significante sobre o sujeito.

os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada.”⁶. Tornamo-nos, assim, *porta-vozes* de outras histórias. Citar, no nosso caso, significa — deslocando o sentido primeiro, já que originalmente essas palavras se inserem em outras histórias — atingir novas possibilidades, a modo de um experimento lingüístico — ensaio —, de onde possam surgir outras significações⁷.

Sabemos que nesta empreitada cairemos, mesmo cientes do risco, no *salgarismo*, “Os personagens de Salgari fogem na floresta, perseguidos por inimigos, e tropeçam numa raiz de baobá: imediatamente o narrador suspende a ação e nos dá uma aula de botânica sobre baobá. Isso tornou-se um topos, agradável como os vícios das pessoas que amamos, mas não se deveria fazer.”⁸. Mesmo se tratando de um vício, a diacronia da narrativa lançar-nos-á nesses parênteses explicativos ou (re)creativos que, acreditamos, nos permitiram avançar além das primeiras páginas, “Que significa pensar num leitor capaz de superar o obstáculo penitencial das primeiras cem páginas? Significa exatamente escrever cem páginas com o objetivo de construir um leitor adequado para as páginas seguintes.”⁹. Dado que esse número foi superado, esperamos ter alcançado esse leitor. Por isso, oxalá — às vezes, o recurso à providência é mais frequente do que gostaríamos — que, de tempos em tempos, possam

⁶ ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro Nova Fronteira, [198-]. p.20.

⁷ Por isso, nossa opção pela citação numérica — e direta, sem paráfrase —, onde o leitor parece obrigado a construir outro espaço paralelo de leitura ao desviar o olhar do corpo do texto para conferir a inscrição original da citação. Na verdade, trata-se de um artifício para deixarmos escutar a origem dessas vozes que nos marcaram na nossa investigação. De alguma forma tentamos, assimilando um discurso, ‘confundir’ o leitor, sem por isso enganá-lo. Acreditamos que esta possa ser a melhor forma de assimilarmos a citação, indicando, ao mesmo tempo e paradoxalmente, que não nos pertence. Talvez, o espanhol mostre de forma mais explícita o caráter erótico deste apelo ao outro: citação — *cita*, em espanhol — conota ao mesmo tempo encontro amoroso — por exemplo, ‘casa de citas’, como bordel — e, também, é referência à palavra escrita de uma autoridade; por isso, talvez, a euforia — marcas de lápis, caneta, papéis marcadores — quando do encontro, nos textos lidos, dessas palavras que se encontram à espera, dormidas em nós.

⁸ *Ibid.*, p.34.

⁹ *Ibid.*, p.41.

surgir alguns lampejos que façam com que a extensão e as zonas de inconsistência não debilitem a mensagem e, com isto, os laços com o leitor.

Sobre a forma, esperamos que a *hybris* necessária a este tipo de investimento seja encontrada nas fendas do texto — no uso dos possessivos, por exemplo —, e que brilhe no descompasso entre a primeira pessoa do plural da narrativa— enquanto forma que convoca a dimensão do Outro: entre o eu e o Outro, o *nós* — e o sujeito da enunciação — quer dizer, a presença subjetiva — que pretende acompanhar, sem se impor, ao enunciado: o excesso como presença pontual, denunciando os interstícios do desejo. É através dessa via que gostaríamos de alcançar a oposição complementar entre o apolíneo e o dionisiaco, “O apolíneo não é senão o resultado extremo da embriaguez dionisiaca, uma espécie de simplificação e concentração da própria embriaguez.”¹⁰

Esta pesquisa comporta, também, o desafio no que diz respeito ao modo e aos efeitos de como a informação circula hoje, “O efeito-dispersão vem da pletora de objetos de prazer e de interesse que o mercado lança ao homem culto e ao consumidor de bens simbólicos seduzidos de novos assuntos.”, entre os quais não podemos deixar de inserir o gênero biográfico; assim, “A massa de bits disponíveis sobre um número alto de matérias exploráveis gera um cogumelamento de sub-áreas de especialização. Folhear uma revista de difusão científica, o catálogo de uma grande editora americana ou francesa, ou o elenco de disciplinas e eventos de uma universidade moderna produz vertigens e depressões cognitivas.”¹¹. Depressões que, hoje, como sabemos e testemunhamos, vão muito além da dificuldade em alinhar conceitos com alguma singularidade uma vez que, aparentemente, o pesquisador

¹⁰ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.74.

atual tem a sua disposição uma massa de informação quase que ilimitada: a cada instante abrem-se novos caminhos e referências frente às quais é preciso tomar decisões nem sempre fáceis, “A pessoa que se senta para escrever não se vê diante de uma página em branco mas de sua própria mente atulhada em excesso. O problema é livrar-se da maior parte do que ela contém, encher imensos sacos plásticos de lixo com a mistura confusa de coisas que lá se acumularam ao longo dos dias, meses e anos de nossas vidas, coisas que fomos recolhendo através dos olhos, dos ouvidos e do coração.” para com isto tentar, “[...] abrir um espaço onde algumas idéias, imagens e sensações possam ser arrumadas de tal forma que o leitor queira passar algum tempo entre elas, em vez de fugir correndo [...]”¹². Até poucos anos atrás se acreditava num sucedâneo, “A informatização urge como um remédio para aliviar a sensação de caos que a sarabanda de mensagens acorda até no mais glutão dos leitores; ao mesmo tempo, o uso *ad infinitum* e *ad libitum*, programas, acervos, memórias e arquivos.”¹³, pelo contrário, vemos como a informatização alimentou e alimenta um volume e velocidade informacional, ~~no~~ ~~mo~~ ~~mo~~so entender, perigoso se não tivermos claro o desejo que orienta a investigação, “A Babel exige alerta, espírito de reordenação constante; o tal espírito, por sua vez, incita os babilônios a construir novos patamares cada vez mais amplos para elevar a sua torre eletroinformática. O céu é o limite. O múltiplo e o unificado tentam ultrapassar um ao outro em uma corrida aparentemente sem ponto de chegada.”¹⁴. Trazemos isto, por pensar que a pesquisa atual, mais do que nunca, pressupõe a necessidade de demarcar, não somente objetivos cada vez mais claros mas também, um terreno bibliográfico limitado — e paradoxalmente aberto —, de acordo com o alcance do projeto. Acreditamos que, desta forma, poderemos tornar a disponibilidade quase irrestrita de informação, um instrumento,

¹¹ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p.351.

¹² MALCOLM, op. cit., p.211.

¹³ BOSI, op. cit., p.351.

¹⁴ *Ibid.*, p.351.

mais ou menos, manipulável. Questão que, sabemos, não nos eximirá de que, provavelmente, cada novo leitor deste trabalho encontre a falta de seu autor preferido.

Aspiramos, também, a que a pretensão e o pedantismo de algumas formas, ou mesmo a repetição de alguns significantes ou atitudes que possam vir a aparecer neste texto, sejam percebidos pelo viés erótico, “[...] a palavra pode ser erótica sob duas condições opostas, ambas excessivas: se for repetida a todo transe, ou ao contrario se for inesperada, succulenta por sua novidade (em certos textos, há palavras que *brilham*, são aparições distrativas, incongruentes — pouco importa que sejam pedantes;[...]”¹⁵; logo, desta forma, convidamos a avançar nisto que, para nós, se tornou uma aventura de descoberta e re-criação.

¹⁵ BARTHES, op. cit., p.56.

Capítulo 1 / Biografar(nos)

Para um psicanalista, a construção da imagem de S. Freud encontra-se além — ou aquém — daquilo que se possa desprender dos relatos de sua vida; à medida que nos aproximamos do autor — principalmente — através de sua obra.

Nos estudos biográficos, a relação entre o biografado e sua obra, tratando-se de um autor, pode tornar-se um obstáculo de peso. No caso específico de Sigmund Freud, o problema é ainda mais complexo, “[...] já que a própria natureza da obra convida o biógrafo a tentar esclarecer, por meio dela, o sentido da vida de quem a criou”¹, caindo, desta forma, nas biografias-destino: narrativas onde tenta se alinhar, desde o começo da história de vida, um percurso que aponta para a imagem final — e conhecida — do representado; encontrando na criança biografada, a figura reconhecida, “Rejeitando, como Benjamin, a ‘tendência a interpretar a obra de um escritor através de sua vida’, Sontag² aprende ‘uma forma seletiva’ de aproximar a biografia do texto, invertendo a equação comum e propondo um novo axioma: ‘Não se pode interpretar a obra a partir da vida. Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a vida’.”^{3 4}. No caso de S. Freud, a tentação é grande, “Talvez o sonho de todo psicanalista seja psicanalisar Freud; mas trata-se de um sonho impossível, cuja elucidação pertence à análise

¹ MEZAN, Renato. *Sigmund Freud. A conquista do proibido*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.16.

² Trata-se de uma referência a autora Susan Sontag.

³ WERNECK, Maria Helena. *O Homem encarnado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p.35.

⁴ Testemunho desta atitude, talvez seja o trabalho de Laure ADLER. *Marguerite Duras*. Paris: Gallimard, 1998. A respeito, ver nosso texto, *A (est)ética (bio)grafada de Marguerite Duras*. Apresentado no Seminário Fazendo Gênero IV. Inédito.

do psicanalista. Contudo, permanece o fato de que, para compreender algo da psicanálise, é preciso retomar a trajetória que conduziu Freud a inventá-la, pois sua auto-análise foi um momento determinante da criação da nova disciplina.”⁵

Como vemos, a relação entre a vida e a obra de um autor, no caso específico de S. FREUD, apresenta uma imbricação, uma identificação que o coloca num espaço inaugural difícil de representar,

De maneira geral, afirmar que o desenvolvimento de um pensamento possa refletir a vida de um autor é tão falso quanto negar toda relação entre a singularidade de uma existência e a invenção de uma conceituação. O historiador deve levar em conta todas as formas de experiências históricas: vivência subjetiva, história das idéias, história social e intelectual. É preciso interligá-las.⁶

Deter-nos nas biografias de S. Freud, significa rastrear a singularidade de uma vida de onde surgem os fundamentos da psicanálise.

[...] para um psicanalista, historicizar Freud significa futucar Freud; significa deitá-lo no divã. Trata-se de aplicar o instrumental para desvelar a personalidade última do herói. Pretende-se fiurar sua pele manifesta, escrutar seu corpo biográfico, passar o pente fino na procura de piolhos existenciais. Os escritores desse gênero são impiedosos, revelando prazerosamente intimidades salazes, como a operação que desloca o clitóris para curar (sem sucesso) a frigidez da desventurada Princesa Marie Bonaparte, ou a prática masturbatória da jovem e recatada Anna Freud. O biógrafo nato é um sujeito cruel, ávido de anedotas. Trata-se, nas palavras de Mijolla, de uma ‘pulsão biográfica’.⁷

Se para o historiador, -como diz E. Roudinesco, a relação deve ser clara, para um psicanalista se debruçar sobre a vida do fundador é problemático já que, “Existe uma identificação iniciática do homem com sua obra. Dado esse enlace entre objeto e sujeito,

⁵ MEZAN, op. cit., p.16.

⁶ ROUDINESCO, Elisabeth. *Genealogias*. Tradução de Nelle Ladvoocat Cintra. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p.104.

‘questionar a lenda freudiana às vezes pode equivar a questionar os fundamentos do pensamento freudiano, eventualidade que os discípulos mais zelosos⁸ só em raras ocasiões estavam dispostos a encarar.’”⁹

A esse respeito, cabe-nos dizer que, para nós, trabalhar com a representação da figura de S. Freud — em última instância —, significa percorrer a constituição da psicanálise, ou seja, parte daquilo que, em certa medida, nos constitui e representa como sujeitos. Pensamos que cada psicanalista deveria ter — provavelmente tenha — sua própria biografia de S. Freud, de onde surge parte da representação que faz do mestre. O estudo histórico, através das biografias e ensaios biográficos, nutre o psicanalista com seus dados, fornecendo elementos para uma maior aproximação ou fineza na representação.

Freqüentemente, no meio psicanalítico, nos temos sentido pouco afinados com o lugar que, acreditamos, ocupam a história da psicanálise e, mais especificamente, as biografias. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, reconhecemos nesse mesmo meio a leitura e, às vezes profundo, profundo conhecimento da história biográfica; com isto, queremos dizer que não se trata de desconhecimento ou desinteresse em relação à história. Entretanto, quando de discussão teórica se trata, percebemos que a história retorna como figura quase anedótica, a cereja da sobremesa. Ou de outra forma, não parece haver um lugar específico na discussão da teoria. Isto pode amparar-se na idéia extrema de que para se ler uma obra, neste caso, um texto teórico, não seria necessário conhecer sua história ou mesmo seu autor. Como diz Alain

⁷ RODRIGUÉ Emilio *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana, v. I 1996. p.26.

⁸ No entender de Renato Mezan, tratar-se-ia dos *freudólogos*, aqueles que, através de uma paixão idealizadora em relação a Freud, tentam encontrar nas entrelinhas de seu texto uma verdade inquestionável e suprema. Cf. MEZAN, Renato. Seis autores em busca de um personagem. In: *A vingança da esfinge. Ensaios de Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.338-385.

⁹ ANZIEU apud RODRIGUÉ, op. cit., p.33.

de MIJOLLA, “[...] vozes autorizadas levantaram-se para recusar o interesse das pesquisas biográficas concernentes ao autor. Os exemplos de Homero ou de Shakespeare são invocados como prova disto.”¹⁰. Em princípio, este pareceria ser um bom argumento que lançaria o leitor de biografias no espaço da avidez anedótica e, no caso extremo, no “[...] voyeurismo suspeito de curiosidade malsã.”¹¹. Porém, acreditamos que esta tentativa de exclusão do referente, no que concerne ao autor, é falsa; sempre existindo um suporte imaginário onde *encarnar* o texto. E mais, acreditamos que dessa representação depende, em grande medida, a própria apreensão do texto; seja este literário ou científico. Voltaremos a este assunto nodal, onde se enlaçam várias questões importantes deste trabalho, quando abordarmos as relações da historicidade e da estrutura. Provavelmente, a questão resida em transformar esse saber histórico em *mais-valia*, no mercado da leitura do autor.

No nosso entender, o enigma instala-se nas diferentes relações entre o biógrafo e biografado de onde surge o relato de uma vida. Um espaço intermediário que produz, através de uma narrativa histórica, o efeito de uma representação, “Assim, o lugar que o biógrafo ocupa para divulgar a biografia e a relação da escrita biográfica com suas outras atividades intelectuais determinam suas escolhas na construção de um labor biográfico, entendido como *estrutura verbal*¹² que, tomando a forma de um discurso narrativo em prosa, pretende explicar o que foi uma vida representando-a”¹³. Essa *estrutural verbal* assinala as diferenças nesse espaço relacional localizado entre o biógrafo e seu objeto, cada estrutura configurando uma representação particular do mesmo referente histórico.

¹⁰ de MIJOLLA Alain. Freud, la biographie, son autobiographie et ses biographes. In: *Revue Internationale de l'Histoire de la Psychanalyse*. VI, Paris: PUF, 1993. p.81.

¹¹ Ibid., p.82.

¹² O itálico é nosso.

¹³ WERNECK, Maria Helena. *O Homem encarnado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EduERJ, 1996. p.25.

Creemos que, no decorrer do aparecimento das biografias de S. Freud, sua representação modificou-se, configurando uma imagem em contínuo deslocamento desse objeto — de conhecimento — irremediavelmente perdido e, paradoxalmente, ao mesmo tempo representável; nesse sentido, o biógrafo não se dá por vencido. Talvez, persiga isso que Roland BARTHES chamou de *biografema*, “[...] segmento do vivido revelador de uma consciência e, sem que a precisão seja abertamente reivindicada, gerador de uma percepção e um estilo.”¹⁴; esse instante ao que se refere J. L. BORGES, quando falando de Evaristo Carriego, afirma, “Yo he sospechado alguna vez que cualquier vida humana, por intrincada y populosa que sea, consta en realidad de un momento: el momento en que el hombre sabe para siempre quién es. Desde la imprecisable revelación que he tratado de intuir, Carriego es Carriego. Ya es el autor de aquellos versos que años después le será permitido inventar.”¹⁵. Talvez, trate-se do momento em que o desejo é, ao mesmo tempo, revelado; instante que o biógrafo persegue, cômico de seu fracasso, sem trégua.

Deste modo, percebe-se que nosso interesse pelas biografias ultrapassa, há algum tempo, a fruição que sua leitura nos oferece. Sempre encontramos nos relatos biográficos ou autobiográficos o prazer — ou talvez o gozo — de aproximar-nos daquilo que Sigmund Freud chamou de *romance familiar*; esse relato proto-histórico em que (re)constituímos nossa história esquecida, porém, presente: pensamos que no relato de/sobre outros abre-se a possibilidade de encontrarmos parte do nosso¹⁶. Essa forma particular de retomar a história

¹⁴ ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard. n.º. 54, mars-avril., 1989, p.41.

¹⁵ BORGES, Jorge. Luis. Evaristo Carriego In: *Caderno San Martín — Obras Completas 1923-1972*. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1989. p. 158.

¹⁶ “O estádio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais [...], pode ser descrito como o ‘romance familiar do neurótico’, sendo raramente lembrado conscientemente, mas podendo quase sempre ser revelado pela psicanálise, já que uma atividade imaginativa estranhamente acentuada é uma

que é a biografia — assim como também a autobiografia — representa, provavelmente, o paradigma do memorialismo, já que o memorialista é um leitor de si mesmo, quer dizer, numa instância extrema, do Outro.

Por isso, gostaríamos de dizer que no verão de 1997 uma amiga psicanalista nos presenteou com o livro *Sigmund Freud: El Siglo del Psicoanálisis: 1895-1995*¹⁷. Para nossa surpresa, tratava-se da última biografia de Sigmund FREUD, escrita no Brasil — em português — por Emilio RODRIGUÉ, psicanalista argentino radicado há muitos anos em Salvador, Bahia¹⁸.

Trata-se, na nossa opinião, de um raro e excelente empreendimento intelectual. Surpreendeu-nos, naquele momento, o fato de que um projeto dessa magnitude tenha passado praticamente despercebido para a crítica e a intelectualidade brasileira¹⁹.

das características essenciais dos neuróticos e também de todas as pessoas relativamente bem dotadas. Essa atividade emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo característico dessa atividade imaginativa está nos devaneios que se prolongam até muito depois da puberdade. Se examinarmos com cuidado esses devaneios, descobriremos que constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real.” FREUD, Sigmund. *Romances Familiares* (1909) [1908]. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX, 1997.

¹⁷ RODRIGUÉ Emilio *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana, v. I e II, 1996.

¹⁸ Emilio Rodrigué faz parte da história viva da psicanálise. Nasceu em 1921. Formou-se em Londres por Melanie Klein na década de 1950 onde se analisou com Paula Heimann. Ocupa o lugar dos precursores; introduziu, junto a Arminda Aberasturi, o kleinismo na Argentina. Ao lado de Enrique Pichon Rivière iniciou os primeiros grupos de psicanálise na Argentina. Posteriormente participou, durante quatro anos, da experiência da comunidade terapêutica dirigida por Erick Erikson e David Rappaport nos Estados Unidos. Conheceu pessoalmente figuras da história da psicanálise como Ernest Freud, Joan Rivière, Ernest Jones, Anna Freud, Bion, James e Alix Strachey, Donald Winnicott. Foi psicanalista didata da IPA (International Psychoanalytical Association), e presidente da *Asociación Psicoanalítica Argentina*. Foi também, junto a outros analistas, o precursor da primeira dissidência criando o grupo *Plataforma*, primeira contestação à psicanálise ‘oficial’ da IPA. Depois de viver na Espanha e França, radicou-se em Salvador, Bahia, onde reside atualmente. Entre seus textos encontramos: *Psicoterapia de Grupo* (com Marie Langer e L. Grinberg), *Biografia de uma comunidade terapêutica*, *O contexto do processo analítico*, *O paciente das 50.000 horas*, *Plenipotência*, *O anti-io-io*, *A lição de Ondina*, *Um sonho de fim de análise*, *Heroína*, *Ondina*, *Supertramp* e *Gigante por sua própria natureza*.

¹⁹ Em agosto de 1997, tivemos a oportunidade de conversar pessoal e rapidamente com Emilio RODRIGUÉ. Ante nossa pergunta sobre a questão da dificuldade na difusão do livro — publicado no Brasil em 1995 pela editora paulista *Escuta* — nos respondeu que, “ninguém é profeta na sua terra”: deixando entrever qual é sua relação com o Brasil, assim como também, o destino — provisório, é verdade — que sofre esse

Também devemos dizer que o afeto que nos une ao livro diz respeito a ter sido para nós um dos melhores apoios — além do familiar, certamente — na convalescença sofrida durante o verão de 1997. Foi esse companheiro — das noites intermináveis — quem se transformou, com o tempo, em objeto de reflexão, e esperamos que agora — um pouco menos próximo — e junto a outras biografias, em campo de pesquisa. Sua leitura nos ajudou a demarcar os limites de uma forte interrogação²⁰. Lembremos que,

O trabalho (de pesquisa) deve ser assumido no desejo. Se essa assunção não se dá, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido apenas pela necessidade de prestar um exame, de obter um diploma, de trabalho, é preciso que esse trabalho me seja *pedido* não por uma coletividade que pretende garantir para si o meu labor (a minha pena) e contabilizar a rentabilidade do investimento que faz em mim, mas por uma assembléia viva de leitores em quem se faz ouvir o desejo do Outro (e não o controle da Lei).²¹

Da experiência de leitura do texto de Emilio RODRIGUÉ surgiram não somente o questionamento profundo sobre o gênero e suas possibilidades narrativas e epistêmicas, mas também os textos biográficos sobre S. Freud que descansavam na nossa biblioteca — junto aos dicionários e enciclopédias — no espaço destinado aos livros de referência. Neste sentido, podemos falar de uma leitura que ilumina, a posteriori, os textos anteriores, despertando a latência de vida própria de cada um deles. Trata-se do tipo de texto que dispara as possibilidades contidas nos outros. Sua leitura fez aparecer o questionamento sobre as

trabalho. Até o momento, temos notícias, além da versão em espanhol publicada pela editora *Sudamericana*, do lançamento na França, pela editora *Payot*.

²⁰ Todavia, sabemos que um projeto de pesquisa deste tipo deve estar determinado por vários, e não somente um, antecedentes. Ao encontro com o texto de Emilio Rodrigué devemos somar a presença de outro livro — nele se vislumbram as possibilidades de análise e a importância do gênero biográfico na apreensão de uma obra, assim como uma orientação bibliográfica sobre o tema — estamos nos referindo a *O Homem encadernado. Machado de Assis na escrita das biografias*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, de Maria Helena Werneck. Outro antecedente que contribuiu decisivamente para delinear os limites da pesquisa foi a disciplina *Bio e grafias: escritas de vida*, ministrado pela profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos, no Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, durante o primeiro semestre de 1998.

²¹ BARTHES, Roland. *Jovens Pesquisadores*. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.97.

diferentes formas dos autores biográficos abordarem um mesmo referente,— neste caso Sigmund FREUD — contribuindo para que possamos falar, por exemplo, do *Freud de Jones* ou do *Freud de Gay*. Lembremos que, no caso do romance — e na arte em geral —, o destaque diz respeito ao autor²². Na biografia o que interessa — em princípio — é o objeto da biografia, quer dizer, o referente; em muitos poucos casos, aparecendo, em segundo lugar, o interesse pelo autor.

Dessa forma, surgiu a pergunta sobre a construção — através das biografias — da representação da figura de S. Freud. Esse, acreditamos, é o cerne em torno do qual arriscamos trabalhar, “Como um texto pode ‘representar’ uma vida, é uma questão que os biógrafos questionam-se raramente e que supõem sempre resolvida implicitamente.”²³. Esse será nosso campo de trabalho. Para nós, delimitar um espaço de análise significa determinar uma dimensão que nos atrevemos a chamar, sem cair no positivismo lógico, de um ‘núcleo duro’ ao redor do qual possamos circular com certa familiaridade. O leitor, talvez, deva suportar e avaliar — em alguns momentos — o grau de imprecisão desse núcleo, assim como as nossas tentativas de aproximação. Supomos que a particularidade do objeto contribua para essa imprecisão; esse é, talvez, nosso melhor argumento ante os impasses encontrados. De qualquer forma, esforçamo-nos no sentido de não contribuir, por nossa vez, à dificuldade do tema.

Assim, deste modo, da experiência de leitura da última biografia, abria-se não somente uma nova representação de Sigmund Freud, e de parte do movimento histórico psicanalítico, mas também vislumbrava-se um liame diferente entre o biógrafo e a vida do mestre vienense;

²² Nos referimos a *um Portinari*, um livro de Joyce, onde não se faz referência ao referente da obra.

²³ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975. p.37

encontramo-nos com a surpresa advinda da descoberta de um novo olhar que visava outros horizontes. Isto despertou em nós, como já afirmáramos antes, não somente uma nova representação de Sigmund Freud mas também o questionamento em relação às formas e estratégias narrativas enquanto formadoras dessa mesma representação, “Quando não se quer descobrir onde está a verdade mais genuína sobre a vida particular e a produção intelectual [...], o que passa a mover o interesse do leitor de biografias são as variadas maneiras de interpretar e representar, sob a forma de uma narrativa, os acontecimentos da vida do escritor.”²⁴ Esse interesse comporta a interrogação dirigida à construção da representação. Se para o biógrafo o referente é Sigmund Freud, para nós o objeto advém da relação, objetivada na narrativa biográfica, entre o biógrafo e o biografado.

Acreditamos que o referente biográfico localiza-se na dimensão que une um determinado espaço histórico e a personagem que o biógrafo tenta representar; mais do que o homem, a relação que essa personagem estabelece com seu tempo e, às vezes, com o futuro. Neste sentido, tratar-se-ia de um projeto propriamente histórico, no sentido de que cada época fixa, de alguma forma, as possibilidades de cada subjetividade, o provável e o improvável de ser pensado ou vivido, da mesma forma que determina os limites do olhar retrospectivo do biógrafo. Acaso podemos, por exemplo, falar da angústia — tal como a conhecemos hoje — do homem grego ou da suposição de um saber exempto de Deus, antes de Descartes?

O descontínuo — o fato de que em alguns anos, por vezes, uma cultura deixa de pensar como o fizera até então e se põe a pensar outra coisa e de outro modo — dá acesso, sem dúvida, a uma erosão que vem dar forma, a esse espaço que, para o pensamento, está do outro lado, mas onde, contudo, ele não cessou de pensar desde a origem. Em última análise, o problema que se formula é o das relações do pensamento com a cultura: como sucede que um pensamento

²⁴ WERNECK, Maria Helena. *O Homem encarnado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p.24.

tenha um lugar no espaço do mundo, que aí encontre como que uma origem, e que não cesse, aqui e ali, de começar sempre de novo?²⁵

Em certo sentido, talvez possamos pensar que a dificuldade na aproximação tenha a ver, não com o que devemos saber sobre um tempo histórico, mas com o que devemos esquecer para poder-nos aproximar de outras épocas.

Por esta via, pretendemos perturbar, com nossa indiscrição constitutiva e infantil, essa relação — íntima — entre S. Freud e seus biógrafos. Desprender de cada narrativa as particularidades e diferenças, visando distinguir a singularidade de cada forma de representação de S. Freud.

Como sentir prazer em um prazer relatado (enfado das narrativas de sonhos, de festas)? Como ler a crítica? Um único meio: visto que sou aqui um leitor em segundo grau, cumpre-me deslocar minha posição: esse prazer crítico, em vez de aceitar ser o seu confidente — meio seguro de perdê-lo — posso tomar-me o seu voyeur: observo clandestinamente o prazer do outro, entro na perversão; o comentário faz-se então a meus olhos um texto, uma ficção, um envoltório fendido. Perversidade do escritor (seu prazer de escrever não tem função), dupla e tripla perversidade do crítico e do seu leitor, até o infinito.²⁶

A questão da representação²⁷, como vimos, ocupa o centro deste trabalho, em torno do qual gravita o problema da construção narrativa biográfica. Nos melhores momentos, através desta narrativa, se alcança e se constrói o espectro latente — o retrato do biografado — que, ao mesmo tempo, poderá orientar na leitura da obra, como neste caso, a de S. Freud. Supomos que o destino desta imagem assinala, na obra literária ou científica, as dobras e os interstícios

²⁵ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Sandra Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.65.

²⁶ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 3º.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.26.

²⁷ Certa vez ouvimos de um amigo e exímio cozinheiro, no momento de oferecer-nos seu prato, e não sem um toque de humor e vaidade, “Esta massa mudará definitivamente o ravióli que há em você.”. Efetivamente, depois dessa experiência, os raviolis não foram mais os mesmos. Queremos com esta anedota gastronômica retratar o sentido da representação interna dos referentes a partir dos quais orientamos nossas apreensões futuras e passadas.

onde encontrar parte da singularidade do autor; acaso, “O lugar mais erótico de um corpo não é lá onde o vestuário se entreabre? Na perversão (que é o regime do prazer textual) não há “zonas erógenas” (expressão aliás bastante inoportuna), é a intermitência, como o disse muito bem a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa cintilação mesma que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento — desaparecimento.”²⁸

Pensamos que cada psicanalista constrói seu próprio Freud; essa imagem que ao nosso lado, no solitário ato de leitura de sua obra, nos assinala, com seu gesto, a palavra plena onde encontrá-lo; é aquela imagem com a qual, muitas vezes, pretendemos conversar²⁹. É dessa representação, para a qual, sem dúvida, as biografias contribuíram sobremaneira, que gostaríamos de tratar neste trabalho. Para isso, propomos uma hipótese que, embora aparentemente óbvia, torna-se complexa se considerarmos que se trata, em última instância, de um mesmo referente histórico: acreditamos que da leitura de cada biografia surgem representações diferentes — às vezes, com dimensões excludentes — de Sigmund Freud; ficando esta representação subordinada à dimensão literária e objetivada nas formas e estratégias narrativas. Supomos que o valor desta hipótese, caso seja confirmada, poderia contribuir para esclarecer o papel que tem a imagem do autor na leitura da obra, e isto porque, como veremos, no caso de Sigmund FREUD a relação autor-obra não carece de complexidade. Assim, nossa análise das biografias de S. Freud oscilará entre sua própria história de vida, e os traços concretos da construção de cada representação; traços estes que conformam a existência representacional, quer dizer, a imagem decantada, produto do conjunto de leituras de uma época.

²⁸ BARTHES, op. cit., p. 16.

²⁹ Seria importante que aqueles que nos procuram não soubessem disto.

Imaginamos que o valor que poderá ter este trabalho, caso alcance seus objetivos, será o de contribuir para estabelecer a importância que tem, na abordagem de um texto, a representação de seu autor.

Quando nos referimos à *representação*, pensamos no conteúdo concreto de uma percepção interior, queremos destacar a imagem interna que reproduz e carrega consigo a idéia de um objeto e que, tratando-se de um autor, remete também a um referente. Trata-se, por esta via, de fazer presente o ausente. A *imagem* — *sensação* ou *percepção* desde a antiguidade — e a *idéia* — o *objeto interno* a partir de Descartes — são conceitos diretamente associados à representação. Podemos dizer que se trata de seus antecedentes e promotores; sobretudo a partir da noção cartesiana de idéia como *quadro* ou *imagem* da coisa. Do termo alemão *Vorstellung* — introduzido no vocabulário filosófico em 1719³⁰, por Cristian von Wolff — deriva o conceito de representação difundido nas línguas européias. A noção de *representação* está ligada à de imagem quando destacado o caráter sensível; à *idéia*, quando incorpora o conteúdo do pensamento.

Freud tomou o conceito de *representação* de Brentano que, na linha de Herbart, colocava a sensação na base da atividade psíquica: “Os fenômenos psíquicos são representações ou repousam em representações”. Ele se vale do termo *Vorstellung* (representação) para designar o ato de representar, mas não há ato de representar sem que haja também um *objeto* representado. Não há percepção sem objeto percebido e vice-versa.³¹

³⁰ Em *Vernünfftige Gedanken von Gott, der Welt und der Seele des Menschen*.

³¹ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.263.

Para Freud a *Vorstellung* é a forma ideativa da presença da pulsão. Nos artigos de 1915³², ele opõe *Sachevorstellung* a *Wortvorstellung* — representação-coisa a representação-palavra —; sendo que a primeira encontrar-se-ia no inconsciente e, a segunda, no sistema pré-consciente e consciente.

Embora Freud tivesse se mantido, premeditadamente, distante da filosofia, temos conhecimento que assistiu, no início de seu curso de medicina, às aulas de Franz Brentano, naqueles anos, recém-chegado a Viena, “Desse modo, ele esteve em contato direto com a vanguarda de um representacionismo radical. Assim, quando Freud — uma década e meia mais tarde — coloca na base da atividade psíquica a *Vorstellung*, ele retoma o caminho brentaniano.”³³

Sabemos que, quando privilegiamos o conceito de representação, encontramos no registro do *Imaginário*. Lembremos de que, “O registro imaginário é aquilo que nós psicanalistas situamos na dimensão do Eu, o da instância freudiana; é o campo da representação e também do sentido.”³⁴ Também é o registro que remete à consistência,

E a consistência, para designá-la por seu nome, quero dizer por sua correspondência, a consistência, direi, é da ordem do imaginário. Isto se demonstra amplamente em toda a história humana e deve inspirar-nos uma singular prudência, é que muito da consistência, toda a consistência que já fez suas prova é pura imaginação. Faço voltar aqui o Imaginário a seu

³² Trata-se dos artigos *Repressão* e *O Inconsciente* in: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XIV, 1997.

³³ *Ibid.*, p.134.

³⁴ VEGH, Isidoro. *As Intervenções do Analista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001. p.61.

acento de sentido. A consistência para o parlêtre³⁵, para o ser falante, é o que se fabrica e que se inventa.³⁶

Estamos cientes de que, de alguma maneira, colocar no centro de nosso trabalho a idéia de *representação* — ainda mais, associada ao gênero biográfico — aparentemente, distancia-se das tendências atuais de pesquisa para as quais a *representação* encontra-se na lista do “não mais possível”³⁷; esta impossibilidade que surgiria, “da experiência do fim do século XVIII e começo do XIX de que os sistemas de representação humana, particularmente a linguagem, considerados suficientes na época clássica, já não se mostram adequados à realidade e que, desta maneira, o termo representação perde, enquanto forma de conhecimento, sua garantia universal relativa à ordem das coisas.”³⁸.

Na verdade, entendemos que a crise da representação diz respeito ao desmantelamento de um modelo ou sistema de conhecimento; quer dizer, à assunção da incapacidade da linguagem para a mimese. Acreditamos que seja essa a forma de sua impossibilidade, no sentido de que a linguagem, enquanto meio, não poderia recobrir o real que tenta representar, “O desenvolvimento da consciência histórica, entre 1775 e 1825, a subjetivação nascente e a historicização do saber quebram a validade da representação como modelo universal e invariável do conhecimento. O vínculo entre linguagem e pensamento é destruído e a representação não é mais a razão oculta para a ordem das coisas.”³⁹. Entretanto, o fracasso da

³⁵ Trata-se de um neologismo criado por J. Lacan que condensa o verbo falar — *parler* — e ser — *être*. No entender de J. Lacan no mesmo movimento da fala se constitui o ser, daí sua imbricação neste significante. Encontramos várias vezes traduzido ao português por *falante*, em KAUFMANN, Pierre (ed.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e de Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.268, 527, 666, 667.

³⁶ LACAN, Jacques. Seminário nº22. Ano: 1974-75. R.S.I. Classe 5 do 11 de fevereiro de 1975. Versão EFBA. In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodríguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD 1999.

³⁷ HUYSEN apud KERSTIN, Behnke. A crise da representação. Tradução de Luiz Costa Lima. *Crises da Representação. Cadernos do Mestrado em Literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, nº 10, 1994. p.7.

³⁸ KERSTIN, op. cit., p.7.

³⁹ *Ibid.*, p.13.

representação como origem das possibilidades de conhecimento assinala, no nosso entender, não o fracasso mas os limites de suas possibilidades.

Ao destacar a pregnância imaginária da representação, as dimensões simbólica e real aparecem para associar-se à imaginária para, assim, constituir o tripé onde apoiar as possibilidades de conhecimento. Estes registros — real, simbólico e imaginário —, enlaçam-se para constituir aquilo que J. Lacan chamou das “três dimensões da condição humana”. Nesse sentido, a representação é somente uma forma de orientação no mundo. Uma forma de apreensão que, junto a outras, contribui ao reconhecimento das diferentes dimensões do objeto. Com isto queremos destacar a contribuição da dimensão imaginária — através da representação — na apreensão da obra de S. Freud; uma vez que entendemos que a representação não é mimese do real mas exploração, através do simbólico, das possibilidades do real.

Por este caminho, tentaremos resgatar a forma como foram construídas as diferentes imagens de S. Freud.

Mas, antes de avançarmos de maneira específica sobre o corpus do nosso trabalho, talvez seja importante apresentar de que maneira foram aparecendo, no decorrer da história, os diferentes trabalhos sobre a vida de S. Freud. Desta forma, poderemos expor os motivos que nos levaram a escolher alguns trabalhos, em detrimento de outros, na composição de nosso corpus de pesquisa.

Capítulo 2 / Biografia e Gênero

Sabemos que, de alguma forma, o sucesso do gênero biográfico se restaura numa época em que se delineia, de uma maneira ampla, uma forte impregnação narcisística¹. Trata-se de tempos em que a individualidade rege uma subjetividade órfã dos ideais que pareceram se esgotar, definitivamente, no final da década de setenta; diluindo-se, assim, um período em que as ciências humanas dominaram, não só as análises mas também as representações do sujeito; época em que, lembremos, depois da morte de Deus, anunciava-se a definitiva morte do homem.

No começo dos oitenta, ante o *fastfood* cultural dominante, o sucesso da nova moda biográfica, parecia um mal menor, “Entre um romance contemporâneo muito narcisístico e uma televisão descerebrante, entre uma memória impossível e uma amnésia aflitiva, a biografia aparecia como uma posição mediana, como uma tentativa indireta de compreensão, uma maneira tortuosa de recolher os pedaços do eu.”². Contudo, vinte anos se passaram desde aquele momento. Podemos dizer, ademais, que se tratara de duas décadas durante as quais a aceleração histórica tornou cotidiano aspectos até pouco tempo supostos ao futuro.

¹ Como afirma Christopher Lasch, “Viver para o momento é a paixão predominante — viver para si, não para os que virão a seguir, ou para posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro.”, LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p.25.

² ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard, n.º 54, mars-avril 1989, p.46.

Acreditamos que, em relação ao *boom* biográfico dos oitenta, — e que de alguma forma continua ainda hoje — o panorama biográfico tenha mudado, no sentido de ter ressurgido, dentro do gênero, a sofisticação narrativa exigida pelo leitor avisado. Ante a revitalização da biografia, a crítica parecia somente visar à sociologia do culto do singular; podemos encontrar numerosos trabalhos que analisaram esse fenômeno cultural e, junto a ele, em menor escala, alguma abordagem crítica das narrativas em si. Se as biografias mudaram nestas duas décadas, no sentido de integrar sua própria contestação, acreditamos não poder dizer o mesmo de sua crítica, no sentido de que ainda predomina a exegese sócio-cultural do fenômeno, sem penetrar, com a mesma ênfase, nos interstícios narrativos. Pensamos haver um atraso na análise dessa massa textual em que convivem, sob o mesmo rótulo, produções de uma ingenuidade literária e intelectual comovedora junto a textos em que o vôo narrativo — aliado à qualidade da pesquisa histórica — alcança a dimensão dos clássicos. Entendemos que este sentido canônico se mostra,

[...] quando a aparente arbitrariedade dos meios empregados por toda obra realmente original vai impondo aos receptores sua lógica e sua necessidade. Assim, essa obra começa a se transformar em clássico e chega a sê-lo por inteiro a partir do momento em que, contra ou a favor, nenhum juízo estético, crítico ou histórico pode ignorar a legitimidade e a permanência de suas contribuições decisivas.³

De alguma forma, a presença — e retorno — do cânone diz respeito às possibilidades de um novo olhar: velhas figuras retornando sob novos sentidos. Provavelmente, estes sentidos tentem ordenar os efeitos de um período recente que ainda, na periferia, nos atinge com seus restos já que a mudança de paradigma comporta a simultaneidade do velho e do novo. Talvez, por isso, vejamos como surge — cada vez com mais força — um discurso que tenta reabilitar o sentido do projeto modernista, recuperando e incluindo esta experiência.

Supomos que se trate de uma forma que tenta reabilitar o sentido do ideal e da ilusão tanto política, quanto intelectual ou pessoal; ou de outra forma, se trate da retomada das referências e da utopia. Parece, assim, delinear-se um ambiente que inaugura uma possível nova liberdade, através de uma razão que incorpora as possibilidades conquistadas com a pós-modernidade. Uma racionalidade que assimila, não somente a pluralidade mas também um limite intrínseco: trata-se da radical — e freudiana — liberdade de conhecer os limites. Talvez, ainda testemunhemos a saída do luto histórico dos últimos vinte e cinco anos, permitindo-nos estabelecer, através dos ideais, novos laços comuns com o futuro. Por isso, “Talvez seja o momento de nos ‘deslocar’, com relação à *doxa* triunfante, a *doxa* pós-moderna. Deslocar-se, dizia Barthes, pode ser “abjurar” o que se escreveu (mas não, forçosamente, o que se pensou) quando o poder gregário o utiliza e ‘serviliza’”, isto tendo em conta que, “Deslocar-se não é voltar atrás, para manter imutáveis os valores e métodos do passado, mas reavaliá-los, elaborar novos conceitos e novos discursos adequados à situação presente. Será que, ao efetuarmos a liquidação sumária da estética, do cânone e da crítica não jogamos fora, com a água do banho, uma criança que se chamava Literatura?”⁴. Não se trata de um retorno ingênuo a formas e costumes saudosos, mas da reabilitação de conceitos — como aquele do *cânone* — os quais, após as três últimas décadas, nunca mais serão os mesmos; introduzindo, desta forma, na sua nova reformulação, a crítica dos últimos anos. Tratar-se-ia de um deslocamento que, no mesmo movimento, alastra consigo, condensando e atualizando, a história. Na nossa opinião, a retomada das referências canônicas — e de seus valores — comporta uma reatualização do conceito: hoje dispomos, inclusive e paradoxalmente, de textos canônicos pós-modernos,

³ SAER, Juan José. O clássico desconhecido. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 de nov. 2000. Mais! p.13.

⁴ PERRONE-MOISES, Leyla. A Crítica Literária Hoje. In: *Cânones & Contextos. 5º Congresso Abralic — Anais*. Vol. 1 Rio de Janeiro: 1997. p.89.

Ora, não pode existir crítica literária se não houver um conjunto de valores estéticos reconhecidos e, por conseguinte, um cânone de referência. Não pode mais existir crítica se não houver um conceito forte de literatura, tal como houve durante os dois últimos séculos e como ainda havia na alta Modernidade Literária. Para os modernos, a literatura não era mera depositária da tradição, conservadora de formas e idéias peremptas, ou divertimento inócuo capaz de concorrer com os CD-Rom e os vídeos-games; era forma de conhecimento, exercício da liberdade, crítica do real, mito verdadeiro, utopia, projeto. E a crítica literária, sua correlata, era diálogo, ampliação da leitura, extensão do saber e da ação da obra.⁵

Tratar-se-ia, depois do vivido, de um cânone desacralizado; que reconhece — pelo vivenciado — a função do ideal: lugar que presentifica à vida na sua vontade de alcançá-lo e, ao mesmo tempo, a morte ante o fracasso em atingi-lo. Supomos que o estabelecimento do limite — e isto não escapa ao gênero — demarca a liberdade para a circulação do significante, quer dizer, da pesquisa.

Assim, pensamos que a crítica deva deslocar-se, neste momento, das circunstâncias de produção biográfica, para as próprias narrativas. Nessa trilha, inserimos nosso esforço, ao contrastar através da análise, diferentes biografias sobre o mesmo referente histórico, produzidas em diferentes geografias e épocas.

De alguma forma, acreditamos haver ainda por parte da crítica literária — principalmente acadêmica, já que a jornalística é obrigada a se preocupar ante a grande produção biográfica — certo tipo de resistência em abordar o gênero biográfico: suspeitamos haver certo preconceito. Historicamente, pareceria tratar-se de um gênero menor que, para alguns, não teria ainda alcançado os méritos literários necessários para ser-lhe dedicada uma

⁵ Ibid., p.88.

atenção especial⁶ — dimensão que, por outra parte, teria alcançado enquanto fenômeno sócio-cultural. Talvez, por isso, possamos encontrar, em relação à presença da biografia no cenário atual, comentários como os de Alain BUISINE, que afirma tratar-se de uma espécie de “[...] proliferação propriamente cancerígena já que termina por atingir e absorver todos os domínios da escrita e do saber. Metástase do biográfico que contamina progressivamente cada um dos setores das ciências humanas, que geralmente ainda tornam-se o parâmetro essencial de toda produção dita cultural.”⁷ O forte ataque ao gênero, por parte deste autor, não é mais do que um recurso retórico para logo dizer, “Mas agora, que já pronunciei a protocolar excomunhão de nossos subprodutos culturais, sem dúvida é possível começar verdadeiramente a trabalhar.”⁸ Vemos como o sentido irônico conforma dois níveis de discurso onde o enunciado remete, no mínimo, a duas enunciações. Nessa tensão, a ‘excomunhão’ da crítica e o ‘subproduto’ biográfico se mantêm presentes, assim como também a necessidade de ir além disso, “Dito de outra forma, de passar da complacência da boa consciência de uma pura e simples denúncia, (rapidamente inútil na sua infinita repetição) à complexidade e à eficácia de uma análise sintomática.”⁹ Assim, ao assimilar o fenômeno como sintomático, deriva no tipo de análise que se inscreve na tendência sócio-cultural — pouco próxima da narrativa mesma — mas que assinala um interessante aspecto em relação aos autores das biografias atuais “[...] faz tempo que os melhores especialistas universitários deste ou daquele escritor, depois de ter-lhe dedicado dezenas de análises ideológicas, estéticas, estilísticas, literárias, decidiram coroar seu esforço crítico com uma biografia que, em muitos casos, trai seu desejo precedente; antes fixado somente e abertamente no interesse da obra mesma.”¹⁰

⁶ Acreditamos que testemunho pessoal disto possa ser a surpresa que percebemos em alguns de nossos interlocutores universitários ao saberem de nossa intenção em dedicar-lhe à biografia o esforço de um doutorado. No entanto, não devemos esquecer que foi essa mesma instituição a que abriu suas portas para esta pesquisa.

⁷ BUISINE, Alain. Biofictions. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n.º 4 Paris. 1991. p.8.

⁸ *Ibid.*, p.8.

⁹ *Ibid.*, p.8.

¹⁰ *Ibid.*, p.9.

Desta forma ressurgue a figura do autor no terreno da análise, porém, como veremos, sob novas vestes. Não se trata, evidentemente, daquela pessoa física que assina uma obra, mas dessa figura, dessa vida paralela ao indivíduo que a morte não pode terminar, figura que deve sua vida à obra quer dizer, o autor.

O intervalo que separa a antiga da atual noção de autor foi ocupado por décadas durante as quais a renovação em história, em literatura — e sua crítica —, assim como a presença da psicanálise — quer dizer, para alguns o saudoso império das ciências humanas —, deixou suas marcas no sentido de que o sujeito e, junto com ele, a noção de autor, não se manteve idêntico a si mesmo, “Tanto e tão bem que o biográfico, na sua atualização literária, não poderá mais do que ser diferente do que foi.”¹¹ A biografia torna-se objeto de estudo do erudito e, ao mesmo tempo, produto de consumo popular estimulando também, desta forma, diferentes formas de abordagens.

Na verdade, o estruturalismo — “[...] essa excepcional conjunção de saberes”¹² — retoma, argumentando de forma sistemática e através de diferentes autores, a disjunção entre o autor e a obra. Esta questão já “[...] tinha sido exposta primeiro por Mallarmé e por Valéry, que tinham expulsado o autor de sua obra, criticando toda referência a qualquer interioridade psicológica e à insistência colocada sobre a dimensão puramente verbal e impessoal da linguagem; isso que Proust exprimiu a sua maneira em *Contre Sainte-Beuve*.”¹³ A noção de

¹¹ Ibid., p. 10.

¹² BONNET, Jean-Claude. Le fantasma de l' écrivain. In: *Poétique. Le biographique*. Paris: Éditions du Seuil. n.º. 63, sep. 1985, p. 259.

¹³ Ibid., p. 259.

sujeito, corrente no estruturalismo dos anos sessenta, permitiu aprofundar e fundamentar isso que Mallarmé, Valéry e Proust anunciavam.

Maurice Blanchot, em *Lautréamont et Sade* (1963), anuncia que não há referente no campo do sujeito, e que ele se apaga no significante. Marcelin Pleynet faz de seu *Lautréamont par lui-même* (1967) um verdadeiro manifesto, e Philippe Sollers, em *A ciência de Lautréamont* (1967), propõe chamar de 'thanatographia' à aniquilação do tema biográfico na obra de Ducasse. Gerard Genette em seu *Stendhal* (1969) denuncia em Sainte-Beuve a ilusão biográfica [...].¹⁴

Provavelmente, Roland BARTHES, com *A morte do autor*, foi quem, a modo de epitáfio, escrevera a nota necrológica do autor quando afirma que, “[...] a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve.”¹⁵ Mas, como veremos, a morte do autor comporta a vida.

Vejamos que, como disse J.-C. Bonnet, se Mallarmé e Valéry intuíram a morte do autor, mesmo assim, não conseguiram liquidá-lo. Acreditamos que o que podemos chamar de segundo estruturalismo — após maio de 68 — foi além neste sentido, à medida que através da morte já anunciada, conseguiu propor uma nova imagem para um espaço que não poderia se esvaziar. Assim, no mesmo *A morte do autor* encontramos, “[...] o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; não é, de forma alguma, dotado de um ser que precedesse ou excedesse a sua escritura, não é em nada o sujeito de que o seu livro fosse o predicado; outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente *aqui e agora*.”¹⁶ Esboça-se desta maneira, uma figura ainda indefinida, porém, presente¹⁷ e

¹⁴ Ibid., p.259.

¹⁵ BARTHES, Roland. *A morte do autor*. In *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.65.

¹⁶ Ibid., p.68.

dispersa. O mesmo R. BARTHES afirma que, “[...] é preciso que através de uma dialética tortuosa haja no Texto, destrutor de todo sujeito, um sujeito a ser amado, esse sujeito é disperso, um pouco como as cinzas que se jogam ao vento depois da morte.”¹⁸. Esta espécie de parêntese histórico, em que foi colocada a representação da figura do autor durante a dominância do primeiro estruturalismo, permitiu não somente liberar a leitura da obra, surgindo, com isto, uma complexidade enunciativa que não encontrava mais sua última resposta no lastro biográfico, mas também a possibilidade do surgimento de uma nova representação do autor, “[...] o descrédito geral do interesse tradicional pelo autor como pessoa real (interesse suspeito de ser fatalmente a favor da ilusão referencial) não foi um simples grito de adesão à polêmica e um passo obrigatório para obter a carteirinha da modernidade.”¹⁹; significou, também, a possibilidade de colocar novas perguntas à função do autor. A função, neste caso, é entendida no seu sentido de *operação* — outro sentido seria o de *relação* matemática —, quer dizer, correspondendo à palavra *ergon* da forma pela qual a empregava Platão, no sentido de que cada virtude é uma função determinada da alma. Por essa via, seria a operação própria de cada coisa; para Kant a função conceptual é definida como “unidade do ato de ordenar diversas representações sob uma representação comum”²⁰.

Percebemos que a ‘morte’ conota uma metáfora que assinala o nascimento de uma nova representação. Este retorno ou tentativa de reconstrução da figura do autor encontra, em alguns trabalhos de Michèl FOUCAULT, um dos terrenos mais prósperos onde procurar

¹⁷ Se no primeiro estruturalismo o conceito de sujeito restringe-se ao *sujeito falante*, a partir de maio de 68, com Benveniste, através da distinção entre o *sujeito do enunciado* e o *sujeito da enunciação*, apresenta-se com novos atributos, “[...] foi deliberadamente que a lingüística estrutural barrou na época o caminho de acesso ao sujeito. A ruptura com o psicologismo, com a fenomenologia ou a hermenêutica, teve que ser realizada por esse preço por todos os defensores do paradigma estrutural.” In: DOSSE, François. *História do Estruturalismo 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Ensaio. 1994. p.66

¹⁸ BARTHES apud BONNET, op. cit., p.260.

¹⁹ BONNET, op. cit., p.259.

possíveis caminhos. Sua reflexão sobre a relação obra-autor surge frente ao espaço vazio proposto num primeiro momento do estruturalismo. Como sabemos, o sujeito presente no estruturalismo genético corresponde a um sujeito trans-individual; quer dizer, muito distante de qualquer singularidade específica. Este modelo propiciou o aparecimento desse vácuo a partir do qual se pôde questionar: O que é um autor?²¹; mas, em primeira instância e abrindo caminho nessa direção cabe a pergunta: o que é uma obra?, “Em que consiste essa curiosa unidade que designamos por obra? Que elementos a compõem? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor? Vemos surgir dificuldades. Se um indivíduo não fosse um autor, o que ele escreveu ou disse, o que ele deixou nos seus papéis, o que dele herdou, poderia chamar-se uma ‘obra’?” por isso, “Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte? A teoria da obra não existe, e os que ingenuamente empreendem a edição de obras completas sentem a falta dessa teoria e depressa o seu trabalho empírico fica paralisado.”²².

Talvez a obra seja a textura através da qual alguém consegue construir, mediante o simbólico, uma forma do real; tanto seja na ciência, arte ou religião. Sendo esse *alguém* produto dessa mesma obra. Na verdade, M. Foucault assinala que o lugar ocupado pela pessoa física do antigo autor e, depois, recortado pelo estruturalismo, corresponde a uma função do discurso,

Falei de uma certa temática que se pode delimitar, nas obras como na crítica, e que é, se quiserem, a seguinte: o autor deve apagar-se ou ser apagado em proveito das formas próprias aos discursos. Entendido isto, a questão que me coloquei foi esta: o que é que esta regra do

²⁰ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.473.

²¹ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992. Trata-se de uma conferência pronunciada na *Société Française de Philosophie*, em 22 de fevereiro de 1969.

²² FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Lopez Cascais e Edmundo Correia. Lisboa: Vega, 1992. p.38.

desaparecimento do escritor ou do autor permite descobrir? Permite descobrir o jogo da função do autor. [...] Definir a maneira como se exerce essa função, em que condições, em que domínio, etc., não quer dizer, convenhamos, que o autor não existe.²³

Como vemos, M. Foucault ressuscita o autor para dar-lhe a complexidade que ocultava a pessoa física produtora da obra. Quer dizer, a pessoa física e a representação da função do autor não são isomórficas, muito menos coincidentes. Não vimos acaso que o autor não nasce nem morre junto à pessoa física?

Resumi-lo-ei assim: a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários 'eus' em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar.²⁴

Com efeito, vemos como o retorno do autor corresponde a uma nova representação histórica, onde o produtor associa-se a uma função, "Portanto, vamos conter as lágrimas."²⁵

Veremos, mais adiante, a estranha atitude dos guardiões da documentação de e sobre S. Freud, guardada — em alguns casos a sete chaves — na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos²⁶; também, de como essa custódia alimentou e alimenta diferentes fantasmas. Os curadores desse material, ante as investidas dos pesquisadores, esgrimiram diferentes desculpas que, ainda hoje, oscilam entre a ingenuidade e a má fé. Porém, sem tentar com isto qualquer tipo de justificativa, dado que encontramos esta atitude de uma miopia intelectual e

²³ Ibid., p.81.

²⁴ Ibid., p.56-57.

²⁵ FOULCAUT apud ERIBON, Didier. *Michel Foucault (1926-1984)*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.195.

²⁶ Library of Congress (LOC) em Washington.

humana típica da subjetividade dominante no meio psicanalítico norte-americano²⁷, encontramos na análise de M. Foucault sobre a função do autor, uma distinção que talvez possa nos ajudar a entender o receio em tornar público um material que, no nosso entender, não pertence mais do que à cultura,

O reexame do texto de Galileu pode muito bem mudar o conhecimento que temos da história da mecânica, mas nunca mudar a própria mecânica. Em contrapartida, o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise, tal como sucede com o reexame dos textos de Marx relativamente ao marxismo. Ora, para caracterizar tais retornos, é preciso acrescentar um último atributo: eles fazem-se na direção de uma espécie de *costura enigmática*²⁸ da obra e do autor. De fato, é enquanto texto de um autor particular que um texto tem valor instaurador e é por isso, porque se trata do texto de um autor, que é preciso regressar de novo a ele. Não há qualquer hipótese de a redescoberta de um texto desconhecido de Newton ou de Cantor vir a modificar a cosmologia clássica ou a teoria dos conjuntos, tal como foram desenvolvidas (em nada essa exumação é susceptível de modificar o conhecimento histórico que temos da sua gênese). Pelo contrário, trazer à luz do dia um texto como os *Três Ensaio*s de Freud — e na medida em que se trata de um texto de Freud — pode sempre modificar, não o conhecimento histórico da psicanálise, mas o seu campo teórico — ao deslocar-lhe a ênfase ou o centro de gravidade.²⁹

Seria talvez essa questão — que acreditamos desconhecida dos custódios, já que nunca a esgrimiram como argumento — a razão que leva a manter fora da circulação da comunidade o material ainda inédito? De qualquer forma, vemos como M. Foucault ao identificar o autor com aquele que instaura uma discursividade que afeta de diferentes formas o real, assinala, no parágrafo acima, uma “[...] espécie de costura enigmática entre o autor e a obra.”³⁰ Acreditamos que o devir biográfico, com maior ou menor consciência disto, pretende penetrar esse enigma,

Há obras que parecem realmente ter procurado um corpo anônimo para serem conhecidas [...]. Outras, foram literalmente recheadas pela vida e personalidade de seu autor [...]. Outras, finalmente, tomaram a forma de um livro único, porque seu autor entregou-se até se confundir

²⁷ Entre a abundante bibliografia sobre esta questão ver “Freud está morto na América” em ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p.78-103.

²⁸ O itálico é nosso.

²⁹ FOUCAULT, op. cit., p.66.

³⁰ *Ibid.*, p.66.

com o próprio livro [...]. Entre essas três formas encontramos os livros que jamais tiveram um autor, como as *Lettres de la Religieuse Portugaise*, assim como autores que jamais escreveram livros, como Sócrates.³¹

Visariam o enigma da relação entre o autor e a obra os pesquisadores que após décadas de estudo da obra, deslocaram seu olhar para o homem sob a forma do autor? A representação dessa *costura* poderia ser biográfica? Quer dizer, a biografia moderna poderia ser o campo de pesquisa e construção do enigma que atrela o produtor à sua obra?

Acreditamos que este tipo de pesquisa seja limítrofe. A psicanálise, nossa primeira — e, provavelmente, mais forte — referência, também é fronteira: saber feito da leitura de outros saberes³² onde o limite entre os campos serpenteia sobre uma fronteira difícil de encontrar. Imaginamos um centro de gravitação — ao modo de um núcleo ideal — de cada disciplina presente na investigação que, mesmo irreduzível, oscila num jogo de aproximação-rejeição em relação aos outros saberes, superpondo e fazendo esmorecer os limites de cada campo,

O interdisciplinar, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se. Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar o 'assunto' (um tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O Texto é, creio, eu, um desses objetos.³³

³¹ ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard, n.º 54, mars-avril 1989, p.42.

³² Cf. BLOOM, Harold. Freud: Uma leitura Shakespeariana. In: *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Trad. Marcos Santarrita, p.357-79. Nesse texto, H. BLOOM, apresenta suas idéias sobre as relações entre o texto de W. SHAKESPEARE e a obra de S. FREUD, propondo à psicanálise como uma má-leitura (mis-reading) do — para H. BLOOM — maior cânone ocidental: William Shakespeare.

³³ BARTHES, Roland. Jovens Pesquisadores. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.99.

Provavelmente, em relação à literatura, a psicanálise desloque o acento da estética — literatura — para uma (est)ética³⁴ do desejo, aquela que sugere não ceder perante o desejo³⁵.

Como dissemos, a leitura da biografia de E. Rodrigué fez com que reavaliássemos o espaço destinado às biografias de S. Freud — sobretudo em relação à questão da representação —, assim como também, aos textos biográficos em geral. Com isto, e ao mesmo tempo, apareceram outros questionamentos que nos remetem ao espaço por onde o gênero biográfico circula. Isto surge quando nos perguntamos a respeito dos textos biográficos, “Onde os situar: na História ou na Literatura? Onde os encontrar numa Biblioteca?”³⁶. Assim, o ecletismo impenitente do gênero sugere um fórum de ciências sociais e humanas em que a crítica sempre encontra os interstícios onde enraizar suas objeções,

[...] quando a solidariedade das antigas disciplinas se desfaz, talvez até violentamente, mediante as sacudidas da moda, em proveito de um objeto novo, de uma linguagem nova, que não estão nem um nem outro, no campo das ciências que se tencionava tranquilamente confrontar; é precisamente esse embaraço de classificação que permite diagnosticar uma determinada mutação.³⁷

Em todo caso, nossa ideia de interdisciplinaridade pouco tem a ver com as *visitas polidas*, aquelas com hora e dia marcado para acontecer.

No nosso caso particular, perguntamo-nos da mesma forma, a partir da especificidade do nosso objeto, quer dizer, das biografias de S. Freud, se o lugar destinado não seria também

³⁴ Cf. OLIVEIRA RAMOS, Tânia Regina. *Memórias: uma oportunidade poética*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUC, 1990. (Mimeografado).

³⁵ Cf. LACAN, Jacques. *O seminário: A ética da psicanálise*. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1988. p.376-77.; também nosso texto. Da estética à (est)ética In: *Revista da ANPOLL — Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*. 6/7, São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, jan./dez. 1999. p.89-99.

³⁶ OLIVEIRA RAMOS. op. cit., p.16-17.

aquele da psicanálise já que “uma história psicanalítica não pode prescindir de uma interpretação psicanalítica da história.”³⁸. Sabemos que o objetivo biográfico é o de representar uma vida. Neste caso, a vida de S. Freud gira ao redor de sua produção: a psicanálise; por isso, quando nos aproximamos da figura de S. Freud o fazemos também da psicanálise. Talvez, dos pensadores que revolucionaram o pensamento ocidental, o caso de S. Freud seja o que mais demanda a associação entre a vida e a obra. Nas suas biografias, a presença da teoria e prática que construiu se torna imprescindível na medida em que ler uma história de S. Freud significa, também, ler a história do surgimento da psicanálise. A presença de uma produção teórica num relato biográfico faz presente uma voz diferente daquela que narra uma história de vida; ao relato soma-se a voz de um narrador que apresenta, discute e disserta sobre a teoria produzida pelo biografado. É recorrente encontrarmos até pequenos tratados teóricos dentro de cada narrativa biográfica. Por esse caminho, a crítica teórica se entrelaça com o viés romanescos. A presença da teoria passa a estar orientada no sentido documental e ao serviço da representação, sob o risco de romper a narrativa biográfica em proveito da dispersiva erudição temática. Ou seja, deve estar claro o papel de subordinação em relação ao objetivo da representação do biografado. Trata-se de um equilíbrio precário e conflitivo que, como no caso de E. Jones³⁹, soluciona-se através do recurso à *vida e obra*; expediente biográfico que — embora mal sucedido — tem o mérito de se defrontar com o problema da relação de ambas as instâncias.

³⁷ BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In *O Rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988. p.72.

³⁸ ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha do cem anos. Vol I: 1885-1929*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p.9.

³⁹ JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.I, II e III, 1989.

Acreditamos que as dimensões romanesca e ensaística destas biografias correspondam, respectivamente, às duas caras da moeda biográfica; ou melhor, às duas caras dessa fita que Möebius construiu e que surpreende quando, seguindo seu percurso através de um lado da superfície, de repente, nos encontramos no que parece ser o lado oposto e que, na verdade, corresponde à mesma cara: os dois lados são contínuos⁴⁰. Avançando nesta analogia topológica, podemos dizer que no caso da moeda — onde os lados, embora constituam o mesmo objeto, se opõem e diferenciam claramente, — poderia corresponder à tradição biográfica que comportam as *vidas e obras*. Contrariamente, encontraríamos através da representação da fita de Moebius, as biografias onde o devir narrativo se entrelaça de forma tal que, em princípio, não podemos definir o momento preciso, o corte narrativo, em que se desloca a ênfase romanesca à ensaísta e vice-versa.

Em vista disto, gostaríamos de destacar a necessidade, ou a liberdade, de poder circular pela Literatura, História e Psicanálise, pinçando — ou pilhando — elementos que possam contribuir na exegese do processo de representação criado pela narrativa biográfica. Todavia, preferimos que, em princípio, o resultado deste esforço, não seja assimilado de forma imediata aos *estudos culturais*. Lembremos que este trabalho se inscreve no campo da análise narrativa, quer dizer, naquele dos estudos literários. Com esta precisão pensamos não somente assinalar um lugar de pertença e de retorno mas também, somar-nos à crítica da tendência que fez com que a generalização dos *estudos culturais* diluíssem — no nosso entender, e em alguns casos — o rigor da especificidade de cada campo. Deste modo,

⁴⁰ “Trata-se de um objeto físico muito fácil de ser construído: uma fita de papel colada sobre si mesma após um movimento de torção. Obtemos assim, a partir da superfície de um retângulo comum, uma superfície que apresenta muitos fenômenos paradoxais. Este objeto que se segura facilmente com a mão, mesmo assim, se opõe de diversas maneiras a nossa experiência habitual dos objetos físicos. Dar à fita original uma meia volta sobre si mesma, antes de pegar uma ponta à outra, é um artifício muito simples mas que subverte nosso espaço cotidiano de representação. [...] o direito e o avesso aparecem em continuidade. O uso corrente de “cara ou

acreditamos que é necessário “[...] defender um espaço para os estudos especificamente literários.”, da mesma forma que um espaço específico para os *estudos culturais*; nesse sentido concordamos com que, “O ‘Culturalismo’ que atinge a área literária, e não apenas ela, ameaça substituir as disciplinas especializadas por um ecletismo desprovido de qualquer rigor na formação do pesquisador e na formulação de conceitos e juízos. Quanto à literatura, se esta se dilui na “cultura”, passa a ser vista apenas como expressão, reflexo, sintoma, e perde sua *função de conhecimento*⁴¹, de crítica do real e proposta indireta (estética) de alternativas para o mesmo”⁴². Acreditamos que os *estudos culturais* constituem uma importante e exclusiva área de pesquisa, autorizada àqueles que, depois de terem demonstrado à comunidade a excelência de sua produção em diferentes campos do saber podem, a modo de síntese, apresentar seus achados, triunfos e fracassos; ou seja, trata-se de um campo destinado àqueles que conseguiram, através de sua obra, circular com rigor por diferentes disciplinas, alcançando o inédito. Nesse sentido, gostaríamos de avançar nisto que, em primeiro lugar, consideramos como uma aventura intelectual, sempre orientados pela singularidade da forma narrativa. Tentamos com esta tramontana não nos confundir em relação à especificidade deste trabalho, quer dizer: a análise crítica da narrativa biográfica.

Vimos que, em se tratando de um trabalho sobre as biografias de S. Freud, nos encontramos no planetário freudiano; mas ao mesmo tempo, trata-se da construção de narrativas literárias onde a escrita nos remete à criação — por parte do biógrafo —, de uma *ficção-histórica*. Este oxímoro apresenta a história como outro campo presente na interdisciplinaridade assinalada acima, ao passo que a análise dessas biografias implica

coroa” se subverte. O direito e o avesso se continuam um no outro.”, em GRANON-LAFONT, Jeanne. *La Topologia Básica de Jacques Lacan*. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Nueva Visión. 1987. p.33.

⁴¹ O itálico é nosso.

também o desejo de interrogar a história. Nesse sentido, nosso trabalho comporta mais uma torção quando o que surge é o desejo de interrogar como se presentifica a história através da narrativa e como foi tecida a história da representação de S. Freud através de suas biografias.

Pensamos que com a presença da interrogação sobre a história, no terreno biográfico, poderíamos localizar a biografia, enquanto objeto interdisciplinar no sentido acima assinalado por R. Barthes, no centro de um tripé ou triângulo, nem sempre equilátero, em cujos vértices encontraríamos a *Literatura*, a *História* e a *Psicanálise*; e no centro, oscilante em relação à proximidade dos vértices, as biografias de S. Freud.

Outra forma de tentar representar estas relações — talvez mais acurada — seja através desse recurso que Jacques LACAN tomou emprestado à matemática, particularmente à teoria dos laços. Este artifício — *nó borromeo*⁴³ — é constituído de, no mínimo, três anéis; na verdade, trata-se de uma forma de enlaçamento onde, pelo tipo de cruzamento, uma corda ou anel passa a depender dos outros dois para se manterem unidos — nenhum anel passa pelo interior do outro —; assim, na ausência — ou falha — de um, o três se desenlaçam. Parece interessante porque, se no espaço tridimensional apresenta essa qualidade, quando colocado num espaço plano, demarca-se um lugar de interseção comum aos três anéis que, no plano, podemos aproximar à interseção de conjuntos onde J. Lacan localiza, nesse espaço comum —

⁴² PERRONE-MOISES, Leyla. *A Crítica Literária Hoje*. In: *Cânones & Contextos*. 5º Congresso Abralic — *Anais*. Vol. 1 Rio de Janeiro: 1997. p.86.

⁴³ “Lacan fala publicamente nesse termo pela primeira vez em fevereiro de 1972. Acaba de descobrir, num jantar, a existência das armas da família Borromeu, enquanto já há muito tempo, em companhia de Guilbaud, vem trançando e fazendo nós de todos os tipos com extremo prazer. Nessa noite, porém, produz-se um estalo no momento em que Lacan ouve a história da família Borromeu, ou pelo menos alguns trechos dessa história. As armas dessa dinastia milanese constituem-se de três círculos em forma de trevo, simbolizando uma tríplice aliança. Se um dos anéis for retirado, os outros dois ficarão livres. Cada anel remete à potência de um dos três ramos da família.” In: ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos*. Volume 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Zahar. 1986. p.611.

na interseção dos três conjuntos —, ao *objeto a*, na sua dimensão de *objeto causa de desejo*; lugar onde imaginamos situar, na nossa pesquisa, as biografias de Sigmund Freud.

Vemos, assim, como a narrativa biográfica, sedutora dos homens há mais de dois mil anos, oscila então entre as ciências — história, antropologia, sociologia, psicologia — e as artes — romance, ensaios críticos literários e artísticos —; oscilação que diz respeito também ao valor estético, “[...] como o espírito de Voltaire e os gritos de Rousseau não eclipsariam os delicados elogios compostos por Fontenelle ou d’Alambert?”⁴⁴. Mas, a biografia resiste às investidas maldosas de senhoras mais respeitáveis: filosóficas, morais, epistemológicas e literárias. Sua fascinação continua provocando os pretensos bons costumes literários. Trata-se de um objeto singular localizado entre a tensão provocada pela recusa e o entusiasmo; isto faz com que se possa afirmar que se trata de um “*métier-ciência-arte do impossível*.”⁴⁵. Assim, de alguma forma, é a consciência de seus paradoxos o que nos leva a sua investigação. Trata-se de uma investigação modesta que visa reconhecer os índices duma fascinação que perdura, “[...] a simulação das idéias e das imagens por seus equivalentes verbais, criam uma realidade nova, que reflete a compreensão do historiador, a penetração do moralista, a habilidade do escritor.” nesse sentido, trata-se “sobretudo da “*arte do impossível*”, em seu projeto desmesurado: identificação e ressurreição de uma personalidade coerente, sustância cognoscível sob a variedade das circunstâncias.”⁴⁶. A biografia inscreve sua atração — de mais de dois mil anos — na distância que separa o fascínio de uma trajetória individual e a incapacidade em dominar a irredutível singularidade dessa mesma vida. Nesse espaço, a

⁴⁴ MADELÉNAT, op. cit., p.9.

⁴⁵ KENDAL apud MADELÉNAT, Ibid., p.11.

⁴⁶ MADELÉNAT, Daniel. p.641. Citamos desta forma um dos textos de Daniel Madelénat, por tratar-se de uma fotocópia da qual não contamos com a referência completa. Trata-se de artigo de uma enciclopédia francesa.

narrativa se desdobra no esforço de alcançar um real impossível que, segundo J. Lacan, “não cessa de não se escrever.”⁴⁷

Temos, então, enlaçados à Literatura, História e Psicanálise demarcando um campo referencial delimitado. Por isso, pensamos que a particularidade na constituição do objeto de pesquisa faz com que em vários momentos devamos cruzar as fronteiras que unem — não separam — estes três saberes, “Um artefato, o livro, deve conter em seus caracteres o dinamismo de uma existência, assegurar-se o mágico poder de produzir a ilusão e de metamorfosear a ausência na presença. As incertezas do conhecimento devem ser exprimidas e ultrapassadas na performance da linguagem.”⁴⁸; retomando a frase de Lytton Strachey, mais do que nunca, o biógrafo deve fazer de ovos, omelete; construindo, a partir da descontinuidade fatural, uma verdade coerente. O biógrafo deve “[...] pegar os metais ignóbeis que correspondem aos fatos dispersos de que dispõe, e transformá-los no ouro de uma personalidade humana, sem dispor de nenhum processo químico que possa alcançar essa transformação. Trata-se de um tipo de alquimia do espírito.”⁴⁹. Transformando, assim, uma massa disforme de fatos, numa narrativa legível. Como diz Lucien FEBVRE, a propósito de seu *Luther*⁵⁰, “Para traçar uma linha um pouco mais clara, tivemos a cada instante que fazer abstração de uma multidão de traços desordenados que desfiguram e embaçam a imagem

⁴⁷ Ao respeito do real e do impossível J. Lacan afirma, “Trata-se do sentido do *Um* no termo que, em alemão, designa o impossível, trata-se do *Unmöglich*. Isso que no pode nem se dizer, nem se escrever: ‘Isso no cessa de no se escrever’. É um tipo de negação redobrada pela que podemos aproximar o emprego absolutamente radical da negação. Quando digo ‘isso no cessa de no se escrever’ se joga essa espécie de ambigüidade que resulta pelo fato de que a única maneira de definir, falando com propriedade, o possível, seria dizer que o possível ‘cessa de se escrever’. É a única maneira estabelecida de segui-lo de perto justamente na diferença que há no alcance de duas negações. Não é ‘no cessar de se escrever’ locução que, pelo efeito que se adjudica, habitualmente à dupla negação, o limitaria a um ‘isso cessa de se escrever’. Mas o ‘no cessa de no se escrever’ aí está o que me parece o sentido do *Unerkannt* enquanto que *Urverdrängt*. Não há nada mais que se possa tirar daí. É isso o que Freud designa quando fala do umbigo do sonho”, em LACAN, Jacques. Resposta a una cuestión planteada por Marcel Riter. Strasburgo 26 de janeiro de 1975. In: *Lacan 2000*. Tradução de Vera Goralí. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000.

⁴⁸ MADELÉNAT, *La biographie*, p. 144.

⁴⁹ EDEL apud MADELÉNAT, op. cit., p.204.

principal, (...) liberar, de uma multidão de esboços ou ensaios parciais, uma só tradução, a mais expressiva, de um mundo infinito de imagens e de representações que carrega em si.”⁵¹, ou seja, uma consciente e programática limitação.

Há nestes limites, a demarcação de um campo narrativo de ambições propriamente estéticas, que faz da criação literária e dos supostos epistêmicos os elementos para a construção de uma representação. Na verdade, parece entrever-se uma dialética, ordenada entre o ideal desejável e o possível realizável, que ordena uma prática narrativa e representacional. Entre a ressurreição total e o documento, instala-se a ficção e a historiografia.

Assim, no nosso caso, tentar trabalhar num campo referencial constituído pela presença de diferentes saberes assinala a tentativa impossível, sem por isso necessária, de asir o *Real* que, no caso da biografia, associamos ao referente extratextual; em termos de P. Lejeune, trata-se do *modelo*⁵². Por esse viés, a Literatura dialoga com a História, procurando uma aproximação ou definição do campo do Real.

Por oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são gêneros de textos *referenciais*: exatamente como os discursos científicos ou históricos, eles pretendem trazer informação sobre uma ‘realidade’ exterior ao texto, submetendo-se a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verosimilhança, mas a semelhança ao verdadeiro. Não ‘o efeito de real’, mas a imagem do real. Todos os textos referenciais comportam o que chamarei um ‘*pacto referencial*’, implícito ou explícito, dentro dos quais são incluídos uma definição do campo do real visado e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança aos que o texto pretende.⁵³

⁵⁰ Em referência a FEBVRE, Lucien. *Martin Luther, un destin*. Paris: PUF, 1988.

⁵¹ MADELÉNAT, op. cit., p.144.

⁵² LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975. p.24.

⁵³ *Ibid.*, p.36.

O leitor de biografias procura encontrar, sob a forma de ficção, a verdade do acontecido; não se trata de ingenuidade, mas de um pacto de leitura implícito que exige o recurso à Literatura como campo privilegiado de representação. A ficção como componente de um terreno textual onde se poderiam experimentar os limites do sentido; a ficção “[...] é um espaço onde todas as contradições são possíveis e onde não é preciso apelar a nenhuma conciliação, a nenhuma síntese.”⁵⁴; a necessidade do compromisso com o referente, natural à biografia, tornar-se-ia a medida narrativa, no sentido de síntese, sendo que dessa dialética entre os opostos — recurso ficcional e fidelidade ao referente — surgiria a representação.

O pólo romanesco e o referencial, de alguma forma, parecem responder e constituir duas éticas diferentes. Se no romance o devir do personagem responde tanto à intriga, quanto ao que podemos chamar sua essência ficcional, na biografia, a construção da personagem responde ao documento, no sentido de ser a pesquisa histórica que determina seu percurso e liberdade. O romance e a história se suportam — em princípio — em lógicas diferentes. Enquanto o romance responde a uma verdade ideal, a história o faz, em relação a uma verdade fatural, mas sobretudo referencial. Estas lógicas se aproximam e entrelaçam-se quando surge, num segundo tempo, a partir do momento em que o biógrafo alcança a construção desse objeto interno que é a imagem — através de sua pesquisa histórica —, a representação de seu personagem. Nesse momento, os recursos e a criação estética passam a estar ao serviço dessa representação, ancorada na pesquisa histórica. Trata-se de um ponto onde a diferença formal entre a dimensão romanesca e a história dilui-se em função da fidelidade à representação interna do referente; a partir desse instante, os recursos narrativos não se diferenciam, ficando ao serviço da representação.

⁵⁴ GAILLARD, Françoise. Roland Barthes: le biographique sans la biographie. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n° 224. Paris. 1991. p.86.

Assim, tanto no romance como na biografia, trata-se da fidelidade ao referente, ideal no primeiro caso, fátual e referencial no segundo. Desta forma, cada passo no labor biográfico orienta-se no sentido de transformar a referência levantada na pesquisa histórica, através dos recursos da estética narrativa, num texto que mostra esse labor de construção. Ou seja, se a biografia se constrói a partir de uma imagem, o biógrafo não somente deve transmitir esta imagem, mas também a maneira pelo qual este objeto a retratar formou-se no seu interior. Pareceria haver a exigência, para que a consistência real do personagem biografado possa se fazer presente, das provas ou motivos que levaram o biógrafo a optar por um ou outro sentido. Por esse caminho, a leitura biográfica orienta-se para o interstício que une o biografado e o biógrafo, para a história de uma relação.

O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável — mas somente demonstrável — pode ser dito de vários modos; quer o definamos, com Lacan, como o *impossível*, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). Ora, é precisamente a essa impossibilidade topológica que a literatura não quer, nunca quer render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura.[...]. Eu dizia há pouco, a respeito do saber, que a literatura é categoricamente realista, na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo; e direi agora, sem me contradizer, porque emprego a palavra em sua acepção familiar, que ela é também obstinadamente: irrealista; ela acredita sensato o desejo do impossível.⁵⁵

Na verdade, essa forma particular de retomar a história que é a biografia — assim como, também, a autobiografia — representa, provavelmente, o paradigma do memorialismo; à medida que se trata de uma reconstituição do passado próprio e alheio, “Eu me lembro do

⁵⁵ BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leila Perrone-Moises. 6. ed. São Paulo Cultrix 1992. p.23.

que não vi *porque me contaram*”⁵⁶, nesse sentido, um memorialista é um leitor de si mesmo, quer dizer, do Outro; ou como diz Paul RICOEUR em relação aos paradoxos da história, “Como a vida, exprimindo-se, pode objetivar-se? Como, em se objetivando, carrega as significações susceptíveis de serem retomadas e compreendidas por um outro histórico que sobrepuja, por sua vez, sua própria situação histórica?”⁵⁷.

Como assinalamos, o aspecto referencial da biografia — sua ligação com a história — nos obriga a circular pelas diferentes concepções de história e a idéia de real atrelada a ela,

A ilusão da verdade total leva tanto às fotobiografias⁵⁸ quanto ao deslizamento para além da fronteira do documental, em direção ao romanesco e ao ficcional. Da ânsia de proximidade, [...] decorrem também novas experimentações de escrita biográfica⁵⁹, todas elas, de algum modo, marcadas pela presença inexoravelmente ausente daquele que se apresenta como merecedor de um olhar de admiração.

Quando não é mais possível compartilhar a vida do gênio, instala-se para as gerações seguintes uma espécie de dívida que é preciso saldar através da reconstituição biográfica. Assim, através do empreendimento da escrita biográfica, cria-se um vulto, nos dois sentidos da palavra: uma imagem, que não cessa de se expandir pelo esforço dos que querem torná-la visível aos olhos públicos, e uma alteridade fantasmática, capaz de influir na criação de uma nova identidade — a de quem escreve porque não pode viver o que o outro viveu. A literatura da paternidade ou biografia do pai ilustre, que tem como resultado decorrente consagrar o filho escritor, forja a pré-história dessa relação de dependência e afirmação, de disputas de heranças, enfim, em cujo centro encontra-se a biografia.⁶⁰

Porém, se nos detemos um instante sobre a idéia de *história de vida*, veremos o que ela pode esconder. Encontramos que, para Pierre BOURDIEU, trata-se de uma “[...] dessas

⁵⁶ BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.19.

⁵⁷ RICOEUR apud MADELÉNAT, op. cit., p.79.

⁵⁸ Lembremos, nesse sentido, a biografia ilustrada, contendo legendas e citações do próprio S. Freud, FREUD, Ernest, FREUD, Lucie e GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. (Ed.). *Sigmund Freud: His Life in Pictures and Words*. Londres: Norton & Company, 1998.

⁵⁹ Um excelente exemplo dessas experimentações — em relação à vida de Sigmund Freud — é o roteiro cinematográfico redigido por Jean-Paul SARTRE, aparecido na França em abril de 1984, prefaciado por Jean-Bertrand PONTALIS. SARTRE, Jean Paul. *Freud, além da alma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

⁶⁰ WERNECK, op. cit., p.44-45.

noções do senso comum que entraram como que de contrabando no universo científico;⁶¹. Isto, porque P. Bourdieu supõe que, “Falar de história de vida é pelo menos pressupor — e isto não é pouco — que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.”⁶². Este alerta é interessante já que, de alguma maneira, denuncia uma forma que podemos assimilar a uma forma de apreensão da história, no sentido de um conjunto de acontecimentos ordenados conforme uma lógica e de onde deriva um tipo específico de relato. Nestas narrativas, pressupõe-se que a vida constitui um todo ordenável por uma intenção onde a cronologia poderia assinalar, também, uma ordem lógica. Como sabemos, isto é um artifício narrativo. Percebe-se nesses casos, uma tendência para organizar os acontecimentos em “[...] seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis.”⁶³. Supomos que estas relações devem ser explícitas e claras sob o risco do biógrafo torna-se um ideólogo em função de uma intenção final. Esse, talvez, seja um dos motivos principais pelo qual o pesquisador deva estar atento não somente à sucessão cronológica mas também à análise crítica dos processos sociais onde essa cronologia pode ou pretende se inserir. A analogia apresentada por P. Bourdieu ilustra este aspecto, “[...] é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social.”⁶⁴. Isto aponta à necessidade de entrelaçar os acontecimentos singulares do biografado, com os estados sucessivos da superfície social sobre a qual essa história singular se desdobra; quer dizer, os diferentes campos sociais de que participa o biografado. Assim, podemos supor

⁶¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: de MOREIRA FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaina (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183.

⁶² *Ibid.*, p.183.

⁶³ *Ibid.*, p.184.

a abordagem de uma história de vida, sem os contornos necessários que lhe brinda a passagem pela palavra escrita ou falada⁶⁵? Nesse sentido, a existência parece coextensiva à palavra; haveria, “[...] um quiasma entre a história e a ficção: a interpretação de si encontra na narrativa uma mediação privilegiada. Esse entrecruzamento, seguramente ‘pós-moderno’, da historiografia e do romanesco é o espaço mesmo do biográfico.”⁶⁶ Ou de outra forma, é a tentativa de extrapolar o registro do real ao simbólico que a linguagem possibilita.

Se compararmos as diferentes formas escritas com as narrativas orais de uma vida, encontraremos mais claramente que a ordenação escrita é artificial, quer dizer, da ordem do artifício. Não avançaremos na determinação do relato oral — dada sua complexidade, acreditamos que nos distanciaremos do nosso percurso —, somente diremos que dificilmente a narrativa oral mantém a cronologia e o ordenamento do escrito. Inclusive, quando algo disto é alcançado, nota-se o esforço — artifício — em poder manter uma linearidade cronológica. Assim, “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.”⁶⁷ É o caso de nosso corpus: encontramos nas três biografias a mesma tentativa de criar um *continuum* na vida de S. Freud. Desta forma, as referências históricas da infância ou juventude apontam ao S. Freud criador da psicanálise, reproduzindo, assim, a forma do romance onde cada elemento, mesmo quando

⁶⁴ Ibid., p.192.

⁶⁵ Em relação à fala, pensamos na construção discursiva de uma psicanálise, por exemplo.

⁶⁶ REGARD, op. cit., p.18.

⁶⁷ BOURDIEU, op. cit., p.185.

aparentemente gratuito, responde a um fim narrativo, como diz J. L. Borges, “Todo episódio, en un cuidadoso relato, es de proyección ulterior.”^{68 69}

Podemos pensar que o surgimento de um novo romance onde o relato linear é subvertido ou abandonado, contribui para ressaltar a falsa naturalidade da narrativa biográfica orientada pela cronologia. Neste caso, a exploração duma nova temporalidade romanesca — pensamos principalmente nas experiências do começo do século XX — denuncia a artificialidade do entendido, até esse momento, como ordenamento natural. Lembremos que não se trata de uma crítica de valor, senão da procura da forma narrativa que determina um tipo específico de representação. Por esse viés, podemos dizer que a literatura sempre procurou — no nosso entender, trata-se de sua eterna e frutífera luta — apreender o real. Nesse esforço, cada período histórico organiza, ou reorganiza, um tipo de narrativa que tenta aproximar-se desse real próprio de cada tempo. Este que nos toca viver, talvez ainda leve as marcas das descobertas físicas e matemáticas que contribuíram para entendermos a descontinuidade e fragmentação do real. Assim, o reinado do determinismo abdica de sua hegemonia, para partilhar seu domínio com o *acaso*; tempos em que convivemos com paradoxos como a *teoria do caos*, oxímoro que talvez denote, em alguma medida, o espírito de nosso tempo. Lembramos este espaço, para alguns pós-moderno, porque nele fermenta uma narrativa que — por contraste — mostra que a cronologia e o sentido correspondem a apreensões ideológicas.

Assim, questionar o que é uma vida, não significa supor um olhar assimilável àquele de um Deus onipresente a “[...] uma mimese total, um gigantesco holograma.”⁷⁰. Significa

⁶⁸ BORGES, Jorge Luis. El arte narrativo y la magia. In: *Discusión — Obras Completas 1923-1972*. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1989. p.231.

colocar questões no sentido de fazer avançar os limites de um tipo de investigação histórica que parece, em princípio, sem solução: alinhar dimensões históricas, literárias e psicológicas. Por isso, parece importante definir o caráter quase virtual de um objeto inapreensível e, ao mesmo tempo, construído no artifício narrativo. Trata-se de um referente que, ao modo de um fantasma, se burla de qualquer aproximação provocando infinitas tentativas possíveis.

De alguma maneira, ao colocarmos as coisas desse modo, estamos pensando nas formas de apreender o real de uma existência, priorizando os meios da palavra, quer dizer, a dimensão simbólica. A essa massa de imagens, sensações e palavras ouvidas, ditas e sentidas, a narrativa biográfica oferece um molde simbólico onde tentar, no mesmo movimento, representar e formalizar uma vida, “É a narrativa da vida, seu enredo, sua narrativização, que fazem surgir a vida. Nesse sentido, nunca existe uma biografia literária ‘realista’ mas somente vidas artificiais, vidas ‘mentidas’, diria Wilde⁷¹, vidas que não têm outra existência e outra realidade que a forma que lhes confere a arte biográfica. Sim, a vida é literatura.”⁷². Na verdade, trata-se de uma construção retórica — como tantas outras — que, mesmo sabendo da impossibilidade de apreender diretamente o real, tenta construir, através de substituições discursivas uma vida de palavras em lugar de um real que escapa, por sua lógica, ao significante.

⁶⁹ Da mesma forma que nos chistes ou piadas: questão que faz pensar numa economia comum.

⁷⁰ MADELÉNAT, op. cit., p.119.

⁷¹ Em referência a sua afirmação, “Life imitates art far more than Art imitates life.” (WILDE, 1986, p.74).

⁷² REGARD, op. cit., p.19.

Encerrando este capítulo, apresentamos uma tipologia básica do gênero. Giovanni LEVI propõe uma tipologia biográfica que, embora parcial, contribui para vislumbrar a complexidade das abordagens, pensando nos possíveis usos da biografia:

Prosopografia: Talvez a mais distante da biografia individual. Nesta abordagem se tenta “[...] ilustrar os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais frequentes.”⁷³. Remete, portanto, ao que é comum e mensurável, quer dizer, quando tem alcance geral.

Biografia e contexto: Mesmo mantendo a especificidade, a ênfase recai sobre o meio onde se insere o objeto da biografia, predominando a ambiência; estes elementos, “[...] são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.”⁷⁴. Comporta duas vertentes ou tendências. Por um lado, encontramos a reconstrução histórica, que permite entrever o ambiente histórico e social onde se desenrolam os acontecimentos, como explicação do comportamento do biografado, isto, “[...] tende a normalizar comportamentos que perdem seu caráter de destino individual na medida em que são típicos de um meio social [...]”⁷⁵. Neste sentido, o contexto torna plausíveis as condutas, amparando-as na norma. Por outro lado — e, às vezes, ao mesmo tempo —, encontramos o contexto enquanto meio que possibilita preencher as lacunas referenciais diretas. Neste caso, o ambiente é reconstruído através do conhecido, como por exemplo: outras biografias ou a história dos movimentos; quer dizer, com tudo aquilo que o biografado entrou em contato durante sua vida. O desafio, neste tipo de abordagem, onde o contexto joga um papel fundamental, reside na necessária dialética entre a singularidade e o

⁷³ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: de MOREIRA FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaina (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.174.

⁷⁴ *Ibid.*, p.175.

⁷⁵ *Ibid.*, p.175.

contexto; ou seja, na modificação constante tanto de um como de outro; “[...] o contexto é freqüentemente apresentado como algo rígido, coerente, e que ele serve de pano de fundo imóvel para explicar a biografia. As trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam.”⁷⁶

Biografia e os casos extremos: A biografia de casos extremos — lembremos o *Pierre Riviere*⁷⁷ — auxilia especificamente a análise do contexto, à medida que contribui a esclarecer as margens do campo social, e desta forma, delimitar o ambiente. Trata-se da ênfase qualitativa do estudo de caso, como complemento das abordagens que privilegiam a quantificação.

Biografia e hermenêutica: Trata-se de um forma de abordagem antropológica que visa — exclusivamente através do diálogo com o biografado ou dos chamados arquivos orais —, interpretar e construir as circunstâncias de vida; neste sentido, o diálogo encontra-se na base do processo cognitivo.

Sabemos que esta breve classificação não esgota as possibilidades e práticas biográficas — lembremos, por exemplo, a *psicobiografia* —; mas, parece mapear, com alguma precisão, as principais formas biográficas. Ou seja, as diferentes formas de abordar uma história de vida através da letra.

⁷⁶ Ibid., p.176.

⁷⁷ Cf. FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

Capítulo 3 / Da história da biografia às histórias de Freud

No capítulo anterior, tencionamos destacar alguns dos problemas do gênero assim como sua relação com a história e a ficção. Propomos, agora, fazer um breve parêntese para apresentar um resumo da história do gênero. Nosso intuito é o de identificar, não somente as diferentes tendências no interior do gênero mas também o lugar que as biografias de nosso corpus ocupam nessa trajetória.

Essa narrativa milenar modificou-se de tal maneira que, atualmente é difícil reunir sob um mesmo corpo biografias antigas e modernas. Pensamos que se faz necessário uma aproximação à história da biografia, supondo que através dela poderemos encontrar os antecedentes dos tipos atuais, como também os momentos onde o gênero introduz formas e recursos narrativos e de pesquisa histórica presentes na atualidade; desse modo poderemos orientar-nos na possível localização das biografias visadas neste trabalho, no sentido de inseri-las numa história em andamento.

Lembremos que na herança histórica do gênero biográfico não encontramos o mesmo prestígio do poema, do romance ou da dramaturgia, como diz C. E. Ortega, mesmo atualmente e dentro do gênero, “[...] devemos saber que coexistem ramos bastardos do gênero que respondem sempre a finalidades estranhas na sua essência e que devem filiar-se

forçosamente a outros rótulos; [...]”¹. Assim, por exemplo, encontramos num verbete assinado por um dos mais destacados estudiosos contemporâneos da biografia, Daniel MADELÉNAT², quem define, não sem sarcasmo, “Biografia: Gênero menor, utilitário e sem prestígio, a biografia goza há dois mil anos, em Ocidente, de um sucesso sempre renovado que testemunha uma singular aptidão para sobreviver num meio cultural hostil.”³, para logo acrescentar,

Essa massa de ‘vidas’ sedimentadas ao longo dos séculos não forma um conjunto homogêneo: ela engloba, ao contrário, tipos e modelos diversos que evoluem por fases de estabilidade seguidas de mudanças, pois a biografia não é o registro passivo de uma realidade empírica clara e distinta: ela constrói um objeto em resolução tanto de problemas epistemológicos quanto literários.⁴.

Se o gênero é milenar, o significante que o representa, assim como àquele que o executa, surgiu entre os séculos XVII e XVIII, aparentemente a partir do vocábulo grego βιογραφία; biografia e biógrafo “[...] foram registrados nos dicionários no decorrer do século XVIII, e seus derivados, mais raros⁵, se formaram no século XIX.”⁶.

A palavra biografia surge no século XVIII, mais precisamente no ano 1721⁷, “Mas a segurança técnica do vocábulo moderno e a regularidade da produção englobam disparidades consideráveis.”⁸; tanto no sentido quantitativo — desde pequenas notícias resumidas em dicionários até as grandes biografias —; qualitativos — da rápida vulgarização folhetinesca à

¹ ORTEGA, Cesar Exequiel. *Historia de la biografía*. Buenos Aires: El ateneo, 1945. p.393.

² Professor de Literatura Geral e Comparada na Universidade de Clermont II e autor de um texto já clássico sobre a biografia, citado neste trabalho.

³ MADELÉNAT, Daniel. p.649.

⁴ Ibid., p.640.

⁵ Biografar (1834), biográfico (1835), biograficamente (1876), cf. MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984. p.14.

⁶ MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984. p.14.

⁷ Segundo o dicionário *Le Petit Robert*. version électronique, 1996.: biographie [bjCgYafi] n. f. • 1721; de bio- et -graphie

narrativa de citação erudita de fontes e de pesquisa —; quanto temáticas — da exposição pictural à análise de uma interioridade, “A narrativa biográfica freqüentemente acolhe elementos que a sobrecarregam, transformando-a e subvertendo-a: quadro histórico de uma época, ensaio mais ou menos digressivo, crítica literária, pautografias, autobiografias [...]”⁹.

Dizíamos, acima, da antigüidade do gênero. Dos três períodos assinalados por D. MADELÉNAT, “[...] dominados cada um por um grupo de modelos que impuseram uma visão do homem, estipulando o significativo e o insignificante, o dizível e o indizível.”¹⁰, o primeiro é o mais extenso; abarca seus primeiros quinze séculos de vida,

Tipo de epígrafe funerária e de elogio fúnebre, a biografia ‘clássica’ — da antigüidade greco-latina ao século XVIII — se define pelas normas estáveis: dimensão restrita, separação dos eventos ou atos do caráter ou ‘virtudes’ (ancestral da famosa dicotomia ‘homem e obra’), afirmação de uma finalidade política, moral ou religiosa que comporta estilização e tipificação da personalidade.¹¹

Trata-se de um período que compreende desde a *Vida dos homens ilustres*, de Plutarco (75-150) até *Elogios dos Acadêmicos*, de Fontenelle (1657-1757), quando a produção biográfica visa somente saciar a curiosidade do público, “[...] por figuras heróicas, representativas, exemplares, assim como seus desejos de identificação a homens superiores.”¹²; neste período devemos incluir a proliferação hagiográfica¹³ do medievo. Já no período seguinte, ‘romântico’ — que se estende do final do século XVIII ao começo do XX — encontramos a “[...] recusa as limitações clássicas, em nome de uma só exigência: a

⁸ MADELÉNAT, Daniel, p.640. (Artigo da Enciclopédia).

⁹ Ibid., p.640.

¹⁰ Ibid., p.640.

¹¹ Ibid., p.640.

¹² Ibid., p.640.

¹³ Ao respeito lembremos, segundo *Le Petit Robert*, version électronique, 1996, que o prefixo ‘hagio’ remete ao sagrado, hagiographe [aFjCgYaf] adj. et n. • 1455; bas lat. *hagiographa*, du gr. *hagios* « sacré » et *graphein* « écrire »

representação verdadeira de um personagem, com frequência, em conflito com os pudores individuais, as convenções sociais e costumes literários.”¹⁴.

Deste momento são representativos os trabalhos de, na Inglaterra, Samuel JOHNSON, *Vidas de poetas ingleses (1779-1781)* e James BOSWELL, *A vida de Johnson*, “Hoje, a imponente obra publicada em 1791, sete anos depois da morte de Johnson, é um monumento do campo literário, uma referência maior da literatura inglesa.”¹⁵. O texto de J. Boswell é reconhecido como o maior antecedente da biografia moderna, “A heterogeneidade genérica do texto é sua primeira marca. O texto se lê como um conjunto de chamadas de jornal, de cartas, de notas de conversas, de narrativas, de comentários do autor, e mesmo, de debates parlamentares. Muitos modos de representação são, desta forma, justapostos: a notação íntima sucede a citação de frases de Johnson ou a inserção de trechos de cartas.”¹⁶; é por isso que, “*The life of Johnson* de James Boswell foi reconhecida como uma obra-mestra desde seu aparecimento, e celebrada no século XIX por Macaulay e Thomas Carlyle. O primeiro, apesar de um julgamento severo sobre a pessoa do autor, reconhece a melhor biografia jamais publicada.”¹⁷. No entender de J. VIVIÈS, com J. Boswell, “[...] a biografia como modo de escritura torna-se um verdadeiro gênero literário que transforma seu autor num artista.”¹⁸.

Por outro lado, na França, “[...] pode-se ver como a partir de 1750, aparece o famoso dispositivo de ‘homem e obra’ que, sobretudo com Sainte-Beuve, impor-se-á como o

¹⁴ MADELÉNAT, op. cit., p.640.

¹⁵ VIVIÈS, Jean. Une vie à écrire: *The life of Johnson* (1791) de James Boswell. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 1999. p.63

¹⁶ Ibid., p.65.

¹⁷ Ibid., p.63.

¹⁸ Ibid., p.75.

princípio do método biográfico e da história literária.”¹⁹; Charles-Augustin SAINTE-BEUVE, em 1829, começa a série de *Retratos*, onde “[...] através do exercício da imaginação poética, da simpatia e da intuição, tenta captar a irreduzível singularidade do outro.”²⁰. Mas esta tendência, que provocou um grande aumento na produção biográfica, derivou — com o surgimento e consolidação do positivismo — num cientificismo cumulativo que diluiu a narrativa em inúmeros volumes — deste momento datam as ‘vida e obra’, ‘vida e letras’ — ou também na fragmentação justaposta dos enormes dicionários, como *Biografia Universal, antiga e moderna*, de Michaud que, “[...] começada em 1811, contará oitenta e cinco volumes em 1862.”²¹.

A biografia ‘moderna’, surge da crise dos valores humanistas do final do século XIX com sua “[...] reavaliação do inconsciente, e mesmo do biológico; questionamento do determinismo e da neutralidade do observador; interrogações sobre o status da representação literária. Mudanças e dúvidas transformam um gênero desfigurado na rotina dos fatos e das datas”. Isto contribui para uma “[...] ruptura, freqüentemente brutal, que estabelece novas normas de objetividade sob o signo da ciência da intuição (enquanto forma de conhecimento), da complexidade psicológica (como resultado da investigação) de uma arte composta, influenciada pelo romance e pelo poema.”²². A renovação do gênero reflete novas condições e exigências culturais da época que nascia, embora em diferente medida, em toda Europa²³.

¹⁹ BONNET, Jean-Claude. Le fantasme de l' écrivain. In: *Poétique. Le biographique*. Paris: Éditions du Seuil. n.º. 63, sep. 1985, p.262.

²⁰ MADELÉNAT, op. cit., p.640.

²¹ Ibid., p.640.

²² Ibid., p.640.

²³ Assim, na Alemanha encontramos entre os novos autores: Friedrich GUNDOLF (*Goethe*, 1916; *George*, 1920; *Kleist*, 1922). Emile LUDWING — no dizer de D. MADELÉNAT, “[...] o Strachey alemão,” (1984, p.67) — (*Bismarck*, 1912; *Richard Dehmel*, 1913; *Wagner*, 1913; *Goethe*, 1920; *O destino de Rembrandt*, 1923; *Napoleão*, 1924; *Guilherme II*, 1926; *Michelangelo*, 1930), Stefan ZWEIG (*Chateaubriand*, 1925; *Marceline Desbordes-Valmore*, 1927; *Joseph Fouché*, 1929; *Maria Antonieta*, 1932). Na França, André MAUROIS encarna a renovação biográfica a partir de *Ariel ou a vida de Shelley*, (1923); *A vida de Disraéli*

Todavia, ao mesmo tempo, o conjunto desses trabalhos abre um novo espectro onde se inserem, além da renovação narrativa biográfica, “[...] a vulgarização romanceada, os trabalhos de erudição universitária, as pesquisas ‘desmitologizantes’, as sistematizações interpretativas, as psicobiografias mais ou menos médicas, as etnobiografias nascidas do contato metódico entre um etnólogo e um ‘informante’[...]”²⁴; quer dizer, um conjunto heterogêneo de narrativas onde as fronteiras parecem pouco custodiadas. Talvez a falta da referência canônica contribua para encontrarmos definições do gênero como a que o próprio D. MADELÉNAT oferece.

Nota-se, também, uma oscilação entre o conhecimento intuitivo e racional do eu e os pudores psicológicos, por isso encontramos, “[...] formas mitigadas, transações entre as exigências de um ideal, e as repressões que entravam sua realização, entre o desejável e o possível.”²⁵. Mesmo assim, este período constrói as bases sobre as quais desenvolver-se-ia posteriormente, a biografia moderna. O início do desenvolvimento da biografia na Inglaterra, assim como a instauração de uma tradição ao redor do gênero, datam, como afirmamos, do século XVIII²⁶. A tradição *boswelliana* viu-se interrompida em meados do século XIX com a dominância política e cultural vitoriana; época em que o ideal de respeitabilidade social e de dignidade pessoal desestimulavam o esforços biográficos no sentido de que, às vezes, as

(1927), Byron (1930), Chateaubriand (1938), *Olympe ou a vida de Victor Hugo*, (1954) e *Prometeo ou a vida de Balzac*, (1965).

²⁴ MADELÉNAT, op. cit., p.640.

²⁵ MADELÉNAT, *La biographie*, p.52.

²⁶ Como dissemos, sobretudo a partir dos trabalhos de Samuel JOHNSON (1709-1784) e de James BOSWELL (1740-1795). A “fórmula bowelliana” resume o novo espírito indutivo. Em carta a William Temple, comentando sua *Life of Johnson* (1791) afirma, “Estou absolutamente certo de que o método biográfico tal como eu o entendo — dar não somente uma *história* do percurso *visível* da vida de Johnson no mundo, mais uma *visão* de seu espírito, nas suas cartas e conversas — é a mais perfeita que podemos conceber, e será *mais* uma *Vida* do que nenhuma obra já aparecida.” (BOSWELL apud MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984. p.56.

narrativas resultantes não coincidiam com os imperativos morais do momento; nestas circunstâncias proliferam “[...] as ‘vidas autorizadas’, obras de amigos ou de viúvas, cuidadosamente expurgadas, sem elipses nem humor, frias por sua religiosa reverência: ‘pseudo-biografias’ ou ‘neo-hagiografias’, regressão relativa ao panegírico;[...]”²⁷. Na França, embora menos condicionada pelas circunstâncias sociais, a biografia pendia para uma função fundamentalmente educativa; sendo os trabalhos de Charles-Agustin SAINTE-BEUVE, o modelo desse momento.

Como sabemos, o espírito europeu na virada do século XX pouco coincidia com as formas dominantes nas narrativas biográficas: a complexidade do homem que se vislumbrava parecia não ter lugar nos modelos narrativos vigentes. A crise das formas de representação de uma vida, o abandono da mimese e a renovação dos limites epistêmicos contribuíram para que as formas biográficas vitorianas fossem renovadas, delineando “[...] uma ruptura freqüentemente brutal, e o estabelecimento de novas normas de objetividade, sob o sinal da ciência e da intuição (como meio de conhecimento), da complexidade psicológica (como resultado da investigação), de uma arte composta, influenciada pelo romance e o poema (como *mise-en-oeuvre* e escritura).”²⁸; trata-se de uma nova e complexa imagem do homem que demandava uma aproximação narrativa a ser descoberta entre o pólo científico e artístico.

Assim, após o período vitoriano ocorre, principalmente na Inglaterra, uma renovação da tradição biográfica a partir dos trabalhos de Lytton STRACHEY e, a seguir, de Virginia WOOLF, naquilo que foi chamado de *New Biography*. A renovação anglo-saxã de um gênero que esse país nunca deixou de cultivar é o imediato antecedente da biografia moderna.

²⁷ MADELÉNAT, op. cit., p.60.

²⁸ Ibid., p.63.

Acreditamos que nos determos, com alguma precisão neste momento histórico do devir biográfico nos ajudará a entender o terreno sobre o qual proliferou a narrativa atual, “A história da biografia é portanto a de uma oposição dialética entre as *formas* estabelecidas, os conformismos psicológicos, e as *forças* de virtual transgressão.”²⁹

Dizíamos que com J. Boswell e sua *Life of Johnson* inaugurava-se uma nova dimensão biográfica, sobretudo através do uso de novos recursos formais. A seguir, o período da biografia vitoriana interrompeu a continuidade formal entre a fórmula de J. Boswell e a *New Biography*. Mas, o intervalo vitoriano, no nosso modo de ver, contribuiu em grande medida, não somente através de seu caráter negativo — no sentido de que a biografia moderna teria uma forma narrativa à qual se opor —, mas também no sentido — embora talvez periférico — positivo: data desta época o desenvolvimento do gosto popular pela leitura biográfica.

O esforço biográfico esteve orientado no sentido de se desvencilhar de uma tradição narrativa consolidada, onde o modelo representava — em relação ao referente —, uma cronologia ordenada de “[...] uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.”³⁰ Historicamente, o romance parece ter contribuído — ou melhor, antecipado — novas formas de retratar uma forma de subjetividade que pudesse conjugar e condensar conteúdos contraditórios da personagem, “Tal fragmentação se traduz pela constante variação dos tempos, pelo recurso a incessantes retornos e pelo caráter contraditório, paradoxal, dos pensamentos e da linguagem dos protagonistas.”³¹ *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, representa, para Giovanni LEVI, o primeiro romance moderno

²⁹ *Ibid.*, p.33.

³⁰ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: de MOREIRA FERREIRA, Marieta e AMADO, Janáina (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.169.

³¹ *Ibid.*, p.170.

ao destacar estes aspectos, “[...] precisamente por ressaltar a extrema fragmentação de uma biografia individual.”³². Assim, no romance do século XVIII, encontramos uma antecipação de recursos narrativos que se incorporariam, posteriormente, às biografias. Por isso, dizemos que a experimentação romanesca antecipa a posterior narrativa biográfica. O diálogo entre a personagem, o autor e o leitor — traço característico de *Tristram Shandy* — apresenta-se como o recurso que inaugura uma forma narrativa onde os opostos podem se associar. Mas, embora tenha contribuído em grande medida, ainda não seria o tempo do aparecimento da biografia moderna, já que a biografia moral, como vimos, sempre presente desde antigüidade, retoma sua força amparada no positivismo e funcionalismo. Mesmo assim, “[...] a crise ressurgiu no século XX, ligada ao advento de novos paradigmas em todos os campos científicos: crise da concepção mecanicista na física, surgimento da psicanálise, novas tendências na literatura (basta citar os nomes de Proust, Joyce e Musil).”³³. Doravante, os problemas biográficos deslocam-se da seleção dos fatos significativos de uma vida, para a provável construção da complexidade de uma personalidade, onde as contradições parecem assinalar uma dialética desvinculada do caráter progressivo.

Lembremos que o período vitoriano não coincide com a vida da rainha Vitoria, nem sequer com seu reinado — de 1837 a 1901 —; ele se estende, para alguns críticos, além da primeira guerra mundial; pareceria ter “[...] sido preciso o horror e o pânico para liquidar os velhos demônios do século XIX, [...]”^{34 35}. Talvez possamos datar com o aparecimento de *Queen Victoria* (1921), a biografia de Lytton STRACHEY, o final literário deste período,

³² Ibid., p.170.

³³ Ibid., p.173.

³⁴ Em referência à Primeira Guerra Mundial.

³⁵ REVIRON, Floriane. Orlando de Virginia Woolf (1928): une reponse à Eminent Victorians? In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.124.

“Como se, fazendo reviver à rainha, a biografia de Strachey a tivesse sepultado definitivamente. Epitáfio último depois das parodias inumeráveis de ‘Vidas’ que lhe foram consagradas.”³⁶. Veremos mais adiante como esta questão parece estar presente, em relação a S. Freud, quando do aparecimento do trabalho de Ernest JONES no sentido de encerrar e inaugurar um período. Mas, já com *Eminent Victorians* (1918), de Lytton STRACHEY, havia nascido um novo período na narrativa biográfica que retoma a tradição boswelliana. No título — *Eminent* — deste trabalho precursor de um período, vislumbra-se o recurso à ironia; não somente com respeito a uma época mas também aparece a distância em relação à reverência e moral vitorianas: os ‘eminentes’ de L. Strachey pouco têm de eminentes. Outro nível de inovação diz respeito à escolha do objeto. Até esse momento, a escolha biográfica parecia estar determinada pelos laços de empatia e até de amor, uma vez que o gênero estava profundamente determinado pela vontade de destacar os valores positivos do biografado. Assim, de alguma forma, graças a L. Strachey aparece uma nova forma de relação entre o biógrafo e seu objeto; mas, para Floriane REVIRON “O caráter inovador de *Eminent Victorians* reside [...] no fato de Strachey ter sido o primeiro a afirmar que o biógrafo tinha o direito de exprimir seu ponto de vista. E estabelecido claramente o laço entre a vida do biógrafo e seu objeto: ‘it is perhaps as difficult to write a good life as to live one’”³⁷.

Referindo-nos à *New Biography*, lembrávamos da presença de Virginia WOOLF³⁸. Na realidade, parece haver um contínuismo entre a obra biográfica de L. Strachey e a de V. Woolf; não somente por esta ter publicado sua primeira obra depois da última de L.

³⁶ Ibid., p.123.

³⁷ Ibid., p.130.

³⁸ Na verdade, Virginia STEPHEN. O nome Woolf é de seu marido, Leonard WOOLF. Não deixa de ser interessante o fato de que seu pai, Lesley STEPHEN, tenha sido o editor do *Dictionary of National Biography*.

Strachey³⁹, mas pelo fato de V. Woolf ter continuado e aprofundado o trabalho deste último, no sentido de ter tentado uma resposta aos problemas levantados pela nova biografia; sobretudo a relação ficção-biografia, “[...] ela vai mais longe que Strachey, na medida em que através dessa ‘mock-biography’ ela recria a História.”⁴⁰; também pelo fato de V. Woolf ter exercitado a narrativa biográfica e, ao mesmo tempo, sua teorização⁴¹. A ironia e a irreverência — às vezes humorística — inaugurada por L. Strachey, encontram talvez, na pena feminina de V. Woolf seu ponto mais alto em *Flush: A biography* (1933). Esta obra pode ser interpretada como uma metáfora dos limites e dificuldades do biógrafo; *Flush* é uma biografia pouco comum, já que se trata de um objeto pouco tradicional: um cachorro. Através de sua história encontramos, em filigrana, aquela de sua dona, Elizabeth Barret, “[...] essa mulher que em seu tempo, escapa às convenções indo viver no estrangeiro com Robert Browning. Esse texto constitui, uma forma de homenagem à mulher rebelde e sua coragem, assim como à poeta.”⁴².

Nesta tradição, inscreve-se a primeira biografia de Freud. Na esteira e no ambiente da *New Biography*, E. Jones lutará para construir seu Freud. Porém, veremos, mais adiante, como um certo vitorianismo tardio se infiltra numa narrativa onde muitas vezes domina o sentido hagiográfico.

³⁹ As obras de Lytton Strachey foram publicadas em 1918 — *Eminent Victorians* —, 1921 — *Queen Victoria* — e 1928 — *Elizabeth and Essex* — a seguir Virginia Woolf publicou em 1928 — *Orlando* —, 1933 — *Flush* — e 1940 — *Roger Fry*.

⁴⁰ REVIRON, op. cit., p. 134.

⁴¹ Principalmente em *The New Biography* (1927) e *The Art of Biography* (1942), “o primeiro define a vida verdadeira como ‘inner life’, o outro insiste sobre a necessidade dos fatos: entre eles, sublinha a tensão da biografia entre ‘the known facts’ e a ficção, entre memória e fabulação.”, em REYNIER, Christine. *Flush* (1933) et *Roger Fry* (1940): la biographie woolfienne ou le désir de ‘still life’. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 1999. p.142.

Dez anos antes da publicação deste primeiro trabalho de E. Jones e, provavelmente, tendo no horizonte a renovação inglesa, C. E. Ortega, em seu estudo de 1945, afirma, “[...] a genuína biografia atual se nutre de todas as armas para alcançar eficiência; está de acordo à época inquietantemente analítica, atormentada e céptica, ansiosa de verdade, que desconfia dos heróis de pedra e quer humanizá-los, complexos nas suas elucubrações, na luta, em seus princípios e em sua ação.”⁴³, uma complexidade narrativa onde, em diferentes graus, e a partir de diferentes níveis de compromisso, se instalariam os biógrafos de S. Freud.

Os ensaios biográficos sobre S. Freud são abundantes, “A bibliografia sobre Freud é imensa, em rápido crescimento, quase incontrolável. Parte dessa avalanche é esclarecedora, com muitas coisas úteis e um número ainda maior de coisas instigantes; uma proporção assombrosa é pejorativa ou francamente absurda.”⁴⁴. Além de Jesus Cristo e Napoleão Bonaparte, S. Freud é uma das figuras mais visadas do ocidente⁴⁵. Testemunho disto é a produção sobre sua vida e as inúmeras referências a sua obra. A quantidade de referências à vida de S. Freud é quase incalculável, nem sequer os próprios biógrafos têm a possibilidade de referir-se à totalidade dos trabalhos publicados que abordaram diferentes aspectos dessa vida. Todavia, em se tratando de biografias completas, os trabalhos são limitados. Estamos cientes de que o limite entre o que chamamos — neste trabalho — de *ensaio biográfico* de *biografia* propriamente dita não é definitivo. Não encontramos na bibliografia sobre o tema a análise desta diferença que, entretanto, aparece quando abordada a narrativa. Sabemos que o polimorfismo da biografia resiste a uma definição consensual. Contudo, determinando seus

⁴² REYNIER, Christine. *Flush* (1933) et *Roger Fly* (1940): la biographie woolfienne ou le désir de ‘still life’. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 1999. p.143.

⁴³ ORTEGA, Cesar Exequiel. *Historia de la biografia*. Buenos Aires: El ateneo, 1945. p.145.

⁴⁴ GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989. p.655.

⁴⁵ Cf. RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. vol.I. São Paulo: Escuta. 1995, p.26.

elementos constitutivos podemos propor uma definição que nos orienta neste trabalho: acreditamos tratar-se duma construção narrativa — consciente e literária — ao redor da provável personalidade duma individualidade; trata-se da representação — ancorada nos recursos de pesquisa histórica — de uma personagem inserida num contexto temporal e geográfico determinado. Por isso, nesta pesquisa, convencionamos chamar de biografia à abordagem da história de vida que contempla todo o percurso de vida do biografado e onde não se vislumbra, na intenção do biógrafo, o destaque de algum aspecto específico da mesma. Talvez possamos falar de diferentes níveis de compromisso, no sentido de que *o ensaio biográfico* restringir-se-ia a enfatizar algum aspecto do biografado ou algum período de tempo específico.

Do estudo de cada uma das biografias de S. Freud, assim como também dos ensaios biográficos, edificam-se representações diferentes, provavelmente incluídas, complementares, mas ao mesmo tempo conflitantes, às vezes, difíceis de assimilar. Com certeza, a representação de um nome na cultura não se cria somente a partir de suas biografias ~~mas~~, no caso de S. Freud, ocupam um lugar proeminente⁴⁶. Neste sentido,

A figura de referência, sem dúvida, é Ernest Jones. Na qualidade de biógrafo oficial, ele teve acesso a um acervo que, por tato ou censura, ficará fora do conhecimento público até o século XXI⁴⁷. Paul Roazen tem razão em dizer que: 'Jones encheu sua biografia de detalhes valiosos. Foi minucioso até o ponto de inibir aqueles que escreveriam depois dele'. Seu Freud, vida e obra tem algo de empresa faraônica; ele caiu na tentação de levantar um mausoléu para a veneração das gerações futuras. Poucas vezes houve uma biografia tão 'comprometida', com alma de epístola, expressão tão cabal da lenda e doutrina freudianas. Essa militância é seu ponto forte e seu ponto fraco. Os três tomos, publicados na década de 50, lançaram incrível luz

⁴⁶ Principalmente a representação que surge do primeiro trabalho biográfico completo *Vida e Obra de Sigmund Freud*, de Ernest Jones. Até o aparecimento desse texto em 1953 — primeiro volume —, pouco se sabia sobre o homem S. Freud.

⁴⁷ O autor refere-se ao material inédito. Os direitos autorais desse material são administrados por *The Sigmund Freud Archives, Inc.* de Nova York, fundada por Kurt R. Eissler e atualmente dirigida por Harold P. Blum. Os textos estão depositados na Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso Norte-americano. Ver, GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. p.696. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

sobre a ‘pessoa’ de Freud. Até lá ninguém, com exceção dos familiares e de algum paladino, estava informado da natureza íntima, humana, mais que humana, deste Conquistador que veio perturbar a ‘complacência’ do planeta.⁴⁸

O trabalho de Ernest JONES é inaugural⁴⁹. Foi a primeira biografia aprovada pelos herdeiros legais e carrega todos os méritos e defeitos destas circunstâncias. É também a primeira aproximação biográfica completa de S. Freud.

Os herdeiros legítimos do pai fundador imaginavam a história do movimento freudiano não sob a forma de uma hagiografia, mas sim de uma história oficial que privilegiava a idéia de que Freud havia conseguido, pela força de seu gênio solitário e à custa de um heroísmo intransigente, separar-se das falsas ciências de sua época para revelar ao mundo a existência do inconsciente. O problema dessa biografia é que foi escrita por um homem que se comportou ao mesmo tempo como cronista a serviço de um rei, como chefe de um movimento político e como adversário declarado da maioria dos heróis cuja saga ele devia contar.⁵⁰

Mesmo assim,

Jones pavimenta a ‘via régia’⁵¹ para a compreensão histórica de nosso herói. De fato, como disse Paulo Souza, ‘a imagem que temos de Freud é, essencialmente, aquela que Jones nos legou.’ E sem dúvida precisamos dele, embora não devamos dar-lhe muito crédito, pois, como afirma Philip Rief, a ortodoxia é apenas a heresia dominante. Foi o discípulo mais ortodoxo e, portanto, o menos veraz. ‘Esse mentiroso galês’, chamava-o Freud. Homem das mentiras certas e dos mitos verdadeiros.⁵²

E. Jones, na verdade, soube oscilar entre ser arrombador ou expositor da documentação sobre S. Freud,

⁴⁸ RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.26-27.

⁴⁹ Embora não tenha sido o primeiro, “As biografias mudam de tom segundo as épocas. A primeira foi de Wittels, escrita antes de 1923, ou seja, antes do câncer, quando ainda não existia a morte anunciada. [...] Logo vem *Trinta anos com Freud*, de Reik, uma ótica mais nostálgica que épica, escrita no final da vida do pai da psicanálise. [...] Ernest Jones dá o passo seguinte ao penetrar nas arcas dos segredos. Quebrado o lacre, o cofre cedeu parte de seu conteúdo. Após sua biografia, a Correspondência Freud-Fliess vem à luz do dia.”, em RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.28.

⁵⁰ ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha do cem anos. Vol I: 1885-1929*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. 1989. p.52-53.

⁵¹ Desta forma chama Sigmund Freud aos sonhos, no sentido de ser o caminho privilegiado de acesso ao inconsciente; em referência à ‘via regia’ romana.

Raramente se leva em conta a natureza transgressiva da biografia, mas ela é a única explicação possível para a popularidade de gênero. A incrível tolerância do leitor (que ele não estenderia a um romance mal escrito como a maior parte das biografias) só faz sentido se for entendida como uma espécie de cumplicidade entre ele e o biógrafo numa atividade excitante e proibida: atravessar o corredor na ponta dos pés, parar diante da porta do quarto e espiar pelo buraco da fechadura.

De vez em quando, há biografias que são lançadas e, estranhamente, desagradam ao público. Alguma coisa faz o leitor repelir o biógrafo, recusando-se a acompanhá-lo pelo corredor. Nesses casos, o que o leitor geralmente ouve no texto — e o alerta para o perigo — é o som da dúvida, o rumor de uma rachadura que se abre no muro da segurança do biógrafo.⁵³

Lembremos que grande parte dos familiares, amigos e contemporâneos de S. Freud encontravam-se vivos — década de '50 — no momento em que E. Jones fez público seu trabalho. Quer dizer que biografar, neste caso, significava invadir certo espaço de privacidade; situação nada confortável para um discípulo e dirigente — Presidente — da *International Psychoanalytic Association*. Nesse sentido, percebemos certa consideração à vulnerabilidade dessas pessoas e, ao mesmo tempo, até conveniência política. O autor implícito que se depreende do texto dista daquele disposto a “[...] , escutar seu corpo biográfico e passar o pente fino em busca de piolhos existenciais. Os escritores desse gênero são impiedosos e revelam com gosto intimidades picantes. O biógrafo nato é um sujeito cruel, ávido de anedotas. Podemos falar de uma ‘pulsão biográfica’”⁵⁴. Nota-se, na narrativa de E. Jones, a divisão entre duas forças: a representada pelo biógrafo e aquela do admirador e amigo comprometido com uma imagem idealizada a ser cultivada na narrativa,

A tarefa do biógrafo, como a do jornalista, é satisfazer a curiosidade dos leitores, e não demarcar os seus limites. Sua obrigação é sair a campo e, na volta, entregar tudo — os segredos malévolos que ardiem em silêncio nos arquivos, nas bibliotecas e na lembrança dos contemporâneos que passaram esse tempo todo esperando apenas que o biógrafo batesse em suas portas. Alguns desses segredos são difíceis de extrair e outros, ciosamente guardados pelos familiares, até impossíveis. Os familiares são os inimigos naturais dos biógrafos; são

⁵² RODRIGUÉ, op. cit., p.27.

⁵³ MALCOLM, Janet. *A mulher calada. Sylvia Plath e os limites da biografia*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p.16-17.

⁵⁴ de MIJOLLA apud RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.26.

como as tribos hostis que o explorador encontra e precisa submeter sem piedade a fim de se apossar de seu território. Se os familiares se comportam como nativos amigáveis, o que ocasionalmente ocorre — quando se propõem a cooperar com o biógrafo, chegando às vezes ao ponto de torná-lo ‘oficial’ ou ‘autorizado’—, ainda assim ele precisa fazer valer sua autoridade e pavonear-se à frente deles para demonstrar que é o poderoso homem branco e eles não passam de selvagens nus.⁵⁵

No nosso entender, no caso de E. Jones, a conjugação de sua história de vida e as condições de produção do texto representaram sua força e, ao mesmo tempo, sua debilidade.

Assim, temos a versão ‘jonesiana’ de S. Freud que, de alguma maneira, durante muito tempo, manteve o controle da imagem de Freud para a posteridade. De certa forma a figura de E. Jones é consenso, embora fiquem claros seus limites. No nosso entender, em termos cronológicos, segue-se à *Vida e obra de Sigmund Freud*, o trabalho de Peter GAY, *Freud, Uma história para o nosso tempo*. Isto, certamente, não quer dizer que no intervalo que separa os dois trabalhos — quase três décadas⁵⁶ — não hajam surgido numerosos trabalhos referentes à vida de S. Freud. Porém, não houve, no nosso entender, o que definimos antes como biografias completas, no sentido de alinhar todo o período de vida de S. Freud sem destaque para algum aspecto de vida em particular. Esta questão é fundamental porque delimita o campo de nossa pesquisa. Os estudos parciais — alguns muito profundos —, como dissemos, pensamos categorizá-los, neste trabalho, como *ensaios biográficos*, tentando diferenciá-los das biografias propriamente ditas, concebidas como a tentativa de uma abordagem integral e — em princípio — sem privilégio para algum aspecto específico da vida

⁵⁵ MALCOLM, op. cit., p.18.

⁵⁶ Esse tempo, aparentemente, constituir-se-ia no intervalo necessário para que pudesse surgir um novo olhar sobre o objeto, uma nova abordagem. A diferença do trabalho de P. Gay não reside somente na metodologia ou na sua formação de historiador mas, principalmente, nas possibilidades e limites do momento histórico a partir do qual ele investiga e escreve. Vemos que, em relação ao trabalho de E. Rodrigué, o intervalo foi menor: dezesseis anos separam estes dois últimos; e o que até ontem parecia mais um trabalho ‘definitivo’, torna-se a cada dia relegado à história, vislumbrando-se o aparecimento da próxima visada...

do biografado. Pensamos que o trabalho de Marthe ROBERT⁵⁷, assim como o de Max SCHUR⁵⁸, embora abordem a cronologia completa da vida de S. Freud, são trabalhos em que, a priori, privilegia-se algum aspecto de sua vida. No caso de M. Robert, trata-se, na verdade, de uma série de transcrições orais⁵⁹ alinhavadas de forma cronológica — sem continuidade —, onde cada aspecto de vida é abordado de forma isolada e sem o objetivo de uma narrativa biográfica integral. No texto de M. Schur, aparecem destacados os últimos anos de vida ao redor da doença — câncer —, situação que este autor acompanhou de perto, já que a partir de março de 1929 foi o médico pessoal de S. Freud. Max SCHUR distancia-se do aspecto globalizante da empresa biográfica, destacando o tema da morte sob vários aspectos: desde o tema do medo até a própria morte de S. Freud, período final que acompanhou como médico de cabeceira.

Na categoria dos ensaios biográficos, devemos incluir uma imensa produção — erigida em referência constante das posteriores biografias⁶⁰ — onde se incluem os estudos — a partir da década de 70 — da escola francesa, “[...] a ‘vida e obra’ cobra um enorme impulso nas mãos de Elisabeth Roudinesco, de Mijolla e René Major. Eles trouxeram erudito talento gaulês, pintando um Freud mais desejante, mais charcotiano — menos anglo-saxão.”⁶¹ Mais recentemente, os trabalhos de P. Roazen⁶² e F. J. Sulloway⁶³ deram uma nova orientação à pesquisa, como diz E. Rodrigué: “Críticos cruéis e obstinados, trazem o maniqueísmo dos

⁵⁷ Cf. ROBERT, Marthe. *A revolução psicanalítica*. Santos: Martins Fontes, s.d.

⁵⁸ Cf. SCHUR, Max. *Freud, vida e agonia*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

⁵⁹ Correspondentes a emissões radiofônicas difundidas pelo então canal nacional (France III) da radiotelevisão francesa, entre 01 de dezembro de 1962 e 30 de julho de 1963.

⁶⁰ Posteriores à de E. Jones, embora ele tenha utilizado ensaios biográficos dos Bernfeld, de quem podemos dizer tratar-se do primeiro biógrafo de S. Freud.

⁶¹ RODRIGUÉ, op. cit., p.31.

⁶² Cf. ROAZEN, Paul. *The Historiography of Psychoanalysis*. New York: Transaction Pub., 2000. E ROAZEN, Paul et alii. *La saga freudienne*. Paris: Puf, 1986.

⁶³ Cf. SULLOWAY, Frank J. *Freud, biologiste de l'esprit*. Paris: Fayard, 1998.

revisionistas [...]”⁶⁴. Atualmente, a partir de 1985 A *Association Internationale de l’Histoire de la Psychanalyse*, congrega e estimula grande parte da produção biográfica e histórica.

No final dos anos 80, o aparecimento do texto de P. Gay reaviva a representação — e a presença — de S. Freud na cultura⁶⁵. O título do trabalho sugere uma forma diferencial de visar o homem Sigmund Freud. Ao dizer que se trata de uma história para *nosso tempo*⁶⁶, conota a ‘atualização’ da narrativa biográfica de S. Freud, fazendo, no nosso modo de ver, uma referência implícita à biografia hegemônica até esse momento, quer dizer, ao trabalho de E. Jones. Poderíamos pensar que esta última corresponderia aos primórdios do freudismo; a de Peter Gay, à atualidade: uma história para cada tempo.

Após o aparecimento do trabalho de P. Gay, parecia pairar a idéia de que o conjunto de biografias JONES-GAY não deixaria lugar a novos empreendimentos desse tipo: complementar-se-iam o testemunho legitimista e vivencial junto ao produto historicista avalizado pela academia norte-americana⁶⁷. Se o texto de E. Jones pareceu inibir o empreendimento de novas biografias, o trabalho de P. Gay atualizava esse fantasma. Embora saibamos que, “Toda biografia é trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora.” e que “[...] por isso, nenhuma biografia é definitiva, e sempre será possível refazê-la, a partir de dados basicamente iguais, pois todo biógrafo faz viver o biografado, mais ou

⁶⁴ RODRIGUÉ Emilio *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana, v. I 1996. p. 16.

⁶⁵ Lembremos o aparecimento simultâneo deste trabalho em várias línguas; o marketing de lançamento ancorado, no Brasil, na imprensa paulista, assim como também a presença do autor no lançamento do livro no país, “A estratégia de Peter Gay, por sua parte, é a do best-seller. O best-seller é um invejado gênero literário que goza de um injusto descrédito.” em RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.32.

⁶⁶ Lembremos que o título do trabalho é: *Freud: Uma história para o nosso tempo*.

⁶⁷ Peter Gay é professor de História na Universidade de Yale.

menos como o ficcionista faz viver as personagens de sua imaginação.”⁶⁸, acreditávamos, naquele momento, que o conjunto complementar dos trabalhos de E. Jones e P. Gay, não daria espaço a uma nova narrativa biográfica sobre S. Freud. Nesse sentido, ao pensar desta maneira, talvez tenhamos confundido espaço editorial com necessidade intelectual. Por isso, no começo deste texto, falávamos de nossa surpresa em encontrar uma nova biografia de S. Freud, além do mais, escrita por E. Rodrigué, uma figura reconhecida da psicanálise internacional, no Brasil, na Bahia.

Assim, reunimos as três biografias mencionadas por se tratarem — primeiramente — de trabalhos que abordam integralmente a vida de S. Freud — sem destacar nenhum aspecto específico. Em segundo lugar, por representar diferentes momentos históricos em relação à criação e à recepção⁶⁹ das obras. Esta diferença pode ser estendida também à geografia, já que cada autor é herdeiro de uma tradição cultural diferente. Um terceiro aspecto diz respeito aos autores: os três — embora muito diferentes — são reconhecidos, por diferentes motivos, representantes do freudismo. Com isto, queremos assinalar a homogeneidade — e consenso — em relação à qualidade dos trabalhos; uma vez que pretendemos comparar o processo de representação da figura de S. Freud através das biografias, pensamos que os elementos de comparação — as biografias — devem ter, digamos, *peso* equivalente, *consistência intelectual* equiparável e *representação* perante o consenso cultural, reconhecida. Estes aspectos, orientaram-nos na formação do corpo de pesquisa sobre o qual trabalhamos:

⁶⁸ MOREIRA LEITE, Dante. Ficção, biografia e autobiografia. In: *O amor romântico e outros temas*. 2º ed. ampliada São Paulo: Ed. Nacional e EDUSP, 1972, p.25.

⁶⁹ Outro viés na constituição da representação diz respeito às condições do leitor na construção da mesma, a forma como opera em cada época — referimo-nos ao aparecimento público de cada biografia —, quer dizer, à recepção dessa relação entre o biógrafo e o biografado.

- JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v. I, II e III 1989.
- GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989.
- RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v. I, II e III 1995.

Como adiantamos, o devir da história da biografia poder-se-ia deslocar do estudo das formas, para a análise da cena que associa o biógrafo e seu objeto. Acreditamos tratar-se de um cenário montado sobre um fundo dialógico, “[...] uma composição intersubjetiva e contrapontística.”⁷⁰, aparente oposição que poderia inaugurar uma dialética do idêntico e da diferença, onde a intimidade do diálogo estrutura um discurso mais do que singular, “[...] há na escritura biográfica um devir-biógrafo do biógrafo, da mesma maneira que há um devir-biografado, e esse devir é um devir-outro. A extrema complexidade dessa operação vem de que é na redescritção do outro que o biógrafo recebe uma iluminação sobre a qualidade de sua própria vida.”⁷¹. Justamente sobre este aspecto se suportam as críticas à biografia como meio de conhecimento; fundam-se num questionamento de ordem epistemológica: sobre a capacidade do autor-sujeito, condicionado por seus interesses e parcialidades, quer dizer, sobre a relação estabelecida com o objeto.

Das relações entre o biógrafo e seu referente surge um objeto de identidade dual. Por isso, pesquisar a vida de alguém como S. Freud, que — pelo menos claramente no caso de E. Jones e de E. Rodrigué — teve tamanha importância na vida dos biógrafos, significa pesquisar a si mesmo através do outro. Desta forma, o biógrafo acede à parte do sentido de

⁷⁰ REGARD, Frédéric. Les Mots de la Vie: introduction à une analyse du biographique. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.24.

⁷¹ Ibid., p.26.

sua própria vida; acreditamos que podemos estender a este caso as afirmações de J. Viviers em relação a, por exemplo, J. Boswell, “[...] se Boswell escreveu a vida de Samuel Johnson, este último também, de uma certa maneira, escreveu a vida de James Boswell.”⁷², incluindo, assim, além do caráter retrospectivo — em princípio natural — da biografia, o sentido prospectivo.

A significação da descoberta freudiana, assim como seus efeitos na cultura, são avaliados e construídos de maneira constante; trata-se de uma significação em andamento. Após sua morte, a narrativa de vida de S. Freud insere-se — e se confunde — com outra história: a do freudismo; quer dizer, a história dos efeitos de suas propostas na cultura. É interessante vermos como os desdobramentos da história da psicanálise — e sua escrita —, influenciam e modificam a própria história de vida de S. Freud, no sentido de poder significar retrospectivamente momentos ou episódios dessa vida. Numa história de vida como a de S. Freud, onde a pesquisa de campo, no sentido arqueológico do termo, — pelo menos até a abertura do tesouro documental custodiado por Kurt Eissler na Biblioteca do Congresso Norte-americano — parece não abrir perspectivas de novas descobertas significativas, fica mais claro que a cada novo trabalho — do qual, como supomos, surge uma representação diferente de S. Freud ou pelo menos algum deslocamento da mesma — reavalia, hierarquicamente, os dados históricos, “Na elaboração da narrativa biográfica, o historiador é forçado, em todo momento, a uma escolha mais ou menos inconsciente, devendo articular detalhes sem importância e fatos significativos. Não é difícil cair no gênero de compilações que os anglo-saxões, nobreza obriga, fizeram uma especialidade, não esquecendo nenhum

⁷² VIVIÈS, Jean. Une vie à écrire: *The life of Johnson* (1791) de James Boswell. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.76.

detalhe, [...] Tudo acontece, mas que acontece?”⁷³. Vemos como, a respeito da mesma história de vida, constroem-se narrativas, em que o valor dos elementos conjugados oferecem um modelo diferente. Podemos dizer, a modo de resposta provisória, que na biografia acontece aquilo que o presente do biógrafo permite-lhe vislumbrar. Acreditamos que a descoberta e a pesquisa, nas biografias de S. Freud, giram ao redor desta questão. Nesse sentido, é necessário lançarmo-nos — já que se trata, em princípio, de uma mesma história de vida — ao estudo simultâneo das três biografias.

Pensamos ser importante debruçarmo-nos — em primeira instância — sobre aquilo que o gênero biográfico pretende alcançar com sua narrativa particular, no nosso entender, isto implica investigar, primeiramente, a biografia enquanto gênero. Alcançado esse primeiro aspecto, visaremos aproximarmo-nos da vontade que norteia cada biógrafo estudado, isso que chamamos de espaço relacional entre o biógrafo e o biografado e de onde se desprende, enquanto produto da narrativa, a representação do biografado; quer dizer, de que forma cada um dos biógrafos construiu *seu* Sigmund Freud, “O milagre do historiador consiste no fato de que todas as pessoas que tocamos estão extraordinariamente vivas. Trata-se de uma vitória sobre a morte.”⁷⁴.

Estamos cientes de que produzir um texto que analise, compare e relacione os biógrafos de S. Freud, significa partilhar do fantasma de todo biógrafo. De alguma maneira, nosso texto se constitui num campo onde livrar-se-ia um combate fraterno. De certa forma,

⁷³ TORRES, Felix. Du champ des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d'un genre. In: *Sources, travaux historiques*. La biographie. N. 3-4, mai 1985, p.146.

⁷⁴ BRAUDEL apud DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova história*. São Paulo: Ensaio, 3º ed., 1994. p.156.

significa propor um terreno de contenda onde cada biógrafo deveria chegar mais perto da suposta ou pretendida verdade,

Inscreve-se, no correr da escrita da vida, uma disputa que deixa de perseguir, como alvo principal, a melhor maneira de receber e de se deleitar com a obra do artista, voltando-se, ao invés disso, para satisfazer o desejo de estar, cada vez mais, próximo do corpo do biografado, de seus movimentos, sentimentos, intenções, do seu caráter. Há uma luta para ver quem chega, de fato, a tocar o corpo, porque nesse corpo se depositaria a verdade. No entanto, no lugar do corpo, restam apenas as obras literárias deixadas pelo autor e os textos das mais diversas naturezas e procedências, através dos quais se poderia construir um novo corpo, o que *resgataria* a dívida do admirador com o objeto admirado.⁷⁵

Esse novo corpo diz respeito à representação possível que cada biógrafo pode alcançar no seu trabalho: o filho gerando o pai textual. Esses filhos de um mesmo pai, embora freqüentemente não se reconheçam como irmãos, dialogam através de seus trabalhos, implícita e/ou explicitamente. Veremos como, às vezes, pareceriam estar muito mais próximos do que — provavelmente — admitiriam estar.

Quando nosso projeto pretende — em algum momento — ser comparativo, apontamos, também, para esse sentido de imbricação, para a forma em que cada biografia incorpora a anterior.

Disposto a ir às fontes documentais para delas extrair uma verdade sepultada, desconsiderada por uma escrita do fato anteriormente cifrada por outro biógrafo mais antigo, o biógrafo em exercício dá como aberto, um regime de contestação de versões que decorre da discordância quanto à interpretação das fontes documentais ou de equívocos ocorridos no processo de seleção dessas fontes. Assim, desqualificam-se documentos e parte-se em busca de novos materiais. Mas tais dispêndios do biógrafo ficam longe de responder a uma certa visão do abismo historiográfico, que a consciência semiótica vem tornar bem menos abissal. Na verdade, os esforços do biógrafo para descobrir uma verdade livre de enganos estão a serviço do que Heinch já definira como *um campo de luta entre admiradores*.⁷⁶

⁷⁵ WERNECK, op. cit., p. 191-192.

⁷⁶ WERNECK, op. cit., p. 194.

Cientes disso, gostaríamos que o esforço de análise fosse orientado no sentido de não ceder — como os biógrafos de S. Freud — à tentação de nos inserir nessa contenda como juiz ou mediador. Tratar-se-ia de avançar no entendimento das diferentes formas de construção da representação do biografado, indo além do juízo de valor, analisando essa disputa imaginária entre os diferentes biógrafos.

Assim, convidamos o leitor a nos assistir — ver e auxiliar — numa cena de pesquisa onde as três biografias se encontram abertas, lado a lado, ao mesmo tempo, sobre nossa mesa de trabalho; onde o olhar curioso e indiscreto circula orientado pela bibliografia específica do gênero biográfico. Este convite, tenta eximir o leitor da culpa de tornar-se um *voyeur* em segunda potência, vendo-nos perscrutar e dissecar o corpo biográfico de S. Freud. Supomos que esta forma de análise constitui o método através do qual poderemos atingir nossa hipótese.

Vejamos, agora sim, cada uma das biografias.

Capítulo 4 / O Freud de Ernest Jones

Até o momento, apresentamos, tangencialmente, as biografias do nosso corpus; quer dizer, não nos detivemos de maneira específica e sistemática; embora, inclusive, em muitos casos nos tenham brindado elementos teóricos para a análise do gênero. De alguma forma, além de objeto, tornaram-se, também, referências teóricas de reflexão sobre as biografias, à medida que, em alguns momentos, o próprio fazer biográfico comportara essa análise. Vejamos cada uma das biografias, em detalhe — sem com isto, relegarmos aspectos teóricos e históricos — avançando conforme o aparecimento das biografias. Veremos por isso, em primeiro lugar, aquela que conforma o *Freud de Ernest Jones*.

O lançamento do livro de E. Jones¹, no Brasil, em 1989, homenageou o cinquentenário da morte de Sigmund Freud. O público brasileiro esperou mais de trinta anos para aceder à leitura deste texto em português, já que o aparecimento desta biografia na Inglaterra, em três volumes, ocorreu respectivamente em 1953, 1955 e 1957. Esta demora, como veremos mais adiante, não contribuiu para a qualidade editorial de nossa edição, surgida mais de três décadas depois.

¹ JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.I, II e III 1989.

Sobre o homem S. Freud, pouco ou quase nada se conhecia até o momento do aparecimento deste trabalho nos anos 50. Podemos dizer que juntamente com J. Lacan — embora não tenhamos certeza de que J. Lacan teria gostado disto tendo em conta que ele propunha um retorno ao *sentido* da obra de S. Freud — E. Jones foi um dos pioneiros no *retorno a Freud*. Lembremos que J. Lacan levanta essa bandeira na mesma época — na primeira reunião da *Sociedade Francesa de Psicanálise* na conferência, *O simbólico, o imaginário e o real* —, justamente em 1953². Assim, enquanto J. Lacan propunha um retorno à leitura — e ao *sentido* — dos textos de S. Freud —, E. Jones apresentava sua história de vida.

O primeiro aspecto relevante da biografia é a dedicatória, “A Anna Freud, verdadeira filha de um pai imortal³”. Muita coisa pode desprender-se da mesma. Dedicar uma biografia a um dos filhos do biografado anuncia o posicionamento do biógrafo que assinala um provável tipo de relação com o objeto. Principalmente, se temos em conta não somente a relação entre Anna Freud e seu pai; mas também, os laços do biógrafo com a própria Anna⁴. Já vimos quais podem ser as conseqüências deste tipo de proximidade na construção de uma biografia. Sobretudo a oscilação à qual é submetido o biógrafo entre as relações com os familiares e os amigos por um lado, e o compromisso com a verdade histórica objetivada na representação que o biógrafo tenta transmitir, pelo outro. Entre as vantagens desta situação podemos arrolar,

² Nesse momento afirma, “Com efeito, acredito que o retorno aos textos freudianos que constituíram o objeto de meu ensino há dois anos, me deu — ou melhor, nos deu, a todos aqueles que temos trabalhado juntos — a idéia cada vez mais precisa de que não há apreensão mais total da realidade humana que aquela feita na experiência freudiana e que não podemos-nos impedir de retornar às fontes e apreender esses textos em todos os sentidos do termo, [...]”, cf. LACAN, Jacques. *Lo Simbólico, lo imaginário y lo real* (1953). In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodriguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD, 2000.

³ JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.I 1989. p.5.

⁴ Conhecemos inclusive, através da correspondência, do interesse amoroso de E. Jones por Anna Freud. Seu pai ciumento, estando Anna em Londres, lhe escreve, “Sei de muito boa fonte, que o Dr. Jones tem sérias intenções de cortejá-la. Trata-se da primeira vez em sua vida e não penso outorgar-lhe a liberdade de escolha que

a transferência da confiança da família em relação a E. Jones, aos inúmeros amigos e correspondentes de S. Freud. Isto abriu a E. Jones, por exemplo, um acervo epistolar de grande valor; lembremos que S. Freud era um correspondente dedicado.

Em princípio fica explícito, na exaltação da imortalidade, o sentido que orientará a biografia. Com efeito, podemos dizer que E. Jones não esconde suas cartas, denotando, desde o início, qual seria seu posicionamento frente ao objeto biografado. Em todo caso, a dedicatória tem o mérito de apresentar uma relação pai-filha — que marcou a história da psicanálise — onde a adjetivação testemunha o sentido de uma relação com o referente.

Logo, no prefácio, encontramos desenvolvido o aspecto vislumbrado na dedicatória em que podemos ver e entrever o sentido da abordagem biográfica,

Esta não se destina a ser uma biografia popular⁵ de Freud: várias já foram escritas, contendo graves distorções e inverdades. Os objetivos desta são simplesmente o de registrar os principais fatos da vida de Freud, enquanto ainda são acessíveis, e — de modo mais ambicioso — o de tentar relacionar sua personalidade e as experiências de sua vida com o desenvolvimento de suas idéias.⁶

Como vemos, sob a aparente simplicidade, a ambição é grande e, hoje, talvez ingênua. E. Jones afirma, nesta introdução, haver biografias anteriores sobre Freud, na verdade — como já dissemos — o que encontramos até o aparecimento deste trabalho em 1953 — primeiro dos três volumes —, são alguns trabalhos históricos que abordaram aspectos da vida de S. Freud e do movimento psicanalítico. Lembremos a diferença entre o recorte de um aspecto histórico de vida e a construção de uma biografia da qual se desprende uma

suas duas irmãs tiveram.” In: RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.II 1995. p.394.

representação global do objeto. Até esse momento, somente podemos arrolar o trabalho de F. Wittels⁷ como empreendimento biográfico, embora este autor não aborde toda a história de vida de S. Freud. Já avançamos sobre o problema da representação que surge das somas de diferentes textos — ensaios biográficos — e aquela alinhavada por um só autor. De alguma forma, parece ser esse um dos motivos que levou E. Jones a escrever sua biografia; ele afirma em relação ao surgimento dos diferentes retratos de Freud, ainda no prefácio, “Pessoas de má-fé já se davam ao trabalho de distorcer passagens isoladas, com o objetivo de depreciar seu caráter, e isso só poderia ser retificado através de uma exposição muito mais completa de sua vida particular e pública.”⁸

Em relação à idéia de uma biografia sobre S. Freud, sua família, apesar da conhecida relutância de S. Freud em relação ao empreendimento biográfico, após alguns anos de sua morte, mudou de posição, “Ela então decidiu dar-me seu apoio irrestrito em meu empenho de apresentar um relato da vida de Freud tão verdadeiro quanto estivesse ao meu alcance.”⁹. Dizíamos sobre os motivos que levaram E. Jones a empreender a gigantesca tarefa de biografar S. Freud. Tratava-se, nesse momento, do único sobrevivente do círculo — Comitê — de colaboradores de S. Freud, sua proximidade — que podemos, inclusive, chamar de amizade — durante vinte e cinco anos; além disto, seu importante papel no movimento psicanalítico. E. Jones foi um dos poucos psicanalistas que circulou — com aparente igual aceitação — na Europa Continental, Inglaterra e América do Norte. Paradoxalmente, o fato de E. Jones ter tido uma formação pré-psicanalítica similar à de S. Freud, não podemos

⁵ Pensamos que neste caso ‘popular’ refere-se ao sentido folhetinesco de parte do gênero biográfico, no sentido assinalado acima como ‘gênero menor’.

⁶ JONES, op. cit., p.11.

⁷ WITTELS, Fritz. *Sigmund Freud: his Personality, his Teaching and his School*. Londres: Allen & Unwin, 1924.

⁸ Ibid., p.11.

⁹ Ibid., p.11.

considerá-la a favor do empreendimento do projeto freudiano. Justamente, em alguns momentos, a visão biologicista de E. Jones obstaculizou grande parte do entendimento do texto de S. Freud, da mesma forma que sua posterior transmissão no mundo anglo-saxão. Neste sentido, podemos ver o desentendimento de E. Jones e S. Freud em relação à psicanálise leiga (*Laien*)¹⁰; S. Freud sempre foi um entusiasta partidário de manter distante a psicanálise da medicina. E. Jones propunha a necessidade da formação médica — prévia — como condição para uma formação psicanalítica.

E. Jones também apresentava outra condição que parecia contribuir para o projeto biográfico. Tratava-se do único estrangeiro do círculo — no sentido de que o alemão não era sua língua materna, além de não ter nascido no antigo império Austro-Húngaro — assim como, também, o fato de ser o único não judeu.

E. Jones inicia seu texto comungando com as afirmações de S. Freud a respeito do gênero, “Não se trata de um livro que contaria com a aprovação do próprio Freud.”¹¹; quem manteve duas posições antagônicas em relação à história de sua vida pessoal: trata-se de uma das pessoas que mais testemunharam sobre seu desejo — através da exposição e análise de seus sonhos, atos falhos e experiências de vida em seus textos teóricos — e que, ao mesmo tempo, mais tentou cuidar, como bom burguês, de sua intimidade pessoal e familiar¹². Como veremos, a ambivalência em relação à biografia, foi uma de suas marcas registradas.

¹⁰ Cf. FREUD, Sigmund. A questão da psicanálise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XX, 1997.

¹¹ *Ibid.*, p. 11.

¹² A *Traumdeutung*, de alguma forma, constitui uma ampla e profunda autobiografia. “Freud ratifica o aforismo malandro de Oscar Wilde: “Se você que ser discreto, fale, fale tudo.” RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.389.

Na vida de S. Freud, três grandes fogueiras consumiram anotações, correspondência e manuscritos¹³. As duas primeiras correspondem aos primórdios da sua produção psicanalítica. Mesmo motivadas por questões práticas — traslados, ordem — testemunham sua relação com a posteridade. Mas, desse material, o que podemos considerar de maior importância foi preservado: sua correspondência com aquela que seria sua companheira pelo resto de sua vida. Justamente, nessa correspondência de 28 de abril de 1885, encontramos a conhecida carta tantas vezes citada em relação a esta questão biográfica,

Acabei de cumprir uma resolução de que um grupo de pessoas, por enquanto não nascidas e fadadas ao infortúnio, se ressentirá profundamente. Como você não pode adivinhar a quem me refiro, direi a você: são meus biógrafos. Destruí todos os meus diários dos últimos quatorze anos, juntamente com cartas, anotações científicas e os manuscritos de minhas publicações. Somente cartas familiares foram poupadas.¹⁴;

e ainda, “Que os biógrafos se atormentem; não criaremos facilidades para eles. Que cada um deles julgue estar certo em sua ‘Concepção do Desenvolvimento do Herói’: já agora eu me deleito ao pensar em como eles se desviarão do caminho.”¹⁵. Nesta fantasia vemos arrolados elementos que nos permitem pensar sua identificação com o herói, com o ‘conquistador’. Este tema é recorrente na vida de S. Freud.

Meses antes, porém, tinha escrito mais uma nota em que faz referência a sua biografia. Em carta a Martha, de 17 de janeiro de 1885, diz que o curriculum que enviara para a nomeação de *Privätdozent* era “um trabalho preliminar para minha biografia.”¹⁶

¹³ Em três ocasiões, Freud queimou grande quantidade de textos e anotações, “[...] ele tentou dificultar a tarefa de seus futuros biógrafos. Três vezes em sua vida, em 1885, em 1908, e depois em 1917, com seus artigos metapsicológicos, seu passado foi incinerado.” RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.178.

¹⁴ FREUD apud JONES, op. cit., p.12.

¹⁵ *Ibid.*, p.11-12.

O interessante é contrapor do manifestado àquilo que se vislumbra quando a questão da biografia é colocada realmente em cena. O que significa pensar na possibilidade da própria biografia — mesmo que se trate do gracejo de um jovem e desconhecido médico, escrevendo a sua futura esposa —, quando não se entrevê nenhum fato de vida relevante? Biografa-se — sem contar com aquela modalidade onde o interessado, levado por motivos pessoais, procura um biógrafo — aquilo que merece ser patrimônio de uma suposta comunidade de leitores. Como vemos, a idéia sobre a biografia aparece cedo na vida de S. Freud. Podemos encontrar referências ainda anteriores.

Aos dezessete anos, tendo recebido distinções no colégio, sendo elogiada sua competência na língua alemã, a que seu professor chamou “estilo idiótico”¹⁷, escreveu a seu amigo Emil Fluss, “Você não sabia que trocava cartas com um estilista do alemão. O melhor que você tem a fazer é guardá-las com cuidado — nunca se sabe.”¹⁸. Cientes de cair no *salgarismo*, propomos um breve parêntese, para avançarmos sobre esta questão. Detenhamo-nos nas referências freudianas à questão biográfica, nelas teremos ocasião de ver seu aporte em relação ao gênero — que de alguma forma cultivou — e sua conflitante relação — quando de sua própria biografia se tratava — com este tema. Acreditamos ser esta a melhor forma de aproximar-nos, definitivamente, da análise das biografias de Sigmund Freud. Supomos que as reflexões de S. Freud sobre o gênero também poderão contribuir a nos orientar na análise do corpus. Sobretudo para, mais adiante, vermos si os aportes freudianos à configuração do gênero foram aplicadas as suas próprias biografias.

¹⁶ Ibid., p.82.

¹⁷ Em referência ao antigo uso — no sentido de característico e próprio. Cf. JONES, op. cit., p.33.

¹⁸ Ibid., p.33.

Já em 1907, encontramos nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, “A psicanálise estuda o processo de criação. A psicanálise merece situar-se além da patografia.”¹⁹; pouco tempo depois — 17 de outubro de 1909 — numa carta a K. G. Jung quando ainda era contado entre as fileiras dos psicanalistas, S. Freud disse, “Estou contente que você partilhe minha convicção de que a mitologia deveria ser conquistada por nós [...] Precisamos de homens, de trabalhadores para campanhas mais longas. Esses homens aparecem muito raramente. O domínio da biografia deve, da mesma forma, tornar-se nosso.”²⁰. Estas linhas introduzem, na mesma correspondência, a questão que o inquire nesse momento, trata-se da personalidade de Leonardo da Vinci²¹,

O enigma sobre o caráter de Leonardo da Vinci tornou-se totalmente transparente para mim. Esse será, portanto, um primeiro passo na sua biografia. [...] Atualmente, aguardo com impaciência a encomenda dum texto italiano sobre sua juventude. Mesmo assim, posso revelar-lhe o segredo. Lembrar-se-á meu destaque na *Teorias Sexuais Infantis* sobre o efeito da investigação primitiva das crianças, e do efeito paralisante que resulta desse primeiro fracasso? [...] O grande Leonardo, que era sexualmente inativo ou homossexual, era igualmente um homem que cedo tinha convertido sua sexualidade em pulsão de saber, e que ficou preso à exemplaridade do inacabado.^{22 23}

A partir desta citação, Alain de MIJOLLA propõe, “[...] se me permitem a expressão,”²⁴ de *pulsão biográfica*; a que estaria animada pelos elementos assinalados por S. Freud, na carta acima: a existência de um *segredo*, uma *prova* a ser pesquisada na história infantil e a presença da *pulsão de saber* — *Forschertrieb* —, tudo isto em referência a uma

¹⁹ de MIJOLLA Alain. Freud, la biographie, son autobiographie et ses biographes. In: *Revue Internationale de l'Histoire de la Psychanalyse*. VI, Paris: PUF, 1993. p.83.

²⁰ FREUD apud de MIJOLLA, *Ibid.*, p.83.

²¹ FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância (1910). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XI, 1997.

²² FREUD apud de MIJOLLA, *op. cit.*, p.83.

²³ No presente texto utilizamos uma versão eletrônica — aquela assinalada nas referências bibliográficas — das obras de Sigmund Freud. Como a versão carece de paginação — ou de referência numérica — optamos, para a localização dos textos, por referir o ano do aparecimento do texto e o volume da edição tradicional, referências que constam na versão eletrônica. Em relação as datas, a presença das mesmas entre colchetes significa uma data de escrita diferente daquela do aparecimento.

²⁴ de MIJOLLA, *op. cit.*, p.83.

figura histórica. A articulação destes três elementos, em relação a um referente histórico, — *segredo*, no sentido de enigma, *prova* e vontade de *saber* — conformariam o espectro necessário ao fazer biográfico. Neste sentido, a biografia seria uma narrativa de pesquisa, orientada por um enigma a ser resolvido, condição, como veremos mais adiante, que nos aproxima da posição dos *Annales*, essa escola ou movimento de historiadores que analisaremos em detalhe quando abordarmos, através do trabalho de P. Gay, o viés histórico da biografia.

Da mão de A. de MIJOLLA, veremos, brevemente, o primeiro e único trabalho de S. Freud, de caráter biográfico²⁵: o ensaio anunciado na carta acima a K. G. Jung, *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*²⁶. Tentaremos resgatar, deste texto, os elementos que, segundo S. Freud, contribuiriam para o desenho duma biografia psicanalítica, para logo perguntar-nos: teriam sido considerados estes elementos nas biografias sobre S. Freud?

Em primeiro lugar encontramos, “Se um estudo biográfico tem realmente como objetivo chegar à compreensão da vida mental de seu herói, não deverá omitir, como acontece com a maioria das biografias — por discrição ou por melindre — sua atividade sexual ou sua individualidade sexual.”²⁷; pelo lado do biógrafo, e em relação à sexualidade infantil encontramos, “A pesquisa psicanalítica oferece-nos a explicação completa mostrando que a maioria das crianças, ou pelo menos as mais inteligentes, atravessam um período de pesquisas

²⁵ Na nota do editor inglês, James STRACHEY afirma, “A monografia sobre Leonardo, no entanto, não foi somente a primeira, mas, também, a última incursão extensa de Freud no terreno da biografia. O livro parece ter sido recebido com uma avalanche de críticas desfavoráveis, que ultrapassaram os limites normais, o que evidentemente justificou a defesa antecipada, feita por Freud, com as observações no começo do capítulo VI, observações que ainda hoje se aplicam aos autores e críticos de biografias.” Cf. FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância* (1910). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XI, 1997.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

sexuais infantis.”²⁸, onde vemos os primórdios da vontade de saber — o que chamou de *pulsão de saber, Foschertrieb* — associada, em primeira instância, à sexualidade, para logo, a seguir, deslocar-se a outros aspectos de vida. Assim, para S. Freud, o pesquisador reedita a investigação sexual infantil.

O segundo aspecto ressalta a importância de saber reconhecer o tipo de relação com o objeto da biografia, no sentido de poder desvencilhar-se da idealização fruto, segundo S. Freud, de uma transferência de tipo paternal,

[...] os biógrafos se fixam em seus livros de uma maneira toda especial. Muitas vezes escolhem o herói como assunto de seu estudo porque — segundo razões de sua vida emocional pessoal — desde o começo sentiram por ele uma afeição especial. Dedicam suas energias a um trabalho de idealização, destinado a incluir o grande homem na série de seus modelos infantis — revivendo neles, talvez, a idéia infantil que faziam de seu pai. Para satisfazer este desejo, eliminam até as características fisionômicas de sua personagem; apagam as marcas das lutas de sua vida, com resistências internas e externas, e nela não toleram nenhum vestígio de fraqueza ou imperfeições humanas. Apresentam-nos, assim, uma figura ideal, fria, estranha, em vez de uma pessoa humana com a qual nos pudéssemos sentir remotamente relacionados. Isto é lastimável, pois assim sacrificam a verdade em benefício de uma ilusão, e por causa de suas fantasias infantis abandonam a oportunidade de penetrar nos mais fascinantes segredos da natureza humana.²⁹

Assinala, também, os limites aos quais deve restringir-se a contribuição da psicanálise à pesquisa biográfica,

Devemos fixar, de modo geral, os limites do que a psicanálise pode conseguir no campo da biografia: de outro modo, todo esclarecimento que não for logo comprovado será considerado como um fracasso nosso. O material de que dispõe a psicanálise para uma pesquisa consta de dados da história da vida de uma pessoa; de um lado as circunstâncias acidentais e as influências do meio e, do outro lado, as reações conhecidas do indivíduo. Baseada em seu conhecimento dos mecanismos psíquicos, propõe-se, então, estabelecer uma base dinâmica para a sua natureza, fundamentada na intensidade de suas reações, e desvendar as forças motivadoras originais de sua mente, assim como as suas transformações e desenvolvimentos futuros. Se isso tem sucesso, o comportamento de uma personalidade no curso de sua vida é

²⁸ Ibid.

²⁹ FREUD, *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*.

explicado em termos da ação conjugada da constituição e do destino, de forças internas e poderes externos.³⁰

A importância das fontes de informação para a construção biográfica é destacada quando S. Freud afirma,

Quando tal estudo não fornece resultados indubitáveis — e talvez suceda assim no caso de Leonardo — a culpa não está nos métodos falhos e inadequados da psicanálise, mas na incerteza e na natureza fragmentária do material com ele relacionado, e que a tradição nos legou. Portanto, somente o autor deverá ser considerado responsável pelo fracasso, por ter obrigado à psicanálise a exprimir sua opinião abalizada, apoiando-se em material tão insuficiente.³¹

Continuando esta caminhada pelas referências freudianas sobre o trabalho biográfico, veremos que os aspectos citados acima Freud os manterá durante toda sua vida. Sobretudo no que diz respeito à importância da especificidade da sexualidade do biografado. Quando em 1934, quer dizer, vinte e quatro anos após o Leonardo, seu amigo Arnold ZWEIG comenta sua vontade de fazer uma biografia sobre F. Nietzsche; S. Freud lhe escreve, “Não se pode examinar com profundidade um homem se não conhecemos sua constituição sexual, e a de Nietzsche nos é totalmente enigmática.”³²

Afirmávamos acima que talvez a maior contribuição freudiana à pesquisa e narrativa biográfica tenha sido a ênfase da importância do destino sexual infantil; acreditamos que podemos somar a este aspecto, o conceito que, em 1937, chamará de *construções*³³. Dez anos antes desta formulação — 25 de dezembro de 1928 — encontramos numa carta a Lytton STRACHEY, em resposta ao envio do trabalho deste sobre a rainha Elisabeth, o seguinte,

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² FREUD apud de MIJOLLA, op. cit., p.85.

Você esta perfeitamente consciente disso que outros historiadores deixam habitualmente de lado: o fato de que é impossível compreender o passado com exatidão, pois não somos suficientemente capazes de fazer hipóteses sobre as motivações dos homens e sobre a essência de sua alma, de maneira que não podemos interpretar seus atos. Nossa análise psicológica não é suficiente, mesmo para aqueles que nos são próximos no espaço e no tempo, ao menos que os façamos, durante anos, objeto de pesquisas minuciosas, e mesmo nesse caso, elas se interrompem diante do caráter incompleto de nosso saber e o mal feitio de nossa síntese. De tal forma que em relação ao nossos predecessores de séculos passados, estamos numa situação análoga àquela que nos encontramos quando estamos frente a sonhos sem associação — e somente um profano pode esperar ver-nos interpretar tais sonhos. Você viu muito claramente as motivações mais escondidas com tanta coragem como discrição, e é muito provável que tenha ainda conseguido reconstruir com exatidão aquilo que realmente aconteceu.³⁴

S. Freud publicou seu artigo sobre as *construções* em dezembro de 1937, quer dizer, menos de um ano antes de morrer; porém, observamos, em 1909 com o *Homem dos ratos* — *Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909)* — mas, principalmente, em 1918 com seu favorito *Homem dos lobos*³⁵ — *História de uma neurose infantil (1918)* —, que as *construções* já ocupavam um lugar de destaque na prática analítica. Fazendo um contraponto, em relação à rememoração, entre o paciente e o analista, S. Freud se pergunta em relação ao papel deste,

Qual é, então, sua tarefa? Sua tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*. A ocasião e o modo como transmite suas construções à pessoa que está sendo analisada, bem como as explicações com que as faz acompanhar, constituem o vínculo entre as duas partes do trabalho de análise, entre o seu próprio papel e o do paciente. Seu trabalho de construção, ou, se preferir, de reconstrução, assemelha-se muito à escavação, feita por um arqueólogo, de alguma morada que foi destruída e soterrada, ou de algum antigo edifício.³⁶

Partindo desta analogia, várias vezes retomada, entre o arqueólogo e o psicanalista, S. Freud afirma que, “[...] assim também o analista procede quando extrai suas inferências a

³³ FREUD, Sigmund. Construções em análise (1937). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXIII, 1997.

³⁴ FREUD apud MIJOLLA, op. cit., p.85.

³⁵ Lembremos que este caso gira em torno de um sonho paradigmático ao redor do qual S. Freud propõe uma construção não menos paradigmática.

³⁶ FREUD, Sigmund. Construções em análise (1937). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXIII, 1997.

partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito na análise. Ambos possuem direito indiscutido a reconstruir por meio da suplementação e da combinação dos restos que sobreviveram.”³⁷. Talvez possamos estender a analogia do arqueólogo ao historiador.

Continuando com o levantamento das posições freudianas em relação à biografia, encontramos uma questão que, acreditamos, ocupa um lugar de destaque. Trata-se das relações entre a representação do biografado e sua obra; quer dizer, a forma de influência de uma sobre a outra, assim como o efeito disto no leitor. No *Discurso pronunciado na casa de Goethe em Frankfurt (1930)*, por ocasião do recebimento do prêmio Goethe, S. Freud disse,

“Todos nós, que reverenciamos Goethe, nos submetemos, sem demasiado protesto, aos esforços de seus biógrafos, que tentam recriar-lhe a vida a partir dos relatos e indicações existentes. Mas o que podem essas biografias proporcionar-nos? Mesmo a melhor e mais integral delas não pode responder às duas perguntas que, somente elas, parecem merecer serem conhecidas. Ela não lançaria luz alguma sobre o enigma do dom miraculoso que faz um artista, e não poderia ajudar-nos a compreender melhor o valor e o efeito de suas obras. E, contudo, não há dúvida de que uma biografia desse tipo satisfaria uma poderosa necessidade existente em nós.”³⁸

Surgem duas questões: uma, em relação ao biografado; a outra, referente à obra; isto é, no primeiro caso, sobre a singularidade do dom do artista, no segundo, sobre o enigma do valor e efeito da obra. O caso é que, mesmo sabendo que estas questões não podem ser alcançadas, a biografia satisfaz certa necessidade do leitor. Mas, de que *poderosa necessidade* se trata? S. Freud assinala que dois movimentos conjugados pela ambivalência seriam satisfeitos na aproximação biográfica, um trata-se, “[...] da necessidade de adquirir relações afetivas com esses homens, acrescentá-los aos pais, aos professores, aos exemplos que

³⁷ Ibid.

conhecemos ou cuja influência já experimentamos, na expectativa de que suas personalidades sejam tão belas e admiráveis quanto as obras de arte deles que possuímos.”³⁹, quer dizer, aproximá-los do *ideal do eu*. O outro viés, que configura a ambivalência, diz respeito à vontade de aproximação do objeto,

[...] assim, podemos admitir que existe ainda outra força motivadora em ação. A justificação do biógrafo também contém uma confissão. É verdade que ele não deseja rebaixar seu herói, mas quer trazê-lo para mais perto de nós. Isso, contudo, significa reduzir a distância que o separa de nós; tende ainda, efetivamente, no sentido da degradação. E é inevitável que se aprendermos mais a respeito da vida de um grande homem, ouviremos também falar de ocasiões em que ele, de fato, não se saiu melhor do que nós, em que, na realidade, se aproximou de nós como ser humano. Não obstante, penso que podemos considerar os esforços do biógrafo como legítimos. Nossa atitude para com os pais e professores é, afinal de contas, uma atitude ambivalente, visto que nossa reverência por eles via de regra oculta um componente de rebelião hostil. Trata-se de uma fatalidade psicológica; não pode ser alterada sem a suspensão, pela força, da verdade, e está fadada a se estender às nossas relações com os grandes homens cujas vidas queremos investigar.⁴⁰

Como vemos, para S. Freud, a vontade de aproximação em relação ao objeto biografado, tanto por parte do biógrafo como do leitor, constitui-se num complexo vínculo em relação ao tipo de representação que fazemos do referente. Trata-se de uma figura interna em constante oscilação — ambivalência — entre a distância do ideal e a proximidade do contato. Além de assinalar estas questões, como diz A. de MIJOLLA (1993), este texto de S. Freud oferece uma provável chave para compreender a importância e o sucesso do gênero biográfico; a biografia,

[...] pode fornecer certas informações às quais não é possível chegar por outros meios, logrando assim demonstrar novos fios vinculadores na ‘obra-prima do tecelão’⁴¹,

³⁸ FREUD, Sigmund. O Prêmio Goethe. (1930) Discurso pronunciado na casa de Goethe em Frankfurt. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXI.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Conforme o editor inglês, trata-se de uma citação feita por Mefistófeles sobre a contextura do pensamento, no *Fausto*, parte I, cena 4.

disseminados entre os dotes artísticos⁴², as experiências e as obras de um artista. Visto ser uma das principais funções de nosso pensamento *dominar psiquicamente*⁴³ o material do mundo externo, parece-me que agradecimentos são devidos à psicanálise se, quando aplicada a um grande homem, ela contribui para a compreensão de sua grande realização.⁴⁴

Para S. Freud, a biografia, através do entrelaçamento das diferentes dimensões do objeto — disposição pulsional, experiência e obra —, poderia ser um dos meios pelos quais se procura formar, conhecer e, portanto, dominar o referente biográfico. Segundo S. Freud, isto tem um sentido prático: visa um conhecimento mais íntimo do homem para melhor poder conduzir uma apreciação mais exata de suas obras; isto para, de alguma maneira, permitir questionar, “Você esteve à altura de suas teorias, ou de seu mito? Colocou em prática suas idéias, os excessos ou a sabedoria que reivindica por escrito? No final das contas, suportará uma biografia à qual, geralmente se resistia?”⁴⁵.

S. Freud era muito refratário à idéia de sua própria biografia. Inclusive, pareceria que seus projetos autobiográficos⁴⁶ aspiravam a desencorajar seus futuros biógrafos, no sentido da tentativa de mostrar um homem que não mereceria ser retratado além daquilo que ele próprio apresentou⁴⁷; parecendo querer camuflar, através da simplicidade, a verdadeira complexidade de sua vida e pensamento. Lembremos a tentativa biográfica intercedida por seu sobrinho —

⁴² Na edição em espanhol, FREUD, Sigmund. Discurso en la casa de Goethe. en Francfort (1930). In: *Sigmund Freud CD*. Buenos Aires: In Context SRL, 1995. n° de registro: 10.287. aparece em lugar de “dotes artísticos”, “disposições instintivas”.

⁴³ O itálico é nosso.

⁴⁴ FREUD, *O prêmio Goethe*.

⁴⁵ ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d’un tabou à l’autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard. n°. 54, mars-avril. 1989, p.43.

⁴⁶ Seus textos autobiográficos são: FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1925) [1924]. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XX, 1997 e o Pós-escrito (1935).

⁴⁷ Mesmo que para os íntimos diga em relação às autobiografias, “Uma confissão psicologicamente completa e sincera de minha vida exigiria também — de minha parte como da dos outros — tanta indiscrição sobre minha família, meus amigos, meus adversários, a maioria deles ainda vivos, que essa idéia não pode ser levada a sério. O que tira todo valor as autobiografias é que as mesmas são mentirosas.”, em FREUD apud de MIJOLLA Alain. Freud, la biographie. son autobiographie et ses biographes. In: *Revue Internationale de l’Histoire de la Psychanalyse*. VI, Paris: PUF, 1993. p.89.

residente nos Estados Unidos — Edward Bernays, à qual S. Freud responde em 10 de agosto de 1929,

Trata-se, naturalmente, de uma proposição totalmente impossível. Uma biografia somente se justifica por duas condições. Primeiramente, é preciso que o sujeito em questão tenha participado de acontecimentos importantes, interessantes para todo o mundo, em segundo lugar, é necessário que seja um estudo psicológico. Mas, minha vida desenvolveu-se calmamente e sem incidentes, portanto somente algumas datas devem ser retidas.⁴⁸

A proposição de um trabalho deste tipo serve, também, para dar vazão a sua permanente desconfiança e menosprezo — inclusive preconceito — por tudo aquilo de origem norte-americana, “Digamos entre parênteses que teu editor dá provas de uma ingenuidade norte-americana, imaginando que um homem até agora honesto iria realizar um ato tão miserável por cinco mil dólares.”, ao que, não sem certa ironia, acrescenta, “A tentação poderia começar a partir de cem vezes essa soma, e mesmo assim, renunciaria depois de meia hora.”⁴⁹

Mas, isto, talvez, seja simplificar a relação de S. Freud com a idéia de sua própria biografia. Recordemos a carta a sua então noiva — Martha Bernays —, quando ainda não poderia se pensar objetivamente numa vida que atraísse os olhares biográficos; já encontramos nela, lançada para o futuro, a presença do interesse biográfico, quer dizer, *seu* próprio interesse em ser biografado. Lembremos a famosa carta — já citada acima — de 24 de abril de 1885, nesse dia havia,

[...] quase completado um empreendimento que algumas pessoas, ainda não nascidas, mas destinadas ao infortúnio, vão sentir seriamente. Destruí todas as minhas anotações dos últimos doze anos, além de cartas, excertos científicos e manuscritos de minhas obras. Entre as cartas,

⁴⁸ FREUD apud MIJOLLA, op. cit., p.89.

⁴⁹ Ibid.

foram poupadas apenas as familiares. Que os biógrafos penem e labutem, não vamos facilitar demais para eles.⁵⁰

dizia este pobre jovem médico cuja obra — até esse momento — não justificava qualquer projeto biográfico. Com o passar dos anos e com a construção de uma vida que justificaria o empreendimento biográfico, S. Freud tentaria desencorajar essa visada. Novamente a ambivalência, esta vez no que diz respeito ao próprio biografado, se faz presente.

Lembremos que o aparecimento da primeira biografia⁵¹ de S. Freud — 1923 —, coincide com a descoberta do seu câncer, e não é somente esta aproximação que atualiza a morte: o próprio projeto biográfico aparece associado à mesma. Talvez, por isso, seja compreensível a incômoda ambivalência de S. Freud em relação às investidas biográficas em relação a si; ele, mais do que ninguém, conhece o destino do pai da horda primitiva⁵²; mito onde o pai, para ser mantido e respeitado, deve morrer nas mãos dos próprios filhos. Provavelmente, S. Freud via nas tentativas biográficas a antecipação desse repasto totêmico; neste sentido a biografia seria uma forma sublimada pela narrativa — ancorada na *pulsão de saber* e nutrida na *identificação* simbólica — desse avanço necrofilico que inaugura, no entender desse mito freudiano, a vida e a cultura.

Em relação ao trabalho de Fritz WITTELS⁵³, vários foram os motivos para uma recepção, por parte de S. Freud, em alguns momentos, muito dura. Em primeiro lugar, além

⁵⁰ FREUD apud GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989. p.13.

⁵¹ WITTELS, Fritz. *Sigmund Freud, der Mann, die Lebre, die Schule*, Leipzig, 1924.

⁵² Em referência ao pai da horda primitiva em FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu* (1912). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIII, 1997.

⁵³ *Sigmund Freud, der Mann, die Lebre, die Schule*, Leipzig, 1924.

de retomar a história, F. Wittels introduz sua própria visão dessa história da qual ele mesmo fez parte, quer dizer, testemunha e interpreta, indo além dos, até esse momento, limites autobiográficos de S. Freud; é, assim, o primeiro em franquear a porta biográfica; diz ainda no prefácio de seu livro, “[...] em lugar de ser um de seus seguidores hipnotizados dos quais Freud já tem muitos, eu sou uma testemunha crítica.”⁵⁴. Recordemos que F. Wittels, também, participara da *Sociedade de Viena* entre 1905 e 1910, tendo-se demitido em apoio a seu amigo Wilhelm STEKEL — figura que S. Freud passou a desprezar por seu apoio a A. Adler⁵⁵. Quer dizer, sua situação não era muito cômoda para alguém que pretendesse biografar S. Freud. Conhecemos somente duas cartas da correspondência trocada entre ambos.

Na primeira dessas cartas, onde acusa a recebimento do livro, encontramos S. Freud num dos seus grandes momentos epistolares; nessa carta consegue circular, num ritmo harmônico e lúcido, entre as boas maneiras e a crítica mais feroz e objetiva; inicia a carta dizendo, “Não acusar recebimento, nem exprimir agradecimentos por um presente de Natal tão abundantemente consagrado ao destinatário, seria uma grosseria que somente motivos muito graves poderiam justificar. Constatato com satisfação que, no nosso caso, esses motivos não existem. Seu livro não é inamistoso, nem muito indiscreto, ele testemunha um sério interesse.”; isto dito, avança dizendo, “Naturalmente, eu não teria jamais desejado ou pedido um livro desse tipo. Parece-me que o público não possui nenhum direito sobre minha pessoa e que, igualmente, não tem nada a apreender de mim, na medida em que meu caso — por múltiplas razões — não pode ser exposto com total claridade. Sua opinião sobre essa questão é diferente, foi isso que lhe permitiu escrever esse livro.”, e continua, “A distância que nos separa — e que você considera como uma vantagem — tem também grandes inconvenientes.

⁵⁴ WITTELS apud de MIJOLLA, op. cit., p.94.

Você sabe muito pouco sobre seu objeto e, conseqüentemente, não pode evitar o risco de violentá-lo nas suas pesquisas analíticas.”⁵⁶. S. Freud finaliza sua carta — depois de derrubar a hipótese de F. Wittels de que *Além do princípio do prazer* teria sido escrito sob a influência da morte de sua filha Sophie e de adjuntar vinte e três notas com correções — afirmando que, “A verossimilhança não é sempre a verdade...”⁵⁷.

Numa carta posterior — de 15 de agosto de 1924, por ocasião da tradução inglesa —, S. Freud tenta corrigir a interpretação de F. Wittels sobre o episódio da descoberta da cocaína como anestésico ocular, assim como sua relação com W. Fliess, “Um biógrafo deveria, ao menos, tentar ser tão consciencioso quanto um tradutor, mas *Traduttore = Traditore*, diz o provérbio. Compreendo que as circunstâncias tornaram as coisas particularmente difíceis para você, por isso as omissões que mostram os assuntos com um aspecto falso, e que constituem francamente uma injustiça e outras coisas do mesmo gênero.”; encerra essa carta, dizendo, “Você sabe de há muito tempo, que não estou contente com o sucesso de seu livro sobre mim.” e ironiza, “Mas, sou um ‘grande homem’, portanto um objeto sem defesa. Saúdo-o com o respeito devido a vossa superioridade enquanto biógrafo, e com algum resto de minha velha simpatia.”⁵⁸. Em carta a E. Jones, e em relação a este episódio, agradece, escrevendo “Não preciso dizer que apreciei muito sua crítica do mau, duvidoso e enganador livreto biográfico de Wittels. Talvez eu pudesse desejar que tivesse um tom mais severo e que a dependência de Wittels em relação a Stekel tivesse sido mais conspicuamente exposta. Mas é um trabalho

⁵⁵ Fritz Wittels, mais tarde, retornaria como convidado à Sociedade de Viena em 1925, apoiado pelo próprio S. Freud.

⁵⁶ FREUD apud de MIJOLLA, op. cit., p.96.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ FREUD apud de MIJOLLA, op. cit., p.97.

bom e digno.”⁵⁹. Mesmo assim, Freud, no ano seguinte, apoiaria a readmissão de Wittels à Sociedade de Viena.

Provavelmente, o livro de F. Wittels lhe apresentara uma imagem semelhante àquela que um dia viu num trem, “Eu estava sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou.”, lembra S. Freud, “Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com sua aparência.”⁶⁰. Desta experiência S. Freud lembra, justamente, no seu texto *O Estranho*⁶¹, “*Unheimlich*” é o nome de tudo que deveria ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz”⁶².

Esta cena, talvez, possa ser associada à idéia que transmite o *biografema* de Roland BARTHES; esta noção amplia o sentido de *índice* para introduzir categorias caras ao autor francês: *sabor* e *corpo*. O biografema constrói-se a partir do detalhe histórico, privilegiando o corpo do sujeito, a despeito de seu pensamento, na sua história,

O biografema não é a priori, um aspecto de pensamento, mas a manifestação de um gosto. Ora, sabemos que para Roland Barthes o gosto é o fundamento de uma ética. O sabor é, com efeito, gerador de um sistema de valores. Assim, a despeito de sua aparente futilidade, o

⁵⁹ FREUD apud JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.III 1989. p.117.

⁶⁰ FREUD, Sigmund. *O Estranho* (1919). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XVII, 1997.

⁶¹ Em espanhol, o *Unheimlich* foi traduzido como *O Sinistro*.

⁶² SCHELLING apud FREUD, *O estranho*.

biografema é um bom indutor de sentido, não que ele conduza à inteligibilidade de uma pessoa, [...] mas porque ele revela uma visão de mundo, porque ele descobre categorias através das quais o real é, para tal ou qual sujeito, apreendido, organizado, compreendido.⁶³

No nosso entender, trata-se de uma das formas mais diretas de aproximação do objeto biografado se inserido, de forma sutil, no contraponto narrativo com a história de um sistema de pensamento⁶⁴; é “[...] apesar de sua aparência ligeira, um traço pertinente, quando recuperado seu sentido — sentido que não é brasão, nem emblema da pessoa.[...] É um traço sem união, sem união com outros traços. Por isso, não é para o sujeito um lugar de identificação ele é, melhor, a manifestação de sua dispersão. O biografema não é jamais definitório.”⁶⁵; entendemos que ele destaca o traço vivo da pesquisa do outro.

Acreditamos que um dos condicionamentos mais importantes do projeto biográfico diga respeito à presença em vida, ou não, do objeto biografado. Pensamos que sua ausência em vida, muda o caráter do objeto. Neste sentido, a morte faz nascer um objeto que suporta, de forma diferente, as investidas do pesquisador. Lembremos a biografia de F. Wittels, supondo entre seus condicionamentos de pesquisa e escrita, a futura leitura do próprio referente da mesma, nesse caso, nada menos que S. Freud. Vimos que a biografia, no mesmo movimento em que tenta *dar vida* a uma personagem, atualiza a morte; sobretudo quando visa representar alguém vivo. S. Freud escreveu a Havelock ELLIS, agradecendo-lhe o envio de uma biografia dedicada a este último, o seguinte, “Vejo uma marca de sua bondade em relação aos outros no fato de você haver fornecido, de bom grado, a um biógrafo, tantas coisas

⁶³ GAILLARD, Françoise. Roland Barthes: le biographique sans la biographie. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n° 224. Paris. 1991. p.101.

⁶⁴ Ver nosso trabalho, “Entre Viena e Londres: Uma visita à casa de Sigmund Freud” In: *Psicologia Ciência e Profissão*. Conselho Federal de Psicologia: Brasília. Ano 20 N°3, 2000. p.02-07.; nesse trabalho, acreditamos ter alcançado, em alguma medida, o sentido do biografema; já que, no nosso entender, o biografema não pertence ao objeto mas a narrativa sobre o mesmo. Este biografema se constitui através da narração duma cena — vista num filme apresentado no *Sigmund Freud Museum*, em Londres — onde Anna Freud ajuda seu pai a entrar no seu consultório.

relativas a sua pessoa. Eu, por minha parte, não tenho nenhuma razão para fazê-lo.”⁶⁶. Lembremos que podemos supor, com alguma certeza⁶⁷, que nas origens gregas do gênero, encontra-se o elogio fúnebre homérico; nessa mesma época, como assinala Graziella NICOLAÏDES, reaparecem, nos vasos funerários, as figuras humanas ausentes durante o período do estilo chamado de *geométrico*, “A proto-biografia aparece em circunstâncias que lembram a representação da morte, o canto fúnebre assegura a memória para a posteridade, única forma de ‘sobreviver’.”⁶⁸.

Outro índice da preocupação de S. Freud com seus futuros biógrafos pode ser entrevisto nas sistemáticas correções que fazia a qualquer nota que contivesse referências históricas a respeito do movimento psicanalítico ou de si próprio. Um caso singular, talvez o único, onde a correção vai acompanhada de uma boa acolhida em relação ao empreendimento biográfico, é o trabalho de Honorio DELGADO, “[...] discípulo peruano, que lhe consagrou, por ocasião de seu septuagésimo aniversário, uma ‘biografia’ que é na realidade o desenvolvimento de uma homenagem pronunciada diante da Academia Nacional de Medicina de Lima.”⁶⁹. A acolhida deste trabalho contrasta com aquela de F. Wittels. Em carta enviada a H. Delgado, como agradecimento pelo esforço, encontramos, “Seu texto não somente me honra, mas também mostra toda a dimensão de sua cultura, a amplidão de sua perspectiva e a riqueza de seus interesses; sem contar um tato pouco habitual no tratamento de pontos delicados.”⁷⁰; palavras pouco freqüentes, e até encorajadoras. Mais alentadora parece ainda, a carta enviada por S. Freud, dois anos mais tarde, onde diz, “O conteúdo desta carta vai

⁶⁵ GAILLARD, op. cit., p.101.

⁶⁶ FREUD apud de MIJOLLA, op. cit., p.87.

⁶⁷ Cf. em NICOLAÏDIS, Graziella. La biographie grecque. (Quelques considerations psychanalytiques) . In: *Revue française de psychanalyse*. Paris: PUF, Tome LII, jan-fév. 1988, p.144.

⁶⁸ NICOLAÏDIS, op. cit., p.144.

⁶⁹ DELGADO apud de MIJOLLA, op. cit., p.92.

⁷⁰ FREUD apud de MIJOLLA, op. cit., p.92.

surpreendê-lo. Quanta futilidade pode alcançar um homem velho que não sabe mais como se ocupar!”, para logo relatar, “[...] ontem retomei o pequeno livro que me consagrou por ocasião de meu septuagésimo aniversário, e o reli por inteiro.”⁷¹; o objetivo de S. Freud era contribuir com algumas correções que ele mesmo considera supérfluas — embora não sejam —, mas que de alguma forma cooperam para a maior exatidão histórica⁷². Esta carta também mostra, da mesma forma que a mencionada anteriormente, a valorização do trabalho de H. Delgado, nela S. Freud afirma retomar a leitura do livro, “Com a grande satisfação de ter conseguido, ao menos, dar uma impressão tão boa, com uma forte dúvida íntima sobre a aprovação que a posteridade dará a seu julgamento, e com um sentimento de gratidão renovado em relação a si, pois ninguém jamais escreveu sobre mim com tanto afeto e compreensão.”, elogios pouco freqüentes em se tratando de um biógrafo, para logo acrescentar ainda, “Enfim, você também contribuiu, em certa medida, para que eu tenha um melhor conhecimento de mim mesmo, colocando em evidência o fio que une minhas fantasias de juventude sobre *Totem e Tabu* até minha última obra, naqueles dias, *O futuro de uma ilusão*.”⁷³. Vemos que os anos passam, a morte se aproxima, e a questão da biografia retorna; em relação às contribuições a H. Delgado, conclui, “Em tempos melhores eu não levaria estas coisas — referindo-se às correções — tão a serio.”⁷⁴. Nesse momento, o anúncio do câncer, presentificava a morte.

Anos depois, em 1936, por ocasião de seu octogésimo aniversário — como diz Alain de MIJOLLA, “[...] decididamente, essas são as décadas suplementares que estimulam o

⁷¹ Ibid., p.93.

⁷² Citando cada página do original, S. Freud comenta as várias correções. Duas merecem destaque. A primeira, refere-se aos casamentos do pai de S. Freud — questão bastante controversa: como H. Delgado sabia de um terceiro casamento, como sabemos, hoje, mais do que provável? —; a Segunda, diz respeito à ênfase que S. Freud dá à questão da pobreza, na sua vida, até a idade de trinta anos.

⁷³ FREUD apud de MIJOLLA, op. cit., p.93.

⁷⁴ Ibid., p.93.

apetite dos candidatos à escritura das biografias.”⁷⁵ — S. Freud responde, “[...] consternado pela ameaça que você queira tornar-se meu biógrafo”, a seu amigo, o escritor Arnol ZWEIG, “Você que tem tantas outras coisas mais belas e importantes a fazer, que pode inventar reis e contemplar a violenta loucura dos homens do alto de um promontório. Não, eu gosto muito de você para permitir uma coisa dessas.” e continua afirmando sobre a biografia, “Aquele que se torna biógrafo obriga-se à mentira, ao segredo, à hipocrisia, à idealização e mesmo à dissimulação de sua incompreensão, pois é impossível alcançar a verdade biográfica; e mesmo se fosse alcançada, ela não seria utilizável.” e conclui, “A verdade não é praticável, os homens não a merecem, e além disso nosso príncipe Hamlet não tinha razão quando perguntava se alguém poderia escapar ao castigo se fosse tratado segundo seus méritos?”⁷⁶

Noutra carta, esta vez, a seu amigo Stefan ZWEIG — de 18 de maio de 1936 — encontramos, novamente, a aproximação entre o biógrafo e o psicanalista, “Para o biógrafo como para o psicanalista, há fenômenos que podemos resumir sob o nome de Transferência.”⁷⁷. Neste sentido, podemos pensar que a *transferência* torna-se o motor — e o problema — comum da empresa analítica e biográfica. Parece necessário um breve parêntese sobre esta questão, embora em se tratando do tema da transferência — ao redor do qual gira todo o edifício psicanalítico — a síntese seja um grande desafio, podemos dizer que a idéia de *transferência* surge em S. Freud, ante a falta de justificativa dos sentimentos esgrimidos pelos pacientes em relação a si, “[...] suspeitamos que toda a presteza com que esses sentimentos se manifestam deriva de algum outro lugar, que eles já estavam preparados no paciente e, com a

⁷⁵ de MIJOLLA, op. cit., p.100.

⁷⁶ Ibid., p.100.

⁷⁷ Ibid., p.101.

oportunidade ensejada pelo tratamento analítico, são transferidos para a pessoa do médico.”⁷⁸. Sabemos que, historicamente, a descoberta freudiana parte dos efeitos deste fenômeno na prática médica, através de sua vertente imaginária — encenificados no amor-ódio. Estas circunstâncias eram conhecidas dos médicos da época: os mais experientes dentre eles, de alguma forma, conseguiam orientar-se nessa situação⁷⁹ — geralmente, através da sugestão — em favor da terapêutica médica. Porém, em muitos casos, a extrema força e presença sexual do fenômeno — e, principalmente, a aparente falta de justificativa da demanda — levava a situações como aquela que J. Breuer relatou a S. Freud e que depois conheceríamos sob a forma do caso de Anna O. Desta forma surge para S. Freud, ante a cena montada por Bertha Pappenheim⁸⁰ e seu médico, a possibilidade do questionamento a partir do qual se alinhar o discurso psicanalítico; quer dizer, aquele que proporia uma resposta inédita à presença do amor-ódio na relação terapêutica. Assim, as histéricas mostraram a S. Freud os efeitos, no sofrimento singular de cada uma delas, de uma verdade que, mesmo própria, lhes era alheia; por essa via, S. Freud soube determinar o caráter intransitivo da demanda atrelada a esse

⁷⁸ FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXVII: A transferência (1916-17). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XVI, 1997.

⁷⁹ Acreditamos que, ainda hoje, entre aqueles que cultivam a dimensão clínica da medicina, aconteça isto.

⁸⁰ Este era seu verdadeiro nome. No final do caso relatado por J. Breuer encontramos em relação a Anna O., “Depois, saiu de Viena e viajou por algum tempo, mas passou-se um período considerável antes que recuperasse inteiramente seu equilíbrio mental. Desde então tem gozado de perfeita saúde.” In: FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria (1893-95). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.II, 1997. CD-ROM. Mas, o final hollywoodiano parece não ser verdadeiro. Hoje sabemos através dos livros de Albrecht Hirschs Müller — *Josef Breuer*. Paris: PUF, 1991. — e de Lucy Freeman — *The Story of Anna O*. Nova York, 1972 — que depois do tratamento com J. Breuer, Bertha Pappenheim passou, a partir de 1882 — um mês depois da alta de J. Breuer —, por várias internações devido a fortes dores do trigêmeo acompanhadas de convulsões. O tratamento derivou numa morfomania. Mesmo assim, no hospital houve uma virada radical. Diz E. Rodrigué, “Bertha Pappenheim foi uma mulher não apenas muito inteligente, mas também de grande atrativo, tanto físico como espiritual. Duas décadas depois de ser tratada por Breuer, Bertha diplomou-se como primeira assistente social da Alemanha, tornando-se uma das figuras de destaque do movimento feminista mundial do final de século.[...] Bertha fundou um orfanato em Frankfurt, organizando uma liga de mulheres judias e uma casa de mães solteiras, tendo uma homenagem póstuma, sido agraciada com um selo comemorativo com uma efígie. Mas, por ironia do destino, uma mulher que fez tantas coisas importantes na vida é mais conhecida pelas cobras e lagartos de seus delírios.” In: RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.281-282.

sofrimento. Ao redor da suposição de uma verdade passível de ser alcançada, — questão que implica, para o homem moderno, a presença de um saber —, é que surge a possibilidade da demanda dirigida àquele que se supõe possuir o acesso a essa verdade; encarnada, naquele momento, na figura do médico. Anos mais tarde — na primeira apresentação do seminário *A Identificação*, no dia 15 de novembro de 1961 —, J. Lacan fará girar ao redor desta questão sua fórmula do *Sujeito.suposto.Saber* — essa função à qual, às vezes, o psicanalista empresta sua voz —; sobretudo, a partir do lugar de destaque ocupado pela figura da ignorância nessa dialética. Lembremos, brevemente, de que a ignorância, junto ao amor e ao ódio, fazem parte daquilo que J. Lacan chamou das paixões presentes na transferência⁸¹

A partir disto, Alain de MIJOLLA propõe que “A investigação biográfica pode ser considerada como uma repetição da investigação infantil sobre a vida passada dos pais, essa “pré-história do Complexo de Édipo” que deslancha a elaboração dos fantasmas de identificação.”⁸². Tratar-se-ia da mesma vontade de saber — *Forschertrieb* — sobre o passado, mas “Isso, na medida em que o biógrafo venha a prosseguir na pesquisa e na construção histórica, sem que isso seja um caminho voluntário ou artificial, que seja sim, alguma coisa da ordem de uma investigação auto-analítica, portanto, fazendo jogar inconscientemente ao objeto de seu estudo um papel nos seus próprios fantasmas familiares,[..]”. Tratar-se-ia somente de uma identificação simbólica ao traço, distante da massiva identificação imaginária onde se esvazia a singularidade, no espelho do narcisismo. Esta identificação convoca, ao mesmo tempo, à ambivalência, no sentido de que faz presente

⁸¹ “[...] estas duas possibilidades — diz J. Lacan —, amor e ódio, estão sempre acompanhadas por uma terceira, que geralmente se descuida, e que não se conta entre os componentes primários da transferência: a ignorância como paixão. [...], o sujeito que vem se analisar coloca-se, enquanto tal, na posição de quem ignora. Sem esta referência não há entrada possível na análise: nunca é nomeada, nunca se pensa nela, quando na realidade é fundamental” (30/06/1954)., em LACAN, Jacques. Seminário nº1. 1953-54. Los escritos técnicos de

— ao aproximarmo-nos do objeto — a desidealização do mesmo; consegue, num só movimento, a intimidade ao mesmo tempo em que mantém a possibilidade do estatuto de objeto. Esta identificação inconsciente seria “[...] a condição *sine qua non* para que o leitor sinta por sua vez mobilizadas suas próprias capacidades identificatórias e se deixe levar pela veracidade da narração.”⁸³; quer dizer, ser o outro, sendo nós mesmos. Talvez o caso de E. Jones seja paradigmático. Quando do empreendimento da biografia de S. Freud, E. Jones fez um parêntese na escrita de sua autobiografia — que depois terminaria sob o belo título de *Free Associations*⁸⁴ — para começar o trabalho sobre S. Freud incluindo, ao modo de uma autobiografia, parte de sua história pessoal, “[...] ao terminar a biografia de Freud, Jones deixara crescer uma barba semelhante ao do fundador da psicanálise. Foi tão longe o processo de identificação, que um dos últimos retratos do casal Jones é quase igual a um dos últimos retratos do casal Freud.”⁸⁵

Como vemos, a pesquisa biográfica e sua escrita atualizam aquilo que S. Freud chamou de *romance familiar*⁸⁶; quer dizer, uma das *fantasias originárias*⁸⁷; no dizer de S. Freud, trata-se do “[...] acervo de fantasias inconscientes de todos os neuróticos, e provavelmente de todos os seres humanos, [...]”. Chamo tais fantasias — da observação do ato

Freud. Versão de Paidós. In: *Lacan 2000*. Tradução de Rithee Cevasco e Vicente Mira Pascual. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD 1999.

⁸² de MIJOLLA, o p.cit., p. 102.

⁸³ Ibid., p. 102.

⁸⁴ Cf. JONES, Ernest. *Free Associations: Memories of a Psychoanalyst*. Nova York: Transaction Publishers, 1990.

⁸⁵ MOREIRA LEITE, Dante. Ficção, biografia e autobiografia. In: *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampliada São Paulo: Ed. Nacional e EDUSP, 1972, p. 30.

⁸⁶ Para aprofundar esta questão ver, FREUD, Sigmund. *Romances Familiares* (1909) [1908]. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX, 1997.

⁸⁷ Sobre esta questão sugerimos o clássico, LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origem da Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988. Tradução de Alvaro Cabral.

sexual dos pais, da sedução, da castração e outras — de ‘fantasias primevas’.⁸⁸, trata-se de fantasias típicas de caráter geral. Na verdade, essas fantasias representam soluções ou teorias infantis para as diferentes perguntas pelas origens. Pretendem, da mesma forma que os mitos na cultura, criar uma ‘teoria’ que explique os enigmas a que toda criança se defronta⁸⁹. Podemos sugerir que a presença do *romance familiar*, talvez seja um dos motivos pelos quais a biografia perdura através de dois mil anos de cultura, uma vez que o gênero biográfico — quando alcançado o sentido identificatório — reavivaria essa *Urphantasien*, onde a história familiar — via identificação simbólica — entrelaça-se com a do objeto biografado.

Como vimos, o tipo de relação ambivalente — no sentido de próxima e estrangeira ao mesmo tempo — própria da identificação simbólica na biografia, talvez seja a condição que permita destacar a importância da biografia na apreensão de uma obra teórica ou artística,

[...] uma obra de origem humana não pode ser abordada sem manobras de aproximação. Ela se apresenta ao *eu* daquele a quem é confrontada, como um corpo estranho; mas um corpo vivo clamando sua origem humana através das linhas, das notas, ou dos golpes de pincel. A obra não pode assimilar-se a uma pedra, qualquer que seja seu grau de abstração, e não será jamais aprendida por um intelecto desencarnado. As relações de paixão que ligam matemáticos ou físicos a suas fórmulas mostram bem a afetividade a que se prendem.⁹⁰

Por este viés, podemos pensar e propor o interesse do estudo biográfico para a apreensão duma obra; quer dizer, seus vasos comunicantes. Tratar-se-ia da integração de duas representações complementares e recíprocas; entrelaçando num mesmo movimento duas

⁸⁸ FREUD, Sigmund. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIV, 1997.

⁸⁹ As proto-fantasias arroladas por S. Freud são cinco: a chamada *cena primitiva* — escutar a cópula entre os pais — que tenta responder à pergunta pela origem do sujeito; as fantasias de *sedução por uma pessoa amada*, trata-se do enigma pelo surgimento da sexualidade; as fantasias de *ameaça de castração*, onde se tenta responder à diferença dos sexos. Numa nota de 1920 à seção *As transformações da puberdade* dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), encontramos somadas às três anteriores, a *volta ao ventre materno* — vida intra-uterina — e o *romance familiar* no qual, segundo S. Freud, “[...] o adolescente reage à diferença entre sua atitude de agora para com os pais a que teve na infância.” (FREUD, 1905).

dimensões — paradoxalmente — excludentes: vida e obra. Associar estas duas dimensões significa aceitar a presença do imaginário como mais um instrumento ao serviço da apreensão da obra; alertas e conscientes de sua presença, acreditamos que isto somente tem a contribuir como dizia S. Freud, “no domínio psíquico da substância do mundo exterior.”⁹¹.

Retornemos a E. Jones. Ele assinala dois objetivos no seu texto; em relação ao primeiro, afirma, “Os objetivos desta são simplesmente o de registrar os principais fatos da vida de Freud [...]”, e aqui aparece uma questão a ser destacada, “[...], enquanto ainda são acessíveis,”⁹². Quer dizer, percebe-se a idéia de que o conhecimento histórico seria passível de resgate e registro através do recorte dos momentos considerados importantes pelo historiador. De alguma forma, já encontramos nesta proposta o apelo à síntese necessária ao retrato. Em segundo lugar, deparamo-nos, com uma das principais questões do empreendimento biográfico no seu sentido histórico, neste caso: a forma de acesso ao fato ocorrido. Adiantamos isto porque, de certa forma, através dessa afirmação podemos conhecer a concepção da história deste autor: o acesso ao fato seria possível e dependeria da distância entre a ocorrência e o momento de sua escrita. Este modo de ver norteia a investigação e, de alguma maneira, pretende dar legitimidade ao trabalho.

O segundo objetivo assinalado por E. Jones é — de modo mais ambicioso e onde parece estar presente a intenção de síntese, embora não dirigida à representação — “[...] o de tentar relacionar sua personalidade e as experiências de sua vida com o desenvolvimento de suas idéias.”⁹³. Nesse sentido, provavelmente, este tenha sido o primeiro esforço para se tentar

⁹⁰ de MIJOLLA, op. cit., p.103.

⁹¹ Ibid., p.103.

⁹² JONES, op. cit., p.11.

⁹³ Ibid., p.11.

estabelecer os limites dos condicionamentos e influências entre o corpo teórico desenvolvido por S. Freud e suas experiências de vida. Dito de outra forma, a difícil relação entre o *universal* e o *singular* que a Psicanálise comporta, ou de outra forma, a questão sobre aquilo que corresponderia à universalidade da ciência e aquilo atrelado à singularidade de cada experiência de análise ou seja, o destino de cada *neurose de transferência*, “Uma das razões pelas quais este livro está sendo escrito é a esperança de elucidar alguma coisa dos processos da mente de Freud e das experiências de sua vida que culminaram em suas descobertas.”⁹⁴. Veremos como, mesmo tendo avançado na elucidação deste tema, E. Jones foi superado por este fantasma, ao associar, por exemplo, o conceito de *pulsão de morte* — com o qual não concordava — com circunstâncias da vida de S. Freud; a mesma divergência aparecendo em relação à *sexualidade feminina*. Neste sentido, as vezes em que E. Jones tentou aproximar, entrelaçando a singularidade da vida de S. Freud e o desenvolvimento da Psicanálise o resultado, por sua simplicidade — e às vezes parcialidade — não chegou a bom termo.

Ao mesmo tempo, nota-se, claramente, sob os argumentos práticos e intelectuais, a vontade de dar vida ao herói morto, ao pai morto. O próprio E. Jones o coloca nesta categoria; questão que em princípio poderia ser um limite à leitura e à credibilidade torna-se, pela clareza da posição, uma condição que contribui para a construção da narrativa. Cremos que E. Jones consegue — mesmo ocupando um lugar mais do que parcial — distanciar-se da hagiografia. Encontramo-nos frente ao discípulo na tentativa de dar vida ao mestre morto sem, por isso, perder sua própria voz. Mesmo exaltando os sentidos positivos da personalidade de S. Freud, não oculta ou relativiza os aspectos mais obscuros ou, inclusive, sinistros. No nosso entender, o grande mérito deste trabalho consiste em fornecer informações ao leitor para que este crie ou reavive uma imagem própria de S. Freud em muitos momentos desviando-se

⁹⁴ JONES, op. cit., p.252.

daquela que pretende construir E. Jones. Com efeito, essa transparência de motivos e propósitos torna o texto um espaço de pesquisa aberto àqueles que depois — através de um olhar diferente — também biografariam S. Freud. Por este viés, o trabalho de E. Jones é inestimável: desbrava o campo para aqueles que viriam depois. Dificilmente poderíamos conceber o trabalho dos biógrafos posteriores sem o resgate de E. Jones. Desta forma, e ao mesmo tempo, o texto de E. Jones faz parte da história da Psicanálise, “[...] não posso deixar de fazer referência a mim mesmo dentro desse contexto.”⁹⁵. Os antecedentes do autor e a dimensão histórica do texto — apesar dos problemas — colocam o trabalho entre os clássicos que nenhum psicanalista — no nosso critério — ou interessado na psicanálise, pode deixar de conhecer. Isso coloca a questão, no mesmo movimento, de ser objeto e sujeito dessa história; já que E. Jones participou ativamente da mesma. Inúmeras vezes, E. Jones declara recorrer a suas próprias lembranças. O efeito não é somente trazer a informação, mas também o de recorrer à consistência do testemunho, “Da vivaz personalidade da mãe, este escritor — assim se apresenta — tem muitas lembranças, [...]”⁹⁶ ⁹⁷. Mas, ao mesmo tempo, podemos arrolar esta questão como um mérito narrativo, na medida em que E. Jones consegue forjar a imagem da ubiqüidade, ele, “[...] cria a ilusão de onipresença, e não fica bem claro quando entra em cena pela primeira vez. Cotejando sua autobiografia, *Free Associations*, vemos que foi aqui, no Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo, que conheceu Freud⁹⁸. [...] A gente esquece que Jones foi um discípulo relativamente tardio, tendo chegado depois de Federn, Ferenczi, Abraham, Rânk e Tausk.”⁹⁹.

⁹⁵ JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.III 1989. p.139.

⁹⁶ JONES, op. cit., p.16.

⁹⁷ É interessante comprovarmos como E. Jones, no momento de sua pesquisa para a produção da biografia, encontrou na análise da correspondência o lugar que os outros protagonistas — inclusive o próprio S. Freud — lhe outorgavam. Quer dizer, descobre o lugar que ele próprio ocupava na visão dos outros protagonistas.

⁹⁸ Nesse momento Freud tinha cinquenta e um anos.

⁹⁹ *Ibid.*, p.184.

Nota-se que E. Jones não recua ante as dificuldades que representa abordar ou não algum episódio. Durante sua leitura, em muitos momentos chegamos a perguntar-nos como reagiria a família ante o relato de alguma circunstância específica. O surpreendente é que — no nosso modo de entender — E. Jones conseguiu deixar — para o bom farejador — rastros onde, posteriormente, poder-se-iam revelar aspectos que não encontrassem espaço nesta que podemos chamar de ‘biografia autorizada’. De alguma forma, este *gentleman* galês soube manter-se no caminho da verdade indicando, ao mesmo tempo, que provavelmente não se tratasse de toda a verdade a sua disposição ou de que mesmo dispondo dela, alguns limites lhe eram impostos. Lembremos que S. Freud o chamava de “mentiroso¹⁰⁰ galês”¹⁰¹. Tamanha foi a confiança depositada em E. Jones, que teve a sua disposição as mil e duzentas cartas de amor trocadas por S. Freud e sua então noiva. Assim, o apoio fornecido a E. Jones foi intenso e de qualidade, quase irrestrito. Condição que faltou aos biógrafos posteriores, vítimas da sinistra administração da maioria dos documentos inéditos de e referidos a S. Freud.

Podemos dizer que se tratou do homem certo no momento certo.¹⁰² Não dispor do material que E. Jones conseguiu alinhar, formalizando a primeira representação biográfica de S. Freud, teria sido excluir, não somente uma imagem que de alguma forma organizou a

¹⁰⁰ Outro psicanalista dirá da mentira, “Com efeito, a medida que a mentira se organiza, emite seus tentáculos, torna-se necessário o controle correlativo da verdade que encontra a cada curva do caminho e que a mentira deve evitar. A tradição moralista o afirma: é preciso ter uma boa memória quando se está mentindo. É preciso saber muitas coisas para poder sustentar uma mentira. Nada é mais difícil de montar, do que uma mentira que se mantenha. Já que, nesse sentido, a mentira realiza, ao se desenvolver, a constituição da verdade.”(30/06/54). LACAN, Jacques. Seminário nº1. Classe 21 1953-54. Los escritos técnicos de Freud. Versão de Paidós. In: *Lacan 2000*. Tradução de Rithee Cevalco e Vicente Mira Pascual. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD 1999. CD-ROM.

¹⁰¹ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.27.

¹⁰² Isto não impede que imaginemos como teria sido uma biografia escrita, por exemplo, por Otto Rank ou Max Eitingon.

representação de Freud na cultura mas também deixar no esquecimento grande parte da história da psicanálise.

Assim, devemos dizer sucintamente, aqui, quem foi Ernest Jones e qual o lugar que ocupou na história do movimento psicanalítico internacional. Além do que já foi exposto até o momento sobre este autor, podemos dizer que nasceu em Gales em 1879. Estudou medicina especializando-se em neurologia. Vimos que conheceu S. Freud em 1908 no primeiro congresso psicanalítico, em Salzburg, onde fez sua primeira apresentação de trabalho.¹⁰³ Aprendeu o alemão lendo a *Interpretação dos Sonhos*. Em 1913, a sugestão de S. Freud, fez sua análise com S. Ferenczi — questão complexa uma vez que este encaminhamento foi entendido por E. Jones como uma espécie de rejeição por parte de Freud. Foi um grande ativista da causa psicanalítica. Além de ter sido o incentivador do comitê secreto, os *senhores do anel*¹⁰⁴ — junto a K. Abraham, S. Ferenczi, O. Rank, M. Eitingon e A. von Freund —, criou vários periódicos e instituições psicanalíticas na Inglaterra e nos Estados Unidos. Foi presidente da I. P. A. em vários e longos períodos.

[...] ao ler a correspondência Freud-Jones, percebe-se como Jones vai crescendo dentro da instituição psicanalítica, até chegar a ser a figura dominante da IPA (ele foi, com intervalos, presidente da Internacional desde 1920 até 1949). Seria injusto só considerá-lo como um astuto burocrata e um bom organizador. [...] Homem com uma grande capacidade para odiar

¹⁰³ Juntos, Brill e Jones conheceram a Freud no congresso de Salzburgo. Nesse encontro Brill conseguiu os direitos para a tradução de seus textos para o inglês, “A inveja do relegado era inevitável e infundável. Ele, que será lembrado por esses monumentos que formam a Standard Edition e sua Vida e obra de Sigmund Freud. De fato, Jones era um grande ambicioso. Segundo Anna Freud, a ambição de Jones tinha a ver com sua origem proletária, bem dissimulada em sua autobiografia.” cf. RODRIGUÉ Emilio *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana, v. II 1996, p. 185.

¹⁰⁴ Em carta a Freud, E. Jones propôs, “Minha idéia é formar um conselho não oficial e informal, portanto necessariamente secreto, em estreito contato com o senhor para fins de instrução e crítica. O que teremos que fazer será purgar, no possível, todas as excrescências teóricas, e coordenar nossos próprios fins inconscientes com as demandas e interesses do movimento.” Cf. RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v. II 1995, p. 189. A referência ao anel diz respeito a que o grupo se distinguiu pelo uso comum de um anel singular. Freud havia-lhes presenteado com um entalhe grego, de sua coleção particular, o qual foi engastado num suporte de ouro.

e, também, para ser odiado. Segundo Paul Roazen ele era, “em sua pior faceta, rancoroso, invejoso e displicente”¹⁰⁵.

Sobre E. Jones, temos o testemunho de outro dos biógrafos abordados neste trabalho; E. Rodrigué conta, “Eu conheci Ernest Jones. Cheguei a Londres quatro anos antes de sua morte e assisti a várias sessões científicas onde estava presente, lá, na primeira fila. Era um homem baixinho e enxuto, enérgico, com movimentos de pássaro, lembrando Alex Guinness em *A Ponte sobre o rio Kwai*. Um certo ar militar. À distância, dava-me a impressão de que falava muito e escutava pouco.” E acrescenta referindo-se a sua própria biografia, “Na revisão deste livro, reparo que maltrato Jones, como se fosse meu saco de pancadas. Alvo de minha ambivalência. Escritor fluido e incansável, esteve no lugar ideal para ser o biógrafo oficial. Anna Freud entregou-lhe um vasto arquivo de material inédito. A família do herói, Anna em particular, foi criticada pelo ‘zelo’ exagerado. Mas, se me colocar em sua pele — virgem e tudo — compreendo sua agonia e suas dúvidas em publicar a *Correspondência com Fliess*. Anna, como disse no prólogo, foi uma mulher medrosamente valente.”¹⁰⁶. Paira sobre E. Jones uma suspeita que, sem desacreditar seu trabalho, ofusca sua imagem. Trata-se dum possível episódio de pedofilia e de ter sido chantageado por uma paciente¹⁰⁷.

¹⁰⁵ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta. v.i. 1995, p.188.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.192.

¹⁰⁷ “Quando Jones clinicava no West End Hospital, em 1908, com seus 29 anos, atendeu uma menina de 10 anos com uma paralisia histérica. Jones narra em sua autobiografia, que a moça ‘contou às outras crianças que o doutor havia tocado temas sexuais com ela e que isso chegou aos ouvidos de seus pais’. A notícia circulou pelo hospital e Jones ‘foi obrigado a renunciar’ por suspeitas pedofílicas.” a questão é que “[...] Jones teve que abandonar a Inglaterra”. Além disto, do outro lado do Atlântico, em Ontário, Canadá, “[...] uma das pacientes acusou Jones de havê-la atacado sexualmente. Jones, em sua defesa, contou a Putman que a mulher em questão lhe havia feito ‘propostas desonestas’, mas Putman achou estranho que um homem que professava inocência, houvesse dado 500 dólares em dinheiro, em decorrência dessa chantagem.” In: RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.II 1995. p.395-396.

Em termos teóricos, provavelmente, seu trabalho sobre o simbolismo de 1916 seja o mais original¹⁰⁸. A noção de *afânise*, no contexto da sexualidade feminina, também lhe pertence. Ajudou pessoalmente a muitos psicanalistas e seus familiares — inclusive o próprio S. Freud — a sair da Alemanha e Áustria dominadas pelo nacional socialismo. Na discussão sobre a psicanálise de crianças, entre Anna Freud e Melanie Klein, manteve-se próximo desta última ajudando-a, inclusive, a se instalar na Inglaterra. A partir de 1947, começou o trabalho biográfico sobre S. Freud — sem dúvida — seu trabalho mais lido e difundido; assim como o projeto da *Standard Edition*¹⁰⁹. No fim de sua vida concluiu sua autobiografia¹¹⁰. Morreu em 1958.

Como vemos, trata-se de uma figura privilegiada dentro do freudismo. Por isso, hoje temos o privilégio de poder aceder a um livro escrito por alguém — talvez o único — preparado, naquele momento, para esse empreendimento. A tal ponto é identificado E. Jones com a primeira biografia de S. Freud que, hoje, é freqüente, num primeiro momento, lembrarmos-nos de E. Jones como sendo, somente, o biógrafo de Freud, sem levar em conta sua participação ativa tanto na política, quanto na produção teórica da psicanálise, não o colocando no mesmo nível de consideração teórica que aquela de alguns de seus contemporâneos como, por exemplo, Sandor Ferenczi ou Karl Abraham. Foi J. Lacan quem resgatou, embora de forma crítica, às vezes muito duras, a produção de E. Jones sobre, por

¹⁰⁸ Cf. JONES, Ernest. The Theory of symbolism. In: *British Journal of Psychology*, IX, 1916.

¹⁰⁹ Foi o incentivador da monumental, sem por isso problemática, tradução das obras de Freud para o inglês: projeto coordenado por James Strachey.

¹¹⁰ JONES, Ernest. *Free Associations: Memories of a Psychoanalyst*. Londres: Paperback, 1990.

exemplo, o simbolismo¹¹¹ ou a sexualidade feminina. São poucos os seminários de J. Lacan onde não se encontram referências a ele¹¹².

A organização do texto de E. Jones parece obedecer à cronologia ou, em princípio, esta parece ser a intenção do autor. Junto ao título de cada capítulo encontramos o período, em anos, correspondente. Logo depois da apresentação do universo familiar, o livro é permeado de citações de textos que S. Freud escreveria muitos anos depois. Este trabalho de reconstrução histórica se faz particularmente presente na reconstituição dos primeiros anos de vida. Neste sentido, podemos afirmar que a construção deste período de vida é o mais ‘psicanalítico’ de todos; já que sabemos que a reconstituição do universo infantil somente pode-se realizar através da lembrança adulta, permeada pelo fantasma constituído, justamente, na infância evocada.

Todavia, podemos dizer que em nenhum momento encontramos no texto de E. Jones qualquer abordagem da história de S. Freud que possa ser assimilada às formas de exegese do discurso psicanalítico, “Como para desculpar-se melhor de sua empresa [...], Jones permite-se algumas aproximações psicológicas sobre erros de julgamento de Freud, subestimando alguns de seus companheiros. O único ponto de fricção teórica é o da pulsão de morte, [...]”¹¹³, ao que acrescentaríamos, por nossa parte, as divergências sobre a sexualidade feminina. Assim,

¹¹¹ LACAN, Jacques. À la mémoire d’Ernest Jones: sur la théorie du symbolisme. In: *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966. p.697-717.

¹¹² As relações entre E. Jones e J. Lacan começaram mal. No congresso de Marienbad, em 1936, o jovem J. Lacan foi interrompido por E. Jones, em meio a uma frase, dez minutos depois de ter começado sua primeira exposição sobre o *Estádio do Espelho*. Referindo-se a isto, J. Lacan dirá dez anos mais tarde em *Proposta sobre a causalidade psíquica*, “Fiz disso — do Estádio do Espelho — uma comunicação em forma ao congresso de Marienbad em 1936, pelo menos até o ponto que coincidia exatamente com o quarto *top* do décimo minuto em que me interrompeu Jones, que presidia o congresso enquanto presidente da sociedade psicanalítica de Londres, [...]” in: LACAN, Jacques. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966. p.184.

¹¹³ VYCHYN Bertrande. La Psychanalyse entre l’archéologie et l’histoire. In: *Revue Internationale de l’Histoire de la Psychanalyse*, VI, 1993, p.136.

embora fique clara sua condição de discípulo, sua condição de psicanalista não se transmite à narrativa: E. Jones apresenta um Freud quase assexuado. Lembremos a idéia de S. Freud acima, “Se um estudo biográfico tem realmente como objetivo chegar à compreensão da vida mental de seu herói, não deverá omitir, como acontece com a maioria das biografias — por discricção ou por melindre — sua atividade sexual ou sua individualidade sexual.”¹¹⁴

A estratégia narrativa de E. Jones inclui a superposição de períodos históricos. Associa um título a um período de tempo — por exemplo, *O episódio da cocaína 1884-1887* — para no próximo capítulo — *Noivado 1882-1886* — retomar quase o mesmo espaço temporal sem associar ambas as dimensões. Não consegue através da narrativa construir um espaço histórico onde o uso da cocaína convive com o noivado, com sua formação intelectual ou com outras espaços de sua vida. Esta espécie de retorno denuncia que a representação construída pelo leitor, até esse instante da leitura, não é completa. Ou de outra forma, deve ser modificada através da adição posterior de nova informação. Com isto, há uma inevitável insegurança na construção da representação. O leitor não sabe em que momento da vida de Freud se encontra, à medida que avança na leitura do texto, ou se falta algum aspecto de vida a ser acrescentado. A narrativa não alinhava diferentes e distantes aspectos de vida ao mesmo tempo, entrelaçando-os. Quer dizer, o texto não conjuga as diferentes dimensões do *puzzle* freudiano. Sabemos que retratar as contradições de uma personalidade é um dos desafios do biógrafo e, no nosso entender, é essa a debilidade do texto de E. Jones. Nota-se um esforço em, a todo o momento, construir uma imagem, embora em desenvolvimento, coerente e coesa, denotando um claro sentido teleológico. Neste sentido, fica clara a artificialidade deste recurso na construção. O próprio E. Jones declara optar por esta forma, à medida que

¹¹⁴ FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância (1910). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XI, 1997.

considera que “O desenvolvimento de Freud de 1880 a 1900 apresenta naturalmente uma continuidade que, esquematicamente, poderia ser narrada como um todo, embora possa ser exposta de maneira mais compreensível para o leitor se agrupada de uma forma como aqui é intentada.”¹¹⁵; quando, na verdade, parece ser exatamente o contrário. Verifica-se a luta de E. Jones em manter uma unidade artificial.

No prefácio do segundo volume, E. Jones afirma, “Assim, depois de muito refletir, penso que estarei fazendo o melhor por meus leitores ao agrupar de novo os temas, como no primeiro volume, sob títulos distintos, sendo depois o conteúdo de cada uma exposto cronologicamente.”¹¹⁶. Desta forma, E. Jones explicita o critério de organização do texto, trata-se de eixos temáticos ao redor dos quais procura organizar a história de vida. Por tanto, a proposta narrativa de E. Jones parece responder à somatória dos temas destacados. Por isso, encontrávamos, sobretudo no volume anterior, a superposição de datas, à medida que o critério temático se desvinculava, nesse ponto, da linearidade temporal. Há uma constante justaposição cronológica que obriga, a posteriori, a uma somatória ou síntese por parte do leitor, como se a cada passo se devesse reordenar a construção da representação, não se percebe no texto o diálogo necessário entre as diferentes dimensões da história e da personalidade de S. Freud.

Sem dúvida, este é um tipo de solução narrativa proposta ao problema das relações entre o sentido diacrônico e sincrônico na narrativa. Lembremos sucintamente que a sincronia diz respeito à equitemporalidade das diferentes dimensões presentes num mesmo instante de vida; a diacronia assinala a sucessividade temporal da mesma. A escrita, através da qual se dá

¹¹⁵ JONES, op. cit., p.229.

a construção da representação biográfica é, em princípio, diacrônica, quer dizer, tenta representar na sucessividade do discurso, um real — sincrônico — que não se ajusta por estrutura. Este esforço chega ao extremo de, no capítulo intitulado *Associação Psicanalítica Internacional*¹¹⁷, arrolar ano a ano, os acontecimentos. Parece, mais do que uma narrativa de certo período de vida, um relatório cronológico onde se perde o entrelaçamento entre os acontecimentos. Como se o acontecimento de um ano não fosse significado por um outro anterior ou resignificado por um momento posterior, “Sente-se, às vezes, — por parte do biógrafo — a aflição de não poder apresentar a vida inteira, dia-a-dia, do modelo: nostalgia fatal, que mina a biografia, como aquela do cartógrafo borgiano, sonhando construir um mapa do tamanho do país¹¹⁸”¹¹⁹. Paradoxalmente, a vontade seqüencial é interrompida mas, como vemos, isto não contribui para a síntese, “Este, portanto, é o ponto adequado para interromper a história cronológica.”¹²⁰. A partir desse momento — parte II do volume — Jones se dedica à análise da obra de Freud, quer dizer, aparece o Freud criador da psicanálise.

Entretanto, acreditamos que E. Jones é consciente dos limites de sua empresa; no capítulo *Caráter e Personalidade*¹²¹ podemos ver, não somente a forma da construção narrativa da biografia mas também a forma do aparecimento deste trabalho. Lembremos que

¹¹⁶ JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.II 1989. p.12.

¹¹⁷ Cf. op. cit., p.80.

¹¹⁸ É recorrente a imagem dos mapas e da cartografia em Jorge Luis Borges, acreditamos que Claude Arnaud refere-se àquela citação de J. L. Borges de Suarez Miranda que diz, “...En aquel Imperio, el Arte de la Cartografía logró tal perfección que el Mapa de una sola Provincia ocupaba toda una ciudad, y el Mapa del Imperio toda una provincia. Con el tiempo, estos Mapas Desmesurados no satisfacieron y los Colegios de Cartógrafos levantaron un Mapa del Imperio, que tenía el tamaño del Imperio y coincidía puntualmente con él. Menos Adictas al Estudio de la Cartografía, las Generaciones siguientes entendieron que ese dilatado Mapa era inútil y no sin Impiedad lo entregaron a las Inclemencias del Sol y de los Inviernos. En los Desiertos del Oeste perduran despedazadas Ruinas del Mapa habitadas por Animales y por Mendigos; en todo el País no hay otra reliquia de las Disciplinas Cartográficas”, BORGES, Jorge Luis. Del rigor de la ciencia. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Emece, 1989. p.847.

¹¹⁹ ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard, n° 54, mars-avril. 1989, p.47.

¹²⁰ JONES, op. cit., p.212.

se trata de uma obra apresentada em três volumes, editados sucessivamente, “Eu esperava que, a partir dos inúmeros detalhes narrados no volume I desta biografia, emergisse uma figura definida.”¹²² comenta o autor; mostrando, de alguma forma, o projeto de trabalho, mas afirma, “Nem todos os que comentaram o livro, porém, acharam que isso se verificava, de modo que me senti na obrigação de tentar uma apresentação mais plena do homem Freud, de sua personalidade, seu caráter e seu modo de vida; [...]”¹²³. Esta afirmação assinala o caráter cumulativo deste projeto biográfico e, de alguma forma, o reconhecimento de certo fracasso na medida em que aqueles que conheceram S. Freud, pareciam não encontrá-lo no texto. A solução, proposta por E. Jones, à falta de consistência da representação parece repousar na acumulação ou adição de informação, porém, esta não chega a definir a imagem retratado. E. Jones se divide entre a apresentação dos aspectos positivos — os quais fariam, a seu ver, irreconhecível o biografado —, e “[...] os aspectos que trazem uma harmonia incompleta de caráter, os defeitos e fraquezas inseparáveis da humanidade, [...]”¹²⁴, ângulos sem os quais seria irreconhecível a figura de S. Freud. E. Jones opta então, nesse momento, por apresentar o que ele chama de “peculiaridades”¹²⁵. Com isto, tenta distanciar-se da idealização em que, segundo ele, outros autores poderiam cair; a respeito, cita o próprio S. Freud, “Isso é lamentável, já que assim fazendo sacrificam a verdade a uma ilusão e perdem a oportunidade de penetrar nos mais fascinantes segredos da natureza humana.”¹²⁶. Paradoxalmente, nesse momento do texto, e, depois de argumentar em favor de uma nova visada que venha a completar o já apresentado, E. Jones opta por delegar parte do trabalho a um texto onde Joan

¹²¹ Ibid., p.399.

¹²² Ibid., p.399.

¹²³ Ibid., p.399.

¹²⁴ Ibid., p.399.

¹²⁵ Ibid., p.399.

¹²⁶ FREUD apud JONES, op. cit., p 399.

Rivière¹²⁷ relata suas impressões de S. Freud. Pareceriam estratégias do autor para resguardar-se de prováveis críticas que, de alguma forma, adianta ao reconhecer — na recepção do primeiro volume — a falta de definição na representação do biografado, “Ao tentar uma avaliação total de uma personalidade, como a que estou fazendo aqui, tenho consciência das ciladas armadas por toda parte.”¹²⁸ Ao mesmo tempo, o fato de apelar a outras vozes — à de Joan Rivière, por exemplo — denota não somente a humildade¹²⁹ de certo fracasso, mas a circunstância de estar disposto a recorrer a todos os artifícios possíveis na sua vontade de retratar S. Freud; inclusive um engenhoso recurso para poder dar voz clara ao viés hagiográfico do texto; E. Jones inclui um texto seu, escrito em outra ocasião, pouco depois da morte de S. Freud — trata-se, provavelmente, de um texto necrológico. Esta estratégia, a de inserir um texto anteriormente escrito, em princípio com outra intenção, abre habilmente uma porta, à admiração irrestrita, presumivelmente externa à biografia. Dessa forma, E. Jones deixa vaziar a admiração incondicional do discípulo e amigo. Logo a seguir, num interessante contraponto afirma, “Depois desse prelúdio descritivo, proponho-me a fazer a ousada tentativa de aproximar-me o mais que puder do segredo do gênio de Freud. Tarefa audaciosa, na qual o mais provável é o fracasso.”¹³⁰ Assim, vemos que, nesse momento, “o segredo do gênio” orienta o decurso biográfico dirigido, estratégica e realisticamente, ao fracasso. O motor biográfico de E. Jones parece alavancado em dois pontos: o tributo filial, em que o reconhecimento mistura-se com a tentativa de restituição de uma imagem arranhada pelos opositores, e a procura do segredo da criação e da diferença: a chave do segredo freudiano.

¹²⁷ RIVIÈRE apud JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.II 1989. p.400.

¹²⁸ JONES, op. cit., p.403.

¹²⁹ Embora, ao seu respeito, E. Jones não deixe de afirmar, “[...] tenho certeza de que Freud ficaria surpreso ao ver que alguém podia se aproximar da verdade a seu respeito bem mais do que ele imaginava possível.” cf. *Ibid.*, p.29.

¹³⁰ *Ibid.*, p.422.

No final do segundo volume, encontra-se um *Apêndice*. Nele, observamos outra estratégia informativa — e formativa da representação: uma seleção de trechos da correspondência de S. Freud, ao modo de flashes. Assim, E. Jones encerra o volume dando a voz ao próprio S. Freud numa seleção de sua correspondência.

O terceiro volume, aparecido em 1957, quer dizer, quatro anos depois do primeiro e dois depois do segundo, constitui o último volume da biografia. Subintitula-se *Última Fase 1919-1939*, e mantém a dedicatória a Anna Freud. Não esqueçamos de que a tentativa de E. Jones era a de apresentar, além da vida, a obra de Sigmund Freud. Ademais do caráter editorial que um título como *Vida e Obra* comporta, e sua filiação dentro do gênero biográfico, podemos questionar-nos sobre o entrelaçamento destes aspectos, assim como a artificialidade de sua separação.

No prefácio, E. Jones comenta os bastidores de sua empresa ao relatar o apoio — principalmente à disposição da correspondência — de nomes importantes da saga freudiana. Fato de destaque é a carta que a viúva de F. Wittels — primeiro biógrafo de S. Freud — colocou à disposição de E. Jones. Nessa carta, S. Freud comentava a biografia, assinalando, aos olhos de seu protagonista — o próprio S. Freud —, os equívocos e incorreções.

Diferentemente dos outros volumes, encontramos neste, depois do *Prefácio*, uma relação cronológica¹³¹ com aqueles eventos que E. Jones considera de maior destaque na vida de S. Freud. A epígrafe do volume faz referência à morte, “Ele acorda ou dorme com a morte

¹³¹ Cf. JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.III 1989. p.15.

permanente”, de Adonais¹³², sem dúvida, pontuando aquilo que durante os últimos dezesseis anos de vida foi o cotidiano de S. Freud: a convivência — se cabe a ironia do termo — com um recorrente, e finalmente maligno, câncer no palato.

Dizíamos acima da indispensável identificação e até da transferência necessária no trabalho biográfico. Por este viés, E. Jones assinala ¹³³ um equívoco de S. Freud em relação à morte do seu pai. Por ocasião da morte do pai de E. Jones, S. Freud havia-lhe enviado uma carta de condolências contando que seu próprio pai havia morrido com a mesma idade que aquela que E. Jones tinha quando da morte de seu pai — quarenta e três anos. E. Jones destaca o equívoco de S. Freud. Na verdade, Jacob Freud havia morrido quando Freud tinha quarenta e um anos. Todavia, E. Jones lembra que S. Freud tinha quarenta e três anos, quando escreveu a *Interpretação dos Sonhos*, sua principal obra. Acreditamos que, em se tratando de um equívoco facilmente assimilável — embora não possamos ter certeza — a um ato falho, quer dizer, à expressão de uma verdade reprimida, S. Freud estivesse datando, na verdade, a morte do pai simbólico; sendo a *Traumdeutung* — lembremos que o período de sua escrita coincide com o que se convencionou em chamar de sua auto-análise — a ‘sepultura’ paterna que lhe permitiria, por sua vez, tornar-se pai, no sentido de se tornar um autor. Agora, no caso de Jones, podemos, então, conjecturar que a morte simbólica de Freud tenha correspondido ao trabalho biográfico sobre Freud. Lembremos que pouco tempo depois, em 1958, morria o próprio Ernest Jones. Assim, a biografia — seu último grande trabalho —, de alguma forma, fez com que E. Jones, ultrapassando o público leitor de psicanálise, fosse reconhecido como o primeiro grande biógrafo de Freud; ao ponto de se dizer, em relação à obra e a seu resultado o

¹³² Adonai. [Do hebr., ‘meu Senhor’.] S. m. Entre os hebreus, um dos nomes da divindade. In: BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.

¹³³ Cf. *Ibid.*, p.37.

'Freud' de Jones. Foi E. Jones quem apresentou ao mundo, pela primeira vez, uma história de vida passível de representação. Neste sentido, E. Jones torna-se o pai da primeira, e, provavelmente, mais difundida, representação biográfica de Sigmund Freud.

A segunda metade do último volume é dedicada a *Recapitulações históricas de alguns temas*.¹³⁴ Trata-se do retorno a temas ou questões que no entender de E. Jones ficaram sem serem aprofundados ou mesmo apresentados. Nesta parte vislumbra-se a dificuldade do biógrafo em inserir a produção de Freud — ou alguns de seus aspectos — no desenrolar da construção da história de vida. Esta segunda parte do terceiro volume traz numerosos capítulos referentes a variados temas da produção teórica de Freud. Neste caso, aparece claramente separada a vida e obra. Digno de destaque é o importante capítulo referente à *Metapsicologia*, nele se verifica a dificuldade de E. Jones — que representa grande parte do mundo psicanalítico anglo-saxão — na não aceitação do conceito de *repetição e pulsão de morte*. A literatildade da leitura do texto de Freud por parte de E. Jones — no que diz respeito à ancoragem biológica — parece obstruir a escuta clínica propriamente psicanalítica. No entender dos críticos da *pulsão de morte*, — e não *instinto*, o que já constitui outra parte do problema — para ser erigida em conceito psicanalítico, deveria ser discriminada, antes, no campo da biologia¹³⁵.

No mesmo sentido, destaca-se o capítulo sobre a *análise leiga* porque explicita o preconceito de E. Jones e daqueles que tentaram — e, em grande parte do mundo, conseguiram — manter o caráter corporativista médico ao redor da psicanálise. É interessante ver como os argumentos de E. Jones em favor da psicanálise médica são derrubados pela

¹³⁴ Ibid., p.254.

posição de S. Freud a este respeito e, paradoxalmente, estes argumentos são apresentados pelo próprio E. Jones. Podemos ver em numerosos artigos e correspondência a clara posição de S. Freud sobre a independência em relação à medicina na questão da formação dos analistas. O tema da formação, ainda hoje, sabemos, é controverso e complexo¹³⁶. Entretanto, embora E. Jones tenha sido partidário da análise médica, o biógrafo encerra o capítulo com um parágrafo de S. Freud onde o mesmo é lapidário em relação à questão. Em toda essa discussão, parece haver, por um lado, uma posição que tende a ressaltar os aspectos práticos e, por outro, aquela que destaca o sentido dos fundamentos teóricos e éticos da questão. S. Freud, embora soubesse dos problemas até legais que a análise leiga poderia acarretar em alguns países, não transigia em relação à independência epistémica da psicanálise. Nesse sentido, tratava-se de uma defesa de princípios.

Além disto, constam, neste último volume, dois apêndices. No primeiro, da mesma forma que no segundo volume, encontramos excertos de correspondência; no segundo — este de vital importância para os futuros pesquisadores — as notas cirúrgicas do Dr. Pichler, médico que acompanhou as inúmeras cirurgias buco-faciais de S. Freud. A estratégia narrativa pouco consistente, a presença de apêndices com trechos de correspondência, a análise isolada de questões teóricas e práticas e a cópia das notas de Pichler deixam entrever a possibilidade de que não tenha existido um projeto editorial prévio, quer dizer, uma estratégia global. Em alguns momentos, não parece uma biografia editada em três volumes, mas um texto corrigido e acrescido quando do aparecimento de cada volume. Isto é mais evidente no do terceiro volume. Este aspecto mostra certo esfacelamento textual, que ecoa na falta de

¹³⁵ Cf. JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.III 1989. p.269.

¹³⁶ Exemplo disto é o fato de encontrarmos no Brasil instituições religiosas evangélicas que afirmam oferecer a formação de psicanalistas em vinte meses.

consistência da imagem final de S. Freud. Sem síntese — embora provisória ou momentânea para uma época — o mérito do esforço reside na quantidade e qualidade da informação. Trata-se, assim, de um texto informativo onde o recurso literário não atinge a construção de uma imagem.

Assim, da leitura da obra de E. Jones surge uma imagem biográfica de S. Freud onde o acúmulo de informações não alcança a plasticidade necessária para dar vida e movimento à representação. A forma final da imagem do *Freud de E. Jones* diz respeito a um emaranhado de dados, sem dúvida muito importantes, mas onde o conjunto não oferece uma forma apreensível e dinâmica. Não nos referimos à complexidade inerente ao objeto, mas à forma como este foi abordado e seu resultado narrativo. Parece querer se dizer tudo mas, o que se diz no trabalho de E. Jones? Supomos que este projeto biográfico delegou à informação sobre S. Freud — lembremos que grande parte dos dados de e sobre S. Freud, até esse momento, eram inéditos — o papel principal na tarefa da construção de uma imagem de S. Freud que, de alguma maneira, se manteve hegemônica durante muitos anos. Somam-se, assim, à falta de um projeto narrativo claro, os limites próprios do gênero biográfico, no momento do aparecimento deste texto, na década de cinquenta. Todavia, lembremos que este trabalho se mantém — ainda hoje — como referência para aqueles que querem se aproximar do homem S. Freud. Foi a primeira abordagem completa de toda sua história de vida. Por este viés, acreditamos que o trabalho de E. Jones estava de acordo com as exigências da recepção das biografias do tipo *vida e obra*; ainda mais quando grande parte da informação constante no texto era inédita. De alguma forma, a representação resultante do texto, não alcançou a dar vida narrativa ao objeto, conseguiu, somente, mostrar uma vida; já que o *Freud de E. Jones* não alcançou a se tornar personagem de sua própria história. Como vimos, surgiram após este trabalho, inúmeros ensaios biográficos que, de certa maneira, surgiram em relação às lacunas

e inconsistências do texto de E. Jones. Assim, precisaram-se várias décadas até que a exigência do leitor de biografias demandasse um novo Freud. Nesse momento, Peter Gay responderia com um Freud para *nosso tempo*¹³⁷. Hoje, talvez, possamos dizer, nestes tempos de aceleração histórica, para *aquele* tempo.

¹³⁷ Lembremos que o título de seu trabalho é *Freud. Uma vida para nosso tempo*.

Capítulo 5 / O Freud de Peter Gay

Vimos como o objetivo que orientou o trabalho histórico de E. Jones foi o de construir uma imagem *oficial* que, cristalizando uma representação, neutralizasse as diferentes e fragmentárias versões de Freud existentes até aquele momento e, inclusive, aquelas que viriam. Na verdade, mais do que um problema histórico, no sentido estratégico dos *Annales*¹, tratava-se de um desafio político associado ao tributo pessoal. A partir da *vida e obra*, pertencida a E. Jones — enquanto precursor do legitimismo da I.P.A.² — a representação mais difundida e consistente de Freud. Assim, ainda que a imagem criada por Jones tenha sido retocada e mesmo ajustada através da produção posterior de ensaios biográficos, acreditamos que somente o trabalho de P. Gay³ viria a propor uma nova consistência a essa imagem, deslocando a representação.

O desafio de Peter Gay é fundamentalmente histórico embora, como veremos, a dimensão política não esteja ausente. Trata-se de um historiador universitário com informação⁴ psicanalítica. O trabalho de P. Gay é a primeira biografia completa de S. Freud

¹ Veremos a seguir, neste capítulo, as principais tendências na abordagem da história, entre as quais se encontra a inaugurada pelo grupo que se formou ao redor da revista desse nome: *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*.

² *International Psychoanalytic Association*.

³ GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989.

⁴ Dissemos *informação* porque mesmo sabendo que o autor estudou, em instituições psicanalíticas norte-americanas, sua formação não inclui a prática psicanalítica, condição *sine qua non* para a formação do psicanalista.

realizada por um historiador. O compromisso deste autor diz respeito aos questionamentos históricos. Nesse sentido, em princípio, não parece carregar os condicionamentos que a proximidade afetiva e política davam ao trabalho de E. Jones.

Da mesma forma que o capítulo sobre Jones nos permitiu abrir um parêntese para falarmos da relação de Freud com o gênero biográfico, a presença de P. Gay — enquanto historiador — abrirá o caminho para introduzir os problemas, que toda biografia comporta, ligados à história.

Em se tratando de biografias, *Clio*⁵ estará presente de diferentes maneiras, embora duas se destaquem. Uma forma diz respeito ao necessário recenseamento histórico das biografias de S. Freud. A outra, à própria história de S. Freud; na medida em que falar de suas biografias implicará aproximarmo-nos, mesmo parcial e lacunarmente, da história do pai da psicanálise. Talvez esta seja a forma encontrada neste trabalho para, tangencialmente, embrenharmo-nos no gênero. Mas também pensamos que a reflexão sobre especificidade da história torna-se necessária para poder distinguir as diferentes abordagens biográficas, já que o método histórico, presente na biografia, depende de uma “representação do tempo histórico”⁶, sendo este último a razão ou causa que caracteriza as diferentes escolas históricas e por extensão, cada aproximação biográfica. Nesse sentido, a diferença entre uma e outra escola estaria determinada pela singularidade em relação ao tipo de concepção desse tempo singular, “Optar por uma ou outra escola histórica não é meramente optar por objetos e

⁵ “Embora em Hesíodo já aparecessem as nove Musas, esse número variava muito, até que na época clássica seu número, nomes e funções se fixaram: *Callope* preside à poesia épica; *Clio*, à história; *Polímnia*, à retórica; *Euterpe*, à música; *Terpsicore*, à dança; *Érato*, à lírica coral; *Melpômene*, à tragédia; *Talia*, à comédia; *Urânia*, à astronomia.” SOUZA BRANDÃO, Junito de. *Mitologia Grega*. 5 ed. Vol.I. Rio de Janeiro: Vozes, 1989. p.203.

⁶ REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.9

técnicas ou obras-historiadores modelos. A justificativa da escolha é mais profunda: opta-se por um registro da temporalidade.”⁷ Esta escolha leva o historiador a “[...] objetivar o mundo humano de uma certa maneira, a organizá-lo de um certo modo, a distinguir e selecionar certos objetos, a estabelecer determinadas técnicas, a construir determinados conceitos, a optar por certos valores, a organizar a ação e a inércia.”⁸ Por isso, podemos falar em diferentes representações do tempo histórico que, por sua vez, determinariam as múltiplas escolas.

Assim, a percepção da representação do tempo histórico se constitui na condição subjetiva através da qual se poder abordar a história, por isso, “A representação do tempo histórico é anterior à experiência da historicidade.”⁹, ou seja, dependente das condições de apropriação de cada época. Desta forma, o surgimento de cada escola histórica, quer dizer, a renovação teórico-metodológica, reformula e atualiza antigos problemas. As novas abordagens, determinadas por uma nova representação do tempo histórico sobre o qual se debruçam, e a partir do qual estimulam o surgimento de um conhecimento histórico diferente do anterior, propiciam o aparecimento de novos conhecimentos validando, assim, o estatuto da nova representação.

Acreditamos que, sem prejuízo da exatidão, podemos aproximarmo-nos da análise histórica através de duas de suas representações do tempo histórico; por um lado o que chamamos de história tradicional e, por outro, a análise histórica inaugurada com a escola dos *Annales*. Veremos, embora de forma sucinta, que esta questão não é tão simples e consensual mas que, de alguma forma, contempla uma primeira — e muito ampla — diferença de

⁷ Ibid., p. 10.

⁸ Ibid., p. 13.

abordagem do tempo histórico. Gostaríamos de demarcar esta disparidade de abordagens porque pensamos que a diferente apreensão do tempo histórico nos ajudará na análise das biografias visadas.

Assim, por exemplo, é interessante vermos a diferença entre a concepção mítico-poético-filosófico da história preponderante no pensamento grego — antes do século V —, onde não se privilegiam referências à temporalidade no sentido de sucessão, mudança e transitoriedade, em favor da constância arquetípica e atemporal, ou seja, de alguma forma, *anti-histórica*. A abordagem diacrônica da história é inaugurada no século V a.C. por Heródoto de Halicarnasso, nele vislumbra-se uma mudança epistêmica, no sentido de uma nova representação do tempo histórico, “A perspectiva do novo personagem cultural, o historiador, é a de que o homem é um ser basicamente temporal, finito, instável, histórico. Ele recusa a atitude contemplativa do que é eterno, fora do tempo, que é, para ele, o que de fato é inabordável e incognível.”¹⁰ Heródoto impulsiona a história tradicional, objetivando a análise das mudanças dos homens, embora se mantenha — a hegemonia desse tipo de pensamento era determinante — submetida à filosofia, “Suas *Historiae* são apresentadas por Heródoto como ‘a exposição de uma pesquisa’; é uma verdadeira história universal de sua época, cuja matéria e fonte principal é constituída pelo que ele mesmo viveu nas suas viagens.”¹¹ Ao renovar a representação do tempo histórico, Heródoto propiciou uma verdadeira revolução cultural; tratou-se de uma atitude inaugural e original que rompeu com a tradição, propiciando o surgimento de um novo objeto, que dizer, uma nova possibilidade de abordagem do tempo passado.

⁹ Ibid., p.14.

¹⁰ Ibid., p.12.

¹¹ NICOLAÏDIS, Graziella. La biographie grecque. (Quelques considerations psychanalytiques) . In: *Revue française de psychanalyse*. Paris: PUF, Tome LII, jan-fév. 1988, p.133.

Fizemos referência acima à história tradicional, filha de Heródoto; nela, o evento é a marca de uma temporalidade balizada pelo acontecimento instituído, enquanto tal, por ser singular e irrepitível. Seu caráter é progressista e teleológico, atributos herdados e mantidos através de sua genealogia filosófica. Digamos, também, que, como toda revolução, o surgimento do novo — neste caso um novo tipo de apreensão da história — não veio a substituir de imediato o paradigma anterior, mantendo-se durante séculos uma convivência excludente, “Aristóteles não tinha uma grande simpatia pela historiografia. No capítulo IX de sua *Poética*, ele escreve: ‘...a diferença é que um diz isso que aconteceu, o outro isso que poderia ter acontecido. É por essa razão que a poesia é muito mais filosófica e muito mais nobre que a crônica: a poesia trata sobretudo do geral, a crônica do particular.’”¹², a crônica histórica, na particularidade do evento, atrai a dúvida e o erro em relação ao referente histórico sobre o qual a poesia visa, de forma específica, apreender sua essência. A mudança de paradigma, da poesia à crônica histórica, aparece no deslocamento da predominância da primeira para a segunda, “Foram três os fatores principais que fizeram eclodir a história no século V a. C. na Grécia: a *curiosidade* em relação às terras distantes, estrangeiras e as instituições desses países, a *dúvida* sobre os mitos e suas genealogias, o *interesse* pelos tipos humanos.”¹³.

Mais de dois mil anos separam o aparecimento desta forma de apreender o passado da proposta dos *Annales*. Evidentemente, nesse espaço de tempo muito aconteceu a respeito das formas de abordar o passado; porém, em termos de paradigma a forma inaugurada por Heródoto manteve-se esse tempo todo ordenando a filosofia da história.

¹² Ibid., p.139.

¹³ Ibid., p.134.

A escola do *Annales*, chamada assim por ter surgido ao redor da revista *Annales*¹⁴ *d'Histoire Economique et Sociale*¹⁵, surgiu a partir do questionamento da história tradicional, herdeira da filosofia; os *Annales* conseguiram cultivar uma marginalidade que contribuiu para a criação de um espírito contestatário e inovador. Com certeza, o surgimento desta forma de abordar a história, precipita-se a partir de numerosos antecedentes.

O aparecimento de um paradigma distinto significa, mais do que uma forma original, um novo arranjo daquilo que já se encontrava presente. Com a rejeição da política — e do estado — e colocando-se — em sintonia com outros movimentos da época — numa posição *anti*, neste caso contra a história tradicional, os *Annales* conseguiram uma plataforma mínima a partir da qual puderam conquistar novas formas de abordagem do passado. Tentavam distanciar-se da teleologia da história tradicional que implicava a dupla herança iluminista e positivista: por um lado, a crença na razão como âmago do sentido da história, pelo outro, a ligação dessa razão à ordem, à evolução e ao progresso, ao fetichismo dos eventos históricos. Na verdade, esta escola — ou movimento¹⁶ — rompe com a filosofia, em favor do diálogo com as ciências sociais. Talvez seja mais correto falar em relação aos *Annales* como sendo um *movimento* a partir do qual se estimulou uma revisão teórico-prática da pesquisa histórica. Para alguns, este movimento teria derivado numa *escola* de historiadores. A opção por *movimento* ou *escola* dependerá do grau de coesão que o comentador exija do resultado da produção incentivada pelo projeto conjunto de Lucien FEBVRE e Marc BLOCH, seus

¹⁴ Depois de 1946, o título definitivo da revista será *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*.

¹⁵ Sobre os antecedentes e história dos *Annales* ver: DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova história*. São Paulo: Ensaio, 3º ed., 1994.

¹⁶ No nosso entender, aquilo que surge como um movimento de cientistas sociais ao redor da história econômico-social torna-se, com o tempo, uma escola histórica.

fundadores¹⁷; eles pretenderam através do alargamento das relações — e da distância da filosofia — atingir um caráter interdisciplinar. A hegemonia alcançada pelos *Annales* — além de seu sentido programático — fundamentou-se na recusa ao dogma e, repetimos, na distância da filosofia. Este deslocamento dialógico foi mediado por uma nova concepção do tempo na história, nesse momento — na virada do século XIX para o XX — alimentada pelo surgimento e fortalecimento das ciências sociais. Não avançaremos em profundidade sobre as condições histórico-sociais que constituíram o terreno ideológico onde pôde crescer o espírito dos *Annales*; falaremos de sua proposta teórico-metodológica, à proporção que a renovação por ela propiciada na pesquisa histórica, se reflete na construção da história contemporânea, por isso, também, em diferente medida nas biografias das quais nos ocupamos neste trabalho.

A incorporação da temporalidade das ciências sociais à história, significou não somente a possibilidade de um novo diálogo — com o conseqüente distanciamento dessa irmã mais velha, companheira de mais de dois mil quinhentos anos, a filosofia —, mas também uma nova forma de abordagem do tempo histórico: a abordagem estrutural. Talvez, como o início dos *Annales* data de 1929, possamos dizer que se tratou de um estruturalismo¹⁸ — em relação àquele canônico das décadas de 50' e 60' — *avant la lettre*¹⁹, “O conceito de estrutura social desvitaliza o evento, desfaz a mudança substancial que revela mais intensamente a assimetria entre passado e futuro. Os estruturalistas mais radicais até eliminam o tempo histórico e a consideração da mudança, da passagem do passado ao futuro. A análise estrutural da sociedade, então, recupera a inspiração mitológica — a do tempo abolido em um

¹⁷ Não julgando ser de grande importância, neste trabalho, tal diferenciação, utilizaremos indistintamente escola, movimento ou simplesmente a substantivação do nome da revista ao redor da qual se reuniram.

¹⁸ O mesmo poderíamos dizer em relação ao pós-modernismo, na medida em que os *Annales* antecipam a desaceleração histórica, temporalidade da pós-modernidade.

¹⁹ Embora posterior a F. de Saussure.

eterno presente.”²⁰. Paradoxalmente, trata-se, em certo sentido, de uma atualização da história anterior a Heródoto, “A perspectiva estrutural das ciências sociais é ‘grega’, isto é, anti-histórica: recusa a sucessão, o vivido, o evento, o singular, enfim, a mudança, e propõe a simultaneidade, o sistema, o modelo, o formal, a abstração.”²¹.

Podemos perguntar-nos: então, esta escola, rompe com o projeto histórico? Evidentemente, não. Para isto, a escola dos *Annales* criou e desenvolveu — sobretudo a partir de sua segunda geração liderada por Ferdinand BRAUDEL — o conceito de *longa duração* e com isto pôde se manter, ao mesmo tempo, próxima das ciências sociais e no interior do campo da história, “A ‘longa duração’ é a tradução para a linguagem temporal dos historiadores da estrutura atemporal dos sociólogos, lingüistas e antropólogos.”, assim, “Os eventos são inseridos em uma ordem não sucessiva, simultânea. A relação diferencial entre passado, presente e futuro enfraquece-se, isto é, a representação sucessiva do tempo histórico é enquadrada por uma representação simultânea.”²².

A *longa duração* é o tipo de enquadramento privilegiado pela escola do *Annales*, forma que lhes permitiu continuar com o projeto de Heródoto. O evento, o acontecimento, insere-se na estrutura, passando a ser determinado e determinante dos movimentos cíclicos da mesma, estimulando a reversibilidade e a continuidade. Assim, as mudanças, sempre no interior da estrutura e após séculos — lembremos a *longa duração* —, inaugurariam uma nova estrutura, um novo sistema; ou seja, trata-se de uma forma inovadora da apreensão da idéia de estrutura: para os *Annales*, a *estrutura* ainda é *tempo*. A idéia de *longa duração* tenta conciliar este aparente paradoxo. Dizemos aparente porque o resultado — produção — desta

²⁰ REIS, op. cit., p.17.

²¹ Ibid., p.18.

estratégia parece demonstrar a solidez do conceito. Para os *Annales*, o evento não poderia romper ou mudar, por si só, um sistema sendo que ademais, “Entre as estruturas não há vínculo evolutivo, progressivo, síntese qualitativa, teleologia. As estruturas se relacionam com uma lógica da alteridade, da diferença. O tempo estrutural dos *Annales* é uma ‘desaceleração cautelosa’, uma reação à aceleração revolucionária baseada em um conhecimento especulativo do sentido da história.”²³. Temos então, por parte dos *Annales*, em oposição à história tradicional: a abordagem da *longa duração*, o descentramento do evento, e o diálogo e influência das ciências sociais, em detrimento da filosofia.

Somar-se-ia a isto um aspecto de vital importância. Para os *Annales*, a pesquisa histórica somente pode surgir a partir da construção de um problema: trata-se da *história-problema*, “[...] sem o historiador que procura respostas para questões bem formuladas, não há documentação e não há história. É o problema posto que dará a direção para o acesso e construção do corpus necessário à verificação das hipóteses que ele terá suscitado.”²⁴. Ou seja, o historiador apresenta problemas, propõe hipóteses e tenta demonstrá-las, dessa forma, “Quando não se sabe o que se procura, não se sabe o que se encontra.”²⁵.

De alguma maneira, o trabalho crítico de M. Foucault, delimitando as possibilidades do historiador, apela à modéstia em proveito de um olhar mais exaustivo e delimitado. A proposta de abandono da ideia da história total²⁶ comporta críticas não somente de ordem teórica mas, principalmente, de caráter político. Abandonar este projeto significa, para alguns

²² Ibid., p.18.

²³ Ibid., p.20.

²⁴ Ibid., p.24.

²⁵ DASTRE apud DOSSE, op. cit., p.56.

²⁶ Para J. C. REIS, “Febvre, Bloch e Braudel, embora tenham defendido uma história global, não foram claros na sua definição e não a praticaram.”, em REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.14.

historiadores, sucumbir a uma racionalidade esfacelada, sem unidade e sentido. Para outros, significa liberar-se do último bastião da história tradicional, à medida que a razão unificadora traz junto o sentido teleológico e, às vezes, o juízo moral sobre o futuro²⁷.

Vemos assim, a diferença entre a nova pesquisa histórica e a narrativa histórica tradicional, orientada pela seqüência dos eventos, “Essa nova história reabre constantemente o passado, em vez de reconstituí-lo definitivamente. Ela retoma-o, remaneja-o, rediscute-o, estimulada pelas experiências do presente, que é sempre novo e exige, para se pensar, a reabertura constante do passado.”²⁸ Foi a partir dos *Annales* que a história — escrita até então no singular e com maiúscula — passa ao plural, perdendo a maiúscula, “Não existe mais a História, mas as histórias.”²⁹ Dessa forma, encontramos que, “A figura do historiador dos tempos novos, segundo Michel Foucault, é a do vagabundo que busca, nas margens do social, os fantasmas do passado e o discurso dos mortos. Não tem mais por finalidade a percepção do centro, mas o contorno do real.”³⁰

Os *Annales* tentam desvencilhar-se de três ídolos: o *ídolo político*, quer dizer, a história política, o *ídolo individual*, enfatizando os fatos sociais e econômicos e o *ídolo cronológico*, ou seja, a retrospectão em busca das origens. A referência aos três ídolos tinha

²⁷ Estas questões atualizaram a problemática relação com a história marxista. Lembremos que a abordagem marxista da história, no momento do surgimento dos *Annales*, ainda não tinha, fora da União Soviética, qualquer influência na formação dos historiadores. As relações dos *Annales* com o marxismo são de uma complexidade tal que extrapolaria qualquer tentativa de aproximação num trabalho como este. Entretanto, podemos dizer que, em termos estratégicos — sobretudo institucionais — os *Annales* souberam incluir no seu movimento as tendências marxistas; mas, em termos teóricos-conceituais, para o movimento, os marxistas manteriam o positivismo causal da infra-estrutura e, ao mesmo tempo, o idealismo teleológico da consciência de classes. No entender dos *Annales*, o caráter teleológico da história tradicional seria o mesmo do marxismo com seu caráter voluntarista e fatal, inclusive com o sentido moralista para o qual pende, em muitos casos, através do conceito de luta de classes. As críticas marxistas à proposta metodológica dos *Annales* apontam à falta de um destino comum mobilizador — por isso, neoconservador. Talvez, caiba questionar se essa falta é um problema da abordagem da escola ou uma exigência ideológica, portanto, teleológica, do crítico.

²⁸ REIS, op. cit., p.26.

²⁹ DOSSE, op. cit., p.181.

sido tomada de Francis BACON pelo sociólogo François SIMIAND³¹, em 1903. O sociólogo desafiava os historiadores a abandonarem a idolatria à política, à individualidade e à cronologia, F. Simiand, “Convida os historiadores a passar do fenômeno singular para o regular, para as relações estáveis que permitem perceber as leis e os sistemas de causalidade.”³². Nesse caminho, a história proposta pelos *Annales* sacrifica a fantasmática da história tradicional no sentido de, através da narrativa, alcançar a revisitação do passado real. O novo paradigma histórico mostra que,

O vivido e seu conhecimento não se recobrem; eles se separam³³. O tempo é uma realidade dada nos processos humanos concretos, mas não pode ser apreendido em si e não pode ser conhecido especulativamente. Nem percebido imediatamente e nem antecipável especulativamente, o tempo histórico só pode ser reconstruído teórica e formalmente. A reconstrução não se confunde com o vivido e o reconstruído. São esferas diferentes que dialogam e não se recobrem e não se legitimam reciprocamente.³⁴

Dessa forma, podemos afirmar que o conhecimento histórico nunca coincide com seu objeto. Ter clara essa perda ou assimetria, na aventura da pesquisa, e ao mesmo tempo negá-la, é a perversão a que o historiador deve entregar-se para oferecer, sob as marcas do tempo presente, um novo conhecimento do passado. Assim, o passado pode surgir na pesquisa, à condição de que as tensões do presente do historiador possam, inquietando, estimular o enigma; por esse viés, “Toda história é história contemporânea.”³⁵. Nesse espírito, privilegiam-se as zonas distantes dos eventos, mais constantes e permanentes como a vida material, social ou mental das massas; quer dizer, aquilo que escapa aos projetos ou voluntarismos políticos ou ideológicos. O tempo visado pelos *Annales* recusa, principalmente,

³⁰ Ibid., p.186.

³¹ Trata-se de seu artigo *Método histórico e ciências sociais* publicado na revista de Henri Berr, *Revue de synthèse historique*. Cf. *ibid.* p.29.

³² Ibid., p.29.

³³ Tratar-se-ia de uma incompatibilidade topológica.

³⁴ REIS, *op. cit.*, p.27.

³⁵ CROCE apud DOSSE, *op. cit.*, p.22.

a história política ou dos estados nacionais, destacados na história tradicional. Isto provocou a necessidade de uma renovação das fontes históricas; surge a diferença entre os documentos que fazem, ou não, voluntariamente a história. Nesse sentido, o documento torna-se um discurso sobre o objeto e não o próprio objeto, para sempre perdido. Determinar o objeto e escolher esses documentos, já é interpretar. Assim, por exemplo, passam a ser documentos históricos: certidões de nascimento, de casamento, atestados de óbito, testamentos ou contratos comerciais. Incorporam-se todos os vestígios que possam testemunhar, de alguma forma, a presença do homem. Dilatar o campo do que pode ser considerado documento na pesquisa histórica significa também dizer que, “A história nova não era mais a ‘memória milenar’, que usa os documentos para reencontrar suas lembranças, mas a elaboração de uma materialidade documentária”³⁶. No dizer de M. Foucault, a história tradicional memorizava monumentos erigindo-os assim em ‘documentos’. A nova história — flertando com a arqueologia —, transforma o documento em monumento³⁷. Assim, para os *Annales* o fato histórico não é ‘dado’, deve ser construído a partir de um problema ligado à experiência do presente e através da escolha dos documentos. Podemos aproximar a construção histórica à montagem de um quebra-cabeça. A *nouvelle histoire* alargou a quantidade e qualidade das peças do jogo que não mais limitou-se aos documentos oficiais ou formais; assim, multiplicaram-se os arquivos e as fontes. Com esse material, ampliado e diversificado — porque os novos objetos assim o pedem —, “O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo.”³⁸. Ao redor do aparecimento dos *Annales*, concretiza-se o espírito inovador — embora heterogêneo e policêntrico — na história: a *nouvelle histoire*.

³⁶ REIS, op. cit., p.123.

³⁷ Ibid., p.123.

Bertrand VICHYN lembra a referência freudiana em relação à atitude do arqueólogo que, no nosso entender, poderia ilustrar as diferenças de atitude entre a história tradicional e a história moderna. S. Freud disse,

Imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações — talvez uma população semibárbara — sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem — e então seguir viagem.

quer dizer, resgatar do documento aquilo que expressa de forma direta; S. Freud continua,

Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas se explicarão por si mesmas: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouro; os fragmentos de colunas podem reconstituir um templo; as numerosas inscrições, que, por um lance de sorte, talvez sejam bilingües, revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. *Saxa loquuntur*^{39|40},

ou seja, obter do documento aquilo que, mesmo sem ocultar, não mostra. Veremos como a nova história identifica-se com a atitude do arqueólogo, fazendo dos aparentes restos desvalorizados da história, documentos para a pesquisa. No caso da pesquisa sobre S. Freud, o que podemos chamar, estendendo a metáfora, de trabalho arqueológico de campo parece já

³⁸ Ibid., p.25.

³⁹ “As pedras falam”.

⁴⁰ FREUD apud VICHYN Bertrande. La Psychanalyse entre l’archéologie et l’histoire. In: *Revue Internationale de l’Histoire de la Psychanalyse*, VI, 1993, p.129.

realizado, limitando-se na atualidade — enquanto área virgem — ao valioso tesouro de documentos depositados na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América⁴¹.

Como vemos, o projeto dos *Annales* parece estar longe da aparente individualidade a que, em primeira instância, parece remeter a biografia. Porém, como apreender as mentalidades coletivas na história, seus modos de pensar e de sentir? Na verdade, e por isso nos interessa destacar a contribuição deste movimento na produção da história, a biografia ganha a partir de Lucien FEBVRE — um dos fundadores dos *Annales* — uma nova forma contribuindo, ao redor de uma vida individual, ao conhecimento do sentimento de uma época. A biografia sempre esteve presente através do trabalho de L. FEBVRE. Este autor tentou historicizar o universo mental de uma época, através da análise das inter-relações de uma individualidade e seu ambiente sócio-mental, “Lucien Febvre quer dar da evolução espiritual de Lutero ‘uma versão plausível. — Plausível: utilizar outro termo seria desonesto’. O ceticismo moderno deve aqui se associar à antiga sabedoria de Xenófanes; ‘A verdade certa, ninguém a conhece, nem conhecerá jamais (...) Alguém poderia muito bem, por acaso, proferir a verdade última, e ele mesmo não a reconheceria. Em todas as coisas reina a conjectura.’⁴² Neste sentido, a psicologia inspira a construção da representação de parte da mentalidade de uma época, “[...] a psicologia histórica tem a vocação de recuperar os quadros mentais dos períodos do passado, romper com a concepção de uma natureza humana

⁴¹ Porém, não devemos esquecer que de tempos em tempos, os caçadores de tesouros encontram algumas pérolas. Lembremos os textos encontrados por Ilse Gubrich-Simitis em 1986. (*Sigmund Freud. Neurose de Transferência, uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987). Mas, o grande botim encontra-se, ainda, guardado a sete chaves na *Library of Congress (LOC)*, em Washington; embora, aos poucos, alguns documentos sejam selecionados por seus guardiões para serem consultados. Trata-se da companhia *The Sigmund Freud Archives, Inc.*, de Nova York, criada por K. Eissler, e, atualmente, dirigida por Harold P. Blum. No começo teve o grande mérito de resgatar e reunir a maior parte dos textos de o sobre Freud; mas, posteriormente, implantou uma absurda política restritiva que se mantém até hoje. Segundo eles, nada que não tenha sido escrito para ser publicado será publicado. Exemplo disto é a censura a que serão submetidas as cartas de S. Freud a serem publicadas. Quem possui os direitos de publicação dos textos de S. Freud é a *Sigmund Freud Copyrights, Ltd.*

atemporal, imutável, assim como todo anacronismo, ou seja, a tendência natural de transpor nossas próprias categorias de pensamento, de sentimento, de linguagem para as sociedades nas quais elas não têm significado ou o mesmo significado.”⁴³

Assim, o desafio consiste em, através dos problemas construídos pelo presente do historiador, intuir uma forma mental alheia e reconstruí-la na escrita. L. Febvre propõe, acompanhando uma história de vida, revelar — sempre a partir de problemas específicos — as formas de pensamento de uma sociedade⁴⁴, “as formas pelas quais uma sociedade organizou e organiza suas representações do mundo não são nem imóveis nem sem limites. A tarefa primordial do historiador é portanto, a de marcar os limites do que em um tempo histórico dado é perceptível ou pensável.”⁴⁵ O esforço do historiador interpela o esquecimento, interroga os silêncios. Encontramos a tentativa de reconstrução de um tempo histórico — condições de existência, forma de pensamento, sistemas de expressão, sentimentos — através da discriminação de elementos reagrupados numa estrutura, onde a determinação e a reciprocidade alimentam uma forma inerente a cada época. A biografia atual desloca seu interesse tradicional para tentar incluir as zonas de instabilidade, lacunares e inertes do sujeito visado, construindo, com isto, a tensão própria de uma vida onde se desdobram diferentes espectros sociais e emocionais. O homem histórico insere-se num tempo que o condiciona e que, por sua vez, sofre — mesmo lentamente, lembremos a idéia de *longa duração* — a ação desse mesmo homem. Talvez, o interesse biográfico das personagens

Sobre esta questão, sugerimos ver, GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. Trad. Denise Bottman. p.696.

⁴² MADELÉNAT, op. cit., p.208.

⁴³ DOSSE, op. cit., p.86.

⁴⁴ Um de seus clássicos é *Le problème de l'incroyance au XVI Siècle — La religion de Rabelais*. Tentou, nesse primeiro texto de antropologia histórica, desvendar se era intelectualmente possível, nessa época, o ateísmo, “Sua hipótese: a ‘estrutura mental’ do século XVI tornava inviável o ateísmo, pois não oferecia conceitos, palavras e questões que o tornassem ‘possível’.”, em REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.70.

históricas célebres resume-se à forma pela qual se relacionaram com os limites de suas épocas. Épocas e personagens que, para L. Febvre, devem interrogar— por isso, seu interesse — ao homem de hoje; experiência que leva à pesquisa, a partir dos problemas que a atualidade do historiador lhe permite colocar. Trata-se da estranheza necessária ao surgimento de uma questão. Razão pela qual a construção da história depende da época desde onde são lançados os enigmas: problemas e formas específicas para cada momento na tentativa de *reconstruir para reviver*,

A certa altura disse a mim mesmo que a Idade Média era o meu imaginário cotidiano, seria melhor escrever um romance que se desenvolvesse diretamente na Idade Média. Como já disse em algumas entrevistas, só conheço o presente através da televisão, ao passo que da Idade Média tenho um conhecimento direto. Quando acendíamos fogueiras no campo, minha mulher me acusava de não saber observar as fagulhas que subiam entre as árvores e esvoaçavam ao longo dos fios elétricos. Depois quando leu o capítulo sobre o incêndio, ela disse: ‘Mas então você observava as fagulhas!’. Respondi: ‘Não, mas sabia como um monge medieval as teria visto’.^{46 47}

A biografia torna-se o testemunho narrativo onde se pode “[...] verificar o caráter intersticial — e todavia importante — da liberdade de que dispõe os agentes, e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições.”⁴⁸ Dessa forma, a biografia torna-se instrumento de investigação histórica através da qual o contexto se representa denotando suas transformações; podendo ser articulados dois níveis de interação: a análise micro-histórica e a história sócio-econômica, ou a subjetividade das representações e a objetividade das estruturas. A visada biográfica aponta, assim, ao olhar pontual de cada momento histórico inserido na temporalidade inerente à cronologia da vida.

⁴⁵ FEBVRE apud REIS, op. cit., p. 70.

⁴⁶ Mais tarde, no final do texto, confessará, “Só nós, monges daquela época, sabemos a verdade, mas, ao dizê-la, podemos ser queimados vivos.”, em ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro Nova Fronteira p.65.

⁴⁷ ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro Nova Fronteira. p.17.

Se, na apresentação da história por parte da primeira geração dos *Annales*, a ênfase quantitativa refletia a predominância do econômico e social — através da geografia, demografia e da estatística —, o aspecto narrativo — tão presente em mais de dois mil anos de história — parecia desprestigiado⁴⁹. Esse aspecto, que não é somente formal, retorna, testemunhando os limites de uma experiência. Os novos objetos do historiador — comportamentos sexuais, emoções, valores e costumes — propiciaram o retorno de uma antiga tradição narrativa. O viés literário tenta dar conta da construção de representações que, até a *nouvelle histoire* não interessaram, em seu conjunto, aos historiadores. Trata-se do paradoxal retorno do novo: uma antiga forma, sob uma nova atitude condicionada pelos novos desafios, “[...] é uma narração sob a influência do romance moderno, que explora o inconsciente, é entrecortado e complexo; a narração não se interessa por uma pessoa, processo ou evento por eles mesmos, mas entra através deles na cultura e na sociedade. [...] se é verdade que a história narrativa e biográfica retorna, é verdade também que ela é ‘outra’.”⁵⁰

Esse retorno testemunha a perda de certa ingenuidade narrativa mas, sobretudo, a perda do caráter natural que unia a história tradicional e a narrativa. Não sendo mais natural, essa relação passa a ser objeto de investigação. Para Paul RICOEUR⁵¹ toda escrita é um *mise-en-récit*⁵². A dimensão narrativa, enquanto artifício, faz presente a dimensão temporal, no momento da leitura, contribuindo na construção da representação.

⁴⁸ LEVI, op. cit., p.180.

⁴⁹ Sobretudo na primeira e segunda geração dos *Annales*.

⁵⁰ REIS, op. cit., p.136.

⁵¹ No seu primeiro volume de *Temps et Récit*. Paris: Seuil, 1983-85.

⁵² REIS, op. cit., p.137.

Trata-se de um problema topológico, na medida em que a narrativa histórica deve dar conta na diacronia de sua escrita, de uma representação do tempo necessariamente sincrônico. Essa discordância apela ao artifício narrativo, na tentativa de renegar tal incompatibilidade,

Há uma circularidade entre tempo e narração: o tempo constitui (dá sentido) a narração; a narração constitui (apreende figurando) o tempo. Entre o tempo cosmológico e fenomenológico, a narração cria um terceiro: o tempo calendário, que seria o estabelecimento de pontos 'fixos' cosmológicos — estações, dias e noites, anos e meses — que possibilitam a unificação da 'experiência íntima' do tempo. A narração para melhor apreender a temporalidade, deve ser um cruzamento de ficção e história.⁵³

Se pensarmos, como diz J. Lacan nos, “[...] três registros que são precisamente os três registros essenciais da realidade humana, registros diferenciados que se chamam: o simbólico, o imaginário e o real.”^{54 55}, poderemos associar o *tempo real* da experiência histórica — enquanto o impossível de ser apreendido — alinhavado pelo *tempo simbólico*, próprio da narrativa, ao qual o *tempo imaginário* do calendário daria — atributo deste registro — sua consistência; como diz Alfredo BOSI, “Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de nomes.”⁵⁶. Entretanto, quando a memória é narrada, surge a necessidade do recurso ficcional para poder contrapor o acontecido ao imaginável; ambos imbricados numa dialética impossível — nem por isso irrealizável — que tenta fazer presente o passado. A biografia responde à ausência real do referente, fixando um espaço simbólico mais ou menos estável,

⁵³ Ibid., p.137.

⁵⁴ LACAN, Jacques. Lo Simbólico, lo imaginário y lo real (1953). In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodríguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD, 2000.

⁵⁵ No presente texto, utilizamos uma versão eletrônica — aquela assinalada nas referências bibliográficas — dos seminários de Jacques Lacan. Como a versão carece de paginação optamos, para a localização dos textos, por referir a data do pronunciamento da citação.

através de uma presença de palavras que fixam um espaço simbólico. De alguma forma, a mudança de dimensão — de real à simbólica — atualiza os limites de uma impossibilidade topológica.

Lembremos que a rejeição do evento, como acontecimento histórico, sempre esteve presente no programa dos *Annales*; assim, a presença da biografia não se oporia a este ponto programático? Acreditamos que existem duas questões nas biografias atuais que levam em conta esta questão. A primeira diz respeito à forma. Pensamos que a tendência nas biografias atuais em pesquisar com a mesma ênfase e detalhe a genealogia — assim como em alguns casos, seus ascendentes — e a vida do biografado, de alguma forma, pode significar a diluição do evento — vida — introduzindo assim, o espírito da longa duração, esta vez circunscrita à vida do referente. Mas também, o retorno do evento diz respeito à sintonia científica da pesquisa histórica com os tempos atuais. Quando, nas primeiras décadas do século passado, os *Annales* propuseram seguir o paradigma científico dominante nas ciências, tentando excluir o acontecimento — onde se presentificava a singularidade —, estavam tratando de não somente se aproximar das ciências sociais mas também, do paradigma científico de uma forma geral. Lembremos que, por exemplo, na física ou química da época, na ânsia de formular leis de caráter geral, desprestigiava-se o acontecimento que não pudesse ser incluído numa série. Era necessário introduzir o evento numa série para torná-lo elemento do sistema.

Logo, o objeto passa a ter duas dimensões, por um lado é ligado ao espaço — na estrutura —, pelo outro, enquanto evento, associado ao tempo. Mais tarde, com o retorno do evento às ciências duras — através, por exemplo, das noções de indeterminação e

⁵⁶ BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.19.

descontinuidade —, passa a ser incluído nas variáveis de pesquisa. Assim, para a história, o desafio consiste em reintroduzir o acontecimento sem retomar antigas posições da história tradicional, “Os eventos de caráter modificador são o resultado de encontros e interações entre princípios de ordens diferentes e causam destruições, trocas, associações, simbioses, mutações, progressos...As estruturas só evoluem sob o estímulo do evento. Os eventos constituem a história da estrutura. E a sociedade é a estrutura mais aberta ao evento, é a estrutura mais histórica.”⁵⁷. Propõe-se desta forma, a articulação do tempo e espaço, à medida em que o acontecimento passa a ser abordado na sua dupla fase de evento e elemento. Para a biografia, isto significa poder desenvolver a narrativa entre a singularidade do sujeito e sua determinação enquanto parte de uma — ou várias — estruturas sociais particulares e inéditas.

Desta forma, talvez a melhor forma de finalizar esta referência à história, seja recorrendo ao poeta que, com aparente facilidade, condensa o sentido histórico da biografia, “Que un individuo quiera despertar en outro individuo recuerdos que no pertenecieron más que a um tercero, es una paradoja evidente. Ejecutar com despreocupación esa paradoja, es la inocente voluntad de toda biografia.”⁵⁸; e talvez, o sonho de todo historiador.

Assim, retomamos, tendo despejado algumas questões em relação à investigação histórica, o trabalho deste biógrafo-historiador. A história de vida de Freud é apresentada em três partes que atendem à cronologia; são elas: *Fundamentos* (1856-1905), *Elaborações* (1902-1915) e *Revisões* (1915-1939). Cada uma delas é dividida em partes numeradas que podemos assimilar a capítulos; estes, por sua vez, apresentam partes intituladas. Encontramos,

⁵⁷ REIS, op. cit., p.143.

⁵⁸ BORGES, Jorge. Luís. Evaristo Carriego In: *Caderno San Martín — Obras Completas 1923-1972*. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1989. p.113.

também, importantes informações nas *Notas*⁵⁹ e no *Ensaio Bibliográfico*⁶⁰. Percebe-se neles, as escolhas e caminhos trilhados pelo autor, no sentido da construção da representação de seu Freud.

A epígrafe do livro pertence ao próprio Freud. Ela remete não somente à indiferenciação estrutural entre o normal e patológico mas também ao volume de alguns nomes na história, “Não existe ninguém tão grande para quem seja uma desonra estar sujeito às leis que regem com igual rigor a atividade normal e a atividade patológica.”⁶¹. A ambigüidade da epígrafe assinala, ao mesmo tempo, a grandeza e a patologia. Esta escolha, em se tratando de uma biografia, especifica a vontade de abordar a história sem limites ou pruridos.

No prefácio do livro, Peter Gay cita os textos de Freud, tanto os de sua correspondência como os de seus trabalhos, em relação à questão biográfica. Em todos os casos, notam-se em Freud, como já vimos em detalhe, a preocupação e, ao mesmo tempo, o desdém por este tipo de empresa. Lembremos que a narrativa biográfica só recentemente, e em alguns casos, adquiriu um certo prestígio e espaço nos estudos literários. Nesses tempos — embora a experimentação e exploração do gênero estivessem já presentes — a abordagem biográfica era dominada pelo matiz hagiográfico. Sabemos que Freud não acreditava nesse tipo de empreendimento ou pelo menos nas possibilidades de aproximação à verdade que estas narrativas pudessem ter. Nota-se a rejeição à invasão inerente, no entender de Freud, do trabalho biográfico. Isto vem, paradoxalmente, de um dos homens que mais expôs seus pensamentos íntimos. *A Interpretação de sonhos* é, com certeza, o maior testemunho disto.

⁵⁹ FREUD apud GAY op. cit., p.589.

⁶⁰ Ibid., p.655

Vimos que, nesse livro, podemos encontrar aquilo que de mais próprio e íntimo pode-se apresentar; mesmo que, em alguns casos, Freud tenha deslocado sua posição, apresentando seus sonhos e lembranças através de personagens fictícios. No nosso entender, essa questão que, em princípio, parece incompatível, entre a defendida intimidade burguesa e a temeridade do pesquisador implacável da verdade do sujeito, passa por uma ilusão de controle ou até, de autorização; à medida que aquilo que ele próprio expunha nos seus textos, estivesse limitado por sua vontade; quer dizer, por uma ilusão muito pouco freudiana.

É interessante vermos que, mesmo sob a seriedade da abordagem histórica e acadêmica, Peter Gay não consegue deixar de arrolar no prefácio — inclusive, colocando as questões em boca de outros biógrafos — aqueles episódios onde *sexo* e *morte* acenam atraindo — mesmo que não seja de forma exclusiva — ao indiscreto leitor de biografias,

O pai de Freud se casou duas ou três vezes? Freud teve um caso amoroso com sua cunhada Minna Bernays, ou é uma pura fantasia de um contemporâneo hostil ou de um engenhoso biógrafo-detetive? Por que Freud julgou aconselhável psicanalisar sua filha Anna, quando seus artigos sobre a técnica desaprovam rigorosamente uma ligação estreita entre analista e analisando? Freud plagiou, e a seguir justificou seus empréstimos ilícitos alegando uma memória fraca, ou devem-se tais acusações a uma compreensão bem-intencionada porém errônea de seus procedimentos, ou talvez a calúnias malévolas contra um pesquisador consciencioso? Freud era viciado em cocaína e elaborou suas teorias psicanalíticas sob sua influência, ou seu emprego da cocaína foi moderado e, ao final, inócuo?⁶²

Com isto, o autor não somente seduz, convocando o leitor voraz de biografias, ou sugere que seu livro responderá essas questões, mas também levanta a questão dos limites do biógrafo moderno. No sentido de que, o biógrafo atual parece não recuar ante a informação histórica, deslocando o lugar da antiga hagiografia; quer dizer, estabelecendo um novo grau

⁶¹ Ibid., p.7.

⁶² Ibid., p.15.

de compromisso em relação ao objeto biografado. Assim, abandona-se a veneração respeitosa para lançar-se na construção de uma representação mais humana e próxima do leitor. As conseqüências disto, no caso de Freud, como afirma P. Gay, parecem um pouco mais complexas do que em relação a outras figuras de nossa cultura,

Ninguém que conheça a psicopatologia de Lutero ou Gandhi, de Newton ou Darwin, Beethoven ou Schumann, Keats ou Kafka, se arriscaria a sugerir que suas neuroses prejudicariam suas criações ou comprometeram sua envergadura. Num agudo contraste, os defeitos de Freud, reais ou imaginários, têm sido anunciados como provas conclusivas da falência de sua criação. Passou a ser um tática corrente a de golpear a psicanálise através de seu fundador, como se o êxito no denegrimento de seu caráter envolvesse a ruína de sua obra.⁶³

Talvez a história da produção biográfica e, evidentemente, a de sua recepção, testemunhe a paulatina separação entre os valores presentes e dominantes na esfera da vida privada, ou até pública, e a obra de um sujeito. Até pouco tempo, a impregnação moralista sem dúvida tingia qualquer produção, seja esta científica ou artística; a obra dificilmente poderia ser valorizada pelo público se o espectro privado não estivesse em consonância de valores com a produção. Talvez este possa ser um dos motivos da necessidade ou tendência à hagiografia. A possibilidade da desvinculação destas dimensões, apresenta-se na tendência da biografia moderna em abordar o espectro privado sem pruridos, ao menos, no que diz respeito à informação. O escritor de biografias, de hoje, sabe que dificilmente a dimensão privada de um vida poderá atingir uma obra. Mesmo que, no caso de Sigmund Freud, este aspecto se mantenha ainda mais complexo. O mesmo podemos dizer com relação ao aparecimento da biografia de outro psicanalista, Jacques Lacan⁶⁴; muitas vezes, inclusive comentadores da psicanálise, deixaram escapar este antigo e insistente preconceito, denegrindo a obra em função de circunstâncias de vida. Acreditamos que a complexidade deste aspecto, quando as figuras retratadas associam-se à psicanálise, diga respeito aos efeitos da psicanálise na cultura.

⁶³ Ibid., p.16.

Nesse sentido, a história de vida — quando obscura — serve à natural resistência à psicanálise; como dizia Freud na sua clássica referência à recepção da psicanálise na cultura,

A origem dessa resistência, segundo penso, situa-se em algo mais profundo. No transcorrer dos séculos, o *ingênuo* amor-próprio dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos pela ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. Isto estabelece conexão, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, embora algo semelhante já tivesse sido afirmado pela ciência de Alexandria. O segundo golpe foi dado quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada em nossos dias, por Darwin, Wallace e seus predecessores, embora não sem a mais violenta oposição contemporânea. Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente.⁶⁵

Assim, a divisão do sujeito encontra espaço na biografia quando essa mesma divisão, apesar do narcisismo, passa a fazer parte da cultura.

Após o prefácio, encontramos no texto de P. Gay um destaque intitulado *Uma nota sobre as citações*⁶⁶, assinada pelo autor. Nela diz, “Praticamente todas as traduções são minhas. Mas como este livro se dirige a um público de língua inglesa⁶⁷ citei, por conveniência, os locais nas traduções inglesas dos textos e correspondência de Freud onde o leitor pode encontrar as passagens citadas.”⁶⁸ Sabemos que um livro deve ser escrito necessariamente numa língua em particular; mas, isto significa que somente deva dirigir-se ao público dessa mesma língua? Sabemos que não: a arte da tradução testemunha o

⁶⁴ ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan. Esbozo de una vida, historia de un sistema de pensamiento*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994. Trad: Tomas Segovia.

⁶⁵ FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. (1916-17). Conferência XVIII. Fixação em Traumas – O Inconsciente. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XVI, 1997.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 18

⁶⁷ O destaque em itálico é nosso.

⁶⁸ GAY, op. cit., p. 18.

extralingüismo. Este, no nosso entender, limite testemunhado pelo autor, associa-se a outro da mesma ordem. Peter Gay utiliza-se, neste trabalho, de uma ampla bibliografia, como podemos constatar nas *Notas* e no *Ensaio Bibliográfico* onde se percebe, de outra forma, a questão acima: o autor ignora praticamente toda a bibliografia sobre a psicanálise e sobre sua história que não seja de origem norte-americana ou inglesa. Para o leitor desavisado, se nos restringíssemos à bibliografia arrolada pelo autor, não existiria produção relevante sobre o tema em outras línguas. Um exemplo disto é a falta de menção sistemática — encontramos alguma referência tangencial — à produção francesa e nenhuma à latino-americana, sobre a história da psicanálise ou de Freud⁶⁹. O parágrafo dedicado à produção francesa sobre o freudismo é lamentável. Resume-se ao trabalho, “[...] pequeno mais substancial de Sherry Turkle [...]”⁷⁰, um inglês; à correspondência de R. Laforgue com Freud, o trabalho — como não citá-lo? — de E. Roudinesco⁷¹ sobre a história da psicanálise na França e o de R. Baraude⁷². Finaliza a relação, lembrando uma biografia sobre Marie Bonaparte⁷³ que, “[...] infelizmente é muito insuficiente, especialmente sobre as idéias de Bonaparte e seu trabalho como organizadora da psicanálise na França.”, e sentencia “Há espaço para uma biografia melhor.”^{74 75}. Por que razão P. Gay ignora a maior parte da produção francesa sobre o freudismo? Ainda mais, tendo em conta que foram especialmente a França e a América-latina os lugares — depois da Segunda Guerra Mundial — onde mais se desenvolveu a psicanálise?

⁶⁹ Um breve exemplo desta produção a encontramos em: CASTRO, Álvaro Rey de. *Freud e Delgado, crónica de un desencuentro*. Lima: Hueso Húmero, 1983; DUBCOVSKY, Santiago. *La triple vida sexual de Freud*. Buenos Aires: La antorcha, 1983; GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980; MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985; SCHÁVELZON, José. *Freud, um paciente com câncer*. Buenos Aires: Paidós, 1983.

⁷⁰ *Ibid.*, p.684.

⁷¹ Cf. ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha do cem anos. Vol I e II*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

⁷² BARANDE, Ilse e Robert. *Histoire de la Psychanalyse en France*. Toulouse: Privat, 1975. Estranhamente, p. Gay grifa o nome deste autores de forma equivocada.

⁷³ BERTIN, Célia. *Marie Bonaparte. La dernière Bonaparte*. Paris: Perrin, 1982.

⁷⁴ *Ibid.*, p.684.

⁷⁵ Após o trabalho de Célia Bertin apareceram: BERTIN, Christian. *Marie Bonaparte*. Paris: Plon, 1993 e BORGUERON, Jean-Pierre. *Marie Bonaparte*. Paris: Puf, 1997.

Trata-se de um problema metodológico de pesquisa ou da influência de certo etnocentrismo anglófono? Percebe-se também, pelo viés da exclusão, o tipo de leitura que privilegiou P. Gay na sua pesquisa; referindo-se à história da “ciência mental”⁷⁶ ele afirma, “Esses temas vêm atraindo grande atenção e recentemente provocado um grande debate, em não pequena medida devido ao revisionismo radical de Michel Foucault (a meu ver, ainda que estimulante, de modo geral desastrado); tenho em mente em especial o influente livro de Foucault, *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason* [...]”⁷⁷. Ao considerar Michel Foucault *desastrado*, podemos entrever parte dos motivos que levaram P. Gay a não considerar a produção francesa: desconhecimento.

O aparecimento de *A interpretação de sonhos* é o momento histórico escolhido por P. Gay para dar início à narrativa biográfica sobre Sigmund Freud. A *Traumdeutung*, de alguma forma, condensa as descobertas alcançadas por Freud até esse momento de sua vida — 1899 —; nesse texto apresenta os fundamentos onde será assentada grande parte do edifício teórico freudiano ainda por construir. Trata-se de um ponto de flexão na produção e vida de Freud. P. Gay o utiliza, nesse momento, para assinalar o caráter autobiográfico do trabalho, “Com abundante material autobiográfico, imensamente revelador, o livro constitui uma fonte ímpar para o biógrafo de Freud. Ele resume tudo o que Freud aprendera — na verdade, tudo o que ele era —, recuando diretamente até o labirinto de sua complexa infância.”⁷⁸. Após esta referência, o autor se introduz diretamente na história cronológica, quer dizer, retoma a estrutura tradicional da narrativa biográfica, começando a construção histórica pelo nascimento de S. Freud. A novidade, nesta abordagem, reside na forma pela qual P. Gay avança na construção da história de vida; ele alinhava, em poucas páginas, grandes traços da

⁷⁶ Ibid., p.668.

vida de Freud, assinalando aqueles que foram, no seu entender, os momentos mais importantes. Nota-se, é o caso de P. Gay, no espírito de todo biógrafo distante da hagiografia ou da denúncia, uma vontade de compreensão, testemunhada na construção da representação final que surge da produção e leitura do texto. A idéia de compreensão remete à questão do sentido e do finalismo de uma vida. Disto, surge a questão: as necessárias escolhas do biógrafo, no que se refere aos momentos importantes da vida do biografado, a que respondem? Neste caso, devem responder necessariamente à psicanálise? Seriam os momentos de vida relatados pelo biógrafo os mais importantes para o próprio Freud? Parece que em relação aos biografados seria necessário supor um finalismo que, no caso de Freud, seria somente a psicanálise?

Levamos estas questões uma vez que acreditamos que, talvez, possam nos ajudar a compreender a relação de Freud com as biografias. Como vimos, no entender de Freud uma biografia deveria atingir a verdade sobre o sujeito, daí sua problemática e, mesmo, sua impossibilidade. Quer dizer, trata-se de um projeto muito próximo dos objetivos — impossíveis⁷⁷ — da psicanálise. Assim, a concepção e a relação com a verdade parecem orientar o projeto biográfico; mas, de que verdade se trata em cada biografia? Sucintamente, no caso de E. Jones, a intenção parece querer reordenar uma verdade que construa uma imagem coerente à produção e aos postulados da psicanálise, inclusive de acordo com certa moral. Por sua parte, P. Gay parece tentar atingir uma verdade construída ao redor do

⁷⁷ Ibid., p.668.

⁷⁸ Ibid., p.22.

⁷⁹ “Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo.” Cf. FREUD, Sigmund. *Análise Terminável e Interminável* (1937). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXIII, 1997.

documento, orientado pelos ideais da ciência histórica inscrita no reconhecimento universitário norte-americano⁸⁰; para P. Gay,

[...] os objetos da pesquisa do historiador são exatamente isso, objetos, e estão lá, num passado real e único. A controvérsia histórica não compromete, de maneira alguma, a integridade ontológica desses objetos. No passado, a árvore nas matas só caiu de uma maneira, não importa o grau de fragmentação ou de contradição dos relatos sobre sua queda, não importa se em seu futuro não há historiadores, se há um único historiador ou diversos historiadores, que discordam entre si, para registrar e debater essa queda.⁸¹

Acreditamos que o relevo de alguns aspectos da relação de P. Gay com a psicanálise ajudar-nos-ia a determinar com maior precisão, o lugar — no sentido da apreensão da psicanálise e da história deste autor — a partir do qual surge e constrói-se o texto biográfico de P. Gay. Dissemos que se trata de um autor norte-americano, historiador universitário com informação psicanalítica. Veremos como estas características gerais derivam num tipo de pensamento sobre a psicanálise bastante idiossincrático.

Assim, encontramos que, no entender de P. Gay, S. Freud na década de 80, “[...] estava começando a se dedicar à psiquiatria, com olhos postos no rendimento financeiro.”⁸² Na verdade, S. Freud nunca se dedicou à psiquiatria, mas à neurologia; aquilo que, na época, era entendido como o estudo da ‘doença dos nervos’. Este detalhe, embora pareça pequeno, toma relevo quando, décadas depois, a psiquiatria incorporou alguns postulados da psicanálise; inclusive, e de tal forma, que em muitos casos propiciou a confusa indistinção entre o campo da psiquiatria e da psicanálise. Nos Estados Unidos, durante muitos anos a psicanálise foi patrimônio social da psiquiatria. Trata-se de uma relação complexa. Na verdade, até recentemente, grande parte da nosografia psiquiátrica encontrava na psicanálise o

⁸⁰ Veremos, mais adiante, de que forma aparece esta questão no trabalho de Emilio Rodrigué.

aparelho conceptual e prático onde fundar sua prática. Não esqueçamos que, historicamente, a implantação da psicanálise nos diferentes países se deu ou, a partir do mundo médico ou da *intelligentsia* quando não, da associação dos dois campos. Assim, a ideologia que submete a psicanálise ao domínio psiquiátrico se deixa entrever quando um biógrafo de Freud o apresenta como tendo sido um psiquiatra que, a posteriori, criara, a partir de seus descobrimentos e experiência, a psicanálise; ou seja, a psicanálise como filha direta ou indireta, da psiquiatria.

Por esta mesma via, no texto de P. Gay, da mesma maneira que no trabalho de E. Jones, nota-se a influência de um tipo de leitura da psicanálise — peneirada pela *Ego Psychology*⁸¹ — que descaracteriza vários conceitos freudianos, entre eles, por exemplo, a *pulsão de morte*. Testemunho desta abordagem é o sentido que P. Gay outorga à obra de Heinz Hartmann. Para P. Gay, H. Hartmann seria aquele que “[...] iria aperfeiçoar em grande medida a teoria estrutural fragmentária de Freud dos anos 1920, (ele) preferiu se concentrar no ‘conceito das pulsões que realmente encontramos na teoria psicanalítica clínica’ e dispensar ‘o outro conjunto de hipóteses de Freud, de orientação biológica, sobre os ‘instintos de vida’ e ‘morte’.”⁸² Podemos observar, através deste comentário, qual foi o destino que a *Psicologia do Ego* propiciou à Psicanálise em terras americanas: uma leitura não somente parcial, mas equivocada tanto da teoria quanto da clínica; uma Psicanálise *american way of*

⁸¹ Gay apud Hutcheon, Linda. *Poética do Pós-Modernismo. História. Teoria. Ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.185.

⁸² *Ibid.*, p.58.

⁸³ A *Ego Psychology*, enquanto escola, constituiu-se ao redor de uma provável leitura da segunda tópica de S. Freud. Seus precursores — E. Kris, H. Hartmann e R. Loewenstein —, estiveram ligados a Anna Freud. Foi em 1937 que H. Hartmann apresentou à Sociedade Psicanalítica de Viena o trabalho *A psicologia do eu e o problema da adaptação*; nele, “[...] formula a hipótese da existência de uma esfera psíquica não conflituosa, o que o levou a atribuir uma importância cada vez maior às funções do eu. Rejeitou a teoria freudiana da pulsão de morte, atribuindo à agressividade e à libido um papel essencial no desenvolvimento da personalidade, ambas devendo se pôr a serviço da adaptação.” In: KAUFMANN, Pierre (ed.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.763.

life. Para esta abordagem psicológica autóctone, a *pulsão de morte* seria uma inferência pessoal de S. Freud na teoria psicanalítica e não responderia à realidade da prática da psicanálise. Lembremos que entre os críticos a esta leitura ingênua, encontramos autores como Melanie Klein e Jacques Lacan que, mesmo divergindo entre si, coincidiam na presença e real fundamento desta *pulsão* (*trieb*) — e não *instinto* como é veiculado por esta psicologia — na subjetividade.

Continuando nesta mesma linha de leitura, o capítulo *Mulher, O Continente Negro*⁸⁵ exprime o mesmo tipo de abordagem, esta vez, sobre a interpretação da questão da feminilidade na obra de S. Freud. Para S. Freud a questão da feminilidade era um enigma. Não esqueçamos que foi o mesmo S. Freud que se referiu à mulher como esse *dark continent*⁸⁶. Daí a afirmar como o faz P. Gay que, “No início dos anos 1920, Freud parecia ter adotado a posição de que uma menina é um garoto falhado, e a mulher adulta uma espécie de homem castrado.”⁸⁷ é de uma ingenuidade intelectual difícil de ser assimilada a um autor tal como Peter Gay. Supomos que, além dos problemas de leitura e interpretação que o texto de S. Freud apresenta — como qualquer texto teórico, potencializado, inclusive, pelo fato de abordar a subjetividade enquanto objeto — devemos contabilizar a influência do ambiente cultural universitário dos anos 80, quando se desenvolveu esta pesquisa de P. Gay. O aparecimento do livro coincide com uma época em que — e, principalmente, nas universidades americanas — efervescia a reivindicação das minorias culturais. De alguma forma, com esta atitude, P. Gay alinha-se à *correção política* na crítica ao texto de Freud, no

⁸⁴ Ibid., p.369.

⁸⁵ Ibid. p.454-474.

⁸⁶ Cf. FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XX, 1997.; em inglês no original.

⁸⁷ Ibid., p.467.

que diz respeito à feminilidade. Entretanto, na história da psicanálise, podemos ver como estes tipos de leitura superficiais e levianos das propostas de S. Freud puderam levar a equívocos que, na sua resposta, fizeram avançar a teoria e a prática psicanalítica; neste caso em particular, por exemplo, na teorização sobre o gozo feminino⁸⁸.

A forma de utilização das *Notas*⁸⁹, apresentadas no final do corpo do texto, é confusa; em alguns casos, são assinaladas no corpo do texto, em itálico, entre aspas, denotando uma citação, e sempre sem numeração no corpo o que dificulta sua localização. Entretanto, o conteúdo das notas oferece um interessante contraponto com o estilo indireto, na terceira pessoa do plural do corpo, ao passo que encontramos nas notas um tipo de enunciação, na primeira pessoa, facilitando, neste tipo de escrita, o acesso à enunciação. Através das notas, o autor apresenta suas escolhas e sua forma de trabalhar.

Em alguns casos, como o que comentaremos a seguir, no nosso entender, o posicionamento do autor nas notas denota uma importância que, acreditamos, deveria ser de maior destaque dentro do corpo do texto: trata-se de sua leitura a respeito do episódio da morte de S. Freud. Sem dúvida, a proposta mais inovadora e corajosa do trabalho onde aparece o exercício pleno do historiador de prestígio. Dois aspectos se destacam nesse caso. O primeiro aponta ao material de pesquisa utilizado; o segundo, corresponde à importantíssima conclusão a que chega P. Gay e que, paradoxalmente, se encontra remetida, inclusive podemos dizer, pela dificuldade no acesso, escondida nas notas. Quase como se o autor tivesse receio de incorporar, definitivamente, suas conclusões à história de *seu* Freud. Peter

⁸⁸ Sobre esta questão ver, por exemplo, J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan — Livro 20 — Aun — 1972-1973*. Tradução de Diana Rabinovich, Delmeont-Mauri y Julieta Sucre. Buenos Aires, Paidós, 1989.; ou trabalhos como os de J. Lacan, “Homenaje a Marguerite Duras, del rapto de Lol V. Stein”, In: *Intervenciones y Textos 2*. Buenos Aires, Manantial, 1991.

Gay, conforme relata, teve a oportunidade de pesquisar o memorando inédito de Max Schur, *The Medical Case History of Sigmund Freud*, datado de 27 de fevereiro de 1954, pertencente aos *Max Schur papers, LC*. Trata-se de um trabalho destinado aos arquivos Freud — *Freud Collection, CL* — “[...] e como aide-mémoire para Ernest Jones, então ocupado em sua biografia de Freud” mas “Schur deu outro uso posterior a este memorando, empregando-o como base para sua Conferência Freud de 1964, *The Problem of Death in Freud’s Writings and Life*”⁹⁰. Peter Gay teve a oportunidade de trabalhar com as seis versões desta conferência. O autor, cotejando esse material, assim como também a versão de E. Jones, destaca as diferentes versões em relação a dois aspectos que circunscreveram o episódio da morte de Freud: a questão da quantidade e da dosagem de morfina ministrada, assim como o papel que sua filha Anna teve nos últimos momentos de vida. Cada versão atende de forma diferente a estes aspectos, “[...] na introdução de Schur para o memorando inédito, ele observara que, no texto que pretendia publicar, iria distorcer a dosagem e omitir uma conversa entre Freud e ele”⁹¹. Ao escrever a Anna Freud, em 7 de abril de 1954, ele mostrou uma outra lista, indicando que a ‘versão correta (dosagem, mais de uma injeção) foi entregue ao Arquivo [Freud]’. (Cópia carbono, Max Schur papers, LC)”⁹² Assim, P. Gay resgata esta informação e constrói sua cena tanática; ele comenta, “No meu próprio texto, baseei-me principalmente nesta ‘versão correta’: a dose foi de três centigramas, ao invés de duas injeções. Como Schur deixa claro numa carta a Anna Freud, de 19 de março de 1954, ele havia consultado um advogado sobre a questão da eutanásia, e por isso amenizou seu relato. (Cópia carbono, *ibid.*)”⁹³. Sabe-se que a dosagem de dois centigramas supera qualquer prescrição sedativa.

⁸⁹ GAY, op. cit., p.589.

⁹⁰ *Ibid.*, p.652.

⁹¹ Que implicava a sua filha Anna no sentido de autorizar uma dosagem de morfina que lhe permitisse morrer.

⁹² *Ibid.*, p.652.

⁹³ *Ibid.*, p.652.

A publicação de M. Schur⁹⁴, no que diz respeito ao papel de Anna, também difere em relação ao memorando. No livro, foi minimizada sua participação. No memorando a implicação é clara: em relação ao pedido de não adiar sua morte Freud teria dito, “[...] *Besprechen Sie es mit der Anna*, que significa ‘discuta isso’ ou ‘converse sobre isso’ com Anna.”⁹⁵, a seguir, Freud teria dito, conforme Schur, “[...] e se ela achar que está certo, dê um fim a isso.”⁹⁶. Assim, fica clara a eutanásia e a participação de Anna nos momentos finais. Nesse sentido, acreditamos que a análise e construção deste decisivo momento de vida de S. Freud, seja a maior contribuição do trabalho de Peter Gay, “[...] vejo o fim de Freud como um suicídio estóico, executado para ele, visto que ele próprio estava fraco demais para agir sozinho, por seu leal e afetuoso médico, com a relutante concordância de sua filha não menos leal e ainda mais afetuosa.”⁹⁷ afirma no *Ensaio Bibliográfico*; porém, no corpo da biografia, estas conclusões aparecem diluídas e obscuras. Mas, se Peter Gay descobre e apresenta novas circunstâncias em relação à morte de Freud, ao mesmo tempo, parece esconder importante informação. Lembremos que no momento da partida de Viena, Max Schur não pôde acompanhar Freud e seu grupo. Em seu lugar, por sugestão de Anna, foi a jovem médica pediatra Josefina Stross quem acompanhou, sem se distanciar, o último ano da vida de Freud. Desta forma, transformou-se em presença constante e familiar⁹⁸ assim com em testemunha direta da morte de Freud. Peter Gay teve a oportunidade de entrevistar pessoalmente a J. Stross. Muito estranhamente, o autor afirma, “Josefine Stross, que esteve junto dos Freud durante os últimos anos de Freud, evocou lembranças instrutivas, sem violar seu dever de

⁹⁴ Cf. SCHUR, Max. *Freud, vida e agonia*. Rio de Janeiro: Imago, vol.I,II III, 1981.

⁹⁵ *Ibid.*, p.653.

⁹⁶ *Ibid.*, p.653.

⁹⁷ *Ibid.*, p.653.

⁹⁸ M. Schur, mesmo sendo seu médico pessoal, a partir de 1927, esteve várias vezes ausente. Sobretudo no último período, quando teve que viajar várias vezes aos EE.UU., para onde emigraria definitivamente.

sigilo como médica.”⁹⁹. Cabe a dúvida: Peter Gay confirmou com J. Stross, enquanto testemunha, a informação do memorando de M. Schur? Teria J. Stross fornecido mais detalhes ainda a serem revelados em outro momento? Sem dúvida, a desculpa em relação ao sigilo, esgrimida dessa forma e num caso como este, parece muito pouco convincente.

Além das *Notas*, encontramos o *Ensaio Bibliográfico*¹⁰⁰ onde o autor justifica os caminhos que priorizou na construção da representação da vida de Freud. Como dissemos, no corpo do texto aparece alinhavada uma história de vida onde opostos ou paradoxos não são destacados, optando por apresentar um episódio ou circunstância de vida que considera — baseado nas suas pesquisas — mais consistente. Desta forma, perde-se o rastro da pesquisa no corpo do texto, para ser reencontrado nas *Notas* e no *Ensaio Bibliográfico*; sobre este último afirma, “Em suma, eu o escrevi para apresentar (sucintamente) as razões pelas quais adotei, ou deixei de adotar, tal ou qual posição [...]”¹⁰¹, tornando-se uma importante ajuda na análise do desenvolvimento do trabalho e das escolhas.

Além do problema do tipo de leitura que P. Gay faz da psicanálise — como vimos, através da *Ego Psychology* — encontramos duas questões que — mesmo imprescindíveis nesta história de vida — tornaram-se ainda mais importantes por sua falta de aprofundamento: a sexualidade de Freud e o que podemos chamar de sua judaicidade (*Jewischness*). Trata-se, das biografias analisadas, a mais cândida. O tratamento dado à sexualidade de Freud é permeada de um puritanismo que exclui qualquer questionamento à, por exemplo, correspondência de Freud onde, em várias ocasiões, refere-se à própria sexualidade. Em

⁹⁹ Ibid., p.694.

¹⁰⁰ Ibid., p.655.

¹⁰¹ Ibid., p.655.

nenhum caso P. Gay avança nesta questão. O problema da análise e apresentação da judaicidade (*Jewischness*) de Freud é tangencial e sem destaque; como diz P. C. Souza, “Não se sabe quais foram os motivos de Gay para minimizar a relação de Freud com o judaísmo.”¹⁰² Enfatiza-se a herança da cultura alemã em detrimento de suas origens judaicas. Da mesma forma que a influência do positivismo é priorizada em relação ao idealismo alemão do qual Freud também foi herdeiro.

Mas, qual é o Freud de P. Gay? Referindo-se ao trabalho de Paul Ricoeur¹⁰³, P. Gay afirma, “mas o Freud de Ricoeur não é meu Freud.”¹⁰⁴. Dissemos que a forma de abordagem do objeto biografado é um dos aspectos que mais condicionam a elaboração da representação final; quer dizer, as ferramentas de aproximação constituem a primeira questão no labor biográfico.

No caso de P. Gay, percebe-se sua inserção no historicismo clássico, assim como na abundante informação da psicanálise e psicologia norte-americana. Disto surge uma representação paradoxal. A fineza e precisão da aproximação histórica, amparada na minuciosa pesquisa, perdem seu brilho ante a leitura da produção de Freud. Afirmávamos que, no caso de Freud, a construção de sua história de vida estava profundamente entrelaçada à sua produção.

Assim, quando o texto de Freud é lido através de uma ideologia que se distancia do sentido freudiano — *Ego Psychology* — a imagem que a pesquisa histórica e documental

¹⁰² SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.152.

¹⁰³ Cf. RICOEUR, Paul. *Freud and Philosophy: An Essay on Interpretation*, 1970. Trata-se de RICOEUR, Paul. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1992.

oferece, parece não coincidir com o espírito de sua produção. Sem dúvida, P. Gay sabe ler e interpretar o documento histórico, todavia, perde na leitura do texto freudiano. Observa-se um descompasso entre a imagem construída na narrativa biográfica e o texto psicanalítico, sem acordo entre o homem e sua obra. Podemos dizer que, neste caso, Freud não é visado com olhos freudianos. Destacamos o exemplo da questão da *pulsão de morte* porque se torna paradigmática de um tipo de apreensão de Freud. P. Gay, ao alinhar-se àqueles que não compreenderam o alcance deste conceito, não inclui, na construção de *seu* Freud, o olhar que implica toda esta questão.

Veremos mais adiante como esta questão está envolvida numa das mais ousadas hipóteses sobre a vida de Freud.

Assim, podemos afirmar que o Freud de P. Gay aproxima-se a uma nítida imagem — que, em alguns momentos, alcança inclusive a graça e a dinâmica do movimento; mas, cuja fala sofre de um descompasso contínuo: com Peter Gay, Freud carrega o inglês de Connecticut¹⁰⁵.

Se podemos dizer que naquilo que se refere ao *Freud de Jones*, encontramos um narrador construído a partir do testemunho — memória — e da amizade em relação ao referente, podemos afirmar que o de P. Gay ganha em precisão e nitidez através de um narrador identificado com o relato histórico-fático mas, no mesmo movimento, perde e distancia-se — aprofundando as diferenças de E. Jones — em relação à transmissão do sentido do texto freudiano. Desta maneira, retomando parte do título — *Uma vida para nosso*

¹⁰⁴ GAY, op. cit., p.659.

tempo — podemos afirmar que se trata de uma vida higienizada, digerível: uma bonita, limpa e precisa imagem, porém, distante do fio cortante do espírito de Freud: uma imagem expurgada de sexualidade e do inconsciente freudiano. Ou seja, uma vida para um tempo politicamente correto.

¹⁰⁵ Nesse estado norte-americano se encontra a *Yale University*.

Capítulo 6 / O Freud de Emilio Rodrigué

Em 1995, E. Rodrigué publicou, no Brasil, sua biografia de Freud: *Sigmund Freud. O século da Psicanálise. 1895-1995*. Com ela, S. Freud ganha uma dimensão diferente. Se com E. Jones o testemunho serve para constituir a primeira imagem do homem S. Freud e com P. Gay o estudo histórico afina — embora imobiliza — essa mesma imagem, com o texto de E. Rodrigué surge uma nova abordagem da história biográfica de Freud; nela, Sigmund Freud torna-se *personagem* de uma saga de descobertas e conquistas¹. Com E. Rodrigué, o recurso ficcional faz presente a dimensão literária como meio de transmissão e conhecimento de uma história de vida e do surgimento da psicanálise.

A recepção do livro torna-se uma questão muito interessante. O trabalho foi editado em São Paulo sem repercussão na mídia nacional. Ainda hoje, é difícil encontrar alguma resenha; somente achamos um texto de Ricardo Neves da Universidade Federal da Bahia². E esta referência não é casual já que é em Salvador onde o autor reside há mais de vinte anos; lugar, também, onde foi escrito este trabalho. De alguma forma, houve no Brasil, certa indiferença à publicação desta primeira biografia de Freud escrita no Brasil e publicada, quase

¹ Acreditamos que seu antecedente mais próximo — enquanto à constituição de uma personagem — seja o texto, SARTRE, Jean Paul. *Freud, além da alma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Mas, neste caso, o compromisso de J. P. Sartre diz respeito somente à representação de Freud; ou seja, o rigor histórico-documental é preterido em função da narrativa ficcional.

² NEVES, Ricardo. In: *Olho da História: Revista de História Contemporânea*. Salvador: UFBA. n3, 1997.

simultaneamente, por tradicionais editoras da França e Argentina; lugares de reconhecida tradição psicanalítica. O livro é apresentado em três volumes, fato pouco freqüente para autores locais deste tipo de produção³.

A versão em espanhol⁴ — editada na Argentina —, assim como a francesa⁵ foram apresentadas ao público por reconhecidas e tradicionais editoras desses países.

Os agradecimentos que abrem o livro denotam, o que acreditamos ser, duas etapas no percurso do autor. O primeiro faz referência a seu trabalho na Argentina; agradece aos colegas da “velha guarda, os psicoargonautas de sempre [...]”⁶. A seguir, agradece aos colegas de hoje, no Brasil, “[...] discípulos baianos que viraram mestres.”⁷. Logo, àqueles que supervisionaram a redação e, finalmente, a sua esposa. Todos eles são citados através de seus nomes, sem os sobrenomes, denotando intimidade; a mensagem restringe-se aos próprios nomeados e àqueles que, conhecendo parte da história do autor e do movimento psicanalítico, podem reconhecê-los.⁸

Os três volumes contêm a mesma epígrafe de Bertrand Russel, extraída de sua autobiografia, “Antes de morrer, devo achar alguma forma de expressar o essencial que há em mim, algo que nunca é dito, algo que não é amor, nem ódio, nem piedade, nem desprezo,

³ O preço da edição brasileira também chama a atenção, uma vez que é uma publicação relativamente cara para o mercado brasileiro; no momento do lançamento os três volumes custavam cerca de cem dólares. Acreditamos, inclusive, que esta circunstância possa ter contribuído para a pouca difusão do trabalho, até mesmo no meio psicanalítico. No nosso caso conhecemos sua existência, um ano após seu lançamento, através da versão em espanhol.

⁴ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud: El siglo del psicoanálisis*. Buenos Aires: Sudamericana, 1996.

⁵ Cf. RODRIGUÉ, Emilio. *Freud, un siècle de psychanalyse*. Paris: Payot, 2000.

⁶ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.4.

⁷ *Ibid.*, p.4.

senão o intenso hálito próprio da vida, que vem de muito longe e que introduz na vida humana a imensidade e a tremenda força imparcial das coisas não humanas.”⁹. Em seguida, quase como uma nota de pé de página, encontramos um comentário do autor, “Com certa licença, pode-se dizer que a psicanálise é a ciência da tremenda força imparcial das coisas não-humanas do homem.”¹⁰. Na citação de B. Russel, vemos, além da identificação com o autor, o sentido que outorga E. Rodrigué ao “intenso hálito próprio da vida” e de como a psicanálise poderia ser, de alguma forma, um meio de aproximarmo-nos dessas coisas — paradoxo desdobrado — “não-humanas do homem.”, as pulsões¹¹.

Todos os volumes contêm o sumário completo da obra. Ocupa nove páginas onde vemos cada capítulo intitulado, seguido de diferentes, e numerosos, subtítulos. Destacamos isto, porquanto estes últimos não aparecem no corpo de cada capítulo. Trata-se de um índice temático em que o leitor encontra os temas abordados em cada momento. Os títulos, assim como os subtítulos, têm caráter, além de informativo, claramente literário e, principalmente, paródicos, como por exemplo, *A Segunda Tentação de Sigmund Freud*, *A Ética do Trovador*, *Um Judeu na Corte do Rei Charcot* ou — em clara referência ao popular programa televisivo — *Você Decide*, “Com efeito, o que é notável na paródia moderna é o seu âmbito intencional do irônico e jocoso ao desdenhoso ridicularizador”¹².

⁸ Entre os psicanalistas citados somente através de seu nome reconhecemos a: Armando Bauleo, Fernando Ulloa, Hernan Kesselman, Tato Pavlovsky, Aurélio Souza, Syra Tahim de Lopes, Urânia Tourinho.

⁹ RUSSEL apud RODRIGUÉ, op. cit., p.5.

¹⁰ Ibid., p.5.

¹¹ Como disse S. Freud, “A teoria dos pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão.” Cf. FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias à Psicanálise. (1933). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXII. CD-ROM.

¹² HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia. Ensinaamentos das formas de arte do século XX*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993. p.17.

A seguir, o prólogo, intitulado *A Hora dos Arqueiros*, introduz não somente parte dos antecedentes do biógrafo mas também, e sobretudo, o tipo de abordagem que o autor irá priorizar na sua narrativa biográfica. Para aqueles que analisamos esta forma narrativa — biografias —, trata-se de um artigo estimulante onde o testemunho do escritor assinala alguns índices a partir dos quais podemos vislumbrar o caminho percorrido por este biógrafo.

O Prólogo, portanto o livro, inicia-se com o relato de um conto nagô¹³ — lembremos que esta biografia foi escrita em Salvador, Bahia. Trata-se, sinteticamente, da história do humilde arqueiro que dispunha de uma só flecha para derrubar um sinistro e lóbrego pássaro: de sua perícia dependia sua vida. Antes, muitos arqueiros experientes não conseguiram atravessar a couraça mágica da ave. A mãe do guerreiro, através dum sacrifício, garante seu êxito; dessa forma, o arqueiro de uma única flecha atravessa o coração do pássaro. Depois do relato da história encontramos, “Que os Orixás aceitem as oferendas deste arqueiro terceiro-

¹³ Tropeçando, mais uma vez, numa raiz de baobá dissemos que, introduzidas no Brasil com a escravidão, as culturas negras imprimiram, cada uma com suas peculiaridades e em diferentes graus, marcas profundas em quase toda a extensão da alma e do território brasileiro. E na Bahia essa presença — que se recria hoje em importantes instituições como as comunidades terreiro — é devida basicamente à cultura dos nagôs, que, vinda da África Ocidental, foi, entre o fim do século XVIII e o fim do século XIX, das últimas a serem escravizadas no Brasil. Kêtu, Egba, Egbado e Sabé são alguns dos segmentos nagôs que vieram para a Bahia provenientes da grande área iorubá que compreende sul e centro da atual República de Benin, ex-Daomé; parte da República do Togo; e todo sudoeste da Nigéria. E todos eles - com destaque para os Kêtu contribuíram, decisivamente, para a implantação da cultura nagô naquele Estado, reconstituindo suas instituições e procurando adaptá-las ao novo meio, com o máximo de fidelidade aos padrões básicos de origem, fidelidade essa em parte facilitada pelo intenso comércio que se desenvolveu entre a Bahia e a costa ocidental da África durante todo o século XIX até os primeiros anos que se seguiram à Abolição. Dentre as instituições dos nagôs que floresceram na Bahia, certamente uma das mais fortes é a tradição dos Orixás. Com efeito, desde princípios do século XIX, apesar de a única religião autorizada no Brasil ser a católica, as casas de culto dedicadas à adoração dos orixás já eram bem conhecidas. Por essa época, os cultos protestantes só eram permitidos quando realizados por europeus, e a religião tradicional africana era reprimida inclusive através da violência policial. Durante o cativeiro, uma das únicas coisas que não se pôde roubar ao negro foi a fé religiosa. E essa fé foi sempre um fator de aglutinação e continuidade. Assim, a religião impregnou todas as atividades nagô brasileiras influenciando até a vida profana. Recriando, então, aqui, nas comunidades-terreiro, o espaço geográfico da África e sua herança cultural, foi, justamente através da religião, que o nagô conservou um profundo sentido de comunidade e transmitiu de geração em geração as raízes de sua cultura.

Além dos orixás, entidades divinas, poderes e patronos de forças puras da natureza, emanados da entidade suprema Olorum, os nagôs e seus descendentes sempre cultuaram também os antepassados, os Egun — aqueles espíritos de indivíduos que depois se converteram em ancestrais, em “pais” (Baba Egun). O culto aos antepassados, entretanto, não pode em hipótese alguma se confundir com o culto aos orixás, já que cada um deles tem doutrina e liturgia próprias. Cf. <http://www.candoble.cjb.net/> Acesso em: 3 de setembro de 2001.

mundista que sabe pouco alemão, que está longe dos Arquivos e dos fabulosos Bancos de Dados das Bibliotecas do Hemisfério Norte, da multimídia de seus *scanners* instantâneos e outros portentos.”¹⁴. Assim, esta biografia de Sigmund Freud começa com um conto africano em que, logo a seguir, o autor invoca as oferendas aos Orixás como garantia do sucesso. Sem dúvida, trata-se de uma forma pouco ortodoxa de apresentar um trabalho deste tipo. Acreditamos que isto testemunha o exercício da liberdade intelectual, da imersão na heterodoxia, de um sincretismo intelectual — histórico e psicanalítico — coerente com a amalgama da religiosidade brasileira presente no conto *Nagô* dos arqueiros, “Sou eclético enrustido, dando-me ao luxo de não me pronunciar porque sei que me pronuncio. Eclético de mira: minha apreciação percorre um leque abrangendo desde o escárnio à hagiografia. Eclético na medida em que aceito a maré transferencial que esteja me levando.”¹⁵; quer dizer, ortodoxamente, freudiano.

Através do prólogo, sabemos, também, do autor. De alguma forma, este se apresenta às novas gerações de leitores; ele foi — e é — partícipe e protagonista da história da psicanálise, e não somente na América-latina, “Existe uma terceira razão, mais íntima, para escrever o livro: eu estive lá.”¹⁶, referindo-se a sua estada na década de 50’ em Londres — onde concluiu sua análise com Paula Heimann —; a seguir, relata seu encontro, num jantar, em casa de Melanie Klein — supervisora e vizinha —, em vésperas de Natal, com figuras históricas do planetário freudiano como Joan Rivière ou um dos filhos de Freud, Ernest,

Grande reunião. *Frau* Ernest Freud estava sentada ao meu lado. Lá pelas tantas, ela se inclina em minha direção e me diz em voz baixa:

—Que linda é sua senhora! Deve ser uma moça judia.

¹⁴ Ibid., p.26.

¹⁵ Ibid., p.27.

¹⁶ Ibid., p.29.

Ela disse isso. Juro que disse.¹⁷

Emilio Rodrigué foi testemunha do fim de uma época na Europa, da mesma forma que vivenciou o início e desenvolvimento do movimento latino-americano. Podemos dizer que bebeu de todas as águas, talvez as melhores de cada época,

Sou analista da Quarta ou da Quinta geração. Abraham foi meu avô. Conheci um Jones um tanto irônico, polêmico na discussão de trabalhos de Bion e Balint. Fui vizinho de Mrs. Klein por mais de dois anos. Participei de seminários com Rickman, Glover e Anna Freud, e mais tarde troquei cartas com Winnicott. Tomei chá com Alix Strachey, servido por Mrs. Lindon, a bibliotecária do Instituto Britânico de Psicanálise. Do outro lado do Atlântico, na Costa da ego psychology, trabalhei, por mais de três anos, na mesma clínica que David Rapaport e Erik Erikson.¹⁸

Trata-se de um percurso intelectual e psicanalítico cuja amplitude e consistência assentam o terreno onde se desenvolve este livro,

Possuo uma poderosa transferência com o passado, mas sou, ao mesmo tempo, um franco-atirador, um arqueiro *free-lance*, alguém que foi um jovem analista do tempo velho e que agora é um velho analista do tempo novo. Tenho um miradouro panorâmico do percurso do movimento psicanalítico. Permaneci um longo período na *Associação Psicanalítica Internacional — IPA*¹⁹ para logo ser agente de câmbio com esse furacão manso que foi o movimento *Plataforma*.²⁰

Na década de 60', imerso nesse turbilhão intelectual e cultural, o movimento psicanalítico latino-americano ganhou a singularidade e autonomia que viria a eclodir na década seguinte —, principalmente, com o lacanismo. Destas circunstâncias surgiu um movimento psicanalítico de alta qualidade e produção que, como diz Jacques Nassif, tornou a “[...] Latino-américa, lugar de prestígio para a psicanálise de hoje.”²¹. Deste estado, histórico

¹⁷ Ibid., p.29.

¹⁸ Ibid., p.30.

¹⁹ No momento de sua renúncia, Emilio Rodrigué era analista didata da I.P.A.

²⁰ RODRIGUÉ, op. cit. p.30.

²¹ NASSIF, Jacques. *Comment devient-on Psychanalyste?* Paris: Ères, 1999. p.08.

e político, surge a visada deste autor. Trata-se de um olhar periférico que, ao mesmo tempo, participou da psicanálise europeia e americana, podendo, hoje, circular e utilizar as produções de diferentes origens, “Em minha biografia nutro-me com as contribuições dos analistas do Hemisfério Sul. Nosso lugar geográfico e histórico, a necessidade de superar o servilismo de colonizados sem cair na idealização indigenista, colocam-nos numa posição versátil e generalista. Somos bicéfalos, com uma cara voltada para Europa, enquanto a outra é mais umbilical”²².

Desta forma, consegue-se quase que conjurar o lugar — geográfico e cultural — a partir do qual se realiza este trabalho, escapando à entropia nacionalista. Provavelmente, trata-se do trabalho mais cosmopolita sobre Freud, “As biografias são nacionalistas de alma. No índice remissivo de Peter Gay não há lugar para Lacan — o que é uma grande mancada (sic) — nem para Laplanche, Fédida e Pontalis. Os franceses, por seu lado, desconhecem a literatura anglo-saxã e todos eles ignoram, nem se fala, nossa contribuição.”²³.

No prólogo, dois aspectos se sucedem e entrelaçam-se. Um diz respeito à apresentação do próprio autor, sua história e seus motivos, “Primeiro a motivação. A razão principal para escrever esta biografia é que o empreendimento transformou-se em meu dever desejante. Um super-investimento. Ele me proporcionou um prazer tão intenso que nem parece sublimação. A disposição de historiar viu-se facilitada por meu ecletismo impenitente — essa virtude com cara de vício — ou vice-versa.”²⁴.

²² Ibid., p.31.

²³ Ibid., p.31.

²⁴ Ibid., p.27.

A reflexão sobre a motivação do biógrafo — quando distante da hagiografia ou da redação sob encomenda — diz respeito à vontade de construção de uma representação que luta por realizar-se na escrita; trata-se de um desejo singular com conseqüências, “[...] para um psicanalista, historizar Freud significa futucar Freud; significa deitá-lo no divã. Trata-se de aplicar o instrumental para desvelar a personalidade última do herói.”, assim, “Pretende-se furar sua pele manifesta, escrutar seu corpo biográfico, passar o pente fino na procura de piolhos existenciais.”²⁵. Outro aspecto diz respeito ao lugar a partir do qual se autoriza a escrutar a história de S. Freud, “Os escritores desse gênero são impiedosos, revelando prazerosamente intimidades salazes,” — não duvidando em contar coisas — “como a operação que desloca o clitóris para curar (sem sucesso) a frigidez da desventurada Princesa Marie Bonaparte, ou a prática masturbatória da jovem e recatada Anna Freud. O biógrafo nato é um sujeito cruel, ávido de anedotas. Trata-se, nas palavras de Mijolla, de uma ‘pulsão biográfica’.”, e sem recuar afirma, “Eu sou um deles.”²⁶.

Continuando a metáfora do arqueiro — que, de diferentes maneiras, irá perpassar todo o livro — e, em relação à história das biografias de Freud, encontramos,

Na corte da psicanálise abundaram renomeados arqueiros: o formidável Jones, com suas múltiplas flechas oficiais; os arquivistas Peter Gay e Sulloway; o sombrio Schur, com sua biografia “psicossomática” de Freud; o grande sacador Anzieu; a maravilhosa “repentista” Roudinesco, que abriu o peito do pássaro francês; o poético Rieff; o malvado Masson e o “cinemático” Sartre, para mencionar os principais Caçadores Custódios da Noite. O que o conto Nagô omite é que todas as flechas prévias foram necessárias para que este meu intento seja bem-sucedido.²⁷

²⁵ Ibid., p.26.

²⁶ Ibid., p.26.

²⁷ Ibid., p.26

Desta forma, E. Rodrigué coloca-se na trilha destes autores, não somente como companheiro de viagem mas também como leitor e continuador de uma linhagem biográfica. Nesse sentido, através da utilização das referências a estes e outros autores, encontramos um volume de citações que leva o mesmo E. Rodrigué a levantar a questão do plágio no sentido de incorporar as produções anteriores de todo tipo; como ele disse, utiliza na sua construção desde “[...] o escárnio à hagiografia.”²⁸. Com isto, e com a distância geográfica dos arquivos, o autor assinala que sua representação estará assentada nas produções anteriores sobre a vida de Sigmund Freud mas, e principalmente — e neste sentido radica, no nosso entender, o valor desta obra —, sobre a leitura que como psicanalista fará destes trabalhos e, sobretudo, da obra de S. Freud, “O arqueiro de uma flecha só, com a pequena ajuda da Mãe Fortuna, possui a inestimável vantagem de poder utilizar como catapulta a tremenda trituração e terraplanagem já realizada na documentação.”²⁹. Para E. Rodrigué, o ecletismo associa-se à questão do plágio, levantando a questão, “Não seria este, exatamente o cúmulo do ecletismo? [...] Como fazer um certo ilegítimo abuso da produção alheia? Quais os limites do decoro no jardim da propriedade privada intelectual?”, levantada a questão, esboça sua posição, a partir da qual se autorizará a circular pelos textos que possam contribuir para seu trabalho, “Pois bem: considero o plágio um benigno crime ‘hediondo’, para usar um termo da atual gíria jurídica. ‘Que me cortem a mão...’, seria uma alusão mais literal do que se pensa, na medida em que o plágio lembra a masturbação, uma prática secreta, uma auto-erótica apropriação imaginária — particularmente se considerarmos que o plágio mais comum é o plágio consigo mesmo.”; e continua, “O plágio, como todo vício, tem seu fascínio. Mas, sendo assim, estou em boa

²⁸ Ibid., p.27.

²⁹ Ibid., p.26.

companhia. 'Plagiar' — Freud escreve a Jung — 'que tentação!' E também confessa a Ferenczi: Tenho um intelecto francamente complacente e uma forte tendência a plagiar'³⁰

A forma de 'plágio', que E. Rodrigué utilizará, será o uso irrestrito de citações, assinalando em cada momento do percurso a origem da referência. Dessa liberdade, surge uma atitude onde cada texto convocado é avaliado conforme seu valor de uso, quer dizer, ao lugar que ocupará na nova construção narrativa. Claramente não privilegia as fontes em função de seus antecedentes, mas em função do que eles poderiam aportar a sua empresa. Neste sentido, cada texto é avaliado por sua consistência em relação à suposição e efeitos de verdade ou saber no novo contexto e não de acordo à hierarquia ancorada na autoria de origem. Com esta liberdade, os textos sobre Sigmund Freud são convocados — e apresentados ao leitor — num mesmo nível de prestígio: partilham o mesmo espaço o *best-seller* e o ensaio editado numa humilde revista universitária, ou seja, a palavra citada não se significa pelas circunstâncias de sua origem ou inscrição mas pelo que, realmente, pode contribuir ao projeto. Esse vampirismo informacional desloca a consistência de verdade da origem — da citação — para um novo espaço.

Sobre os trabalhos que o precederam, afirma, "A figura de referência, sem dúvidas, é Ernest Jones. Na qualidade de biógrafo oficial, ele teve acesso a um acervo que, por tato ou censura, ficará fora do conhecimento público até o século XXI."³¹ Mas, como sabemos, o primeiro trabalho biográfico foi o de Wittels, "As biografias mudam de tom segundo a época. A primeira foi de Wittels, escrita antes de 1923, ou seja, antes do câncer, quando ainda não

³⁰ Ibid., p.28.

³¹ Ibid., p.27.

existia a morte anunciada^{32,33} quer dizer, não se trata de um trabalho que abrange a vida completa de S. Freud. “Logo vem *Trinta anos com Freud*, de Reik, uma ótica mais nostálgica que épica, escrita no final da vida do pai da psicanálise, marcada pela idealização ausente em Wittels.”³⁴ Depois, como vimos, encontramos o trabalho de E. Jones, primeira biografia completa. É interessante, e, mais uma vez, subversiva — no sentido de associar, na mesma intenção, autores tão divergentes como J. Lacan e E. Jones — a proposta de E. Rodrigué no sentido de que o *retorno a Freud* — bandeira levantada na década de 50’ por Jacques Lacan e ao redor da qual estruturaria seu ensino e transmissão da psicanálise — teria começado com o aparecimento da biografia de E. Jones. E. Rodrigué acredita num duplo retorno: histórico e teórico; o primeiro através da biografia, realizado por E. Jones e o segundo, levado adiante por J. Lacan e sua escola³⁵.

Vimos que na história das biografias de S. Freud, o trabalho de E. Jones marca o fim de uma abordagem saudosista e testemunhal — em alguns momentos próximos da hagiografia. Trata-se de um *grande finale* da primeira etapa dessa história das biografias de Freud, à medida que retoma os trabalhos editados até esse momento³⁶ aos quais acrescenta, além de seu testemunho, a informação resgatada dos arquivos familiares.

Sabemos como o trabalho de E. Jones balizou o caminho daqueles que seguiriam a trilha histórica; mas também revolucionou a representação de S. Freud corrente até esse

³² E. Rodrigué, continua, “História que tem sua história. Wittels, discípulo da primeira hora, foi um dos primeiros expulsos da Sociedade Psicanalítica de Viena, por ter escrito uma “patografia” de Karl Kraus, tendo sido readmitido, uma década mais tarde, ao escrever a biografia de Freud. Esta biografia, além do mérito de ser bem escrita, não incorre na idealização.” Ibid., p.28.

³³ Ibid., p.28.

³⁴ Ibid., p.28.

³⁵ Cf. Ibid., p.31.

³⁶ Pensamos nos trabalhos de Bernfeld, citados por Jones. Além das críticas a Wittels.

momento, “[...] *antes* da biografia de Jones o único grande amigo de Freud — para mim, e para o analista comum de Londres — era Breuer; não se sabia da existência de Fliess. A partir daí foi preciso que os analistas assimilassem o impacto das revelações, resignificando a vida privada do mestre.”³⁷.

Sabemos que, depois de Ernest Jones, as pesquisas tomaram outros rumos. Pensamos na publicação do trabalho de Didier Anzieu, *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*³⁸, na França, em 1959³⁹, “Na história das biografias, Anzieu teve o mérito de transitar por um caminho diferente, por uma trilha ‘psicanalítica’, onde a pergunta ‘o que é uma biografia psicanalítica?’ ocupa um lugar de destaque.[...] Concordo com a afirmação de Roudinesco de que ‘Uma história psicanalítica não pode prescindir de uma interpretação psicanalítica da história’.”⁴⁰. Além desta abordagem, o aparecimento dos historiadores críticos e revisionistas entra em cena; surgem autores como Paul Roazem, Henri Ellenberg, Frank J. Sulloway, Erik Porge. Mais recentemente, uma nova horda de biógrafos “malditos” apresentam-se com seu revisionismo impenitente, “Sujeitos, imagino eu, que freqüentariam as reuniões originais das quartas-feiras, como peixes n’água. Estou pensando em Masson e Swales; [...]”⁴¹.

A seguir, vimos como Peter Gay retoma o caminho histórico tradicional, com uma forte ênfase na pesquisa nos arquivos disponíveis; seu *Freud. Uma História para Nosso Tempo*, com sua estratégia editorial de *best-seller*, promove a atualização do debate sobre a

³⁷ Ibid., p.29.

³⁸ ANZIEU, Didier. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

³⁹ ANZIEU, Dider. *L’auto-analyse de Freud et la découvert de la psychanalyse*. Paris: PUF, 3ª. ed., 1998.

⁴⁰ Ibid., p.32.

⁴¹ Ibid., p.32.

vida de Sigmund Freud fora, e também dentro, do movimento psicanalítico. Após o aparecimento deste trabalho, nenhuma biografia completa — feita por um psicanalista ou um historiador com formação teórica psicanalítica — veio à luz até a publicação de *Sigmund Freud. O Século da Psicanálise. 1895-1995*, de Emilio Rodrigué.

Dissemos que provavelmente, no mundo das idéias, não exista uma identificação tão próxima entre o homem e a obra como no caso de Sigmund Freud. Por isso, a importância tanto das biografias como dos ensaios biográficos. De alguma forma, estes trabalhos atingem não só a figura do protagonista mas também à psicanálise como um todo. Muitos ataques à doutrina, privilegiaram esta estratégia, “Como assinala Anzieu, Freud ‘[...] descobriu a psicanálise ao mesmo tempo em que se descobria a si próprio’. Freud foi Newton, mas também a maçã. Ele sonhou a psicanálise e foi sonhado por ela.”, sem dúvida, “Existe uma identificação iniciática do homem com sua obra. Dado esse enlace entre objeto e sujeito, ‘questionar a lenda freudiana às vezes pode equivar a questionar os fundamentos de pensamento freudiano, eventualidade que os discípulos mais zelosos só em raras ocasiões estavam dispostos a encarar’.”⁴². Assim, E. Rodrigué entende em relação à história de vida de Sigmund Freud, “O objetivo biográfico é recriar o universo-síntese desse homem, desse sistema, desse sintoma cultural. O ideal seria entrar em sintonia filosófica, filológica, poética, histórica e retórica, como quem afina um instrumento para além da simbiose” quer dizer, não se trata de um objeto indiferente ou aleatório de pesquisa; “É um ideal alquímico, eu sei. Mas, pensem bem, à diferença da história, a biografia é um empreendimento essencialmente identificatório. Com efeito, a biografia é a arte de ser o outro.”, e isto, certamente, inclui a dimensão sexual,

Isso, aprimorar a cópula — consubstanciar-se, ser o outro, com a antecipação da sombra. Esta identificação fascinada e fascinante não se encontra assim, não se encontra assim ao acaso de uma noite. Provém de uma larga caminhada e, às vezes, penso tratar-se de uma iniciação, da qual a idéia de possessão não se ausenta. A biografia como possessão sublimada em escrita.⁴³

O ideal identificatório visa, neste caso, forjar um universo freudiano particular, aquele que diz respeito ao autor, “[...] trata-se de minha ficção veraz e feroz de Freud; texto liberado do fardo da crença na existência de uma verdade histórica instalada num passado a ser remontado.”⁴⁴ Em relação a este aspecto, E. Rodrigué cita F. Nietzsche, “O homem pode esticar ao máximo seu conhecimento, tendo a impressão de ser o mais objetivo possível mas, em última análise, produz somente sua própria biografia.”⁴⁵, no mesmo sentido, sobre os limites do biógrafo, afirma E. Glover,

A arte animista da biografia, como a de embalsamar, esculpir ou pintar imagens, ou lavrar epitáfios, tem a intenção do artista-biógrafo de reanimar e preservar, para benefício da posteridade, o semblante daqueles que alcançaram a fama. O superlativo mérito do gênero biográfico reside no fato de que além de brindar um retrato do biografado — terreno onde a escultura não tem rival — permite traçar os lineamentos da caminhada mental do herói. Mas existe um problema: o biógrafo não pode ir além dos limites de sua própria compreensão; isto é, não pode ir além de sua própria autobiografia.⁴⁶

A empresa biográfica encarna, por isso, dois desafios epistêmicos, dois problemas: como conhecer a história? e, como conhecer o outro? Problemas de origens diferentes que devem imbricar-se na construção de uma representação narrativa. Nesse contexto, a verdade histórica é construída, assim, pela determinação das concepções culturais de uma época; quer dizer, pelos esquemas lógicos que a constituem. Com efeito, o destino do objeto biografado se joga entre a inefável singularidade de uma existência e as generalidades abstratas, entre a anedota e a estrutura; o biógrafo deve lutar para que a sobredeterminação interpretativa não

⁴² Ibid., p.33.

⁴³ Ibid., p.35.

⁴⁴ Ibid., p.34.

⁴⁵ NIETZSCHE apud RODRIGUÉ, op. cit., p.34.

derive na indeterminação. Assim, a biografia, “[...] extrai sua eventual riqueza da qualidade de uma relação de objeto que deve negar e ultrapassar; de um campo que implica as três dialéticas do passado e do futuro, do saber e do querer, do eu e dos outros, portanto deve limitar suas aberturas ilimitadas.”⁴⁷

Todavia, o biógrafo deve estar disponível à invasão do objeto como uma terra fértil onde se cultivam raízes póstumas, “[...] dar asilo na memória às almas errantes, reinteriorizá-las ausentando-se de si próprio: esvaecimento interior, quase místico, ascese aberta à iluminação através do outro; [...]”⁴⁸. Tratar-se-ia de um tipo de disposição que cultiva a intensidade da recordação, que luta contra o esquecimento; por esse viés, a biografia moderna “[...] deveria traduzir em termos humanos, quotidianos, microscópicos, as intuições do século XX, enriquecendo o estudo do sujeito com uma bela galeria de casos.”⁴⁹. Essa disposição não deve ser confundida com um servilismo teocrático, à medida que se reconhece nessa relação as ambigüidades próprias da proximidade íntima.

O fantasma do biógrafo — assim como o do historiador — desdobra-se de diferentes maneiras; entre elas podemos ver como em alguns momentos, nos melhores casos, reaparece o vocábulo grego *bios*, “[...] quer dizer, não o vivido, mais a vida nisso que há de mais orgânico: o corpo.”⁵⁰. Talvez, esses encontros conformem os momentos em que o leitor parece tocar uma ponta do real ao redor do qual o biógrafo circula com sua narrativa; a essa síntese dialética, Roland BARTHES, deslocando o sentido do significante, chama de

⁴⁶ GLOVER apud RODRIGUÉ, op. cit., p.35.

⁴⁷ MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984. p.140.

⁴⁸ *Ibid.*, p.90.

⁴⁹ ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard, n.º. 54, mars-avril, 1989, p.47.

⁵⁰ GAILLARD, Françoise. Roland Barthes: le biographique sans la biographie. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n.º 224. Paris. 1991. p.87.

anamnese, “[...] ação mistura de gozo e de esforço que leva o sujeito a reencontrar, sem aumentá-lo nem fazê-lo vibrar, uma sutil lembrança: é o próprio haikai.”⁵¹, instante que remete à singularidade do traço.

O conhecimento biográfico se enraíza em águas turvas; reclama do biógrafo a riqueza humana de uma vibrante ressonância, e o apagamento de uma câmara de eco; uma objetividade conquistada sobre as ambigüidades de um companheirismo passional, sobre uma dolorosa e amorosa tensão, e não sobre um frio distanciamento. As ambivalências de uma tal relação não estão exemptas de perigos: cismas violentos para acomodar o objeto às pulsões contraditórias do sujeito (homem detestável e poeta genial; mau caráter e coração de ouro). Mas, nessas obscuras e romanescas gêneses se afina o sentimento dos paradoxos multiplicados e refletidos que permitem uma representação nuançada do indivíduo.⁵²

Para Paul VEYNE, o que diferencia o romance e a história é, nesta última, a presença do documento e do conceito. Ele propõe o conceito como sendo a invariante através da qual a história insere-se na cientificidade; sem o conceito não se poderia apreender as singularidades do passado. Assim, um conceito como *imperialismo* seria necessário para poder filtrar cada um dos imperialismos históricos para, dessa forma, retratar o singular a cada um. Ele também afirma, na sua aula inaugural no *Collège de France*,

[...] em história, as questões interessam mais do que as respostas (...) é mais importante ter idéias do que conhecer verdades. É por isso que as grandes obras filosóficas, mesmo sem assinatura, permanecem significativas e clássicas. Ora, ter idéias significa ter um tema, tomar consciência do que ele é, explicitá-lo, conceitualizá-lo (...) Significa deixar de ser ingênuo e perceber que o que foi poderia não ter sido. O real é envolvido por uma zona indefinida de possíveis não-realizados. A verdade não é o mais elevado dos valores do conhecimento.⁵³

Isto não quer dizer que o conhecimento do outro histórico passe pela intuição, ou mesmo pelo psicologismo. Sabemos que toda tentativa de conhecimento implica objetivação, escolhas e conceituações.

⁵¹ BARTHES apud GAILLARD, *Ibid.*, p.91.

⁵² MADELÉNAT, *op. cit.*, p.94.

O compromisso biográfico oscila entre a verdade da representação e a exatidão referencial. Ante um fato ou aspecto de vida apresentado nos questionamos: o biógrafo, para construir essa narrativa, serviu-se de um texto, uma fotografia, um relato? O leitor fica submetido à

[...] insegurança epistemológica que assola a todo momento e em toda parte o leitor de biografias e autobiografias (bem como de história e jornalismo). Numa obra de não-ficção, quase nunca ficamos conhecendo a verdade do que aconteceu. O ideal do relato sem mediação só é regularmente atingido na criação ficcional, em que o escritor faz um relato fiel do que ocorre a sua imaginação.[...] Os fatos da literatura imaginativa são tão sólidos quanto a pedra chutada pelo Dr. Johnson. Devemos sempre aceitar a palavra do romancista, do dramaturgo e do poeta, assim como podemos quase sempre duvidar da palavra do biógrafo, do autobiógrafo, do historiador ou do jornalista. Na literatura imaginativa, somos poupados do exame de hipóteses alternativas — que simplesmente não existem. As coisas são apresentadas da maneira como elas são. É só na não-ficção que permanecem dúvidas quanto ao que realmente aconteceu e às reações e sentimentos das pessoas.⁵⁴

Quanto mais o biógrafo documenta suas fontes e sua relação com elas mesmas — circunstâncias da pesquisa — mais próximo sente-se o leitor do referente. De alguma forma, trata-se de convocar o leitor à viagem investigativa da qual surgem a narrativa e a representação do objeto.

Assim, quando não se encontra, através da apresentação de documentos, o percurso de pesquisa, de certa forma, o leitor é expulso, uma vez que não lhe é permitido posicionar-se criticamente — e desta forma construir sua própria representação — ante questões expostas pelo trabalho do biógrafo. Desta forma, “O autor se esconde detrás da figura do arquivista e

⁵³ VEYNE apud REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.123.

⁵⁴ MALCOLM, op. cit., p.162.

paradoxalmente são os documentos que ele cita que o legitimam como narrador.”⁵⁵. Parece haver uma necessidade de oscilação entre dois impossíveis que, quando violentados, desarmam a narrativa, descobrindo o invasor. Trata-se de entrar, sem ser visto, tanto num sistema de pensamento, quanto nos fantasmas de uma individualidade e de alinhar uma narrativa que possa circular sem arrombar portas ou ser descoberta em lugares restritos aos visitantes; ou seja, ter a familiaridade dos íntimos, mesmo sem ser convidado.

O relato biográfico, propriamente dito, de Emilio Rodrigué inicia-se ao redor de um famoso e paradigmático sonho de Freud: *O sonho da injeção de Irma*⁵⁶. Através dele percebe-se o desenho que terá a narrativa. O destaque da apresentação do sonho tem várias vertentes; entre elas a formal, onde se antecipa que a narrativa histórica estará regida pela singularidade do objeto e não, necessariamente, pelo ordenamento cronológico. Vemos nisto, pela vertente conceptual, a valor outorgado pelo biógrafo a um sonho do biografado. Este destaque denota o caráter psicanalítico da biografia, quando sabemos da estreita relação entre o sonho — enquanto *formação do inconsciente* — e o desejo. Neste caso, o viés romanesco aparece como recurso para subverter a cronologia seqüencial. Assim, o eixo diacrônico da narrativa não obedece ao ordenamento temporal dos fatos. Abre-se, desta forma, a possibilidade de uma temporalidade em que a seqüência da apresentação da história subordina-se à estética da representação, relegando, desta forma, o exato ordenamento dos acontecimentos.

⁵⁵ VIVIÈS, Jean. Une vie à écrire: *The life of Johnson (1791)* de James Boswell. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle). Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.68

⁵⁶ FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900) cap. II. O método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IV, 1997. CD-ROM

A narrativa inicia-se desta forma, “Fixemos a data: 1895, o Século da Psicanálise começa. Como nos filmes de suspense, esta história secular pode ser contada começando-se pelo final.”⁵⁷, a seguir, encontramos a carta de S. Freud dirigida a W. Fliess que, segundo E. Rodrigué, é a mais importante do epistolário freudiano, aquela onde S. Freud imagina a placa de mármore que memoraria o momento da revelação do segredo dos sonhos. Podemos dizer que se trata do final de um percurso onde se inicia uma nova caminhada; um final paradoxal de onde surgiria o que conhecemos por Psicanálise. Esta história comporta vários finais, por isso também, vários começos; J. Lacan dirá, com razão, que a Psicanálise se reinventa e portanto recomeça com cada paciente e a cada momento. Em termos cronológicos, esta narrativa inicia-se no momento em que a personagem tem quarenta e quatro anos. A famosa carta, datada de 12 de junho de 1900, transforma-se num ponto de equilíbrio cronológico que permitirá ao biógrafo oscilar — e dialogar — entre o passado e o futuro. Também, trata-se de um final incompleto; há ainda neste caso, um longo caminho a ser construído para arribar, paradoxalmente, ao final conhecido: a morte de Sigmund Freud. Do caminho desse homem, surge a psicanálise; por isso, talvez, a escolha em começar o relato, recorrendo, como a chamou S. Freud, à *via régia*⁵⁸: os sonhos. E, tratando-se de sonhos, *O sonho da Injeção de Irma* reina, ainda, como o sonho dos sonhos, “Poucas vezes um sonho foi tão perscrutado. Apresenta-se como o maior rébus a desvelar na história da psicanálise. O prêmio: tirar a placa de mármore da placa de mármore, descobrir o serralheiro da chave desse enigma, porque o ‘desejo de Irma’ ainda hoje em dia permanece hermético, como uma *Rosetta* semi-decifrada.”⁵⁹. Todo o primeiro capítulo é dedicado à apresentação e às diferentes análises

⁵⁷ Ibid., p.39.

⁵⁸ Embora na edição em português, esta referência, em latim no original apareça como *via real* cf. FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900) cap. VII Os processos primário e secundário. O recalcado. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IV, 1997. CD-ROM.

⁵⁹ Ibid., p.41.

deste sonho. Por isso, provavelmente, não poderíamos estar frente a um começo mais psicanalítico de uma história: E. Rodrigué coloca no centro, tanto da história de S. Freud, como de sua narrativa, o enigma do desejo de S. Freud através deste sonho paradigmático. Desde o começo, o leitor está consciente do sentido psicanalítico que a construção histórica terá. Esta forma de abordagem da história — acreditamos que o texto de D. Anzieu seja seu antecedente mais consistente — contrasta com os outros trabalhos, “Paul Roazen, que está longe de ser fã do biógrafo oficial, disse: ‘Coisa bastante curiosa, a biografia de Jones não é muito complexa psicologicamente falando. Por exemplo, Jones aceitou sem reservas a descrição que Freud fez de sua própria infância e a relação com seus pais.’. Roazen tem toda razão. Casa de ferreiro, espeto de pau.”⁶⁰.

Encontramos outro exemplo desta abordagem psicanalítica, no comentário sobre o episódio do provável segundo casamento do pai de S. Freud, “A maioria dos biógrafos, após Sajner, acham que Freud não conhecia, ao menos conscientemente, a existência desta mulher-sanduíche na vida de seu pai.”, afirma E. Rodrigué, enquanto historiador, para logo, como psicanalista, dizer, “Este desconhecimento, porém, seria significativo, por indicar uma quebra no tecido biográfico, um fantasma no porão. Talvez o historiador duvide, mas o psicanalista ‘sabe’ que Freud ‘sabia’ inconscientemente.”⁶¹. Neste caso, que o psicanalista ‘saiba’, significa incorporar esta visada à abordagem da história o que nos remete à questão levantada por E. Roudinesco sobre a interpretação psicanalítica da história.

Sabemos que, a partir de S. Freud, o real histórico não é mais o mesmo; sobretudo através da subversão do status da memória, “A memória deixa de ser conhecida como o

⁶⁰ Ibid., p.17.

aparelho registrador fiável e objetivo sobre o qual o historiógrafo funda sua percepção do passado, ela não recebe mais um passado que seria dado de uma vez e para sempre,[...]: a memória freudiana concerne ao passado que retorna, [...]”⁶². Além disto, que de alguma forma, somente alerta sobre o conhecido,

A memória freudiana nos convida a pensar que existiria uma ‘outra cena’, sobre a qual se desenvolveria a verdadeira intriga da vida: Julia Kristeva vê no movimento de deportação da subjetividade toda ‘a ética da psicanálise’, que soube abrir o sujeito a essa ‘inquietante estrangeiridade’, quer dizer sobre essa alteridade que o habita, sobre esse outro que entra na constituição do mesmo.⁶³

Conjugar essas duas dimensões do sujeito, talvez, seja parte do ideal alquímico a que se refere E. Régis. Narrar, entrelaçando a dimensão histórica e mítica do referente com o objetivo de condensar as possíveis diferentes dimensões da verdade de uma vida.

Por isso, podemos pensar, em relação à biografia, numa construção meta-histórica, no sentido de tratar-se de uma narrativa que visa ultrapassar a dimensão do evento, “[...] trata-se também de encontrar as linhas de força, uma temática, uma rede de unidades significantes.”⁶⁴, ou como disse R. Barthes “[...] uma rede organizada de obsessões.”⁶⁵. Destacar essa estrutura significativa, significa colocar no centro da análise da forma biográfica, o problema das relações entre a história e a estrutura. Em todo caso, a rede de obsessões às que se referia R. Barthes, no seu momento mais estruturalista, — embora vejamos sempre a presença do escritor, neste caso, através do uso do significante ‘obsessões’ — somente pode ser vislumbrada e formalizada na fabulação da singularidade de um ser do passado. Não se trata de uma poética pura, mais da hibridação que projeta um campo de saber histórico-literário, “A

⁶¹ Ibid., p.70.

⁶² REGARD, op. cit., p.23.

⁶³ Ibid., p.22.

fabulação não é uma ficção no sentido pejorativo do termo: ela se concebe, ao contrário, como uma exploração dessa ‘outra cena’, como uma reconstrução metafórica [...]”⁶⁶. Michel Foucault distingue fábula de ficção; para ele, “Fábula é aquilo que é contado (episódios, personagens, as funções que estes exercem na narrativa, eventos). A ficção é o regime da narrativa; ou melhor, os diversos regimes através dos quais algo se narra.”⁶⁷; ou de outra forma, “A Ficção, é a trama de relações estabelecidas, no discurso mesmo, entre aquele que fala e aquilo que ele fala. Ficção, ‘aspecto’ da fábula.”⁶⁸.

Embora tenhamos alcançado a questão, acreditamos ser necessário avançar com algum detalhe sobre a difícil e complexa questão da presença da ficção no gênero biográfico, “A biografia tornou-se, ela mesma, produtora de ficções; na medida em que começa a compreender que a ficção faz necessariamente parte do gesto biográfico.”⁶⁹. Mesmo concordando com esta posição, de alguma maneira corrente na biografia moderna, acreditamos que se deva relativizá-la através da demarcação dos limites necessários do gênero para, nesse movimento, propiciar o surgimento de outras formas narrativas de aproximação assintótica à verdade. O aparente conservadorismo desta posição visa fazer surgir as diferenças entre as variadas formas literárias ligadas à biografia. Embora se trate de um momento necessário — num primeiro período de experimentação onde são testados os limites da nova forma — achamos extremas, quando aplicada ao gênero biográfico, afirmações como as de A. Buisine de que, “[...] não existe mais nenhuma oposição terminante entre a imaginação literária e o documento autêntico, entre a ficção na obra e a ‘verdade’ de uma

⁶⁴ Ibid., p.22.

⁶⁵ BARTHES apud REGARD, Ibid., p.22.

⁶⁶ REGARD, op. cit., p.24.

⁶⁷ FOUCAULT, Michel. L’arriere-fable. In: *Dits et écrits*. Vol I. Paris: PUF, p.506.

⁶⁸ Ibid., p.506.

vida, as intuições pessoais do biógrafo e as revelações dos próximos, as inevitáveis projeções auto-biográficas do biógrafo e a existência efetivamente vivida do outro.”⁷⁰

Não acreditamos que esta indistinção possa ser aplicada livremente à biografia. Como disse A. Buisine, embora a oposição entre o documento e a imaginação não seja terminante, ela existe e opera; assim, acreditamos que a presença na construção biográfica do verídico e do verossímil⁷¹ devam ser claras e discriminadas para, desta forma, poder dialogar entorno da história,

O verossímil é um efeito. Melhor, está nos efeitos que produz. Sendo o resultado de uma armação, de uma construção, torna-se o produto *par excellence* da ficção. Ai, funde-se o verdadeiro e o falso; ele imita de alguma forma o real e, no entanto, conserva em relação a este um certo distanciamento. O *gesto radical do verossímil* encontra-se justamente nessa conexão. É nos efeitos dessa (con)junção que ele emerge⁷².

Porém, como estabelecer os limites de experimentação dentro do gênero, tendo em conta que tanto a história quanto a ficção obtêm sua força da verosimilhança? Pensamos que o trabalho biográfico deva orientar-se pela fidelidade à representação do referente, construída através de uma ampla pesquisa histórica: parece-nos ser esta sua âncora. Assim, cada passo narrativo estaria balizado, em seu sentido mais amplo, pelo documento; desta forma surgiria a biografia *como* ficção. Nesse sentido, a biografia não é uma ficção, à medida que os referentes da ficção e da biografia são diferentes. Entretanto, podemos dizer que, “[...] todo mito é um certo ato falho da história.”⁷³ na medida em que o ato falho — como todas as *formações do*

⁶⁹ BUISINE, Alain. Biofictions. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n.º.4 Paris. 1991. p.10.

⁷⁰ Ibid., p.11.

⁷¹ Sobre a questão do verossímil ver, por exemplo, KRISTEVA, Julia. A produtividade dita texto. In: *Literatura e Semiologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. p.48-51.

⁷² FURLAN, Stélio. *Agosto: Os (d)efeitos do real*. 1995. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.9.

⁷³ Ibid., p.277.

inconsciente — testemunha a verdade. Para J. Lacan a “[...] ficção mantém uma singular relação com algo que sempre se encontra por detrás implicado, contém inclusive sua mensagem formalmente indicada: se trata da verdade. Há aí algo que não se pode separar do mito.”⁷⁴ Vemos como por detrás do problema do referente — histórico ou ficcional —, encontramos o problema da verdade, “A verdade? Ela tem uma estrutura de ficção na medida em que passa pela linguagem [...] Ela não pode dizer-se mais do que a meias. Existem verdades que são da ordem do real [...] Se eu distingo real, simbólico e imaginário, é precisamente porque existem verdades reais, simbólicas e imaginárias. Se há verdades sobre o real é porque existem verdades que não se confessam.”⁷⁵ Ou de outra forma, a verdade na sua dimensão real, escapa ao espectro e às possibilidades do significante, quer dizer, àquelas do simbólico; assim, “Pode-se sustentar que a verdade tem uma estrutura de ficção. Isto é o que normalmente se chama de mito⁷⁶ — muitas verdades têm uma existência mítica — é precisamente nesse sentido que não é possível esgotá-la e dizê-la toda. É o que eu enunciei sob a fórmula: da verdade não há mais do que um meio dito.”⁷⁷ Porém, sabemos, que fato e fantasia não partilham do mesmo terreno: verdade e ficção não se recobrem. A ficção é, nesse sentido, uma das formas em que apresenta a verdade. Por esta via, o mito é a tentativa —

⁷⁴ LACAN, Jacques. El mito individual del neurótico o poesía y verdad en la neurosis. (1953). In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodriguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD, 2000.

⁷⁵ LACAN, Jacques. Otras obras. Universidad de Yale. Charlas con estudiantes . 24 de novembro (1975). In: *Lacan 2000*. Tradução de Ana Maria Gómez y Horácio Rochietti. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD, 2000.

⁷⁶ Abordamos o mito na terceira acepção de N. Abbagnano; quer dizer, entendendo o mito como instrumento de estudo social. A contribuição ao entendimento da função do mito a partir do estudo da estrutura de C. Levi-Strauss, propiciou compreender o mito além da narrativa histórica no sentido de concebê-lo enquanto “[...] representação generalizada de fatos que recorrem com uniformidade na vida dos homens: nascimento e morte, luta contra a fome e as forças da natureza, derrota e vitória, relacionamento entre os sexos.” ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.p.673.

⁷⁷ Ibid.

sempre falha — de dar forma épica à verdade, “[...] lógos e mythos são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida e do espírito.”⁷⁸

Lembremos o episódio, narrado por E. Jones, acerca da reação de J. Breuer ante pseudociese — gravidez imaginária — da famosa Anna O.: o médico comovido ante o endereçamento de uma sexualidade explícita, teria decidido deixar rapidamente Viena junto a sua esposa, numa viagem relâmpago rumo a Veneza. Nesta viagem, conta E. Jones, teria sido gerada uma das filhas do casal que, já adulta, viria a se suicidar, “As peças deste drama de transferências e ciúmes, encaixam-se gerando um maravilhoso ‘anti-conto’ de fadas. Pena que esta história seja uma frondosa fantasia jonesiana⁷⁹. Estamos frente a um dos mais belos mitos psicanalíticos. Jones foi o agente mitopoiético que urdiu a teia, e Ellemberg⁸⁰ e Pollock⁸¹ os desmancha-prazeres que furaram o mito.”⁸² Mas, de qualquer forma, havia uma verdade a ser transmitida nesta relação inaugural,

Digamos que Jones tenha fabricado a história. Os mitos, porém, são forjados mas não se falsificam. São construções e não representações. [...] Os mitos, como as lembranças encobridoras, não deturpam com sua não-verdade. Pelo contrário, trata-se de ficções que testemunham verdades históricas. [...] De todos os mitos freudianos, este é o que transporta a mais inocente verdade: Breuer separou-se de Freud por causa do sexo. Cabe dizer que Anna O. foi seu ponto lúcido e seu ponto cego.⁸³

⁷⁸ SOUZA BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. Rio de Janeiro: Vozes, vol. I, 1989. p.13.

⁷⁹ Da mesma ordem é a história que diz que, no momento da primeira viagem de Freud aos EE.UU., e ao vislumbrar o cais, Freud teria dito a seus acompanhantes e referindo-se à psicanálise: ‘não sabem que lhes trazemos a peste’. Esta história foi inventada por Lacan. O que não quer dizer que, até hoje, a palavra ‘peste’ continue sendo sinônimo de ‘psicanálise’.

⁸⁰ Cf. ELLENBERG. The story of ‘Anna O.’. A critical review with new data. In: *Journal of history of behavioral sciences*, 1972. p.267-279.

⁸¹ Cf. POLLOCK, George. The possible significance of childhood object-loos in the Josef Breuer-Bertha Pappenheim (Anna O.) – Sigmund Freud relationship. In: *Journal Psychoanalytic Associations*. XVI, 1968. p.711-739.

⁸² RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.276.

⁸³ *Ibid.*, p.277.

Vemos, desta forma, o mito como testemunha de uma verdade — *construção* — e não como *representação* onde o referente se constitui em relação ao objeto.

Paradoxalmente, e como afirmamos, o verniz conservador em tentar delimitar os terrenos narrativos — talvez pouco hodierno — visa à liberdade, no sentido de poder assinalar novas formas dentro e fora do gênero biográfico. Acreditamos que a liberdade e experimentação biográfica tenham contribuído para o aparecimento de novas estruturas narrativas inspiradas na biografia. Novos modos que, uma vez alcançados, exilam-se dos limites do gênero, inaugurando outros espaços narrativos que possibilitam inverter o paradigma para propor: a *ficção como biografia*. Assim, na coleção *L'un et l'autre*⁸⁴, citada por A. Buisine, encontramos, “Vidas, mas como a memória as inventa, como nossa imaginação as recria, como uma paixão as anima. Narrativas subjetivas, muito distantes da biografia tradicional. [...] O um e o outro: o autor e seu herói secreto, o pintor e seu modelo. Entre eles, um laço íntimo e forte. Entre o retrato de um outro e o auto-retrato, onde colocar a fronteira?”⁸⁵. No título do artigo citado, vislumbra-se a síntese que poderia nomear uma destas formas filhas do devir biográfico: *Bioficcões*. Talvez este, ou qualquer outro nome, possa dar liberdade para recriar a verdade do mito para, sem biografar mas ficcionalizando um referente, atingir, por outro viés, a representação de uma verdade ligada a uma vida. Deste modo, abrir-se-iam os caminhos — ou gêneros — a serem percorridos na busca narrativa da ressurreição literária de uma vida: o da *biografia* — história como ficção — e o da *bioficção* — ficção como história —; ambas contribuindo, na sua distinção, para as diferentes — e, igualmente, válidas já que se trata de formas diferentes de construção de uma verdade —

⁸⁴ Coleção dirigida por Jean-Bertrand Pontalis, na editora Gallimard.

⁸⁵ BUISINE, op. cit., p.11.

casos, a rever a construção de muitos aspectos da representação do objeto. Entre as biografias de E. Jones e P. Gay, nota-se um deslocamento, no sentido de avanço, em relação à consistência histórica através dos meios atuais da pesquisa historiográfica. Porém, em relação às representações construídas e apresentadas por E. Jones, não encontramos maiores diferenças em relação à P. Gay; inclusive, podemos dizer que E. Jones consegue manter a vitalidade do testemunho. Os arquivos de P. Gay, como dissemos, pareceram imobilizar a representação.

Assim, das cartas de amor, Emilio Rodrigué desprende um aspecto diferente na representação do jovem noivo, além daqueles que sugerem, explicitamente, sua correspondência amorosa: sombrio e vulcânico e ao mesmo tempo, meigo e sentimental, “Eu acrescentaria um terceiro semblante, raro em Freud: do homem que desfruta de um vinho mosela gelado, do prazer em ter a barba aparada por um bom barbeiro, de um banho de água fresca na casa de Breuer.”⁸⁹

Em 1885, Freud parecia dividido entre a ciência e o amor, E. Rodrigué questiona-se pelo desejo de S. Freud,

[...] qual seria o desejo de Freud? [...] Talvez o conflito central de Freud não ocorresse entre a ciência e o amor, como Jones e Gay acreditam. Isto é, acertam na sombra, mas erram no que diz respeito à sutileza. Essas forças certamente estavam em luta, mas no centro encontra-se mais um novo campo de “inclinação”, para usar o termo da Academia Espanhola⁹⁰, ainda só vislumbrado. Essa inclinação levava-o para o lado de Charcot, as grandes histéricas, as

⁸⁸ Ibid., p.85.

⁸⁹ Ibid., p.161.

⁹⁰ Academia Espanhola era o nome de uma sociedade secreta fundada por S. Freud e seu amigo E. Silbertain quando tinham dezesseis anos. Esta sociedade de dois membros foi criada, principalmente, para o estudo do espanhol entre os amigos. Começaram, em 1871, uma correspondência que durou até 1881.

alterações da consciência, com ou sem droga. Nesse horizonte próximo projetava-se o desejo inconsciente de Freud.⁹¹

Uma das questões mais importantes na construção das narrativas biográficas — e na representação resultante — é o finalismo atribuído aos eventos na vida do biografado. O percurso traçado pelo narrador parece orientado conforme o sentido da história final do referente. Nesse sentido, E. Rodrigué pergunta-se, “Esse caminho foi linear ou disperso, quebrado ou contínuo? Jones, Bernfeld, Sulloway enfatizam a continuidade do percurso; Assoun, Mario Francioni e os epistemólogos em geral, acreditam em saltos e torções epistêmicas, onde a palavra de ordem seria a ressignificação, numa seqüência regida pelo tempo retroativo da posteridade.”⁹² Assim, vemos que a narrativa biográfica está condicionada não somente pela interpretação dos acontecimentos vividos pelo biografado, mas também pela concepção epistêmica do narrador em relação à obra; no entender de E. Rodrigué, “Existe uma pane fundamental na concepção de Bernfeld e Jones. Eles falam da revolução freudiana como a chegada de algo espantosamente novo, sem precedentes ou precursores.”⁹³ Por outro lado, autores, como P-L. Assoun, reconhecem que, “[...] esse acontecer inédito não é localizado ‘ao nível dos princípios epistêmicos, isto é, no registro teórico desse pensamento’.”⁹⁴ Haveria um capital epistêmico adquirido — no caso de Freud pensamos no seu trabalho com Meynert mas, principalmente, com Brücke — trabalho este a partir do qual teria surgido a psicanálise, “Toda a psicanálise, então, teria vivido desta primeira renda, auferindo indefinidos lucros, sem a necessidade de renovar seu investimento inicial. Assim, Assoun, refere-se plasticamente a um barroco epistemológico, e aqui

⁹¹ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.179.

⁹² *Ibid.* p.191.

⁹³ *Ibid.*, p.192.

⁹⁴ *Ibid.*, p.192.

lembramos a definição de barroco enquanto o encontro totalizante de estilos heterogêneos.”⁹⁵. Temos então, por um lado, continuísmo epistêmico — evidentemente, através de um arranjo singular e inovador — e pelo outro, o fulgor do gênio. No entender de E. Rodrigué, no caso de Freud, haveria um entrelaçamento destas concepções, “Houve um corte. O problema reside em que esse corte — em cuja existência acredito — não é algo gritante, mas sim um pulo do tigre. Pulo sutil. Aparentemente, o avanço se apresenta como um *continuum* ilusório [...]. O papel do observador, com respeito ao objeto de observação, muda com a psicanálise: aparece o sujeito do inconsciente.”⁹⁶. Assim, retratar, construindo a imagem destas circunstâncias, significa para o biógrafo alcançar o detalhe desse *pulo sutil* de onde surge algo espantosamente novo, porém, cotidiano: a revolução freudiana como deslocamento da visada sobre o sujeito.

Acreditamos que a contribuição de E. Rodrigué, embora não se encontrem descobertas históricas ou documentais no seu texto, — como é o caso de P. Gay ou E. Jones — consista no deslocamento da representação de Freud. No seu trabalho, destacam-se diferentes aspectos relegados por outros autores. Essa nova visada circula, principalmente, ao redor: da sexualidade, da relação de Freud com a cocaína e o fumo — quer dizer, com o vício — e da política. Estas questões, ainda que existam inúmeros trabalhos que as abordam, não contribuíram, nas biografias, para a representação final. De alguma forma, a biografia de E. Rodrigué incorpora estas dimensões sem pruridos. Isto comporta efeitos de leitura no sentido de reintegrar aspectos que reinsiram a dimensão humana perdida no mito do herói, “[...] nosso protagonista foi se transformando numa lenda nas mãos de seus analistas biógrafos. Mito do herói. Estamos frente ao *Mito da fundação*. Quais as suas características? O

⁹⁵ Ibid., p.192.

protagonista passa por uma série de peripécias, como a *iniciação*, o *isolamento*, a *pobreza* e o *retorno*. Elementos que convergem no mito da Fundação.”⁹⁷. O herói, ao incorporar o viés divino, relega a dimensão humana e cotidiana de suas misérias. Nesse movimento, a figura retratada imobiliza-se num quadro inerte e distante: torna-se um espectro de fácil idealização. Talvez, o principal mérito do texto de E. Rodrigué resida no resgate da dimensão humana de Freud, restituindo a possibilidade de aproximação ao homem e as suas idéias através da ficção do contato e da identificação. De alguma forma, trata-se de respeitar a letra freudiana para desrespeitar o ao redor da idealização.

E. Rodrigué alinhava esta recuperação de Freud, sobretudo, através de sua correspondência. A presença da correspondência ocupa um lugar de destaque nas biografias. Constitui-se numa das mais importantes estratégias no sentido de dar-lhe voz ao biografado. No caso de S. Freud, não poderia ser diferente; ainda mais, se temos em conta seu impressionante volume epistolar. Exemplo disto são as mil e duzentas cartas de amor trocadas no período de noivado com Martha Bernayns — às quais E. Jones teve acesso irrestrito. S. Freud mantinha uma constante correspondência com seus amigos e discípulos, dedicava as últimas horas de cada dia a esse exercício. É conhecida sua impaciência com aqueles que não mantinham sua mesma constância e disposição na reciprocidade epistolar. Gilbert DIATKINE — analisando as diferentes recepções na leitura da biografia e da correspondência de Aurora Dupin⁹⁸ — se pergunta, “Por que o ponto de vista exterior nos parece mais frio que o discurso contraditório e lacunar da *Correspondência*?”⁹⁹. Lembremos que a leitura da correspondência

⁹⁶ Ibid., p.193.

⁹⁷ Ibid., p:33.

⁹⁸ Em MAUROIS, André. *Lélia ou la vie de George Sand*. Paris: Hachette, 1952 e SAND, George. *Correspondance*. Paris: Garnier. S/a.

⁹⁹ DIATKINE, Gilbert. Le regard Froid. In: *Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF, Tome LII, jan-fév. 1988, p.37.

alheia — ou seja, daquela que não escrevemos e da qual não somos destinatários — sem a permissão de algum dos protagonistas da troca¹⁰⁰, constitui não somente um delito; mas também transgride um forte e comum imperativo inculcado na educação familiar. Sabemos que a visada sobre a intimidade alheia toca as margens do voyeurismo e, com isto, da perversão; ou seja, da renegação da lei conhecida. Este sentido aparece diluído, na leitura, quando as cartas foram publicadas, quando os protagonistas morreram ou quando a distância cronológica impõe algum intervalo significativo. Mas, embora diluído, há um preço a ser pago, a leitura da correspondência permite, “[...], bisbilhotar junto com ele — com o biógrafo —, revistar gavetas, apossar-se do que não lhe pertence. O sentimento não é totalmente prazeroso. A bisbilhotice acarreta um certo desconforto e mal-estar; ninguém gostaria de que aquilo acontecesse consigo próprio.”, já que, “Quando morremos, queremos ser lembrados nos termos que preferimos e não nos termos de alguém que se apodera de nossas cartas mais íntimas, espontâneas e embaraçosas e se dispõe a lê-las em voz alta para todo mundo.”¹⁰¹. Esta voz surge da oposição entre a olhada exterior do biógrafo e a presença da primeira pessoa das cartas.

Com este artifício, convoca-se ao biografado a dar sua palavra, freqüentemente, apesar de sua vontade manifesta, “A impressão de autenticidade se constitui porque o leitor de uma correspondência tem a ilusão de ver os bastidores do decorado.”¹⁰², o que nos remete novamente à cena do voyeur; porém, neste caso, trata-se de uma cena acessível a todos e sem o preço da culpa e da responsabilidade, já que a montagem autoriza a presença do leitor.

¹⁰⁰ A correspondência também coloca o problema da propriedade: quem é o dono das cartas? Quem escreve? Quem recebe? Ambos?

¹⁰¹ MALCOLM, op. cit., p.118.

¹⁰² DIATKINE, op. cit., p.48.

Assim, este artifício narrativo faz presente o sentimento de intimidade para construir a impressão do autêntico¹⁰³.

É provável que esta qualidade — a de aparentemente escutarmos a voz direta, sem a intermediação do biógrafo — surja apenas através da correspondência e da leitura do diário íntimo. Nesse sentido, lembremos os textos autobiográficos de S. Freud. Nenhum deles aproxima-se — pelo contrário — da exposição íntima. Podemos imaginar o que teria pensado S. Freud se soubesse que sua correspondência de amor poderia ser encontrada nas prateleiras de qualquer boa livraria¹⁰⁴?

As cartas do longo noivado e de sua amizade com W. Fliess são seu principal terreno de pesquisa. A única fonte de informação do período de Freud em Paris — momento do encontro com a histeria, na Salpêtrière, junto a J. M. Charcot — são as cartas enviadas a sua noiva. Paris foi um desejo acalentado durante muito tempo por Freud, “[...] a felicidade com que pisei pela primeira vez no pavimento de Paris foi tomada como garantia de que haveria de alcançar também o cumprimento de outros desejos.”¹⁰⁵. Sabemos — através da correspondência — da dificuldade, inclusive, pode-se falar da crise no período de estudos em Paris. É consenso a referência de que Freud manteve-se distante das seduções da capital do amor mas, e desta forma, aparece a nova visada, “Parece-me ingênuo da parte de Jones citar a seguinte carta como prova de castidade: ‘Ontem à noite, John¹⁰⁶ veio ver-me... o que me divertiu é que evidentemente ele estava tentando me sondar para saber se tenho uma amante

¹⁰³ Esta forma é freqüentemente utilizada na ficção, ver por exemplo NASSIF, Jacques. *Comment devient-on psychanalyste?* Éres: Paris, 1999. Trata-se de uma correspondência fictícia entre um psicanalista e uma jovem que pretende uma formação psicanalítica.

¹⁰⁴ Cf. FREUD, Sigmund. *Correspondência de amor*. Rio de Janeiro: Imago, 1981 e FREUD, Sigmund. *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

¹⁰⁵ Freud apud Rodrigué, op. cit. p.222.

aqui.”¹⁰⁷ Construir um período de vida ao redor da correspondência a uma noiva ciumenta que acredita literalmente nas palavras do noivo, parece uma base documental pouco consistente. E digamos de passagem, uma atitude nada psicanalítica: afirmar a castidade de Freud através de sua correspondência com a mulher amada é, no mínimo, ingênuo. Colocar em dúvida estas imagens, quase definitivas na representação de Freud, é uma constante no texto de E. Rodrigué. Por outro lado, destacar aspectos não muito privilegiados por outros autores, denotando outros sentidos da personalidade de Freud contribui à complexidade da subjetividade do biografado. Numa carta a Martha comenta,

‘Vendo o tempo, que estava maravilhoso, andei um pouco no pátio, desfrutando dele. Senti-me cada vez melhor e, depois de um banho morno, pude movimentar-me perfeitamente bem; então corri para o laboratório, resolvi meter-me no trabalho outra vez e, à tarde, joguei xadrez no bar de costume....’ Há *joie de vivre* nesta descrição. Chama a atenção por mostrar um lado da personalidade de Freud pouco visitado pelos biógrafos e, a bem dizer, por ele mesmo. Para buscar a palavra que define Freud, eu diria que ele é sombrio, com uma intensidade soturna percorrendo seu andamento. Mas esse véu atormentado às vezes se levanta e, por trás da cor cinza, aparece um homem sensual, conhecedor dos prazeres da terra, mais meigo, mais infantil, prestes a degustar um bom vinho entre anéis azuis de um bom charuto.¹⁰⁸

Provavelmente, na correspondência com seu amigo W. Fliess, encontremos o Freud mais íntimo, próximo do outro, “Nela, Freud aparece como um homem escandalosamente íntimo, de uma intimidade espontânea, diferente dos calculados flashes revelados por seus textos autobiográficos.”¹⁰⁹ Através dela, podemos ver outro aspecto que, em se tratando de Freud, parece estranhamente tolerado, aceito. Trata-se de sua inclinação à dependência tanto da cocaína mas, sobretudo, em relação ao fumo. Alguns sintomas cardíacos levaram Freud, durante certo período, e, por sugestão de W. Fliess — também médico — a abster-se de

¹⁰⁶ Trata-se de seu sobrinho.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p.225.

¹⁰⁸ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.II 1995. p.34.

¹⁰⁹ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.317.

fumar. Fica claro, nesse momento, o sofrimento pela abstinência ou melhor, o discurso do toxicômano. Na privação nicotínica, Freud escreve a seu amigo, “ ‘Não tenho fumado há sete semanas’. Estava péssimo... ‘com sintomas cardíacos acompanhados de depressão branda, além do terrível sofrimento da abstinência. Decorridas sete semanas, contrariamente ao que lhe prometi, comecei novamente a fumar.’”¹¹⁰ As justificativas denotam, no entender de E. Rodrigué, o discurso do toxicômano, “Desde os primeiros charutos, fiquei apto para trabalhar e tornei-me senhor do meu estado de ânimo; antes disso, a vida mostrava-se intolerável. Também não observei nenhum agravamento dos sintomas depois do primeiro charuto.”¹¹¹ Como diz E. Rodrigué, de alguma forma, desvelando as misérias do herói, e pedindo licença, “Acho esta carta um paradigma de conversa fiada. [...] Desculpe-me professor, [...] Trata-se, isso sim, do desespero de um homem roendo-se nas trevas da abstinência. Então, quando Jones afirma que ‘é necessária uma predisposição especial para incubar um dependência à droga e Freud, felizmente, não possuía esta predisposição’, não dá para acreditar, parece uma piada.”¹¹² É certo que seu amigo Fliess, sabedor das circunstâncias, lhe exigiu ainda maior distância do fumo. A isto, Freud respondeu com a famosa carta onde se acredita ver o sentido homossexual desta amizade, “Seus elogios são néctar e ambrosia para mim, pois sei perfeitamente como lhe é difícil tecê-los [...]” finaliza essa carta dizendo, “Um padrão estabeleceu-se espontaneamente: um charuto por semana, para comemorar a sua carta, que novamente retirou-me o prazer do fumo.”¹¹³ Para E. Rodrigué, e isto desloca a imagem de Freud em relação à dependência, “Estas cartas são produtos de um paciente carente, apavorado por seus sintomas cardíacos, que se aferra a seu ‘doutor’. O discurso do viciado, como a ‘fala vã de amor’ é, repito, conversa fiada. Daí que essa referência a ‘ambrosia e

¹¹⁰ Freud apud Rodrigué, op. cit., p.326.

¹¹¹ Freud apud Rodrigué, op. cit., p.326.

¹¹² Rodrigué, op. cit., p.326.

¹¹³ Freud apud Rodrigué, op. cit., p.327.

néctar' — que os biógrafos apontam como sinal de rastejamento homossexual — é para mim, nesse contexto uma manifestação da síndrome de abstinência: ele quer seu charuto semanal e está disposto a conceder qualquer 'ambrosia' pelo privilégio."¹¹⁴

Muito se disse da relação de Freud com as mulheres e a feminidade¹¹⁵. A questão da mulher desperta um contraste que assinala a divisão subjetiva do homem Freud. E. Rodrigué destaca a divisão, a coexistência ambivalente da presença daquele que conhece os prazeres e que, ao mesmo tempo, os rejeita,

Acho bom, porém, não subestimar essa profunda cisão, em Freud, entre um lado hedonista, que se manifesta no Cipion da Academia Espanhola¹¹⁶, na correspondência com sua Princesa¹¹⁷; e aquele outro, sombrio, misógino. Drama de um atormentado sibarita, na clivagem de atração e nojo pela fissurante sexualidade. Este paradigma de ambivalência, ditado pela coexistência de idealização e denegrimiento, traça as coordenadas de seu safári pelo Continente Negro.^{118 119}

Assim, a representação surge do entrelaçamento dos opostos, da coexistência dos contrários. Sobre os paradoxos que constroem a representação, no entender de E. Rodrigué, parece haver,

[...] uma coisa trágica nos Freud, que pai e filha compartilham: algo que tem a ver com extremos e paradoxos. Esse sentimento que Unamuno definiu como "a luz nas trevas". Pai e filha, ambos conquistadores presos. Sigmund, boêmio em noites propícias, homem que curti um bom vinho, os anéis de uma fumaça azul e os *Steinplitz* da vida, vivia os tormentos plenos de sua neurose. Anna, essa menina encantadora, com uma promissora estréia com seu sonho de morangos, e suas fantásticas fantasias, padecerá de pesadelos noturnos e uma vigília de titia. Ela, a 'Princesa' da psicanálise, herdeira em teoria de uma sexualidade liberada, nunca se

¹¹⁴ Rodrigué, op. cit., p.327.

¹¹⁵ Cf. por exemplo, ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993; SAFOUAN, Moustapha. *La sexualité féminine dans la doctrine freudienne*. Paris: Seuil, 1976; CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Sexualité féminine*. Paris: Payot, 1964.

¹¹⁶ Em referência a sua correspondência com seu amigo da juventude Eduard Silberstein.

¹¹⁷ Em referência a sua noiva.

¹¹⁸ Em referência ao *dark continent* que representaria a sexualidade feminina.

¹¹⁹ *Ibid.*, p.132.

casou, e tudo faz pensar que tenha morrido donzela. Para ambos, o sexo foi a chave e a fechadura.¹²⁰

É difícil, também, incorporar à figura do herói a miopia política e o preconceito. De uma forma geral, os biógrafos ou excluíram esta dimensão na construção da imagem ou fizeram malabarismos discursivos para assimilá-la; em carta a Albert Einstein, Freud afirma, “[...] as raças incultas e as camadas inferiores da população já se multiplicam com maior rapidez do que as mais cultivadas.”¹²¹ Palavras que poderíamos encontrar em qualquer discurso extremista,

Acontece que tanto Mezan quanto Ernest Jones e Peter Gay, tentam justificá-los, coisa que nem sequer sinto-me tentado a fazer. O Professor era surdo em assuntos políticos, da mesma forma que carecia de ouvido musical. Seus argumentos têm um ranço antigo. A ‘nova direita francesa’ é bem mais persuasiva. A tolerância benevolente pela desigualdade é típica do pensamento liberal. Prega-se por uma certa forma necessária de coerção, arraigada na tradição burguesa, que impõe a máxima darwiniana da sobrevivência do mais apto frente a qualquer outro ideal utópico de perfeição social. A consigna tácita é a adequação à estratificação social e não a sua abolição. Seu reconhecimento da necessidade da coesão não quer dizer que ele advogue por um determinado regime repressivo. Acontece que ele é ‘um liberal à moda antiga’ — neste ponto temos que querê-lo ou deixá-lo.¹²²

Vimos que, no entender de P. Gay, as circunstâncias da morte de Freud configuravam o fim estóico do herói. Propunha uma morte que, de alguma modo, alimentava o mito, inclusive o ideal. Mesmo sem fazer, nesse momento, uma referência direta ao texto de P. Gay, E. Rodrigué discorda, afirmando que, “A atitude de Freud não foi a do estóico que olha a morte com indiferença, nem muito menos a do místico, nem tampouco a do revoltado. Foi do silêncio daquele que morde os lábios, mas não chora. Ele tinha um tremendo apego à vida, mas passados esses treze anos de sofrimento, o limite do tolerável tinha sido ultrapassado.”¹²³ Surge, desta forma, a imagem da derrota frente ao sofrimento, da entrega ante uma luta

¹²⁰ Ibid., p.201.

¹²¹ Freud apud Rodrigué, op. cit., p.245.

¹²² Ibid., p.226.

impossível; ou melhor, da hora do acerto de contas do pacto fãustico: referimo-nos à hipótese de que o *Sonho da injeção de Irma* anteciparia, ou mesmo modelaria, o futuro câncer. Esta hipótese sustenta que o câncer seria o preço a pagar pelo reconhecimento de suas descobertas.

Será que o sonho de Irma apresenta o primeiro sinal da doença em seu corpo? O sonho-sintoma teria então um período de incubação de cerca de 20 anos. A cena com Deutsch¹²⁴ seria então uma atuação do sonho, na vigília de um colossal resto de sonho que modela o câncer e faz nascer a psicanálise.

A tese então é a seguinte: o sonho de Irma não profetiza o câncer: ele o modela. Não é premonitório, mas pré-figurativo. O resto de sonho, segundo a forte expressão de Nasio, 'penetra no corpo, arranca um pedaço e retorna na boca de um outro...', que é a de Freud, em 1923.¹²⁵

Esta idéia, no entender de E. Rodrigué, pertence a José Schávelzon. E. Rodrigué se lamenta de tê-la encontrado numa publicação deste autor¹²⁶,

Grande foi a minha agridoce surpresa — mais agra do que doce — quando descobri que José Schávelzon havia feito esta ligação. Eu pretendia ser o primeiro. Em 1970, escrevi uma novela, *Heroína*¹²⁷, onde o protagonista, um analista japonês, dissertava em Bariloche sobre o sonho de Irma. Lá eu faço um personagem dizer:

— Então Irma é Freud.

O que é uma boa aproximação, mas não basta para merecer minha placa de mármore!¹²⁸

Lembremos que se trata de um sonho paradigmático; sonho datado por Freud em 24-25 de junho de 1895, e, que abre o capítulo II, *O método da análise dos sonhos: um sonho modelo*, na *Interpretação dos Sonhos*. Freud afirma encontrar no sonho — a partir dessa experiência — a manifestação e presença do desejo inconsciente; ou seja, o alicerce de todo o

¹²³ Ibid., p.309.

¹²⁴ Felix Deutsch foi o primeiro a descobrir o sinal na boca de Freud. Nesse momento, além de seu médico pessoal, era seu paciente. Freud nunca o perdoou por ter-lhe ocultado a verdade sobre seu possível diagnóstico de câncer.

¹²⁵ Ibid., p.81.

¹²⁶ Cf. SCHÁELZON, José. *Freud, um paciente com câncer*. Buenos Aires: Paidós, 1983.

¹²⁷ Cf. RODRIGUÉ, Emilio. *Heroína*. Buenos Aires: Sudamericana, 1972.

¹²⁸ RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.III 1995. p.85

edifício psicanalítico¹²⁹. Estranhamente, E. Rodrigué, retoma este assunto de forma quase tangencial, somente nas últimas linhas. De alguma forma, parece faltar ênfase no retorno desta questão que remeteria às primeiras páginas da biografia, encerrando o percurso narrativo e histórico. Em termos narrativos, esboça-se um final circular onde a morte de Freud remete ao nascimento da psicanálise mas, a falta de contundência, de remate, poderíamos dizer, deixa um final quase aberto, diluído. No nosso entender, e nisto recaem nossas principais críticas, a hipótese da 'Maldição de Irma'¹³⁰ deveria encerrar a narrativa. Podemos pensar que E. Rodrigué sucumbiu ao que Harold Bloom chamou de *Angustia de Influência*¹³¹. Produto, no entender de H. Bloom, da influência que cada poeta exerce sobre seu sucessor. A partir desta idéia, este autor constrói uma história das relações intrapoéticas. Para H. Bloom, a história da literatura é a história das influências de um autor sobre seu sucessor. Cada poeta deveria construir seu espaço imaginativo próprio a partir do que ele chama de uma *má interpretação* do predecessor ou *Clinamen*¹³²,

Estou interessado somente nos poetas fortes, nas grandes figuras que persistem em lutar com seus grandes precursores, inclusive até a morte. Os talentos mais débeis idealizam as coisas; as figuras de imaginação fortes se apropriam do que encontram. Mas não se consegue nada sem pagar um preço, e a apropriação implica as imensas angustias de se sentir devedor, já que existe algum poeta forte que deseje dar-se conta de que não conseguiu criar-se a si próprio?¹³³

¹²⁹ Trata-se do famoso sonho da 'placa de mármore'. Cinco anos após o sonho, Freud, em férias, escreve a seu amigo W. Fliess, em 12 de junho de 1900, "Imagina que um dia haverá nesta casa uma placa de mármore dizendo: Aqui, em 24 de julho de 1895 revelou-se ao Dr. Sigmund Freud o segredo do sonho", MASSON, Jeffrey. M. (ed.) Correspondência Sigmund Freud-Wilhelm Fliess. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.418.

¹³⁰ Este é o nome do capítulo onde desenvolve a hipótese do câncer como um pacto fáustico. Ibid., p.73-86.

¹³¹ Cf. BLOOM, Harold. *La angustia de las influencias*. Tradução de Francisco Rivera. Caracas: Monte Ávila, 1991.

¹³² H. Bloom constrói este conceito a partir de Lucrécio onde significa desvio repentino dos átomos no sentido de fazer possível uma mudança no universo. Desta forma, em algum momento, o autor desviar-se-ia de seu precursor, num sentido corretivo. Isto implicaria que a exatidão do primeiro autor seria incorporada até o ponto onde o novo autor introduziria o novo caminho.

¹³³ BLOOM, Harold. *La angustia de las influencias*. Tradução de Francisco Rivera. Caracas: Monte Ávila, 1991. p.13.

Para H. Bloom, a melancolia e a angustia nos autores modernos seriam formas de manifestação da influência do precursor. Haveria nos criadores, e este é o ponto central de sua proposta, uma desesperada insistência na prioridade. No nosso entender, E. Rodrigué, mesmo ciente disto, não teria escapado à esta *angustia de influência* autoral, descrita por H. Bloom. Ou de outra forma, estranhamente não cedeu à ‘tentação’, “‘Plagiar’¹³⁴ — Freud escreve a Jung — ‘que tentação!’¹³⁵. Sua idéia, para nós central e fundamental no trabalho, do pacto fáustico modelado no *Sonho de Irma*, teria sucumbido à paternidade de J. Schávelzon¹³⁶ mesmo que E. Rodrigué, como vimos, num de seus romances tenha colocado claramente esta idéia em boca de um de seus personagens.

Após o epílogo, num anexo, E. Rodrigué transcreve as notas de J. Schávelzon¹³⁷ quem, a partir dos documentos sobre as biópsias, feitas na época, das numerosas cirurgias de Freud e das notas clínicas, chegou a um diagnóstico desconhecido para a época: papilomatose florida oral ou carcinoma verrugoso de Ackerman, agravado por fatores neoplásicos como tabaco, fibrose cicatricial, etc. A conclusão e, talvez seja este o final proposto por E. Rodrigué, é que somente no fim da vida, e pelo mal tratamento, a lesão — que sempre se acreditou ser uma doença irreversível — transformou-se, finalmente, num câncer maligno. De alguma forma,

¹³⁴ Jacques Lacan dirá a respeito, “se há pelo menos um prejuízo do qual o psicanalista deveria se desprender por meio da análise, é aquele da propriedade intelectual.” Cf. LACAN, Jacques. Respuesta al comentario de Jean Hippolite sobre la Verneinung de Freud. Escritos. (1966). In: *Lacan 2000*. Buenos Aires: Ediciones Electrónicas RD, 2000. CD-ROM.

¹³⁵ Ibid., p.28.

¹³⁶ RODRIGUÉ op. cit. p. 321.

¹³⁷ SCHÁVELZON, José. *Freud, um paciente com câncer*. Buenos Aires: Paidós, 1983.

todo, o entorno, incluindo o próprio Freud, teriam colaborado para esta saída fatal e, de alguma maneira, contribuído a honrar o pacto.

Ponto de suspensão

Embora saibamos que, “como qualquer narrativa, um livro não tem fim; apenas ganha um ponto de suspensão.”¹ neste tipo de trabalho a conclusão se impõe em vários de seus sentidos, denotando o *fim* que condensa tanto o *término* como a *causa* ou *objetivo* do trabalho; mesmo que o leitor tenha percebido que o estilo deste trabalho, e junto com ele o do seu autor, não pretenda qualquer salto heróico — e acrobático — epistêmico, somente visa um decorrer narrativo por trás do qual possa se deslizar uma contínua deriva em direção a um núcleo difícil de representar, a sutileza do pulo. Acreditamos, poder-se-ia procurar, através da identificação com a obra freudiana onde o corte, a virada epistêmica — indiscutível, o sutil e silencioso “pulo do tigre”² ao que se referia E. Rodrigué —, é de difícil e escorregadia apreensão.

Vimos como um a um os argumentos próprios — e sobretudo os alheios através de citações — por si só, nenhum deles conclusivo, buscaram se engastar até chegarmos a este momento de concluir. Acreditamos que o conjunto e a forma tenham alcançado a — no sentido assintótico — demonstrar nossa intenção e objetivo. Mas, estamos cientes de que, como já dissemos, mais do que na sua conclusão, o possível valor deste esforço quer se

¹ COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário. Razão e imaginação no ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.7.

² RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I 1995. p.193.

encontrar — barthesianamente — nas fendas, rasuras e interstícios explícitos e implícitos apresentados até aqui; desvitalizando-se, com isto, qualquer conclusão definitiva.

Com este espírito, retomamos o motivo desta tese: propúnhamos que de cada leitura biográfica — no nosso caso específico, de Sigmund Freud — surgiriam diferentes representações do mesmo referente histórico — questão aparentemente consensual, embora se tenha demonstrado complexa sua demonstração — e que, estas diferentes representações — como vimos, algumas delas excludentes — poderiam orientar diferentes apreensões da obra do biografado-referente; sendo, ademais, esta última questão a que poderia outorgar a nossa investigação, algum sentido inédito que justificasse o esforço não somente próprio mas também o daqueles que trabalharam ao redor desta pesquisa.

Para isto, destacamos como uma obra, mesmo que inconscientemente, exige, daquele que dela se acerca, diferentes manobras de aproximação. Percorremos, na nossa análise, um tempo em que se investigaram as diversas formas de desobjetivar esta aproximação; acreditamos que nessa caminhada — onde, talvez, o *Estruturalismo* erija-se na mais rigorosa tentativa — muito se descobriu; sem por isso, entretanto, alcançar o que podemos chamar, paradoxalmente, de *desobjetivação da produção humana*. De algum modo, o grau de abstração alcançado nesse momento estruturalista, não pôde avançar sobre o cerne humano da obra. Supomos que dessa resistência, onde clama a presença — ou inclusive a construção — do conceito de sujeito, decorra a dificuldade do objeto e, junto com isso, sua atração permanente. Destacar as dimensões reais e simbólicas, colocando entre parênteses, as imaginárias, foi a estratégia privilegiada daqueles tempos. Nessas investigações, descobriu-se

o lugar do sujeito desatrelado da pessoa física, justificando, nesse mesmo movimento, seu retorno.

Assim, o sujeito presente no texto, na sua função de autor, não mais reivindica a originalidade da criação, somente solicita a singularidade do arranjo dos textos anteriores que ecoam, agora, nele, e que se conjugam, por sua vez, noutra produção textual. A análise da relação autor-texto fica assim, num primeiro momento, preterida em função da análise das relações entre os textos que se fazem ouvir na obra.

Por este viés, a forma e constituição da narrativa biográfica atual constituem-se numas das formas do retorno do imaginário. Nesse sentido, a narrativa, quase diríamos épica, injeta vida a uma imagem que sempre resistiu a sua morte. Todavia, não se trata mais, ingenuamente, de dar vida à pessoa, esta sim definitivamente excluída. Trata-se de dar vida a uma imagem verossímil, a um corpo ficcional onde encarnar o sujeito que se apresenta, insistente, na obra. Neste sentido, haveria uma inversão: o sujeito presente na obra — estética ou científica — regeria uma imagem a ser construída pelo leitor para, num segundo momento, poder dispor dessa mesma representação no questionamento da própria obra. Daí decorre a possível importância e possibilidades heuréticas que tentamos construir e destacar neste trabalho.

Reconhecemos que o *Freud de E. Jones* se apresenta através do testemunho, associado à memória e, inclusive, ao mito heróico, também como o *Freud de P. Gay* se petrifica no olhar documental e materialista associado à distância do espírito do texto freudiano e como,

de alguma maneira, a imagem de S. Freud retorna na dimensão ficcional — e até paródica — de E. Rodrigué.

De alguma forma, nos dois primeiros casos, a representação decorrente da leitura biográfica não consegue o dinamismo necessário — a verossimilhança — para alcançar o assinalado acima: uma imagem que, com sua presença imaginária, pudesse ser convocada, no ato de leitura, na aproximação à obra dessa mesma vida.

Vimos com Emilio Rodrigué que, ainda que a história e a ficção não façam parte da mesma forma de discurso, partilham de um ‘motor’ comum, no sentido de que ambas surgem a partir da presença, implícita ou explícita, da representação. No nosso entender, é na diferente qualidade da origem desta representação que os gêneros se definem e distinguem: é, paradoxalmente, desta distinção que pode surgir o diálogo e imbricação entre a ficção e a história.

Sabemos que a representação que orienta a narrativa histórica está ancorada no *acontecimento* histórico — real — cernido através do documento, à medida que não há possibilidade de que sobreviva o conjunto do que existiu no passado mas, somente seus restos, — enquanto material da memória — para logo, transformado em texto, constituir-se em *fato* histórico. Ou de outra forma, o fato histórico somente se constitui enquanto tal, quando o historiador consegue, através das perguntas possíveis de cada época, construí-lo por meio da narrativa. Por sua vez, a ficção, na constituição da representação que a rege, consciente ou inconscientemente, está livre do lastro do acontecimento — e com isto do documento — devendo, somente, respeitar a verossimilhança.

Todavia, vimos como o recurso ficcional da biografia, quando alcançado, não descuida de uma questão central à narrativa histórica; à medida que toda narrativa histórica parece convocar um pacto, uma espécie de teste de recepção da informação. Vislumbra-se, na história, uma forma de nivelamento, entre o autor e o leitor, que promove, no leitor, uma atitude de avaliação permanente. A presença constante das referências — erigidas em documentos — motivando um ou outro caminho na construção da história, testemunha o convite ou a partilha investigativa. Assim, da tensão constante entre o relato histórico e a presença da ficção, cria-se um quadro mental de época, uma ilusão de vida que decorre em um efeito de real. O verossímil entrelaça-se e funde-se com o verídico e verificável.

O sincretismo intelectual e geográfico de E. Rodrigué, assim como o ecletismo textual, leva à proximidade da vivência do passado. Somam-se a isto a presença dos motivos na realização obra — seu caráter imperativo no sentido de um dever desejante — e a presença de uma voz narrativa na primeira pessoa do singular; ou seja, da presença e interferência de uma voz explicitamente subjetivada que contribui à conformação de uma narrativa mais próxima do leitor. Assim, acercando sua voz do leitor, o autor aproxima ao receptor a história que imagina. Por esta via, aparece a dimensão literária. A inevitável textualidade do passado torna-se o vínculo formal com a literatura, seu denominador comum.

A presença do passado — no seu sentido de vivência — se objetiva também através do caráter constante — explícito e, às vezes, velado — do sentido paródico. Com ele, o texto de E. Rodrigué introduz a temporalidade dos *Annales*: a *longa duração*. Este tempo paradoxal cria um espaço que se estende até à inclusão de nosso cotidiano histórico e geográfico. Isto —

além de estar explícito no título do livro por meio da presença de uma data recente: 1995 — aparece na narrativa através da presença da forma paródica que, ao mesmo tempo, incorpora, desafiando aquilo que parodia. Cremos que este recurso tende a esvaziar a distância histórica e geográfica da história abordada, aproximando o leitor de um *aqui e agora* conformando, assim, a *longa duração*. Com este artifício narrativo, perde-se uma sensação do tempo e espaço histórico enquanto perdido, para transformar-se num elemento que passa a compor uma estrutura onde o diálogo entre as formas discursivas de uma mesma estrutura se destaca em relação ao tempo de sua inscrição, “A paródia é um modo de chegar a acordo com os textos desse rico e temível legado do passado.”³ De alguma maneira, mesmo em se tratando de história, o *tempo* é relegado em relação ao *espaço*.

Por isso, quando a dimensão ficcional se faz presente no texto biográfico, além de manter a verosimilhança, deve respeitar o pacto histórico, trabalhar em função dele sem forçá-lo, e fornecer ao leitor o amparo da narrativa histórica na recepção da imagem do passado. A liberdade ficcional revisita o passado, criando um possível microcosmos ao redor da personagem; surge um cenário — limitado pelo documento — onde se desenvolveriam os limites do referente — agora personagem — da história. O que se apresenta é uma história próxima onde se esvazia a distância em relação ao nosso presente. Como se, entre 1895 e 1995, não mediasse um século cronológico. Com a contribuição ficcional conforma-se uma tela onde se projeta a vivacidade de uma época passada, um cotidiano plausível e próximo.

³ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia. Ensinaamentos das formas de arte do século XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993. p.15.

Estas questões, que permeiam toda a narrativa, como dissemos, parecem condensadas no destaque que E. Rodrigué dá ao “Sonho de Irma” na sua narrativa⁴; sobretudo a partir da associação, e descoberta, da identidade entre a descrição da lesão sonhada por Freud na boca de uma paciente e a descrição da lesão — nesse momento mortal — que muitos anos depois faria seu médico na própria boca de Freud: como vimos, nesse sonho paradigmático da história da psicanálise, Irma era Freud.

Roland Barthes — analisando a fotografia⁵ — se refere ao detalhe, a um *punctum* — aquilo que punge e que, freqüentemente, não constitui o interesse explícito da imagem — e das conseqüências que, aquilo, aparentemente, secundário, inclusive banal, pode despertar, no sentido da descoberta, no leitor-espectador, “[...] gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas biografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia.”⁶ Assim, podemos associar a idéia de *biografema* à leitura da lesão relatada por Freud no seu sonho — algo, em princípio, banal — que encontra no olhar-leitura de E. Rodrigué a mesma lesão descrita nas notas que o médico de Freud faria, neste último, muitos anos depois. Desta relação, entre um sonho paradigmático — uma formação do inconsciente — e a presença do câncer, E. Rodrigué constrói *seu* Freud: uma ficção veraz onde o preço do desejo modela um percurso de vida e onde surge a psicanálise.

Emilio Rodrigué, através de seu caráter ex-cêntrico, incorporando rupturas e infrações à linhagem dos biógrafos de Freud, através da assimilação do sentido ficcional que contribui à

⁴ Mesmo que, como destacamos, o autor tenha sucumbido ao que acreditamos tratar-se da *Angústia de Influência* em relação à ‘paternidade’ desta idéia.

⁵ Cf. BARTHES, Roland. *La chambre claire*. Paris: Gallimard, 1989.

narrativa histórica, outorga vida ficcional ao referente. Deste modo, o referente, transformado em personagem, se aproxima de sua obra para assinalar interstícios ao leitor disposto. Por esta via, o imaginário, aqui, restitui uma dimensão que passa a resignificar o simbólico e real da produção de Sigmund Freud; podendo, desta forma, ante o impasse na leitura da teoria, e ante a resistência da obra, dispormos de uma imagem à qual, imaginariamente, questionar sobre o sentido para, logo retornar ao texto, de Freud, onde encontrar as possíveis respostas: da fineza na construção constante desta imagem, supomos o espectro das possíveis respostas que poderão ressoar no leitor.

Com isto, voltamos, finalmente, à questão da representação e com ela ao problema do referente que, lembremos, se trata, mesmo quando mediado pelo testemunho, de uma realidade textual. E isto em consequência de que o *passado* não é a *história*. A história é a forma inevitavelmente textual — por isso incompleta, equívoca, alegórica, interpretativa — de aproximarmo-nos dos acontecimentos de ontem. O que nos leva à questão da biografia enquanto gênero referencial ancorada na provisoriade do documento; e daí também, à possibilidade de irmos descobrindo e construindo um ‘novo’ Freud conforme cada tempo nos permita fazer novas e diferentes perguntas aos textos que nos indicam o passado, enquanto tal, ausente. Assim, se a biografia é um gênero referencial, ei-lo a partir do retorno problematizado do referente — da mesma forma que vimos como a noção de autor retorna através de sua função — distante de qualquer acesso imediato ao passado, da *experiência em si* do acontecido. Da tensão do real vislumbrado no texto erigido em documento e da ânsia de abordagem do passado surgem os textos que, mesmo fracassando, bordejam o impossível, conformando uma representação.

⁶ BARTHES apud WERNECK, Maria Helena. *O Homem encarnado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p.252.

Finalmente, embora acreditemos ter podido fundamentar nossa, até hoje, proposta, pouco mais podemos acrescentar ao devir de nossos argumentos já apresentados. Talvez, mesmo que não seja de praxe, neste tipo de trabalho, possamos concluir, ainda argumentando, com uma pergunta dirigida ao leitor: depois da leitura deste texto, *seu — nosso —* Freud e a leitura de sua obra, serão os mesmos?

Referências Bibliográficas:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARNAUD, Claude. Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre. In: *Le débat*. Paris: Gallimard, n°. 54, mars-avril, 1989. p.40-47.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.65-71.
- _____. *Aula*. Tradução de Leila Perrone-Moises. 6. ed. São Paulo Cultrix 1992.
- _____. Da obra ao texto. In *O Rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988. p.71-78.
- _____. Escritores, intelectuais, professores. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.313-331.
- _____. Jovens Pesquisadores. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.96-102.
- _____. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BLOOM, Harold. *La angustia de las influencias*. Tradução de Francisco Rivera. Caracas: Monte Ávila, 1991.
- BONNET, Jean-Claude. Le fantasma de l' écrivain. In: *Poétique. Le biographique*. Paris: Éditions du Seuil. n°. 63, sep. 1985, p.259-277.
- BORGES, Jorge Luis. El arte narrativo y la magia. In: *Obras Completas*. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1989. p.177-286.
- _____. Del rigor de la ciencia. In: *Obras Completas*. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1989. p. 847.

- _____. Luis. Evaristo Carriego In: *Obras Completas*. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1989. p. 97-172.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- _____. O tempo e os tempos. In: *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.19-33.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: de MOREIRA FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaina (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996. p.183-193.
- BUISINE, Alain. Biofictions. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n° 4 Paris. 1991.p.7-13.
- COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário. Razão e imaginação no ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- de MIJOLLA Alain. Freud, la biographie, son autobiographie et ses biographes. In: *Revue Internationale de l'Histoire de la Psychanalyse*. VI, Paris: PUF, 1993. p.82-
- DIATKINE, Gilbert. Le regard Freud. In: *Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF, Tome LII, jan-fév. 1988. p.37-49.
- DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova história*. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, 3° ed., 1994.
- _____. *História do Estruturalismo 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Ensaio, 1994.
- DOUBROVSKY, Serge. Sartre: autobiographie/autofiction. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique* n° 224. Paris. 1991. p.17-26.
- du SORBIER, Françoise. Le paradoxe du criminel. In: *Poétique*. Éditions du Seuil, Le biographique. Paris: n°. 63, sep. 1985. p.259-277.
- ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro Nova Fronteira, [198-].
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault (1926-1984)*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Sandra Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Lopez Cascais e Edmundo Correia. Lisboa: Vega, 1992.

- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900) cap. II. O método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IV, 1997. CD-ROM.
- _____. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXVII: A transferência (1916-17). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XVI, 1997. CD-ROM.
- _____. Construções em análise (1937). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XXIII, 1997. CD-ROM.
- _____. Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância (1910). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XI, 1997. CD-ROM.
- _____. O Estranho (1919). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XVII, 1997. CD-ROM.
- _____. O Prêmio Goethe. (1930) Discurso pronunciado na casa de Goethe em Frankfurt. In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXI. CD-ROM.
- _____. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915). In: *Edição eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XIV, 1997. CD-ROM.
- FURLAN, Stélio. *Agosto: Os (d)efeitos do real*. 1995. 154 f.. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GAILLARD, Françoise. Roland Barthes: le biographique sans la biographie. In: *Revue de Sciences humaines. Le Biographique*. n° 224. Paris. 1991. p.85-103.
- GAY, Peter. *FREUD. Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989.
- GRANON-LAFONT, Jeanne. *La Topologia Básica de Jacques Lacan*. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia. Ensinaamentos das formas de arte do século XX*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993.

- JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.I, 1989.
- _____. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.II, 1989.
- _____. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, v.III, 1989.
- KAUFMANN, Pierre (ed.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- KERSTIN, Behnke. A crise da representação. *Crises da Representação. Cadernos do Mestrado/Literatura*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: UERJ, nº 10, p.7-25, 1994.¹
- LACAN, Jacques. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.
- _____. Lo Simbólico, lo imaginário y lo real (1953). In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodriguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000. CD-ROM.
- _____. Otras obras. El mito individual del neurótico o poesia y verdad en la neurosis. (1953). In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodriguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000. CD-ROM.
- _____. Respuesta a una cuestión planteada por Marcel Riter. Strasburgo 26 de janeiro de 1975. In: *Lacan 2000*. Tradução de Vera Gorali. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000. CD-ROM.
- _____. Respuesta al comentario de Jean Hippolite sobre la Verneinung de Freud. Escritos. (1966). In: *Lacan 2000*. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000. CD-ROM.
- _____. Seminário 4. Ano: 1956-57. La relación de objeto. Classe nº: 15. 27 de março de 1957. Versão: JAM. In *Lacan 2000*. Tradução de Eric Berenger. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000. CD-ROM.
- _____. Seminário nº1. 1953-54. Los escritos técnicos de Freud. Versão de Paidós. In: *Lacan 2000*. Tradução de Rithee Cevasco e Vicente Mira Pascual. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD 1999. CD-ROM.

¹ Originalmente publicado como quinta e última parte do verbete “Repräsentation”, em *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, J. Ritter e K. Gründer (org.), vol. 8, Darmstad, 1992.

- _____. Seminário nº22. Ano: 1974-75. R.S.I. Classe 5 do 11 de fevereiro de 1975. Versão EFBA. In: *Lacan 2000*. Tradução de Ricardo Rodriguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD 1999. CD-ROM.
- _____. Seminário nº24. 1976-77. Lo sabido que sabe de la una-equivocación se ampara en la morra². Classe nº: 9. 8 de março de 1977. Versão: Escola Freudiana de Buenos Aires. In *Lacan 2000*. Tradução de Susana Sherer e Ricardo Rodriguez Ponte. Buenos Aires: Ediciones Eletrónicas RD, 2000. CD-ROM.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: de MOREIRA FERREIRA, Marieta e AMADO, Janáina (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996. p.167.183.
- MADÉLÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MALCOLM, Janet. *A mulher calada. Sylvia Plath e os limites da biografia*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- MASSON, Jeffrey. M. (ed.) *Correspondência Sigmund Freud-Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MEZAN, Renato. *Sigmund Freud. A conquista do proibido*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MOREIRA LEITE, Dante. Ficção, biografia e autobiografia. In: *O amor romântico e outros temas*. 2º ed. ampliada São Paulo: Ed. Nacional e EDUSP, 1972, p.25-33.
- NASSIF, Jacques. *Comment devient-on Psychanalyste?* Paris: Éres, 1999.
- NICOLAÏDIS, Graziella. La biographie grecque. (Quelques considérations psychanalytiques) . In: *Revue française de psychanalyse*. Paris: PUF, Tome LII, jan-fév. 1988, p.125-146.
- OLIVEIRA RAMOS, Tânia Regina. *Memórias. Uma oportunidade poética*. 1990. Tese de doutorado. PUC, Rio de Janeiro.
- ORTEGA, Cesar Exequiel. *Historia de la biografia*. Buenos Aires: El ateneo, 1945.
- PERRONE-MOISES, Leyla. A Crítica Literária Hoje. In: *Cânones & Contextos*. 5º Congresso Abralic — Anais. Vol. 1 Rio de Janeiro: 1997. p.85-89.
- REGARD, Frédéric. Les Mots de la Vie: introduction à une analyse du biographique. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle)*.

² Há várias versões sobre a tradução do título deste seminário.

- Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.11-29.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- REVIRON, Floriane. *Orlando de Virginia Woolf (1928): une reponse à Eminent Victorians?*
In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle)*.
Configurations, Reconfigurations du soi artistique. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.117-140.
- REYNIER, Christine. *Flush (1933) et Roger Fly (1940): la biographie woolfienne ou le désir de 'still life'*. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle)*. *Configurations, Reconfigurations du soi artistique*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.141-159.
- RODRIGUÉ Emilio. *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana, v. I, 1996.
- _____. *El siglo del Psicoanálisis. 1895-1995*. Buenos Aires: Sudamericana, v. II, 1996.
- _____. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.I, 1995.
- _____. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.II, 1995.
- _____. *Sigmund Freud. O século da psicanálise. 1895-1995*. São Paulo: Escuta, v.III, 1995b.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Genealogias*. Tradução de Nelle Ladvocat Cintra. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. *História da psicanálise na França. A batalha do cem anos. Vol I: 1885-1929*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. 1989.
- SAER, Juan José. O clássico desconhecido. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 de nov. 2000. Mais! p.13-15.
- SOUZA BRANDÃO, Junito de. *Mitologia Grega*. 5 ed. Vol.I. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- TORRES, Felix. Du champ des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d'un genre.
In: *Sources, travaux historiques*. La biographie. N. 3-4, mai 1985. p.141-148.
- VEGH, Isidoro. *As Intervenções do Analista*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.
- VIVIÈS, Jean. Une vie à écrire: *The life of Johnson (1791)* de James Boswell. In: REGARD, Frédéric (coord.) *La Biographie Littéraire en Angleterre (XVII-XX siècle)*. *Configurations,*

Reconfigurations du soi artistique. Paris: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999. p.63-78.

VYCHYN Bertrande. La Psychanalyse entre la archéologie et l'histoire. In: *Revue Internationale de l'Histoire de la Psychanalyse*, VI, 1993. p.127-141.

WERNECK, Maria Helena. *O Homem encarnado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

WILDE, Oscar. The Decay of Lying. In: *De Profundis and Other Writings*. Warmondsworth: Penguin Classics, 1986.